



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ELDA TEIXEIRA VILA-NOVA DA SILVA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: AS CRÔNICAS LITERÁRIAS
COMO LINGUAGEM PARA O ESTUDO DO LUGAR E DAS
PAISAGENS DA CIDADE DE MANAUS**

MANAUS-AM

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ELDA TEIXEIRA VILA-NOVA DA SILVA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: AS CRÔNICAS LITERÁRIAS
COMO LINGUAGEM PARA O ESTUDO DO LUGAR E DAS
PAISAGENS DA CIDADE DE MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, nível de Mestrado, como requisito para obtenção de título de Mestre. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

MANAUS-AM

2020

Ficha Catalográfica

S586g Silva, Elda Teixeira Vila-Nova da.
Geografia e Literatura: as crônicas literárias como linguagem para o estudo do lugar e das paisagens da cidade de Manaus / Elda Teixeira Vila-Nova da Silva. – Manaus, Am: 2020.
190f.: il. color; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Amélia Regina Batista Nogueira.

1. Ensino de Geografia. 2. Crônica. 3. Lugar. 4. Paisagem. I. Nogueira, Amélia Regina Batista Nogueira. III. Título.

CDU 910.26:82.94 (811.3 Manaus)



Poder Executivo
Ministério da Educação Universidade
Federal do Amazonas

IFCHS/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia
Mestrado e Doutorado Conceito 4-CAPES

Aprovado pela Resolução Nº 011 – CONSUNI de 11/07/2006

Reconhecido através da Portaria Nº 1.077 - MEC, de 31 de agosto de 2012



Ata da Defesa Pública da Dissertação de Mestrado do(a) Senhor(a)
ELDA TEIXEIRA VILA-NOVA DA SILVA, discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, Área de Concentração em Amazônia: Território e Ambiente, realizada no dia **26 de Maio de 2020**.

Aos **vinte e seis** dias do mês de **Maio** de **dois mil e vinte**, às **quatorze horas**, em sala virtual (Google Meet), realizou-se a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado, intitulada **“GEOGRAFIA E LITERATURA: AS CRÔNICAS LITERARIAS COMO LINGUAGEM PARA O ESTUDO DO LUGAR E DAS PAISAGENS NA CIDADE DE MANAUS”**, sob orientação do(a) Professor(a) Doutor(a) **AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA (PPGEOG/UFAM)**, do(a) aluno(a) **ELDA TEIXEIRA VILA-NOVA DA SILVA**, em conformidade com o Art. 83 do Regimento Geral de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, como parte final de seu trabalho para a obtenção do grau de **MESTRE EM GEOGRAFIA**, área de concentração em **AMAZÔNIA: TERRITÓRIO E AMBIENTE**. A Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: **Professor(a) Doutor(a) Amélia Regina Batista Nogueira (PPGEOG/UFAM)**, **Professor(a) Doutor(a) Nestor André Kaercher, Membro Titular (UFRGS)** e a **Professor(a) Doutor(a) Mírcia Ribeiro Fortes (PPGEOG/UFAM)**. O(A) Presidente da Banca Examinadora deu início à sessão convidando os membros da Banca e o(a) Mestrando(a) a tomarem seus lugares. Em seguida, o(a) Senhor(a) Presidente informou sobre o procedimento do exame. A palavra foi facultada ao(a) Mestrando(a) para apresentar uma síntese do seu estudo e responder às perguntas formuladas pelos Membros da Banca Examinadora. Após a apresentação e arguição pelos Membros da Banca Examinadora, esta reuniu-se onde decidiu, por unanimidade, que o(a) discente foi **“Aprovada”**. A sessão foi encerrada. Eu, Maria das Graças Luzeiro, Secretária do PPGEOG, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim, pelos Membros da Banca Examinadora e pelo(a) Mestrando(a). Manaus (AM), **26 de Maio de 2020**.

Banca Examinadora	Rubrica	Nota
Prof(a) Dr(a) Amélia Regina Batista Nogueira Presidente (PPGEOG/UFAM)		“9,0”
Prof(a) Dr(a) Nestor André Kaercher Membro Titular (UFRGS/POA)		“9,0”
Prof(a) Dr(a) Mírcia Ribeiro Fortes Membro Titular (PPGEOG/UFAM)		“9,0”
Mestranda	Secretária do PPGEOG	

DEDICATÓRIA

A Deus em primeiro lugar por ter me acompanhado nessa trajetória.

À minha mãe, Maria Gomes Teixeira Vila-Nova, (in memoriam) pela dedicação, incentivo e amor.

Ao meu querido e estimado esposo, Severino Fernandes da Silva, que me apoiou em todos os momentos.

Aos meus filhos: Fernanda, Leonardo Matheus e André Salomão pelo carinho e pela compreensão, pois muitas vezes não os acompanhava para determinados lugares, em virtude da minha luta e comprometimento com a pesquisa.

Às minhas amigas incentivadoras: Wilcilene Corrêa, Irlanda P. Leite, Eluana C. da Silva e Tatiane Cruz, pois vocês foram fundamentais.
À minha gestora, Aline Mateus, pela compreensão e apoio.

Aos alunos dos sétimos e nonos anos da EMEF Arthur Engrácio da Silva que participaram dessa pesquisa com entusiasmo. Vocês me surpreenderam pelo compromisso e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar primeiramente o meu agradecimento a Deus, pois eu sei que Ele me sustentou pela mão e guiou os meus passos para que eu chegasse até aqui.

À minha mãe, Maria Gomes T. Vila-Nova, (*in memoriam*) que me acompanhou com muito amor e carinho durante muitas tardes de estudo e ao meu pai (*in memoriam*), Antônio Gomes Vila-Nova, pela excelente educação que proporcionou-me.

Ao meu digníssimo esposo, Severino Fernandes da Silva, que me apoiou em todos os momentos dessa pesquisa. Você é amigo e companheiro de todas horas.

À minha estimável orientadora e Amiga, Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, pelas suas excelentes orientações que culminaram na concretização desse trabalho e pelos diálogos plausíveis que resultaram no aprimoramento dessa pesquisa. Eu me surpreendi com o seu conhecimento na área da Geografia Cultural e na Fenomenologia enquanto método de investigação geográfica.

A todos os professores que ministraram aula para a turma 12, em especial a José Aldemir de Oliveira, (*in memoriam*) que além de geógrafo, escrevia crônicas sobre a cidade Manaus, sendo este, um dos participantes dessa pesquisa. Apesar de ter nos deixado em 2019, seus ensinamentos permanecerão vivos em minha lembrança e suas crônicas, além de servirem como instrumento de estudo para a percepção do lugar Manaus e suas paisagens, continuarão galgando novas dimensões a partir da leitura desse trabalho.

A todos os amigos pelas palavras de incentivo, apoio e compreensão, em especial a Tatiane Cruz, Wilcilene Corrêa, Irlanda Pantoja e Eluana C. da Silva.

Agradeço ao Programa de Pós - Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas por me oferecer um curso de qualidade. À SEMED pelo apoio e à FAPEAM pela bolsa de estudo que foi para mim de grande importância para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A todos o meu muito obrigada!

“A cidade é escrita aos poucos e, por isso, é necessário, no melhor estilo “crônico”, acompanhar o cronista diariamente, ir com ele tecendo os tecidos continuamente inacabado que constituem nossa existência”.

EDUARDO MARANDOLA JÚNIOR

RESUMO

Esta dissertação objetivou compreender como as crônicas literárias, enquanto linguagem, manifestam o sentido de geograficidade nos alunos do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Arthur Engrácio da Silva - Município de Manaus, Distrito Leste. Esta compreensão consistiu em descobrir como este gênero literário relata sobre os lugares e as paisagens presentes no cotidiano dos estudantes do Ensino Fundamental. O saber geográfico sobre a cidade de Manaus a partir da utilização apenas dos conteúdos apresentados nos livros didáticos, tem sido apontado como uma das dificuldades enfrentadas por alguns professores de Geografia que anseiam aproximar e correlacionar o conhecimento sobre as cidades brasileiras à realidade presente no espaço de vivência dos alunos, tornando assim, a aprendizagem mais significativa. A partir desta inquietação, surgiu a necessidade de se buscar novas metodologias que pudessem auxiliar na construção de um saber mais sólido sobre o lugar, Manaus e suas paisagens a partir do diálogo entre Geografia e Literatura, especificamente por meio da utilização do gênero crônica. Neste sentido, o estudo foi pautado na Geografia Humanista Cultural, sendo a Fenomenologia o método de abordagem. Buscou-se descobrir a relação existente entre Geografia e Literatura para o estudo do lugar e das paisagens ao longo do tempo, bem como investigar a maneira pela qual as crônicas literárias de Milton Hatoum, Tenório Telles, Mazé Mourão, Ribamar B. Freire e do professor geógrafo José Aldemir de Oliveira abordavam sobre a cidade de Manaus e suas paisagens. O presente estudo também ousou averiguar a percepção que os alunos dos sétimos e nonos anos tinham da cidade de Manaus enquanto mundo vivido, atribuindo-lhes o papel de cronista de seu tempo. Objetivou-se também nesta pesquisa, descobrir através da produção das crônicas realizadas pelos alunos, como estes percebiam a cidade, para então buscar-se refletir sobre a possibilidade de se correlacionar os conteúdos geográficos vistos em sala de aula à sua realidade. No último capítulo, visou-se compreender como as crônicas dos escritores selecionados, poderiam conduzir os discentes a perceberem e a representarem o espaço de sua geograficidade, ou seja, o seu lugar (Manaus) e suas paisagens através da produção dos mapas mentais. Os agentes colaboradores da pesquisa, foram estudantes de duas turmas dos sétimos anos e duas turmas dos nonos anos, com idades entre 12 à 14 anos. A partir deste estudo, descobriu-se que as crônicas literárias são ricas fontes de informações geográficas para o estudo das cidades, pois além de incentivar a leitura, elas se apresentam de maneira singular e agregam valores subjetivos daqueles que as observam e as vivenciam, seja no âmbito político, social, cultural, ambiental, econômico entre outros, ao longo de suas experiências. Além de despertar nos alunos uma visão crítica da realidade, a crônica literária é também uma linguagem fulcral para o estudo de cunho geográfico, uma vez que conduz os discentes a compreenderem melhor o lugar de sua existência e a tornarem-se cidadãos mais preparados para exercerem sua cidadania e a lutarem por uma cidade melhor para se viver.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Crônica, Lugar, Paisagem.

ABSTRACT

This dissertation aimed to understand how the literary chronicles, as language, manifest the sense of geographicity in the students of Elementary School II of the Municipal School Arthur Engrácio da Silva - Municipality of Manaus, Eastern Zone. This comprehension consisted of discovering how this literary genre reports on places and landscapes present in the daily lives of elementary school students. The geographic knowledge about the city of Manaus from the use solely of the contents presented in the textbooks, has been pointed out as one of the difficulties faced by some Geography teachers who yearn to bring and correlate the knowledge about Brazilian cities to the reality present in the space of students' experience, thus making the learning more meaningful. From this concern, the need arose in order to seek new methodologies that could assist in the construction of a more solid knowledge about the place, Manaus and its landscapes from the dialogue between Geography and Literature, specifically through the use of the chronic genre. In this sense, the study was based on Cultural Humanist Geography, with Phenomenology as the approach method. There was an effort to discover the existing relationship between Geography and Literature for the study of place and landscapes over time, as well as to investigate the manner in which the literary chronicles of Milton Hatoum, Tenório Telles, Mazé Mourão, Ribamar B. Freire and do geographer professor José Aldemir de Oliveira addressed the city of Manaus and its landscapes. The present study also dared to investigate the perception that students of the seventh and ninth grades had of the city of Manaus as a lived world, assigning them the role of chronicler of their time. The objective of this research was also to discover, through the production of the chronicles carried out by the students, how they perceived the city, and then seeking to reflect on the possibility of correlating the geographical contents that were seen in the classroom of their reality. In the last chapter, we aimed to understand how the chronicles of the selected writers could lead students to perceive and represent the space of their geographicity, that is, their place (Manaus) and their landscapes through the production of mind maps. The collaborating agents of the research, were students of two classes of the seventh grades and two classes of the ninth grades, with ages between 12 to 14 years. From this study, it was discovered that literary chronicles are rich sources of geographic information for the study of cities, because besides encouraging reading, they present themselves in a singular manner and add subjective values to those who observe and experience them, in the political, social, cultural, environmental and economic spheres, among others, throughout their experiences. In addition to awaken a critical view of reality in students, the literary chronicle is also a key language for the study of a geographic nature, since it leads students to better understand the place of their existence and to become citizens better prepared to exercise their citizenship and to fight for a better city to live.

Keywords: Geography Teaching, Chronicle, Place, Landscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O rádio era o meio de comunicação das crônicas de Josué Claudio	55
Figura 2: Josué Cláudio de Souza e fragmentos de uma de suas crônicas	56
Figura 3: Relação da memória do homem com o lugar Manaus e suas paisagens.....	60
Figura 4: Balneário do Parque Dez.....	61
Figura 5: Corte de árvore na área urbana da cidade de Manaus.....	69
Figura 6: Crescimento da área urbana da cidade de Manaus.....	73
Figura 7: Hotel Cassina, Cabaré Chinelo de Manaus	75
Figura 8: Praça da polícia – Manaus, Am.....	81
Figura 9: Crianças pedindo nas ruas da cidade de Manaus.....	88
Figura 10: Alunos nas dependências do Teatro Amazonas	90
Figura 11: Visita ao Largo São Sebastião.....	91
Figura 12: Discussão sobre as categorias “lugar e paisagem” no Telecentro da escola	93
Figura 13: Leitura e interpretação da crônica em grupo	95
Figura 14: Produção das crônicas pelos alunos.....	97
Figura 15: Catadores de lixo na Zona Leste de Manaus	100
Figura 16: Ponte Phelippe Daou em Manaus, AM	104
Figura 17: Idosos internados no corredor de um hospital público em Manaus	109
Figura 18: Jambreiro cortado de um quintal na Zona Leste de Manaus	112
Figura 19: Lixo e queimada no muro da Escola Municipal Arthur Engrácio da Silva na cidade de Manaus, AM	115
Figura 20: Muro da Escola Municipal Athur Engrácio da Silva	116
Figura 21: Resíduos sólidos no leito e nas margens do Igarapé do Quarenta da cidade de Manaus, AM.....	117
Figura 22: Feições erosivas em áreas urbanas em Manaus, AM.....	119
Figura 23: Detalhes do mapa Terra Brasilis (do latim, “Terras do Brasil”) que se encontram Atlas Miller, feito em 1519	130
Figura 24: Varal de crônicas literárias sobre a cidade de Manaus e suas paisagens.....	138

LISTA DOS MAPAS MENTAIS

Mapa Mental 1: A Manaus esquecida dos manaós.....	140
Mapa Mental 2: Minha cidade poderia ser diferente	144
Mapa Mental 3: Violência, o vírus que contamina a cidade	147
Mapa Mental 4: A leitura me leva a conhecer o mundo.....	150
Mapa Mental 5: A falta que a água me faz.....	155
Mapa Mental 6: A parada que me sustenta.....	158
Mapa Mental 7: Manaus, uma cidade acolhedora	161
Mapa Mental 8: A cidade dos ricos e dos pobres	163
Mapa Mental 9: O perigo que nos persegue	165
Mapa Mental 10: nossos igarapés pedem socorro	168
Mapa Mental 11: Quando o celular é mais importante do que eu	170
Mapa Mental 12: Menos árvores mais calor	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Crônica - O lixo como alternativa, o alimentar dos destituídos de direitos	98
Quadro 2: Crônica - O adeus à vida na ponte Phelippe Daou	103
Quadro 3: Crônica - Quando a idade chega tudo fica mais difícil	107
Quadro 4: Crônica - A cidade da floresta não tem árvore	110
Quadro 5: Crônica - Falta de consciência.....	114
Quadro 6: Crônica - A grande cratera e sua ocupação	118
Quadro 7: Crônica - A dor de uma lágrima	121
Quadro 8: Crônica - A cidade de ontem e de hoje.....	122
Quadro 9: Crônica - Minha rua.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DOS CAMINHOS PERCORRIDOS: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
I CAPÍTULO	22
GEOGRAFIA E LITERATURA: UM DIÁLOGO SOBRE O MUNDO.....	22
1.1 A LINGUAGEM DA LITERATURA E A DESCRIÇÃO DAS PAISAGENS E DOS LUGARES.....	24
1.2 GEOGRAFIA E LITERATURA: A INTERDISCIPLINARIDADE QUE POSSIBILITA A COMPREENSÃO DOS LUGARES E DAS PAISAGENS.....	25
1.3 A GEOGRAFIA CULTURAL E O ESTUDO DO LUGAR E DA PAISAGENS	27
1.4 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE ABORDAGEM NA COMPREENSÃO DA GEOGRAFICIDADE DOS HOMENS COM OS LUGARES E AS PAISAGENS	32
1.5 A PAISAGEM NA GEOGRAFIA: UM CONCEITO QUE ESTÁ PARA ALÉM DO VISÍVEL.....	40
1.6 A HISTÓRIA DA LITERATURA NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS COMO FERRAMENTA PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO VIVIDO.....	45
II CAPÍTULO	51
AS CRÔNICAS LITERÁRIAS ENQUANTO LINGUAGEM PARA O ESTUDO DO LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS	51
2.1 CRÔNICA E CRÔNICA LITERÁRIA, UM BREVE HISTÓRICO.....	51
2.2 O LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS NA VISÃO DOS CRONISTAS	54
2.2.1 Josué Cláudio de Souza e a crônica do dia.....	54
2.2.2 José Ribamar Bessa Freire: o cronista que valoriza os nativos da Amazônia.....	63
2.2.3 Milton Hatoum e suas memórias urbanas.....	70
2.2.4 Tenório Nunes Telles de Menezes e a busca das utopias.....	76
2.2.5 Mazé Mourão.....	79
2.2.6 José Aldemir de Oliveira e o direito à cidade.....	84

III CAPÍTULO	90
A PERCEPÇÃO DO LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS A PARTIR DAS CRÔNICAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	90
3. 1 CONHECER PARA COMPREENDER: MANAUS E SUAS PAISAGENS	90
3.2 MANAUS E SUAS PAISAGENS NAS CRÔNICAS DOS ESTUDANTES DOS 7º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	98
3. 2. 1 Produção textual dos alunos sobre os direitos humanos na cidade de Manaus	98
3. 2. 2 Produção textual dos alunos sobre meio ambiente na cidade de Manaus	110
3. 2. 3 Produção textual dos alunos sobre a violência na cidade de Manaus	120
IV CAPÍTULO	129
AS CRÔNICAS LITERÁRIAS COMO REPRESENTAÇÃO DA GEOGRAFICIDADE: MANAUS E SUAS PAISAGENS GEOGRAFADAS NOS MAPAS MENTAIS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	129
4.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS MAPAS MENTAIS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS	129
4.2 AS CRÔNICAS URBANAS E A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS: OS MAPAS MENTAIS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	135
CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES	175
REFERÊNCIAS	182

INTRODUÇÃO

A Geografia enquanto ciência desempenha um papel importante quando se propõe a contribuir na formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Desta forma, essa ciência pode ajudar o sujeito a compreender o lugar onde vive, sua identidade, sua cultura e o seu papel enquanto agente de transformação do espaço geográfico. Com base no exposto, faz-se necessário refletir sobre novos métodos que sejam capazes de orientar os discentes a compreenderem melhor os assuntos abordados em sala de aula de forma mais contextualizada, crítica e próximo à sua realidade.

O estudo das cidades tem sido um dos principais temas abordados por várias ciências, e por esta ser um espaço de relações humanas, é necessário fomentar conhecimentos que permitam aos discentes perceberem melhor seu espaço-vivência, entendendo-o como o resultado de uma ação recíproca entre ambos. É a partir desse entendimento que a cidade, enquanto lugar de existência dos alunos, precisa ser compreendida, bem como a dinâmica que rege as diversas formas de vida nela presente. Cavalcanti (2010) afirma que a cidade é o locus privilegiado da vida social, na medida em que, mais do que abrigar a maior parte da população, ela produz um modo de vida que se generaliza.

Com base no exposto por Cavalcante, percebe-se que há uma necessidade de se discutir melhor a cidade em sala de aula e renovar as práticas de ensino, afim de suscitar nos alunos da Educação Básica, um caráter investigativo, despertando-os a serem sujeitos atuantes na construção desses espaços e na consolidação da sua identidade.

No ensino fundamental, pouco tem sido os conteúdos apresentados pelos livros didáticos a respeito da cidade de Manaus e suas paisagens, neste sentido, as experiências vivenciadas em sala de aula ao longo dos anos me fizeram pensar em outras metodologias que proporcionassem aos discentes a oportunidade de aprender mais sobre a realidade urbana do lugar onde os alunos residem. Desde então, foi a partir de reflexões sobre os procedimentos metodológicos, pautada numa discussão mais teórica sobre o ensino da Geografia, que procurei descobrir como trabalhar os conteúdos sobre a cidade de Manaus de forma menos enfadonha e mais participativa, principalmente por observar que nas últimas décadas, em virtude da revolução técnico-científico-informacional, a leitura acabou ficando um pouco de lado, sendo substituída pela televisão, computadores, videogames entre outros equipamentos eletrônicos que por sua vez tem dispersado a atenção dos alunos para a leitura de bons textos.

Com a tecnologia fazendo parte das famílias cada vez mais cedo e de forma mais abrangente, é preciso que a leitura seja uma prática incentivada não apenas pela disciplina de

Língua Portuguesa, mas pelas outras ciências, inclusive a Geografia. As tecnologias, principalmente da informação, tem sido, segundo estudos realizados, os principais responsáveis pelos prejuízos no desenvolvimento das crianças, dos jovens, dos adolescentes e até mesmo dos adultos. Transtornos como ansiedade, atraso no aprendizado, afastamento do convívio com outras pessoas e dificuldade de concentração, tem sido apontados como o reflexo de quem se apropria de forma exagerada dos meios midiáticos e isso tem reduzido o apreço pela leitura de textos, tornando-a para muitos discentes uma prática ultrapassada.

Neste sentido, observei a necessidade de pensar estratégia que buscasse desconstruir a ideia de que ler é um hábito chato e monótono, mas que ao contrário disso, a leitura pudesse ser entendida como um meio capaz de estimular o raciocínio dos alunos e como uma fonte enriquecedora para ampliar o vocabulário, pois além de servir para aprimorar a capacidade interpretativa, também mantém as ideias ativas, proporcionando assim, um conhecimento amplo e diversificado sobre diversos assuntos abordados na escola.

Foi na intenção de amenizar esses problemas vivenciados em sala de aula ao longo da minha experiência enquanto professora, que procurei refletir sobre outra metodologia voltada para o ensino de Geografia que pudesse trabalhar os conteúdos referentes à cidade e que também incentivasse a leitura com os alunos.

A partir dessa inquietação surgiu o interesse em demonstrar que a aproximação entre Geografia e Literatura, especificamente com o gênero crônica urbana, que trata a respeito do cotidiano da cidade sob o olhar de quem a vivencia, poderia ser um recurso didático atrativo para o ensino de conteúdos geográficos. Neste aspecto, esta pesquisa objetivou compreender como as crônicas literárias enquanto linguagem, manifestam o sentido de geograficidade¹ nos alunos do ensino fundamental, através da percepção dos lugares e das paisagens presentes na cidade de Manaus, bem como a sua contribuição para os estudos de caráter geográfico.

As categorias geográficas escolhidas para compor este estudo foram o lugar e as paisagens. De acordo com Tuan (2012), o lugar é a categoria geográfica que mais se aproxima, dos valores, significados e os sentimentos construídos pelo homem no espaço. São nessas relações intersubjetivas que no lugar vai sendo construído o mundo, entendido por Merleau-Ponty (1999) enquanto lugar de vida e espaço vivido. E as paisagens, segundo (COSGROVE, 1989, pp. 118-135 apud CORRÊA 1998), também estão atreladas às experiências que se pode ter dos lugares, possibilitando assim, a criação de **significados**.”

¹ Para Eric Dardel (1990) a geograficidade é a maneira pela qual sentimos e conhecemos os ambientes, como nos relacionamos com os espaços e com as paisagens, seja ela construídas ou naturais.

O francês Éric Dardel (1990 apud Nogueira, 2014) relatou em seu discurso sobre a valorização das experiências do homem no lugar onde vive, as quais ele denomina de geograficidade. Neste aspecto, pode-se tornar notório que os cronistas urbanos trazem relatos expressivos sobre aquilo que observam no decorrer do seu dia a dia.

Nogueira, (2014) relatou também sobre o entendimento de Éric Dardel sobre “lugar” enquanto a expressão de uma geograficidade que consiste nas várias maneiras pela qual sentimos e conhecemos os ambientes. Nogueira através de Dardel traz este entendimento para uma melhor compreensão da relação dos homens com os lugares, bem como a maneira pela qual estes produzem a sua existência a partir das suas observações e relações intersubjetivas com os lugares e as paisagens, o que Merleau-Ponty denominou de mundo vivido.

Com base nestes aspectos, buscou-se entender de que maneira a relação entre Geografia e Literatura, mais precisamente com o gênero **crônica**, seria um procedimento metodológico positivo para o estudo dos lugar (Manaus) e suas paisagens. Para alcançar resposta a estas indagações, traçou-se como objetivo geral da pesquisa: compreender como as crônicas literárias enquanto linguagem expressam a geograficidade dos lugares e das paisagens da cidade de Manaus presentes no cotidiano dos estudantes do ensino fundamental.

Os objetivos específicos traçados foram: 1) Descrever como a Geografia e a Literatura se relacionam enquanto linguagem para o estudo do lugar e das paisagens presentes no mundo; 2) Entender como as crônicas históricas e literárias podem ser instrumento de estudos geográficos capazes de estimular os discentes à percepção, reflexão e interpretação dos lugares e das paisagens presentes na cidade de Manaus; 3) Descobrir a maneira pela qual os alunos percebem a cidade através da produção de suas próprias crônicas sobre o seu lugar vivido; 4) Identificar através dos mapas mentais dos estudantes do ensino fundamental a sua relação de geograficidade com o lugar (Manaus) e suas paisagens através das crônicas de Milton Hatoum, Tenório Telles, Mazé Mourão, José Ribamar B. Freire e José Aldemir de Oliveira.

A pesquisa nos proporcionou descobrir que existem romances, crônicas, contos e poesias voltados para descrições das paisagens naturais e culturais sobre o Amazonas e Manaus. Através dessas obras, principalmente por meio das crônicas, é possível detectar cenários cujas abordagem retratam sobre as características naturais, o modo de vida das populações e seus aspectos culturais. São na verdade um documento histórico e geográfico rico em informações, por este motivo, a pesquisa voltou-se para atender as necessidades da Geografia escolar.

Para alcançar os objetivos traçados, buscou-se percorrer caminhos da interdisciplinaridade de forma que a mesma venha contribuir para o desenvolvimento de mais uma fonte de estudo sobre a cidade e suas paisagens.

O presente estudo terá como base norteadora a Geografia Humanista Cultural, sendo a Fenomenologia o método de abordagem para se compreender como os alunos percebem o lugar, Manaus e suas paisagens. É também do tipo qualitativo e participativo, uma vez que realizou-se através de diálogos com os alunos, discussões sobre a relação destes com a cidade, enquanto seu lugar de existência, levando em consideração o relato das experiências dos discentes com as paisagens que circundam o seu mundo vivido.

1 DOS CAMINHOS PERCORRIDOS: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No primeiro momento recorreremos ao levantamento bibliográfico que versasse sobre a discussão entre Geografia e Literatura e a construção histórica das primeiras produções e relações existentes entre ambos, enquanto linguagem de representação dos lugares vividos pelos sujeitos e o devido significado atribuído às paisagens presentes no espaço vivência.

No segundo momento, permaneceu o estudo de cunho bibliográfico para se descobrir a forma pela qual os cronistas percebiam e relatavam sobre a cidade de Manaus e suas paisagens, a começar pelo jornalista e radialista Josué Cláudio de Souza, que em 1946 atraía a atenção dos manauaras para ouvir através da Rádio Difusora, “a crônica do dia”. Na sequência, buscou-se descobrir como o espaço da cidade continuou sendo comentada e percebida pelos cronistas mais contemporâneos, tais como: José Ribamar Bessa Freire, Milton Hatoum, Tenório Telles, Mazé Mourão e José Aldemir de Oliveira. A investigação nos permitiu refletir sobre a maneira pela qual os cronistas, ao longo de suas experiências, abordaram os fatos do cotidiano ao tratarem de assuntos referentes a cidade de Manaus ao longo dos anos, tais como: seu surgimento, crescimento urbano, questões ambientais, sociais, econômicos entre outros aspectos.

No terceiro momento, ocorreu a decisão referente a escolha da instituição de ensino que seria o campo de pesquisa. Optou-se pela Escola Municipal Arthur Engrácio da Silva, localizada na Rua das Esmeraldas, S/N-Comunidade Nova Floresta no bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus. A escolha dessa escola deveu-se ao trabalho nela realizado ao longo dos anos, o que facilitou o contato inicial com as turmas, por haver uma relação de confiança quanto ao meu trabalho, junto à comunidade, aos responsáveis dos alunos, à direção pedagógica e administrativa da escola. Os sujeitos participantes desse estudo foram duas turmas de nonos anos do turno vespertino, com vinte e cinco alunos cada turma e duas turmas de sétimos anos, do turno matutino com vinte e cinco alunos cada turma, totalizando cem alunos com idade entre 12 à 14 anos. O bimestre escolhido e liberado pela gestora da escola e pela professora para o desenvolvimento da pesquisa foi o terceiro, com início no dia 22 de julho de 2019 e término no

dia 20 de setembro de 2019.

Ainda nesta fase da pesquisa, ocorreu o primeiro contato com os alunos para discutirmos sobre a pesquisa e a importância do estudo da cidade e das categorias geográficas, lugar e paisagem. Em seguida realizou-se entrevistas com perguntas abertas e semiestruturadas com o intuito de saber um pouco mais sobre a relação desses discentes com o seu lugar de vivência e suas paisagens, abarcando desde a dimensão macro à micro, ou seja, Manaus, a partir das Zonas, bairros, ruas e casas.

Neste procedimento metodológico, foram apresentados aos alunos a definição do gênero literário crônica, sua origem e seu valor documental para o estudo dos lugares e das paisagens, onde estes tiveram contato com algumas crônicas sobre Manaus no Telecentro da escola através do projeto *Árvore de livros*² e em sala de aula por meio das crônicas impressas e em livros.

Durante esta etapa da pesquisa, realizou-se uma excursão com os alunos pela cidade de Manaus para que estes observassem de perto o seu centro histórico, bem como algumas outras paisagens ao longo do percurso. Para a realização desse procedimento, a direção da escola junto à pesquisadora, solicitaram que os responsáveis pelos alunos autorizassem, por escrito, a participação deles nesta atividade extraclasse e participaram dessa prática, os alunos que estavam de posse das autorizações devidamente assinadas pelos seus responsáveis.

Os ônibus fizeram um percurso pré-estabelecido para que os discentes pudessem observar melhor o espaço urbano da cidade de Manaus, seus aspectos socioeconômico e físicos-naturais para que os mesmos também visualizassem as várias faces da cidade e também conhecessem de perto, a segregação espacial³ presente em determinadas zonas. Foi possível também mostrá-los, boa parte do Igarapé do Mindu, próximo ao Shopping Millennium, localizado na Avenida Djalma Batista, Zona Centro-Sul de Manaus. Esta excursão, proporcionou aos alunos a oportunidade deles conhecerem melhor as paisagens presentes na cidade de Manaus em seus aspectos ambientais, sociais, econômicos entre outros. Os alunos foram acompanhados por uma equipe de quatro professores e alguns pais.

Após o dia da excursão, dando sequência na pesquisa, os discentes foram convidados a lançarem seus olhares sobre a cidade de Manaus, para que os mesmos, com base nas experiências vivenciadas em seu cotidiano, assumissem a posição de um cronista para que

² Programa de mídia implantado nas escolas municipais contendo um bom acervo de livros para a realização de estudos e leituras com os alunos

³ A segregação espacial neste aspecto, refere-se a distribuição e concentração das classes sociais em determinadas zonas da cidade de Manaus, onde as diferenças entre no poder aquisitivo das pessoas são visíveis por meio das condições de moradia e infraestrutura.

assim, pudessem redigir um texto sobre suas experiências de vida com o lugar Manaus e suas paisagens. Antes dessa produção, os alunos foram organizados em grupo, onde cada equipe recebeu uma crônica sobre a cidade de Manaus e em seguida foi solicitado que eles expusessem o nome do autor da crônica, o período em que foi escrita, do que ela tratava, entre outros aspectos. A produção da crônica se deu em sala de aula, sob a supervisão da pesquisadora, com duração de aproximadamente uma hora.

Esse procedimento foi viável para que os alunos pudessem entender como os cronistas percebem a cidade e escrevem sobre ela, sendo este passo uma preparação para os discentes que seriam, na próxima etapa da pesquisa, os próximos cronistas a escreverem sobre o lugar de sua existência. O objetivo desse procedimento foi descobrir e interpretar a maneira pela qual os discentes percebiam a cidade e quais significados eles atribuem às paisagens presentes no espaço de sua geograficidade.

De posse das produções dos alunos, procurou-se relacionar os fatos por eles abordados à realidade da cidade de Manaus. O intuito desse procedimento, foi verificar a possibilidade de se contextualizar a percepção desses alunos com os assuntos abordados nas aulas de Geografia ao longo do Ensino Fundamental. Nesta etapa, a pesquisadora foi a campo realizar alguns registros fotográficos sobre as paisagens relatadas pelos alunos e em algum momento, utilizou reportagens de jornais e outros dados para fundamentar a percepção destes discentes frente às paisagens descritas ao longo de suas produções.

O quarto e último procedimento dessa dissertação consistiu em apresentar aos alunos, os cronistas e suas crônicas sobre Manaus, entre eles destacamos alguns escritores já citados anteriormente, sendo estes: Milton Hatoum, Tenório Telles, José Ribamar Bessa Freire, Mazé Mourão e José Aldemir de Oliveira.

As crônicas foram previamente selecionadas e expostas em forma de varal nas dependências da escola para que os alunos pudessem realizar a leitura e a escolha daquela que melhor representasse o seu lugar vivido e suas paisagens. Após a escolha da crônica pelos alunos, Manaus e suas paisagens foram cartografadas através da produção dos mapas mentais referente à maneira de como a crônica escolhida serviu para representar o lugar e as paisagens por eles percebidos. Logo em seguida, os discentes escreveram um texto, como uma espécie de interpretação da sua percepção de cidade, expressa no mapa mental.

A discussão final dessa pesquisa se deu através das análises interpretativa quanto à utilização das crônicas como linguagem para o estudo do lugar, (Manaus) e suas paisagens, levando em conta a maneira pela qual este gênero literário serviu como recurso metodológico para o ensino de Geografia, no que cerne o estudo da cidade em seus aspectos econômicos,

sociais, culturais, ambientais e também sobre suas paisagens a partir da percepção dos alunos e suas experiências intersubjetivas.

A partir desses procedimentos, esta dissertação ficou estruturada em quatro capítulos. O primeiro intitulado “**Geografia e Literatura: um diálogo sobre o mundo**”, apresenta cinco subitem, sendo estes: 1.1 A linguagem da literatura e a descrição das paisagens e dos lugares; 1.2 Geografia e Literatura: a interdisciplinaridade que possibilita a compreensão dos Lugares e das Paisagens; 1.3 A Geografia Cultural e o estudo do lugar e das paisagens; 1.4 A Fenomenologia como método de abordagem sobre a geografia dos homens com os lugares e as paisagens; 1.5. A Paisagem na Geografia: Um conceito para além do visível e 1.6 A História da Literatura nos estudos geográficos como ferramenta para a compreensão do mundo vivido.

Neste capítulo, discorreremos sobre a importância da Literatura para os estudos de cunho geográfico, principalmente no que cerne à compreensão dos lugares e das paisagens ao longo da história, com ênfase à contextualização do diálogo interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia. O estudo fundamenta-se na Geografia Cultural e humanista, estando dessa forma pautado na Fenomenologia enquanto método de abordagem para explicar e relação dos discentes com o mundo vivido e suas paisagens.

Em síntese, no primeiro capítulo, apresentaremos um breve histórico sobre o diálogo entre Geografia e Literatura, onde buscar-se-á compreender sobre essa aproximação nos estudos geográficos, bem como a maneira pela qual a Geografia Cultural tem proporcionado este diálogo através da Fenomenologia enquanto método de análise geográfica.

O segundo capítulo intitula-se “**As crônicas literárias enquanto linguagem para o estudo do lugar Manaus e suas paisagens.**” Este capítulo possui três subitem, sendo estes: 2.1 Crônica e Crônica literária, um breve histórico; 2.2 O lugar Manaus e suas paisagens a partir da visão dos cronistas.

No primeiro subitem desse capítulo apresentar-se-á um breve histórico sobre crônica e crônica literária enquanto linguagem para o estudo do **lugar** e das **paisagens**, levando em consideração suas abordagens sobre essas duas categorias de análise geográficas em escala local, nacional e global. No segundo subitem, discorrer-se-á sobre a biografia dos cronistas selecionados para comporem a pesquisa e suas respectivas obras, sendo este, Josué Cláudio de Souza com a obra “Crônicas de Manaus; Milton Hatom com obra “Um solitário à Espreita”, Tenório Telles com a obra “Renovação”; José Ribamar Bessa Freire com a obra “Essa Manaus que se vai”; Maria José Mazé Mourão com as obras: “Poucas e Boas”, “Crônicas”, “Cotidiano Pitoresco” e também as crônicas escritas pelo professor Doutor em Geografia Urbana, José Aldemir de Oliveira, com as obras “Crônicas de Manaus” e “Crônicas da minha Cidade. Ainda

neste segundo subitem abordaremos sobre a percepção dos cronistas frente ao espaço urbano da cidade de Manaus desde 1946 até os dias atuais.

O terceiro capítulo intitula-se **“A percepção do lugar Manaus e suas paisagens a partir das crônicas produzidas pelos alunos do ensino fundamental II”**. Este capítulo possui 2 subitem, sendo estes: 3.1 Observar para compreender: Manaus e suas paisagens; 3.2 Manaus e suas paisagens nas crônicas dos estudantes dos 7º e 9º anos do Ensino Fundamental II.

O primeiro subitem vem apresentar as atividades desenvolvidas com os alunos durante a pesquisa e os percursos realizados para que os mesmos pudessem conhecer melhor a cidade de Manaus e suas paisagens. O segundo subitem vem apresentar a percepção do lugar (Manaus) e suas paisagens através das crônicas de autoria dos alunos. Nesta produção, os discentes relatam sobre as suas experiências cotidianas no espaço de sua geograficidade. De posse das produções dos alunos, buscou-se através da discussão bibliográfica, interpretar e contextualizar a percepção de cidade mencionada pelos alunos com a realidade através de registros fotográficos. O intuito aqui, é mostrar como é possível trabalhar os diversos assuntos geográficos em sala de aula, a partir dos relatos das experiências dos discentes com o seu lugar de vivência, sendo esta uma metodologia que abre possibilidades para entender o mundo a partir da escala local, nacional e global.

Para desenvolver este capítulo, trabalhou-se na escola com os alunos dos 7º e 9º anos do Ensino Fundamental. Os discentes foram organizados em grupos para a discussão sobre as categorias geográficas “lugar e as paisagens”. Os grupos tiveram acesso às crônicas escritas sobre a cidade de Manaus em períodos distintos. A partir desse contato com as crônicas, os discentes pensaram sobre a sua história de vida na cidade e a maneira pela qual eles a observam, para em seguida, construírem as suas próprias crônicas, levando em consideração suas experiências com os lugares e a forma pela qual eles percebem e dão significados às paisagens de sua geograficidade.

Em síntese, este capítulo buscou compreender a maneira pela qual as crônicas produzidas pelos alunos mostrariam a sua percepção de cidade, bem como esta produção serviria de instrumento de estudo geográfico sobre Manaus e suas paisagens, a partir da percepção por eles evidenciadas nas crônicas, e a possível relação entre seus relatos e experiências, aos diversos temas abordados ao longo das aulas de Geografia.

O quarto e último capítulo intitulado **“As crônicas literárias como representação da geograficidade: Manaus e suas paisagens georafadas nos mapas mentais dos alunos o Ensino Fundamental II”**, foi estruturado em dois subitem, sendo estes: 3.1 Um breve histórico

sobre a importância dos mapas mentais nos estudos geográficos e 3.2 As crônicas literárias e a representação do Lugar Manaus e suas paisagens: Os mapas mentais dos alunos do Ensino Fundamental II.

Este último capítulo da dissertação apresenta um breve histórico sobre a importância dos mapas mentais enquanto instrumento de linguagem cartográfica e a sua importância para o ensino de Geografia. Os discentes, a partir da leitura das crônicas sobre a cidade, optaram por escolher aquela que mais representou o seu mundo vivido e suas paisagens. Essa percepção de cidade foi geografada através da produção dos mapas mentais pelos alunos, seguida da sua interpretação escrita sobre o que eles quiseram demonstrar.

Também mostrar-se-á neste capítulo, o resultado final da pesquisa que consiste em apresentar a maneira pela qual as crônicas literárias podem servir de linguagem para conduzir os discentes a perceberem o seu lugar, Manaus e suas paisagens a partir de uma metodologia que está para além dos livros didáticos.

A discussões dos resultados obtidos por meio da produção dos mapas mentais pelos alunos, é na verdade uma reflexão interpretativa quanto à utilização das crônicas em sala de aula como linguagem para o estudo do lugar, (Manaus) e suas paisagens, bem como a maneira pela qual este gênero literário serviu como recurso metodológico para o ensino sobre a cidade no âmbito da Geografia escolar. Vale ressaltar também que a maioria dos discentes relataram que através dos cronistas, foi possível atribuir um valor simbólico aos lugares e as paisagens presentes nas crônicas, pelo simples fato das mesmas discorrerem sobre diversos aspectos presentes nos espaços e nas paisagens presentes no seu lugar de existência.

I CAPÍTULO

GEOGRAFIA E LITERATURA: UM DIÁLOGO SOBRE O MUNDO

Desde o princípio dessa proposta de pesquisa, foi definido que a Geografia Cultural seria a base norteadora desse trabalho pelo fato da mesma buscar compreender a maneira pela qual o homem se relaciona com o meio, seja ele natural ou cultural e neles estabelecerem relações através das atividades desenvolvidas. Em função do relacionamento do homem com o lugar por ele vivido e experimentado, é que aos poucos se vai construindo laços com os objetos e as pessoas de seu relacionamento no espaço geográfico. Destacar-se-á, portanto, nessa abordagem uma investigação da pluralidade de temas relacionado à cultura,⁴ no intuito de compreender como o estudo dos lugares e das paisagens vem sendo manifestadas ao longo do tempo através da Artes, da Geografia, da Literatura e como esta interdisciplinaridade tem servido como fonte norteadora para entender sobre os costumes, as tradições e o modo de vida de um povo e a sua relação com o lugar e as paisagens.

cabível lembrar que a História da Arte revela as várias maneiras de se interpretar o mundo e o ser humano ao longo do tempo. Assim como diversos estudiosos ligados à ciência, tais como os antropólogos, os arqueólogos, os historiadores, os filósofos, os geógrafos entre outros, tem procurado compreender melhor sobre a cultura humana e a maneira como estes produziam e reproduziam seu sistema de vida num dado tempo e espaço por meio de suas marcas simbólicas, como por exemplo, as pinturas rupestres que foram encontradas em sítios arqueológicos em alguns continentes do globo e que serviram como instrumento de análise para a compreensão da cultura do homem pré-histórico.

O uso de imagens é um dos registros mais tradicionais de expressão que o homem vem utilizando ao longo de sua história. As imagens registradas nas cavernas, conhecidas como “arte rupestre” realizadas pelos homens primitivos que habitavam nestes lugares, pode ser entendida como o embrião da arte e os símbolos deixados nas paredes, denotam uma paisagem que serviu como linguagem que facilitou a interpretação do modo de vida dessa civilização.

Durante este período, Proença enfatizou que:

⁴ Hoefle (1998) por sua vez, apresenta um quadro no qual a cultura pode ser entendida segundo três eixos. No primeiro a cultura é vista ou numa perspectiva abrangente ou restrita, abarcando, respectivamente inúmeros fenômenos (crença, hábitos, conhecimentos, linguagem, arte, etc.) ou limitada aos significados construídos a respeito das diferentes esferas da vida.

O ser humano Neolítico desenvolveu técnicas como a tecelagem, a cerâmica e a construção de moradia. Além disso, como já produzia fogo, começou a trabalhar na fundição de metais. Assim, suas atividades começaram a se modificar e as pinturas rupestres registraram essas transformações. (PROENÇA, 2005, p. 8)

Segundo Proença, o homem pré-histórico à medida que foi descobrindo novas maneiras de organizar e planejar a sua sobrevivência, ele também procurou registrar o que estava diante dos seus olhos através da pintura. Acredita-se que o objetivo era expressar suas percepções sobre a forma de como estes homens viam o mundo. Com o passar dos séculos, estas marcas continuaram existindo, porém em telas diferentes, tais como: quadros, cerâmicas, paredes, rochas, entre outras. Estes registros, são reflexos de uma herança artísticas herdadas pelos nossos antepassados e que perduram até hoje, pois as pinturas nos passam informações relevantes sobre os lugares e as paisagens de diversas partes do mundo, cuja mensagem pode variar de acordo com o nível de interpretação dos olhares daqueles que as observam.

Neste aspecto, é bom frisar que toda arte produzida, carrega na essência de seu conteúdo, uma carga muito forte da subjetividade do artista sobre algo que o mesmo quis demonstrar ou compreendeu, podendo ser de um determinado fato ou fenômeno. No contexto da Pré-História, também não foi diferente, por este e por outros motivos é que acreditamos que a história da Arte deveu-se inicialmente às formas simbólicas que o homem primitivo deixava nas paisagens e que foram ricas fontes de informações sobre o desenvolvimento da espécie humana, o que continua sendo um recurso importante para o estudo e análise das sociedades antigas e suas culturas.

Os registrados deixados nas paisagens pelos nossos ancestrais também seguiram o curso dos costumes de outras civilizações. Os egípcios, na antiguidade, herdaram esta prática, pois ficaram conhecidos mundialmente pelos símbolos artísticos, principalmente no que se refere à modelagem de esculturas e também na criação artísticas no túmulo de faraó e nos artefatos de cerâmica por eles produzidos, onde demonstravam os costumes de seus povos em cenas retratadas a partir de seu cotidiano, principalmente por meio das pinturas.

Entre tantas outras contribuições deixadas ao longo da história, pode-se considerar que a Arte se tornou foco das discursões frente ao cenário mundial. No Brasil, a Arte surgiu praticamente seguindo as mesmas características da Pré-História, pois em seu espaço geográfico, foram encontrados em alguns sítios arqueológicos, pequenos elementos que evidenciaram a presença de seres humanos nas terras brasileira bem antes de seu descobrimento.

Entre os desenhos e as pinturas rupestres encontrados no Brasil, destacam-se os sítios arqueológico localizado em São Raimundo Nonato, Piauí, onde desde 1970 vários pesquisadores vêm trabalhando. Em 1978, foi coletada no local grande quantidade de vestígios arqueológicos. Segundo as pesquisas, os primeiros habitantes da região usavam as grutas como abrigo ocasional e foram os autores das obras ali pintadas e gravadas. (PROENÇA, 2005, p.10).

Segundo os argumentos de Proença, é possível perceber que o homem expressava a sua maneira de perceber as coisas presentes no seu espaço geográfico através das pinturas, o que denota uma semelhança muito grande entre o homem americano com os homens da Pré-História. A Arte brasileira também começou a aparecer para o mundo a partir de seu descobrimento, fato este evidenciado pelos colonizadores portugueses que observavam as expressões artísticas presentes na cultura dos povos indígenas através das danças, dos objetos por eles confeccionados e utilizados no dia a dia, tanto para garantir a sua sobrevivência, quanto em outros momentos de sua vivência, tais como, as danças, rituais, etc.

As expressões simbólicas registradas nas paisagens e por meio dos artefatos criados pelo indígena, é um exemplo de como o homem manifesta a sua cultura, os seus costumes e as suas tradições através de suas artes. Num contexto mais geral, a expressão artística foi se manifestando através da pintura, das esculturas, da arquitetura, da fotografia, do teatro, da dança, das artes cênicas, da literatura, entre outros, e que no decorrer do tempo, todas estas produções, assumiram grande valor no contexto das civilizações humanas, pois o homem, por onde passa, procura expressar de alguma forma, a sua cultura através das diversas manifestações artísticas.

1.1 A LINGUAGEM DA LITERATURA E A DESCRIÇÃO DAS PAISAGENS E DOS LUGARES

Para Márcia Abreu (2006) “Literatura é a arte da palavra e existe para provocar o deleite e ampliar a visão de mundo do leitor”. Nesta perspectiva, abordar-se-á sobre a Arte literária, uma vez que a sua capacidade verbal é considerada uma ferramenta importante para o estudo dos lugares e das paisagens, pois quem escreve um texto literário, é um artista que usa as palavras para transmitir aos leitores, a sua maneira de ver, sentir e perceber o mundo a sua volta, conduzindo-os a refletirem sobre o que está sendo abordado.

A leitura de textos literários surtirá efeito entre as pessoas, pois cada obra, seja ela um conto, um romance, um poema ou uma crônica, vai ser interpretada de maneira diferente, uma vez que estas, tem a capacidade de aproximar as pessoas para o universo da subjetividade que

são intrínseca de cada indivíduo. O intuito maior da Literatura é reconstruir os mundos através da ficção ou não e também registrar e representar nossa cultura e nossa história, por isso, ela possui a capacidade de nos fazer refletir sobre o que estamos lendo, criando possibilidades de se perceber fenômenos presentes em nossa realidade que outrora passava despercebido.

O artista literário geralmente expressa o que sente pautado em suas experiências com os lugares de sua existência, podendo até mesmo expressar seus sentimentos, suas frustrações, seus anseios, suas revoltas ou seus momentos de glória, pois tudo que ele escreve oriundo daquilo que viveu, experimentou ou observou, independentemente das adversidades. É a pura demonstração da arte através da palavra, portanto, interpretar um texto literário, também é uma obra de arte, pois o que lemos, de certa forma, fica materializado em nossa memória nos conduzindo a ver o mundo por outros ângulos.

Em suma, toda essa discussão sobre a importância da Arte para o estudo e compreensão da cultura de um povo tem o intuito de salientar que a arte da palavra expressada através dos gêneros literários também podem ser vistas como uma fonte de informação muito importante para o estudo dos lugares e das paisagens, como ocorre com as crônicas, o gênero escolhido como recorte dessa pesquisa.

1. 2 GEOGRAFIA E LITERATURA: A INTERDISCIPLINARIDADE QUE POSSIBILITA A COMPREENSÃO DOS LUGARES E DAS PAISAGENS

A interdisciplinaridade das Arte com as demais ciências vem crescendo nas últimas décadas, visto que as produções artísticas tem servido de fonte para o estudo e análises de vários aspectos relacionados à realidade vivida, constituindo-se assim, como uma ciência que também produz conhecimento em seus mais variados campos de produção. Vale ressaltar que toda arte apresenta uma verdade que são próprias da existência humana e que de alguma forma, retratam sobre os fenômenos presentes no espaço geográfico.

Zamboni ao realizar um estudo sobre o paralelo entre a arte e a ciência expõe que:

Todas as manifestações artísticas possuem caráter lógico que, embora não exclusivo, se constitui em evidentes formas de arranjo e ordenação consciente e racional. O texto literário, por exemplo muitas vezes traz consigo reflexões de caráter filosófico, ideológico, político que embora assentados no pensamento lógico, nem por isso impedem que a obra seja de arte. Igualmente outras linguagens podem ter vertentes lógicas sem que o resultado final deixe de ser arte. (ZAMBONI, 2012, p. 9).

Acredita-se que Zamboni ao desenvolver este estudo quis colaborar com o trabalho daqueles que se interessam em desenvolver pesquisas relacionadas a Arte enquanto ferramenta

de estudo para compreensão de determinado fenômeno, seja ele natural ou humano. Sua argumentação acima citada fundamenta a alta capacidade que algumas produções artísticas, como a Literatura que foi dada como exemplo, apresenta um grau de cientificidade muito grande, pois Zamboni quis enfatizar que os textos literários expressam reflexões de caráter filosófico, político e ideológico.

Acrescentaria também que a Literatura é capaz de manter viva a memória de um lugar e da cultura de um povo, cuja história muitas vezes só poderá ser lida e conhecida através dos escritores que tiveram suas experiências com estes lugares e suas paisagens. Gonçalves de Magalhães, conceituado escritor da Literatura brasileira, relatou sobre esse diferencial num discurso sobre a História da Literatura no Brasil.

A Literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência; e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual ela é o único representante na posteridade. Sua voz como um eco imortal repercute por toda, e diz: em tal época, debaixo de tal constelação, e sobre tal ponto do globo existia um povo, cuja glória só eu a conservo, cujos heróis só eu os conheço; vós, porém, se pretende também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo, e uma sombra viva do que ele foi. (MAGALHÃES, 1836, p. 3).

O poeta brasileiro ao escrever este texto sobre a importância da Literatura, nos convence da sua grande riqueza. Suas palavras nos leva a compreender que de fato as obras literárias são fontes de informações relevantes para se conhecer sobre um povo, sua cultura, seus lugares e paisagens, entre outros aspectos. Por isso, justifica-se a importância de se realizar estudos geográficos de maneira interdisciplinar com outras formas de linguagens.

O geógrafo brasileiro Marandola Júnior ao realizar suas considerações sobre a nova aproximação entre a Geografia e a Literatura, pondera sobre a sua importância.

Esta nova aproximação quer mais do que identificar elementos “reais” na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geografia, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural. (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009 apud MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010, p. 9).

Neste sentido, o autor enfoca a relevante aproximação da Geografia com a Literatura, pois compreende que o texto literário, além de fornecer um prazer estético, constitui-se como a fonte fascinante de conhecimento do real, servindo também de uma rica fonte enquanto

linguagem para o estudo das espacialidades geográficas.

Como toda arte, a Literatura também é dotada de significados, sendo popularmente denominada como a arte da palavra, pois através das suas narrativas, é possível abrir possibilidades para mergulharmos nos lugares, nas paisagens e no meio da cultura de uma sociedade em seus mais diversos aspectos. Ela, assim como a pintura, também é capaz de nos transportar para uma dimensão subjetiva de seus escritores que geralmente evidenciam suas experiências através da observação da cultura de um povo, seus sentimentos, anseios, desejos, frustrações, amores, realizações e insatisfações expressadas através de romances, poemas, contos, crônicas, entre outros gêneros literários.

1.3 A GEOGRAFIA CULTURAL E O ESTUDO DO LUGAR E DA PAISAGENS

A Geografia Cultural, busca analisar e compreender a relação do homem com o meio pelo qual está inserido. Também analisa a maneira de como este produz todos os materiais necessários à sua subsistência por meio das técnicas inventadas e como estes recursos os conduzem a estabelecerem vínculos com os lugares e as paisagens de seu espaço geográfico.

Foi no final do século XIX que as relações sociedade, cultura e natureza tornaram-se o centro da atenção de estudiosos que se dispuseram a focar a importância de se entender como o homem é o criador das suas próprias culturas. Para se compreender este aspecto, faz-se necessário buscar um pouco da história do desenvolvimento da Geografia Cultural e trazer para discussão, as ideias de alguns pensadores e precursores dessa Geografia, que muito contribuíram no avanço do pensamento geográfico, principalmente no que se refere a compreensão da cultura de uma sociedade.

Traremos, a princípio, a contribuição proveniente do alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), do francês Paul Vidal de La Blache (1845-1918) bem como do estadunidense, Carl Sauer (1889-1975) quanto à cultura, analisando quando este termo passou a ter um significado relevante na compreensão das relações humanas com o meio.

Na França, Friedrich Ratzel, influenciado pela sua formação naturalista e pelas obras de seus mestres Alexander Von Humboldt e Carl Ritter, elaborou uma nova concepção de análise geográfica por ser o primeiro geógrafo a abordar a cultura nos estudos de geografia ao publicar em 1882 a obra intitulada “Antropogeografia”. Ratzel trouxe neste seu trabalho

fundamentos culturais da diversidade realizadas pelos homens através dos materiais por eles utilizados, tais como os artefatos usados na relação destes com o espaço para garantir a sua subsistência.

Na obra Antropogeografia de Ratzel, citada anteriormente, Claval traz a seguinte análise das expressões culturais como pode ser visto abaixo:

[...] sob seus aspectos materiais, como conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço. As ideias que a sustentam e a linguagem que exprimem não são quase nada invocadas [...] A ideia de luta pela vida limita, portanto, o interesse que tem Ratzel pelos fatos da cultura e dá à sua obra uma posição essencialmente política. (CLAVAL, 1997, p. 13).

Paul Claval dá grande ênfase a obra de Ratzel por este apresentar uma possível preocupação em compreender a relação do homem com o meio, consagrando-se um dos grandes nomes pelo fato do mesmo ter edificado a base conceitual na qual se tem estruturado desde então, a Geografia Humana, ou seja, Ratzel procurou entender a cultura do homem a partir da sua relação com o meio natural. Ele procurou entender como as condições do meio natural exerciam influência sobre os homens. Segundo Claval, (2007), a obra Antropogeografia de Ratzel descreve as áreas onde estes homens viviam e procurou estabelecer as causas geográficas que levaram a repartição ou distribuição destes na superfície da Terra e a sua influência sobre a natureza.

Na França, o geógrafo Paul Vidal de La Blache, sob a influência alemã, introduziu as abordagens culturais na Geografia, onde contribuiu bastante no desenvolvimento da Geografia Cultural, quando este país ainda estava em plena sistematização dessa ciência. La Blache procurou também entender como o homem se apropriava dos recursos da natureza para atender as suas necessidades e realizar suas atividades, o que ele denominou de “gênero de Vida”, ou seja, para La Blache, o importante era o geógrafo estudar sobre as técnicas, os hábitos e os costumes dos homens e a sua relação com a natureza, pois as atividades por eles desenvolvidas no espaço, interferiam diretamente nestes lugares, mesmo que para isso, fosse necessário observar as mudanças ocorridas no meio em decorrência da ação humana. La Blache enfocava que a ação do homem modificava as paisagens dos lugares.

Claval descreve que a presença do aspecto cultural na obra de La Blache era visível.

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. (CLAVAL, 1999 p. 149).

Esse conceito estava atrelado ao conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitavam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis. Para La

Blache, o meio físico exercia ascendência sobre certos gêneros de vida, portanto, era visto como um condicionante do modo de vida das pessoas, mas que também nele os homens podiam intervir, dependendo do nível civilizatório, cultural e de seu desenvolvimento tecnológico.

Para tentar romper com a visão naturalista alemã, Vidal chegou a declarar numa frase que marcou sua contribuição para a efetivação da Geografia Cultural, ao escrever que “a Geografia era uma ciência dos lugares e não dos homens”. Ao escrever esta frase, entende-se que para ele, o geógrafo deveria se preocupar com o resultado da ação dos homens sobre o meio geográfico e isso seria possível através da observação das mudanças ocorridas nas paisagens através da utilização das técnicas no decorrer de seus trabalhos. Muitos consideram que Vidal De La Blache introduziu na Geografia Humana, o estudo dos aspectos comportamentais do homem frente ao espaço de sua geograficidade⁵, por meio das análises de como este homem se relaciona com os lugares e com as paisagens no âmbito de sua vivência.

Tanto para o alemão Ratzel como para o francês La Blache a cultura era entendida como o resultado da relação que os homens tinham com os recursos da natureza, ou seja, é toda ação desenvolvida por intermédio dos instrumentos, utensílios, técnicas e até mesmo a maneira de habitar que as sociedades utilizam para modelar a paisagem.

Com base neste aspecto, tem-se observado que a maioria dos escritores de obras literárias também tem dado ênfase a esse aspecto cultural feito por Ratzel e La Blache, pois os mesmos procuraram relatar sobre a relação dos homens com os lugares, mesmo que com uma boa carga de ficção, ainda assim é notória a expressividade da cultura de um povo em suas obras, o que finda sendo um recurso importante para se compreender sobre a relação destes com o meio em que vivem e com suas paisagens.

A discussão voltada para a dimensão cultural na paisagem ganhou mais força quando nos Estados Unidos por volta de 1925 surgiram fortes contribuições por parte do professor Carl Ortwin Sauer (1889-1975). Em 1923, ele ingressou na Universidade de Berkeley, na Califórnia e em 1925, lançou uma de suas principais obras intitulada “The Morfology of Landscape” (A Morfologia da Paisagem), no qual tece algumas de suas principais considerações sobre a Geografia e os rumos da área cultural.

Sauer, lançou o seu olhar sobre as modificações visíveis nas paisagens, que para ele, as mudanças em sua estrutura, devia-se ora pela ação dos próprios fenômenos da natureza, ora pela ação humana sobre o ambiente, tendo em vista que os homens modificavam tanto as paisagens rurais quanto as urbanas para adequá-las às suas necessidades, e assim iriam deixando

⁵ Para Eric Dardel (1990) a geograficidade é a maneira pela qual sentimos e conhecemos os ambientes, como nos relacionamos com os espaços e com as paisagens seja ela construídas ou naturais.

suas marcas no espaço por ele ocupado, no entanto, para Sauer, essas marcas deixadas na paisagem, não traduziam nada sobre a presença humana, pois ele não considerava a cultura como algo externo ao ser humano, por isso, Sauer foi um tanto quanto criticado.

Corrêa (2007 p.14) relatou que “a cultura tem sido considerada pelos geógrafos sauerianos uma entidade supraorgânica, pairando sobre a sociedade e determinando suas práticas e modo de ser”. Neste argumento, Corrêa faz uma crítica à Sauer por ele ter dado mais ênfase a forma e aos equipamentos, enquanto material representativo da sua cultura.

A diferença entre a visão de Carl Sauer com as dos outros teóricos franceses e alemães, consiste no conceito de cultura, uma vez que estes desenvolviam suas análises sobre os materiais e os instrumentos de trabalhos produzidos pelos homens. Sauer, no entanto, compreendia que a cultura apresentava-se através dos materiais concretos que eram externo ao indivíduo, ou seja, os elementos presentes nas paisagens não traduziam a presença humana e nem os problemas geográficos desse povo, por isso a denominou de entidade supraorgânica.

Apesar das considerações de Corrêa sobre Carl Sauer, é relevante lembrar que ele foi apontado como o primeiro geógrafo americano a realizar debates voltados para a importância da paisagem como uma expressão cultural nos Estados Unidos e expandiu sua percepção na Escola de Berkeley, lembrando ainda que a questão do valor simbólico das paisagens atrelado à condição de existência só surgiu décadas depois.

Até o final da Segunda Guerra Mundial, a ciência geográfica americana desconhecia qualquer tipo de estudo que enfatizasse as relações do homem com o meio numa perspectiva cultural, ao contrário, o objetivo principal da disciplina de Geografia antes da apresentação da obra “A morfologia da paisagem”, era mais com a realização das práticas de campo e as representações cartográficas. Imperava até então a Geografia quantitativa e Carl Sauer quis levar novos caminhos que também produzisse conhecimentos geográficos para os americanos, com isto faz-se necessário expor alguns de seus argumentos.

A geografia histórica pode ser considerada as séries de mudanças porque passaram as paisagens culturais e, assim, envolve a reconstrução de paisagens culturais do passado. Merecem preocupação especial a relação catalítica de homens civilizados com a área e os efeitos da substituição de culturas. Com base apenas nesse campo, difícil e pouco abordado, pode-se chegar à percepção total do desenvolvimento da atual paisagem cultural a partir de culturas anteriores e da paisagem natural. (SAUER, 1925, p. 45 apud PENN; LUKERMANN, 2011, p. 169).

Para Sauer era possível realizar uma leitura sobre a cultura dos homens e a sua relação com os lugares, a partir da observação das paisagens, eis o porquê do título da sua obra “A morfologia da paisagem”. É relevante frisar que Sauer, dedicou-se mais ao estudo sobre os

impactos históricos provenientes da ação humana sobre a paisagem, pois para ele, a cultura era vista como o resultado do conjunto de instrumentos que permitia o homem transformar a superfície da Terra, conforme as suas necessidades, e as paisagens, seriam o resultado concreto da expressão dessa cultura.

Esta observação deveu-se ao fato de Sauer desenvolver estudos relacionados à agricultura, onde o homem utilizava instrumentos para modificar as paisagens. Acredita-se também que ele tenha se inspirado na importância das marcas que o homem primitivo deixara nas cavernas e que muito serviu para que os arqueológicos e antropólogos também pudessem entender um pouco sobre a cultura desta antiga civilização, através das análises dos objetos e dos símbolos por eles deixados nas paisagens, sejam através de desenhos, esculturas, pinturas, entre outras expressões artísticas. Pode-se dizer que Carl Sauer na Escola de Berkeley, teve grande contribuição para o surgimento da Geografia Cultural, no entanto, os caminhos dessa geografia até 1940, começou a se distanciar das discussões, caindo no esquecimento.

Somente no final dos anos de 1970 o termo “cultura” começou a reaparecer nos debates entre os teóricos que se propuseram a se contrapor à Escola de Berkeley, no intuito de propor uma nova maneira de se analisar os aspectos culturais de uma dada sociedade. Surge então ideias que inspiraram a criação de uma Nova Geografia Cultural, o que ficou conhecida como “virada cultural”.

Corrêa ao analisar a diferença entre visão de Sauer com a nova proposta, argumentou que:

As diferenças entre elas compõem uma complementaridade. Argumentamos, a propósito, que nenhuma é superior ou melhor que a outra, tudo dependendo dos questionamentos a partir dos quais procuramos compreender a dimensão cultural do espaço. [...] A cultura pode ser vista em uma perspectiva abrangente, abarcando inúmeros aspectos como crença, hábito, linguagem, arte, dieta alimentar e habilidade, ou em uma perspectiva restrita, na qual constitui os significados construídos e reconstruídos a respeito das diversas esferas da vida. A cultura, por outro lado, pode ser concebida como entidade que responde às características da natureza, dotada de uma poderosa força, determinando a ação humana (entidade supra - orgânica) vista como superestrutura, determinada pela base econômica e, em quarto lugar, como um contexto. (CORREA, 2010, p. 13-14).

Ao analisar o que seria a diferença entre a interpretação de cultura nas ideias de Sauer e da Nova Geografia Cultural, Corrêa chegou à conclusão de que ambas possuem verdades em seus argumentos quanto ao conceito de cultura. Para ele, seria mais provável afirmar que as duas teorias se completavam, pois dependendo do ponto de vista de quem as interpretam, há os que concordariam em partes com Sauer, ou com as propostas da nova Geografia Cultural. É notório que ambas retratam sobre a ação humana na produção das paisagens, havendo portanto

divergência no que estas paisagens representam enquanto símbolo e significado para as pessoas e a atribuição de valor ao homem, enquanto sujeito que se relaciona com estas paisagens.

Segundo Duncan (2003) a Nova Geografia Cultural foi submetida a influências inglesa, a Geografia humanista e as humanidades em geral. Em suma, a proposta visava colocar o homem como sendo o principal agente de suas análises.

Foi no decorrer deste período que a Geografia Cultural retoma o palco das discussões, focando mais na importância dos seres humanos e suas relações com o lugar e as paisagens, não apenas a partir de análise do ponto de vista dos materiais por eles produzidos, nem como um simples agente modificador da natureza, mas relacionando-os ao seu sistema de representações, significados e valores que constituem juntos às suas identidades manifestadas socialmente e reveladas através do seu modo de vida.

É nesta proposta de análise cultural que a subjetividade humana passou a ser valorizada, dando-se ênfase às análises a partir da inter-relação entre estes aspectos subjetivos e os materiais pelo homem produzido.

Neste aspecto, McDowell enfatiza que:

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas. (MCDOWELL, 1996, p.159).

O interesse pela relação entre espaço e cultura vem ocorrendo no seio da ciência geográfica desde quando os olhares estiveram voltados para a descrição da diversidade da superfície terrestre. A Geografia Cultural consegue galgar conhecimentos que são fulcrais nesta discussão, tornando-se uma ciência capaz de dialogar com outros saberes, neste caso, a Literatura que é uma linguagem que possibilita compreender a relação e a inter-relação dos homens com o seu espaço geográfico.

1. 4 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE ABORDAGEM NA COMPREENSÃO DA GEOGRAFICIDADE DOS HOMENS COM OS LUGARES E AS PAISAGENS

Ficou evidente que a nova Geografia Cultural buscou entender a relação do ser humano com a natureza, propondo-se a estudar o sentimento, as ideias e as percepções que ele tem do lugar e do espaço, por isso, buscou compreender como as atividades e os fenômenos geográficos revelavam a qualidade da conscientização humana. O lugar na concepção

geográfica humanística se delineia como um espaço dotado de significado para indivíduos ou grupos sociais, como afirma Tuan (2012), o lugar é a categoria geográfica que mais se aproxima, dos valores, significados e os sentimentos construídos pelo homem no espaço.

O movimento que ficou conhecido como “virada cultural” ou Nova Geografia Cultural, apresentou com a priori a análise do mundo para além da descrição dos aspectos físicos e humano. Na busca por uma renovação conceitual, teórica e metodológica, a abordagem humanista fundamentou-se nas filosofias dos significados, principalmente, na Fenomenologia e no existencialismo para compreender por meio da observação, a maneira pela qual o homem se relaciona com o **lugar** e as **paisagens** presentes no seu espaço-vivência.

Neste contexto, como já foi dito, o interesse pelo lugar, como categoria de análise fundamental da Geografia, só veio a se concretizar, de forma mais significativa, com o advento da corrente humanista a partir da década de 1970 com o resgate da Fenomenologia. Esse método foi pensado e idealizado pelos filósofo e visava atribuir maior atenção ao estudo dos fenômenos que envolvem o homem, levando em consideração sua experiência frente aos lugares e as paisagens presentes no espaço geográfico. Dessa forma, em 1764, a palavra Fenomenologia⁶, aparece mediante as preocupações de Johann Heinrich Lambert, matemático suíço, radicado na Rússia e mentor do termo. Gomes (1996) menciona que este termo recebeu diferentes significados em que vários autores clássicos procuram defini-la, entre eles estão: Kant, Hegel, Husserl e Heidegger.

A necessidade de se buscar novos métodos de análises geográfica, começaram a surgir bem antes da década de 70, quando nos debates científicos no período pós-Segunda Guerra Mundial surgiram questionamentos quanto à forma de fazer ciência, uma vez que as abordagens de aspectos neopositivistas não estavam dando conta de explicar a real situação de conflitos existentes em alguns pontos do mundo, principalmente na Europa.

A primeira forte oposição ao paradigma do método dominante na época, ou melhor, do cartesiano mecanicista veio do movimento intitulado Romantismo que surgiu na Alemanha, com manifesto na Arte, na Literatura e na Filosofia no final do século XVIII e no século XIX. GOMES (1996) relata que o Romantismo e a Filosofia da Natureza constituem, assim, uma outra maneira de conceber a ciência e se diferenciam das correntes racionalistas pelo método, os temas e a finalidade do conhecimento. Ainda Gomes (1996) relatou que:

⁶ Fenomenologia: método filosófico que se propõe, pela descrição das coisas em si, fora de toda construção conceitual, descobrir as estruturas transcendentais da consciências e das essências (DICIONÁRIO ROBERT DA LÍNGUA FRANCESA apud CLAVAL, 2014, p. 224).

A História romântica fez então a união entre o herói, fruto da impulsão da vontade pessoal, e o grupo, organismo investido da força e da consciência coletiva. O mundo então concebido como um agregado de comunidades, de raças e nações, todas marcadas por seu desenvolvimento individual e carregadas de uma identidade própria. (GOMES, 1996, p. 103).

O autor expressa que no Romantismo era levado em conta fatores relacionados ao pertencimento do homem com o lugar e com suas tradições.

Claval, menciona que:

A revolução que se caracteriza a partir dos anos 1970 nasce dos questionamentos dos geógrafos sobre o seu ofício. A corrente nova parece virar as costas para a atualidade: volta-se para as lembranças de infância e para a maneira como elas modelam a sensibilidade das pessoas; fala-se daquilo que dá charme às paisagens; descobre-se a festa, o espetáculo. Assemelha-se muito a uma evasão: os geógrafos parecem indiferentes aos tormentos da sua época. A distância entre países desenvolvidos e Terceiro mundo aprofunda-se sempre. E em vez de se empenhar em condições de crescimento e em troca desigual, os geógrafos se questionam sobre as identidades coletivas e sobre a maneira como se enraízam no território; voltam-se para os mitos e para o sentido que dão à vida dos homens. (CLAVAL, 2014, p. 222-223).

O autor menciona a insatisfação de muitos geógrafos da época, entre eles alemães e franceses sobre o seu papel frente a história vivida pela humanidade, ao mesmo tempo em que buscavam enxergar a grande importância de se levar em consideração as experiências das populações com os lugares, fazendo assim, referência a importância das artes na vida das pessoas.

Bem antes dessa reviravolta no mundo científico, o geógrafo francês Eric Dardel, através da apreciação dos trabalhos realizados pelo filósofo Martin Heidegger, havia proposto uma aplicação referente a um novo método denominado de fenomenológico, que tinha como foco principal de análise, o estudo da relação do homem com a Terra. A partir da sua obra intitulada “O Homem e a Terra”⁷, publicado em 1952, Dardel apresentou a Fenomenologia como método de abordagem para a Geografia, numa perspectiva de valorizar o “lugar” enquanto mundo vivido.

A Geografia não é de início, um conhecimento, a realidade geográfica não é, então, um “objeto” o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com o colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado a Terra como ser chamado a se realizar na sua condição terrestre. (DARDEL, 2011, p. 33).

O argumento de Dardel mostrou que a Geografia deve voltar-se para o estudo da Terra

⁷ DARDEL, Eric. L’Homme et la terre: nature de la réalité géographique. Paris: Editions du CTHS, 1990.

a partir das experiências vividas pelos homens, levando em consideração os conhecimentos tradicionais e a sistematização das descrições feitas pelos sujeitos, uma vez que são eles quem vivem os fenômenos e através deles, expressam seus sentimentos e as suas emoções, fatores estes que foram outrora esquecidas pelas análises racionalistas. Neste âmbito, a Fenomenologia, enquanto método de interpretação apresenta-se com o objetivo de compreender o lugar, não apenas como uma referência à localização, mas como “espaço vivido” dos indivíduo ou grupo.

Para Dardel (2011) [...] “a realidade geográfica é primeiramente aquela onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama a sua presença”. Esta compreensão não pode ser estabelecida apenas pelos métodos descritivos das paisagens e dos lugares, mas sim através da observação dos fenômenos. De acordo com Relph (1978), um dos principais reconhecedores das bases fenomenológicas escritas por Dardel, esse método leva em consideração tudo o que se refere a ansiedade, ao comportamento, ao lugar, à religião, entre outros e que são construídos ao longo da existência humana.

Com relação a importância desse método, Dardel também destacou ainda mais o papel da Geografia frente a estas abordagens.

[...] explanatória ou descritiva, a geografia permanece profundamente ligada ao real [...] e em geografia enfatiza: ‘é impossível’ eliminar todo valor moral e estético, ou suprimir inteiramente o ‘ponto de vista’ do qual a realidade geográfica é envolvida, ou apagar a subjetividade do sujeito para quem a realidade se torna realidade. (DARDEL, 1990. p. 123 apud NOGUEIRA, 2014, p. 36).

Dardel também observou a necessidade da emergência de se pensar num método fenomenológico que fosse capaz de conduzir ao entendimento de como a Geografia deve levar em consideração a subjetividade humana, entendendo que tudo que o envolve, também uma realidade concreta que só poderá ser compreendida através da percepção de quem vive o fenômeno. Para que isso aconteça, é necessário levar em consideração a experiência dos indivíduos com o lugar, que nesta abordagem, volto a frisar, não está relacionado com o “locacional”, mas com o espaço pelo qual o sujeito obteve algum tipo de experiência de vida. O pensamento filosófico apresentou proposta que visava compreender o homem para além de uma visão racionalista. Husserl, um dos precursores desse método, escreveu sobre a crise das práticas científicas e evidenciou o seu ponto de vista quanto a falha do racionalismo enquanto método científico, por negligenciar o sujeito e sua condição de existência.

Essa mudança de apreciação não concerne ao caráter científico das ciências, mas ao que as ciências, ao que a ciência tomada absolutamente significou e pode significar para a existência humana. A maneira exclusiva pela qual a concepção do mundo do homem moderno na segunda metade do século XIX foi determinada pelas ciências positivistas e falseada pela ‘prosperity’ que a elas se devia significava o abandono

cheio de indiferença dos problemas que são decisivos para um humanismo autêntico. As ciências dos fatos puros e simples produzem homens que só veem puros e simples fatos. (HUSSERL, 1948, p. 129 apud DARTIGUES, 2005, p. 66)

O filósofo Husserl expôs que a ciência precisaria entender que o mundo é composto por homens e que por esse motivo, era de fundamental importância buscar compreendê-lo enquanto agente principal na constituição desse cenário chamado mundo. De maneira contrária a esta concepção de Husserl, o método racionalista, trabalhava apenas com dados quantitativos que visava principalmente o objetivismo em suas análises, fato este que deixou muito a desejar, surgindo assim, críticas a este método. Foi mediante este impasse científico, que Husserl apostou na Fenomenologia enquanto método que levaria em consideração o ser humano e o mundo a sua volta, não apenas como um simples elemento da natureza, mas como parte integrante de uma realidade social que está conectada com o seu meio.

Em concordância com os filósofos que idealizaram o método fenomenológico, Nogueira, (2014) também expôs sua apreciação ao argumentar que [...] os geógrafos precisavam dar respostas aos problemas sociais mais amplos e gritantes causados pelo capitalismo e encaminhar a sociedade para um movimento revolucionário de mudança social.

Em outras palavras, Nogueira quis argumentar o porquê dos geógrafos insistiam em fugir das análises dos significados, por isso, apontou que a Geografia deveria se importar com a relação dos indivíduos com o seu meio, entendendo que o homem constrói o seu lugar e nele tem experiências cumulativas ao longo da sua própria história de vida enquanto ser no mundo. Neste sentido, Nogueira acredita na possibilidade da Geografia procurar descrever o mundo vivido, através do método fenomenológico.

Paul Claval em seus estudos epistemológicos esclarece que o principal objetivo da Geografia Cultural e da Fenomenologia é colocar o homem como foco central em suas análises.

A geografia cultural está associada à experiência que os homens tem da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder as suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar. (CLAVAL,1997, p. 89).

Há uma expressão nítida de que a Geografia Cultural valoriza e considera as experiências dos indivíduos no contexto social e dos grupos pelos quais estão inseridos, pois acredita-se que os discentes, a partir da observação do seu lugar de vivência, carregam consigo uma carga de sentimentalismo em função das suas experiências com o mundo a sua volta. De acordo com Nogueira (2014), ainda na década de 70, alguns geógrafos franceses, que tem

Armand Fremont à frente passaram a pensar o espaço enquanto mundo vivido.

Em meados do século XX, surgiram novos estudos sobre a Fenomenologia, onde se destacam autores contemporâneos como: Eric Dardel, Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Maurice Merleau-Ponty, Anne Buttmer.

Como bem refletiu o filósofo Merleau-Ponty⁸ (1994) ao descrever que [...] “o mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo”⁹, ou seja, o lugar aqui está relacionado a experiência intersubjetiva do indivíduo com o meio. Buttmer (1976, p. 168 apud Nogueira, 2014, p. 39), expressa que a ideia de intersubjetividade é um dos princípios da Fenomenologia que pode ajudar o geógrafo num diálogo entre a pessoa e o meio, ou seja, é uma maneira de compreender como os alunos, por exemplo, se expressam no seu espaço-vivência e quais seriam a sua forma de perceber o mundo.

Para Merleau-Ponty (1994), o mundo é entendido enquanto lugar de vida, onde a posição das coisas tornam-se possíveis, ou seja, a visão de mundo vai se desenvolvendo na vida dos discentes através das experiências que estes têm com o lugar e as paisagens de seu espaço vivência.

A partir do momento e que a experiência é reconhecida como o começo do conhecimento, não há mais nenhum meio de distinguir um plano de verdades a priori e um plano das verdades de fato, aquilo que o mundo deve ser é aquilo que o mundo efetivamente é. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 182 apud NOGUEIRA, 2014, p. 52).

Na visão de Merleau-Ponty, compreender a maneira como o indivíduo percebe o seu mundo vivido é uma prática que precisa ser levada em consideração pela ciência, pois para ele, esse conhecimento também constitui uma verdade, bem mais expressiva do que outras imaginadas e descritas por quem não tem nenhum vínculo com os lugares. Acredita-se que Dardel em sua obra *O Homem e a Terra*, já havia dado sinal sobre a importância do relacionamento dos indivíduos com os lugares, por meio de suas experiências e pela forma de como estes percebiam o espaço de sua geograficidade.

Dardel (1990 apud NOGUEIRA, 2014) explica que:

Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma função existencial. (DARDEL, 1990, p. 42 apud NOGUEIRA, 2014, p. 38).

⁸ Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo fenomenólogo francês. Tomando como ponto de partida o estudo da percepção, Merleau-Ponty é levado a reconhecer que o "corpo próprio" não é apenas uma coisa, um objeto potencial de estudo para a ciência, mas também é uma condição permanente da experiência.

⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.22

A relação das pessoas com os lugares de sua existência, possuem valores que são subjetivos a cada indivíduo por meio de suas experiências individuais e coletivas, levando em consideração a percepção destes frente aos ambientes. Não foi por acaso que o geógrafo canadense Edward Relph retoma a obra do francês Dardel publicada na França em 1952. Acredita-se que esta retomada visava resgatar a maneira de como ele entendia a relação do homem com a Terra.

Nogueira (2014), ao realizar estudos referentes a Fenomenologia concebida por Relph, percebeu que tanto as paisagens quanto os lugares são pilares geográficos desse método.

Em 1973, Relph defende tese intitulada “The Phenomenon of place”, em que aplicou conceitos fenomenológicos no estudo do lugar. Indicou que as bases fenomenológicas da realidade geográfica consistem de três pilares: espaço, paisagem e lugares, na medida em que são diretamente experienciados como atributo do mundo vivido. (NOGUEIRA, 2014, p. 48,49)

É de grande relevância e faz-se necessário recapitular que a tese defendida por Relph, se deu no contexto da virada cultural, quando a Fenomenologia estava sendo bastante discutida enquanto novo método de análise geográfica, tendo como base estudos referentes ao mundo vivido, ou seja, no mundo das experiências humanas. Esse fato mostra uma nítida preocupação dos novos teóricos, uma vez que os mesmos resolveram buscar métodos e obras de autores, que outrora realizaram estudos para analisar a relação do homem com lugar de sua existência no espaço geográfico.

Num período mais recente, o geógrafo Werther Holzer (2010), enfocou que foram os franceses que perceberam o quanto Dardel dava importância para as experiências que homens tinham com os lugares e chegou a cogitar que a obra de Dardel, retomada por Relph, foi o embrião para todo o movimento humanista.

Dessa forma, se fortalece uma renovação que se tornou evidente graças à aproximação entre a Geografia humanista e a Geografia cultural, numa busca pela junção de ambas em uma única abordagem, o da Geografia Cultural sob a influência da Fenomenologia como método, esta que leva em consideração os princípios e origens do significado e da experiência que os homens desenvolvem com os lugares e as paisagens.

Quanto ao método fenomenológico, o geógrafo Holzer enfatiza que:

A Fenomenologia vem sendo utilizada como aporte teórico-conceitual da geografia desde, pelo menos, a década de 1920. Segundo diversos autores (Relph,1970 e 1981; Pickles,1985), ela se constitui como base teórica e metodológica para alguns

geógrafos importantes de diversas gerações, entre eles, Sauer, Dardel, Lowenthal e Kirk. (HOLZER, 2010, p. 37).

Para Holzer, a Fenomenologia se caracteriza como um procedimento útil na descrição do mundo cotidiano, da experiência humana. É nesta perspectiva de abordagem que a pesquisa mostra a importante contribuição que a Literatura pode fornecer para a compreensão dos lugares e das paisagens a partir da abordagem fenomenológica, em que se discute o espaço urbano da cidade de Manaus, sob a ótica da Geografia Humanística Cultural, enfatizando o conceito de lugar e de paisagem, analisando-as através de textos literários, principalmente porque na maioria das vezes, os escritores relatam sobre os lugares e as paisagens presentes no seu espaço vivência.

Nesta perspectiva, faremos menção de alguns teóricos dessa corrente que também realizaram estudos sobre o lugar enquanto mundo vivido. Nesta análise, é necessário ponderar a percepção que o homem tem do seu lugar de existência. Yi-Fu Tuan, um dos maiores teóricos sobre percepção, em sua obra *Topofilia*, desenvolveu estudos referentes a esta abordagem, como pode-se constatar abaixo:

[...] percepção é tanto uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980, p. 4).

Para Tuan, percepção vem a ser a maneira de como os indivíduos percebem o ambiente e atribuem valores para eles, desta forma, “o lugar” é todo e qualquer espaço que possui valor simbólico para o indivíduo ou grupo. É a partir desses valores ligados ao relacionamento do homem com os espaços de sua vivência, que as experiências vão gerando um sentimento de pertencimento ao “lugar” de sua existência, o que denominamos de geograficidade, que é a valorização do seu mundo vivido.

Nogueira torna evidente a sua concordância com Tuan, quando este leva em consideração as experiências dos indivíduos e a maneira de como eles percebem o mundo a sua volta.

Logo, todo ambiente é único para cada indivíduo, pois cada um, além do interesse coletivo adquirido socialmente, traz muito presente seu ponto de vista pessoal, suas próprias percepções, que são construídas a partir de sua relação com aquele lugar, relação esta que é resultado de sua história e experiência individual. Desse modo, a intersubjetividade é o foco de estudo onde se leva em conta não a subjetividade do pesquisador, mas dos homens que vivem e experienciam o mundo do qual o pesquisador também faz parte. (NOGUEIRA, 2014, p. 94-95).

Conforme Nogueira, levar em consideração a intersubjetividade dos indivíduos numa pesquisa, é de fundamental importância para se conhecer melhor sobre a maneira de como estes percebem e se sentem em seus ambientes. Dessa forma, a Fenomenologia busca estudar e compreender o mundo vivido, a partir da valorização de todas as experiências dos homens com o mundo concreto. Neste âmbito, é cabível frisar que a categoria “lugar” para a Geografia Humanista, apenas ganha um sinônimo na interpretação fenomenológica, passando a denominar-se de “mundo vivido” da percepção filosófica de Dardel, Merleau-Ponty, Buttner, Relp, Yi-Fu Tuan e outros adeptos desse método, cujo objetivo é interpretar as experiências humanas. Foi a partir desses pressupostos que houve por parte dos geógrafos um certo interesse em analisar os valores culturais através do estudo da relação dos homens com os lugares, para poder explicar o real significado das representações destes com o seu lugar de vivência e com as paisagens a sua volta.

Além do lugar, trabalhar-se-á também com a categoria **paisagem**, que nesta pesquisa, será analisada também sob a ótica da Geografia Cultura, sendo portanto entendida como um elemento que está para além do visível e de um parecer descritivo, mas como uma representação simbólica que está presente nas experiências de vida dos discentes e na percepção das paisagens presentes nos ambientes de sua geograficidade.

1. 5 A PAISAGEM NA GEOGRAFIA: UM CONCEITO QUE ESTÁ PARA ALÉM DO VISÍVEL

Dependendo do ponto de vista de quem a observa, a palavra paisagem pode obter vários significados. Neste sentido, algumas ciências tem se apropriado desse termo para de acordo com os seus interesses, expressarem o que elas representam, podendo ser definido como uma palavra interdisciplinar usada não apenas pela ciência geográfica, mas também pela Botânica, Arquitetura Paisagística, Artes, entre outras.

Na Geografia, a paisagem é uma das pioneiras entre as categoria de análise. A princípio estava relacionada a tudo quanto poderia ser observado na terra, principalmente nos seus aspectos físicos, ou seja, voltada principalmente para a descrição dos fenômenos naturais até se chegar a uma abordagem mais científica. Para Santos (1988) “paisagem é tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança, além de tudo que sentimos, ouvimos, em suma, tudo o que percebemos”. No entanto, foi ao longo do século XIX que o estudo da paisagem desenvolveu em suas abordagens um caráter descritivo e morfológico, onde a descrição da natureza se dava

a partir da análise de sua fisionomia e funcionalidade.

Destaca-se neste período os inscritos de Humboldt, quando este observava as paisagens naturais e focava para o que ao seu ver era interessante, como também apresentava e comparava as diferentes formas encontradas nos diversos lugares por ele percorrido. Foi uma análise da paisagem focada na compreensão da natureza. Partiu-se dos primeiros estudos da paisagem realizadas por Humboldt que posteriormente evoluiu o conhecimento dessa categoria, até chegar a uma abordagem mais científica, principalmente as realizadas pela geografia alemã.

De acordo com Christofletti (1999) esta abordagem atribuía a paisagem um caráter paisagista ligada às artes dos jardins. Este mesmo autor enfatiza que na escola francesa destaca-se Vidal de La Blache que considerou a paisagem como um elemento importante na organização e desenvolvimento dos estudos geográficos que estavam presentes na região, ou seja, a paisagem estava associada a todos os elementos da natureza e os originados a partir das atividades humanas.

Essa nova maneira de conceber a paisagem, também foi uma herança deixada pela Geografia Cultural, principalmente com a obra de Carl Sauer “A morfologia da paisagem”, de 1925, conforme citado anteriormente. A obra priorizava tanto os fatores naturais como os sociais partindo do princípio que, para que houvesse a compreensão dessa categoria seria necessário proporcionar a integração entre estes aspectos, o que considerou como sendo uma Fenomenologia das paisagens. Carl Sauer demonstra-se não convencido da divisão entre a natureza e a sociedade e vai em busca de observar que estes fenômenos se entrelaçam por meio de sua cultura que é construída socialmente. Na visão dele, as paisagens denunciavam culturas e expressavam a marca do homem sobre os lugares, por isso, as analisavam não apenas na sua forma física, mas a partir dos elementos enquanto paisagem, principalmente quando afirma que o relevo pode ser compreendido a partir da apropriação humana.

Nesta perspectiva, Sauer enfatiza que:

A paisagem natural está sendo submetida a uma transformação nas mãos dos homens, o último e para nós o fator morfológico mais importante. Por meio de suas culturas faz uso das formas naturais, em que muitos casos alterando-as, em alguns destruindo-as. (SAUER, 1925, p. 56).

Sauer expõe que o homem modifica as paisagens naturais e procura através dela refletir a sua cultura por meio de suas criações reveladas através das formas e funções que estas paisagens exercem no espaço. Esta abordagem fortaleceu ainda mais a Geografia Cultural, ou seja, foi a partir de suas observações sobre as paisagens e a grande relevância de se entender como os homens estabelecem as suas relações com o meio que Sauer descobriu uma nova forma

de fazer Geografia a partir da análise das paisagens. Com o passar do tempo, outros estudiosos continuaram a dar novas interpretações ao conceito de paisagem e foram muito mais além em suas análises, no entanto, é necessário, ao meu ver que não se deve perder o entendimento de que foi Carl Sauer quem deu os primeiros passos para uma análise das paisagens para além daquilo que os olhos conseguem ver e descrever.

A partir dos avanços nas análises sobre a inter-relação dos homens com os lugares, tal como fez Dardel e pela continuidade de seus conhecimentos com Relph, Buttner, Merleau-Ponty; Tuan, Holzer, entre outros, que a categoria paisagem, na Geografia, também começou a ser analisadas enquanto símbolo e significados para os homens mediante as suas experiências com os lugares.

O geógrafo Augustin Berque, compartilha em partes com as ideias de Sauer quando este relata que a paisagem também expressa a cultura de um povo, no entanto vai mais além, pois para ele, a paisagem é considerada a partir da relação que o indivíduo estabelece com o seu entorno, não apenas no campo da visão, mas de mediação objetiva e subjetiva. Berque (1984), define e pondera conceitos sobre a paisagem atrelada ao costume de como os indivíduos vivem no espaço geográfico, bem como a caracterização da forma, função e processo.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura que canalizam, com o espaço e com a natureza que canalizam, com o espaço e com a natureza e portanto, a mente, por infinitos laços de co-determinação. (BERQUE, 1984, p. 84-85).

O método de pesquisa seguido por Berque, também está embasada na filosofia da Geografia Cultural, pois para ele, é possível, através da paisagem, entender sobre um povo e sua cultura, por meio das marcas deixadas nos elementos por eles construídos e que lhes são própria. Para ele, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza é que geram as paisagens que por sua vez é vista como o resultado dessas interação com o meio. Surge então a compreensão de que as paisagens não são dotadas apenas de forma e função, mas também de significados que podem variar de acordo com o papel que os objetos exercem na vida das pessoas por intermédio de suas experiências.

A forma presente na paisagem pode também ter valores e significados diferentes para determinadas pessoas e pode variar de acordo com a maneira pela qual elas se relacionam com os lugares e com as formas ali presentes. Uma igreja, por exemplo, pode representar uma paisagem de afeto e fortalecimento espiritual para um determinado grupo de pessoas pelo fato da mesma expressar a religiosidade de forma concreta no espaço, no entanto, para outro grupo,

a mesma igreja poderá não exercer uma simbologia significativa, pelo fato da religiosidade não ser algo que desperte, neste outro grupo, o interesse, para com a representação da igreja, sendo esta portanto, uma simples marca na paisagem.

Para o geógrafo Denis Cosgrove, a paisagem humana é dotada de simbolismo e memória que são refletidas através das imagens que representam a sua cultura, por isso, também é adepto da Geografia Cultural. Cosgrove (1998) afirmou que local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflitos. “Mesmo na manhã de sábado ainda sou um geógrafo. A Geografia está em toda parte.” Nesta frase que o tornou ainda mais conhecido, fez minar uma grande atenção para as paisagens e a grande

importância que esta categoria desempenha no estudo dos lugares e das paisagens. “A Geografia está em toda parte” é o mesmo que afirmar que as paisagens também estão presentes em toda parte e que estas aguçam a percepção de alguns indivíduos para determinado fato, objeto, entre outros elementos que a compõe. Enfim, o autor enfatiza que os geógrafos não conseguem fugir de seu ofício, nem mesmo quando não está no pleno exercício de sua função, pois é quase impossível não perceber o que está a sua volta e que de certa forma, constituem o lugar de sua existência, compreendendo-os a partir de suas relações com os espaços e com as populações que também atribuem significados à elas.

Por isso, é que a Geografia está em toda parte.

Assim, a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guia para os seres humanos em suas ações de alternar e aperfeiçoar o meio ambiente. (COSGROVE, 1989, p. 99).

Ao afirmar que a paisagem está ligada à maneira de ver o mundo, Cosgrove quis relatar que pra onde formos a paisagem mostrará a face da sociedade por meio do que elas simboliza. Para o autor, cabe ao geógrafo contribuir na explicação dessas paisagem para além daquilo que se observa. Neste aspecto, há uma cobrança significativa por parte da Geografia humana no que se refere a compreensão dos lugares através da análise das paisagens, uma vez que a cultura e o simbolismo estão nelas presentes e através delas é possível se conhecer sobre a relação do homem com o meio natural ou cultural que pode ser interpretada pelos mais diversos ângulos.

A paisagem, no entanto, não deve ser interpretada apenas enquanto forma material resultante da ação humana transformando a natureza, como fez Sauer na década de vinte, mas precisa ser compreendida enquanto símbolo impregnado de valores para os indivíduos que possuem uma relação de existência com essas paisagens. Além de sua gênese, estrutura e

organização, é necessário para a sua compreensão, que se aprenda o seu real significado, pois são estes que lhes dão sentido.

Observa-se que Cosgrove rompe com uma visão única de paisagem ao mostrar que esta pode ser analisada como forma simbólica. O resgate do tema paisagem, a partir dos anos 70 contribuiu para que Denis Cosgrove desempenhasse um importante papel nesta análise, graças à qualidade de suas reflexões teóricas e estudos empíricos realizados, sobretudo no momento oportuno. Assim como cada lugar tem o seu nível de relação com os indivíduos ou vice-versa, assim também as paisagens tem significados diferenciados para aqueles que as percebem e as vivenciam.

Uma outra análise relevante sobre as paisagens, foi realizada por Matthew Gandy, quando este publicou um artigo intitulado “Paisagem, estética e ideologia”. Gandy (2001) relatou em um breve histórico sobre o estudo das paisagens que as primeiras análises surgiram a partir de um debate determinista no século XVIII quando Humboldt e Carl Ritter concebiam esta categoria geográfica como a integração da natureza física e da cultura. Relatou também que o estudo das paisagens pela geografia, deveu-se a sua aproximação com a Arte e com a Literatura e que foi a partir dessa interdisciplinaridade que se abriu um leque de discussão sobre esta categoria.

O geógrafo brasileiro Antônio C. Feitosa ao relatar sobre o conhecimento e a experiência do homem, como condição fundamental para a percepção da paisagem, argumentou sobre o novo direcionamento que os geógrafos tem dado à análise desta categoria.

No seio da comunidade geográfica, o conceito de paisagem evoluiu de um panorama visto de um determinado ponto de observação, representando a expressão genérica de um lugar, para a consideração de um sistema mais complexo no qual se procura estabelecer os elementos e fluxos da visão sistêmica, inclusive com as influências psicológicas. (FEITOSA, 2013, p. 35).

As paisagens, segundo Feitosa, são entendidas e sentidas pelos indivíduos de acordo com as suas experiências vividas, assim sendo, elas podem apresentar significados diferentes, pois vai depender das influências que este indivíduo recebe através dos fatores que circundam a sua vida. Observa-se que a categoria paisagem, ultrapassou o conceito para além do visível até mesmo na concepção dos geógrafos brasileiros.

Muitas foram as contribuições vindas de outras ciências, tais como a ecologia, a antropologia, entre outras, que também ajudaram a estruturar a história da paisagem. A Geografia passou a crescer muito nesta discussão e voltou a debater novamente as relações das paisagens com a sociedade e com a natureza. Dessa vez, lançando um novo olhar sobre elas,

na perspectiva da interdisciplinaridade, travando assim, um diálogo com outras ciências. Ao se aproximar de uma paisagem artística, por exemplo, o geógrafo poderia realizar uma análise crítica da pintura, procurando interpretá-la, levando em consideração o vivido, o percebido, extraíndo o que mais lhe representa, encontrando na obra, a representação ou não, da sua cultura.

Neste aspecto, abordar-se-á no próximo tópico, a importância da existência de um diálogo entre Geografia e Literatura, na busca por compreender como a arte da palavra também conduz a conhecer e a imaginar tanto sobre os homens, quanto sobre os lugares e as paisagens de sua geograficidade.

1. 6 A HISTÓRIA DA LITERATURA NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS COMO FERRAMENTA PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO VIVIDO

As transformações da Geografia Cultural na década de 1970, resultou na assimilação de novos aportes epistemológicos para esta ciência, o que culminou no surgimento de uma Nova Geografia Cultural, como já fora relatado. Essa renovação na Geografia abriu possibilidades para a discussão de novas abordagens, novos métodos de análises e novos objetos de estudo, sendo a 'Literatura' uma delas. É notório que muitas obras literárias dispõem de informações sociais, culturais, políticas, ambientais, entre outros elementos importante para o estudo do lugar e das paisagens.

O geógrafo brasileiro Carlos Vitte ao escrever sobre esse diálogo, argumenta que vê a Literatura como um grande veículo para os estudos de cunho geográfico, pois através de suas análises com obras literárias, constatou que:

Várias manifestações de um tempo são transmitidas pelos textos literários, de maneira extremamente particular- uma vez que este está ligado a arte. Desta forma, o escritor é visto como um intelectual de seu tempo. Escrevendo sobre o cotidiano ou não, sua produção é carregada das necessidades, preocupações e possibilidades dos homens com os quais convive. (VITTE; COUTINHO, 2010, p. 229).

Como bem escreveu Vitte, a literatura torna-se um instrumento de conhecimento sobre a realidade de um povo num dado tempo e espaço, pois apesar dos escritores mergulharem no mundo da ficção, há sempre em algum momento a expressão de fatos da realidade que nos levam a refletir sobre os fenômenos presentes em nosso cotidiano, além do mais, acredita-se que muitos desses escritores literários, relatam sobre fatos que lhes despertaram a atenção e que muita das vezes trazem discussões importantes para o nosso conhecimento sobre os lugares e

suas paisagens.

O interesse em trabalhar as obras literárias nos estudos geográficos também foram retomados, principalmente na década de 70, quando se buscou renovar o interesse por esta discussão, afim de se dar mais valor às questões culturais presentes na sociedade. O diálogo entre Geografia e Literatura se deu primeiramente no âmbito internacional, principalmente

quando o geógrafo canadense Marc Brosseau¹⁰, geógrafo canadense (1996 apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2007), escreveu os dois primeiros capítulos do livro “Des romans-geographes”, publicado em 1996, onde procurou encaminhar os geógrafos a uma fértil via de interpretação de romances, poemas e crônicas. Ele aponta que as vias que levaram os geógrafos anglo-saxões e franceses a lerem os textos literários foi em complemento à Geografia regional; a transcrição de experiências dos lugares; as críticas da realidade ou da ideologia dominante e o modo de como o romancista captavam a paisagem, o lugar e os espaços. Neste sentido, entende-se que Brosseau, quis chamar a atenção para a necessidade de se pensar numa Geografia mais humanista, que privilegiasse em suas análises o homem e sua condição de existência, reconhecendo na literatura, um campo fértil de investigação geográfica.

Brosseau, (1996, p.17), no primeiro capítulo desse livro cujo título é “Géographie et littérature” relata que “o interesse dos geógrafos pela literatura não é novo”. O autor quis deixar evidente que a transcrição de experiência dos lugares e o modo como o romancista capta a paisagem, mostra que a literatura seria uma fonte capaz de avaliar os lugares e seus personagens. Também aponta que desde 1920, importantes geógrafos, viram as obras literárias como uma forte testemunha sobre os lugares e as paisagens, ao evidenciar que grandes nomes como, Vidal de La Blache se interessou por esta interdisciplinaridade quando escreveu um artigo sobre a geografia de **A odisseia** e também Humboldt, outro precursor da ciência geográfica, em 1904 dedicou dois capítulos da sua obra **Cosmos**, à literatura e à pintura.

Apesar da ponte deixada por Vidal De La Blache¹¹ e Humboldt¹², quanto à literatura, Marc Brosseau (1996) aponta que os trabalhos na geografia voltados para as obras literárias se manteve muito marginal e escasso até o início dos anos de 1970 e passaram a ressurgir quando a geografia humanista anglo-saxã multiplicou o apelo em favor da utilização dessas fontes.

¹⁰ BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. 1996. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p.18.

¹¹ Vidal de la Blache foi o fundador da "Escola Francesa de Geografia" e promoveu o conceito de geografia humana como o estudo do homem e sua relação com o meio ambiente.

¹² Alexander von Humboldt foi um geógrafo naturalista, nascido na Prússia, atual Alemanha. Sua viagem exploratória pela América Central e América do Sul (1799-1804) e pela Ásia Central (1829) tornaram-no mundialmente conhecido. Além das ciências naturais, foi também um influente mecenas da Literatura, pois ele apoiou os poetas e escritores Heinrich Heine, Ludwig Tieck.

Esse apelo deveu-se, principalmente à necessidade dos geógrafos humanistas demonstrarem-se insatisfeitos com as análises geográficas realizadas pela geografia quantitativa dominante na época, por esta priorizar dados, sem dar maior importância para o homem, enquanto ser atuantes no espaço geográfico. Foi em meio a este contexto que a Fenomenologia, enquanto método de análise geográfica, junto à consolidação dos ideais traçados pela Nova Geografia Cultural, que a partir de 1990, passou a se pensar mais a literatura como linguagem de aproximação com a linguagem geográfica.

Brousseau, ressalta a importante colaboração de Pocock (1988 apud BRUSSEAU, 1996, p. 20) ao destacar que o Instituto dos Geógrafos Britânicos dedicou um dos seus encontros anuais para discutir as relações gerais entre a Geografia e a Literatura. Brusseau (1996), menciona que em 1974 no Encontro Anual da Associação dos Geógrafos Americanos, vários estudiosos se reuniram para discutir sobre as paisagens na literatura.

notório que muitas obras literárias dispõem de informações sociais, culturais, políticas, ambientais, entre outros elementos importante para o estudo do lugar e das paisagens.

Atualmente, aproximar a Geografia da Literatura é um desafio para quem pretende consolidar a ideia de que é possível fomentar novos conhecimentos através da interdisciplinaridade entre os saberes.

No Brasil, foi no final da década de 1980 que surgiram as primeiras contribuições quanto ao intercâmbio entre Literatura e Geografia através do professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Natural de Teresina- Piauí, Monteiro, nome que mais o identifica, é um geógrafo, especialista no estudo do clima urbano, porém, ao se aposentar em 1987 aproveitou o momento para fazer uma geografia diferente. Ele se dispôs a analisar não somente os conteúdos geográficos em criações romanescas, mas também procurou entender a relação do homem sertanejo com o lugar. Essa experiência se deu através da leitura da obra *Corpo de Baile* do escritor Guimarães Rosa e também *Grande Sertão: Veredas*, cuja literatura retrata sobre o Sertão de Minas Gerais e da Bahia no Nordeste.

A partir da análise dos conteúdos dessas obras, Monteiro ficou convencido do grande potencial que a literatura desempenha para o estudo geográficos, uma vez que a sua leitura proporcionou não apenas a compreensão do romance, mas também o levou a compreender melhor sobre o modo de vida de um povo.

Na análise das obras de Guimarães Rosas, Monteiro expressa sobre a sua relevância para os estudos geográficos ao destacar que a leitura dessas obras abre um leque de entendimento que está acima do que apenas a observação dos fenômenos poderia nos fornecer.

Quanto a isto, Monteiro destaca o valor da obra literária ao descrever que:

A valorização de apenas um ponto para o cenário e realidade sertaneja, poderia ajustar-se à simples consideração territorial da “paisagem” (cenário). Contudo, se associarmos o conteúdo geográfico (realidade) do sertão, somos levados a admitir que o **conteúdo geográfico** vai muito além desses estreitos limites. Isso porque, a realidade do conteúdo geográfico transcende a simples visualização do concreto da paisagem. Isso porque, na real concepção atual de Geografia: a) o espaço é indissociável da noção de **tempo**; b) a visão antropocêntrica da geografia considera o homem ser social, o que nos obriga a consideração de todo o conjunto complexo que é a realidade humana, em suas diferentes dimensões: social, econômica, política, **cultural**, enfim. (MONTEIRO, 2010, p. 126).

Monteiro destacou nesta abordagem que o texto literário não se limita apenas em descrever a paisagem, mas se importa em relatar sobre o modo de vida das pessoas e a sua relação com o lugar e foca sobre a expressiva importância da cultura para a compreensão do lugar e das paisagens, pois é nesta instância que o homem constrói sua identidade cultural e através dos seus conhecimentos geográficos referenciam os lugares. Acredita-se que Monteiro quis mostrar que a literatura é uma fonte de informação completa, pelo fato da mesma levar em consideração, vários fenômenos presentes na vida do homem, não importa que seja ele físico ou humano.

Acredito que o contato com a Literatura fomentou em Monteiro a ideia de que entender a Climatologia, enquanto disciplina atrelada à Geografia, considera a influência que o clima exerce na condição e no modo de vida das pessoas.

Monteiro se interessou tanto pelo diálogo entre Geografia e Literatura que em 2002 lançou o livro “O mapa e a trama” que se resume em ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. O geógrafo analisou as obras da literatura nacional que trazem matéria de interesse geográfico através dos grandes escritores tais como: Guimarães Rosa; Aluísio de Azevedo; Lima Barreto; Machado de Assis; Graciliano Ramos, entre outros.

No Brasil, autores geógrafos, como Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão, também continuaram dando importância à essa aproximação. Em 2010, estes geógrafos lançaram um livro intitulado: “Geografia e Literatura: ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação”, onde estes autores revelam uma vasta possibilidades sobre o diálogo entre Geografia e Literatura. A obra está organizada em quatro partes: I – Viagens telúricas e geográficas; II - Repisando o Sertão; III – Territorialidades e espacialidades; e IV – As tramas da Cidade. Este livro nos abre o entendimento sobre o vasto campo de estudo e análises que as obras literárias podem apresentar para à compreensão da relação dos homens com os lugares e com as paisagens de sua geograficidade.

Fiquei ainda mais convencida do título da pesquisa, a partir da leitura desses autores, pois pude constatar que a literatura, realmente é um grande veículo para os estudos de cunho geográfico.

Ao analisar as reformulações que houveram na ciência geográfica desde 1970, chega-se à conclusão de que foi justamente neste período que estudos voltados para o discurso de uma Geografia Humanista e Cultural começou a ver o homem como um dos elementos indispensáveis para a compreensão dos lugares e das paisagens. Começou-se então uma aproximação com o mundo das artes e uma possível valorização da percepção que as pessoas desenvolviam com os seus lugares.

nesta perspectiva de abordagem que será desenvolvida a pesquisa sobre a importante contribuição que a Literatura pode fornecer para a compreensão dos lugares e das paisagens a partir da abordagem fenomenológica, onde abordar-se-á o espaço urbano da cidade de Manaus, sob o enfoque da Geografia Humanística Cultural, enfatizando o conceito de lugar e de paisagem, analisando-as através de textos literários. Destaca-se também que nesta pesquisa levar-se-á em consideração tanto as abordagens sustentadas pela Escola de Berkeley, ou geografia saueriana, já comentada anteriormente, e também sob a ótica da Nova Geografia Cultural.

Para Corrêa (2010), a cultura precisa ser entendida pelos geógrafos não apenas sob o foco de Sauer ou apenas na perspectiva da Nova Geografia Cultural, mas a partir da complementaridade entre as duas correntes, pois tudo depende da maneira de como visualizamos e entendemos o mundo.

Neste sentido, Corrêa pondera que:

[...] Ambas abordam a ação humana produzindo paisagens, lugares, regiões e territórios, considerando-os como respostas às condições de existência e reprodução social, os quais estão impregnados de valores, crenças, mitos e utopias socialmente criados e recriados. A morfologia da paisagem, cara aos geógrafos sauerianos, não pode ser estranha e ignorada por aqueles que consideram a paisagem como texto, simulação ou como residual ou emergente. (CORRÊA, 2010, p. 15-16).

Para Corrêa, é indispensável a presença das abordagens pelas duas correntes, principalmente, quanto o tema refere-se aos lugares e às paisagens, pois na verdade, os indivíduos os percebem tanto quanto a sua estrutura morfológica e simbólica, podendo estes também obter significado positivo, negativo ou até mesmo neutro, no campo das experiências dos indivíduos com os espaços. Para Augustin Berque¹³ (1998 apud CORRÊA 2010) materialidade e imaterialidade, estão inseridas na ação humana, sendo simultaneamente marca e matriz. Observa-se dessa forma que há uma concordância entre as ideias de Berque e Corrêa,

¹³ BERQUE, A "Paisagem marca, paisagem-matriz". Elementos da problemática para uma geografia cultural" In CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (org). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ,1998.

quanto a visão de complementaridade entre as duas correntes no que se refere as análises das paisagens.

Geralmente as obras literárias discorrem sobre o lugar e as paisagens ligados à vida e às experiências de seus escritores, por isso, as narrativas passam informações muito próximas com os da realidade de seus leitores. Este é um dos motivos que levou alguns geógrafos a se interessarem em atrelar a literatura aos estudos de cunho geográfico e assim dar sequência as mesmas interpretações dessas categorias.

Almeida também enxergou essa possibilidade ao considerar que:

A grande maioria dos geógrafos, quando se interessou pela literatura, foi dominada pela reflexões sobre a representação literária da realidade geográfica, isto é, o valor documental ou pedagógico do texto literário para a geografia, isto é, o valor fenomenológico pela transcrição da experiência dos lugares ou o valor do reflexo das condições materiais de produção. (ALMEIDA, 2010, p.142).

De acordo com Almeida, a literatura pode levar a aprendizagem sobre os lugares de maneira direta e intensa pela correlação da experiência vivida através das obras da ficção com base na visão do escritor frente à sua realidade, como ocorre no caso dos cronistas.

No Amazonas também não é diferente. Alguns escritores que se dedicaram a escrever crônicas sobre Manaus, tiveram suas experiências com diversos lugares dessa cidade e através de seus olhares e observações, descreveram sobre o passado e o presente, trazendo em suas narrativas, a discussão de vários fenômenos ligados à cidade, que se tornaram visíveis à sociedade manauara, graças a existência desse gênero literário.

Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras a serem utilizadas em seu texto, o cronista visa transmitir ao leitor a sua visão de mundo. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam. Nesta perspectiva, viu-se nas crônicas, um gênero literário para se realizar reflexões sobre a cidade de Manaus em seus múltiplos aspectos, sendo este o lugar de vivência dos discentes, onde os mesmos constroem suas identidades e se desenvolvem enquanto seres também construtores desses espaços.

Neste aspecto, o segundo capítulo abordará sobre o gênero literário crônica, enquanto linguagem para o estudo do lugar e das paisagens de diferentes partes do mundo, particularmente Manaus. Investigar-se-á como os discentes perceberam Manaus e suas paisagens através da leitura das crônicas de alguns escritores manauara. A partir desse contato com o gênero literário crônica, os discentes foram levados a pensar sobre a sua história de vida na cidade, para posteriormente construírem as suas próprias crônicas, levando em consideração as experiências com os lugares e a forma como eles percebem e dão significados às paisagens presentes no seu lugar de existência.

II CAPÍTULO

AS CRÔNICAS LITERÁRIAS ENQUANTO LINGUAGEM PARA O ESTUDO DO LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS

2. 1 CRÔNICA E CRÔNICA LITERÁRIA, UM BREVE HISTÓRICO

O gênero literário Crônica, como conhecido na atualidade, surgiu em Paris na virada do século XVIII para XIX. No período inicial do Cristianismo era muito utilizada para apresentar de forma cronológica os acontecimentos daquele período, ou seja, era uma forma de registrar os eventos que aconteciam nos palácios onde residiam os reis.

A crônica também está presente no livro mais conceituado e lido pelas pessoas do mundo inteiro, a saber, a Bíblia Sagrada. O livro de I Crônicas e II Crônicas ocupam a décima primeira e a décima segunda colocação entre os livros que compõem o Velho Testamento. Escrito aproximadamente na metade do século V a.C, sendo o autor desse livro desconhecido, no entanto, a tradução judaica acredita que tenha sido Esdras, por ser este considerado pela maioria dos eruditos judeus e cristãos antigos, um verdadeiro sacerdote, aquele que se preocupava em escrever sobre o antepassado do povo judeu e a importância destes se manterem firmes em suas tradições espirituais, bem como a permanência de um relacionamento com Deus após o exílio na Babilônia.

Na obra sagrada há dois livros de crônicas e para mostrar esta evidência, registros apontam sua existência desde muitos anos na História, conforme mostra Almeida.

Os eruditos creem, de comum acordo, que estes livros tiveram um único autor ou compilador que, segundo o Talmude e a maioria dos eruditos judeus e cristãos antigos, foi Esdras, o sacerdote e escriba. Posto que 1 e 2 Crônicas foram escritos do ponto de vista sacerdotal e que os versículos finais de 2 Crônicas (36.22,23) são idênticos a Esdras. 1.1-3, a tradição talmúdica de que Esdras foi o “cronista” fica assim reforçada. (ALMEIDA, 2008, p. 619).

Percebe-se a grande importância do livro de Crônicas para o povo judeu, pois estes trazem textos que expressam o conhecimento de um homem sobre a presença de Deus na história do povo de Israel, sendo este, assim conhecido como um cronista.

Pode-se dizer que a Língua Portuguesa também usufruiu de um gênero literário de tamanha importância para o estudo das cidades, assim como de outros lugares. Considerado como um gênero provenientes dos jornais, a crônica surgiu como um agente de comunicação que visava manter a população informada sobre vários aspectos presentes nas cidades, por isso,

tem suas narrativas focadas nos acontecimentos do dia a dia do cronista, este que por sua vez finda expressando a sua subjetividade ao descrever sobre o que mais lhe chamou atenção no âmbito de sua existência.

De acordo com o dicionário Houaiss (2001), crônica é a “compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”, cujo objetivo é o de relatar fatos, neste sentido, costuma-se dizer que este gênero literário situa-se entre o jornalismo e a literatura.

Para Paulino et al. (2001), a crônica como conhecemos hoje, geralmente se liga a um fato circunstancial que consiste na diferença entre a crônica e a crônica literária.

A crônica tem sua origem na sucessão temporal de fatos históricos, por isso, era chamada de crônica histórica. [...] A crônica como gênero literário, no entanto, é mais recente e perde esse tom eminentemente histórico, ligando-se, antes, a incidentes que terminam por gerar reflexões, comentários, divagações. (PAULINO et al., 2001, p. 113).

medida que a crônica deixou de ter como principal característica a narração de fatos históricos e os cronistas passaram a escrever sobre os acontecimentos do dia a dia, ao ponto de suscitar nos leitores, uma postura reflexiva, de forma a gerar opinião sobre o que se está relatando, foi que a crônica passou a ser denominada de **literária**. Um outro aspecto que a diferencia da crônica histórica, é o fato da crônica literária permitir ao cronista manifestar seus anseios, sua opinião e acima de tudo declarar ao público sua subjetividade frente ao que está sendo abordado e observado.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica ganhou seu lugar de destaque nos jornais. Sua primeira aparição foi em 1799, no *Journal des Débats*, em Paris, contudo, no Brasil, ela passou a ter algumas características específicas, e o cronista passou a ser considerado o poeta que relata sobre os acontecimentos do dia-a-dia.

No século XX, a crônica brasileira se expandiu por outras cidades, e em seguida, ultrapassou as fronteiras do jornal e foi para o rádio, a televisão e o livro. Os cronistas geralmente observam os espaços e suas paisagens a sua volta e procuram apresentá-las aos leitores através de narrativas segundo sua interpretação, sendo portanto o porta voz do lugar por onde passa.

Como já foi comentado, a princípio, o valor dados às crônicas era em decorrência às narrativas históricas, o que denominou-se crônicas históricas, por ser esta, uma fonte de informação sobre os lugares e as paisagens brasileiras que estavam sob olhar dos viajantes que escreveram em seus relatos, as informações importantes de maneira autêntica. Geralmente, essas informações trazem diferentes assuntos referentes à cidade e outros lugares. São relatos

de olhares que observam atentamente o que se passa ao seu redor. Um cronista pode, a qualquer momento, iniciar uma crônica.

Raquel Naveira aponta a crônica histórica como uma importante ferramenta para se analisar de forma mais abrangente a importância desse gênero literário para o conhecimento do Brasil, por isso, mostrou em seus estudos, o caráter informacional e descritivo que as primeiras crônicas tiveram para o conhecimento do país, enquanto o Novo Mundo.

No caso do Brasil, conforme nos explicam Antônio Cândido e J. Aderaldo Castelo em “Presença da Literatura Brasileira - Das Origens ao Realismo”, “a crônica histórica e informativa”, se intensifica em Portugal, no momento das grandes navegações, conquistas e descobertas ultramarinas, testemunhando a aventura geográfica dos portugueses, os seus ideais de expansão da cristandade assumem um sentido épico e humanístico, que se estende ao Brasil e logo adquire entre nós algumas características peculiares. Houve ainda “o deslumbramento diante da paisagem exótica e exuberante”, testemunhado pelos cronistas portugueses que escreveram sobre o Brasil Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães de Gandavo, Gabriel Lares de Souza. Nasceu aí o germe da nossa historiografia: descrição, observação, documentação. O louvor da terra é também o germe da formação da consciência nacional. (NAVEIRA, 1999 p. 144).

Observa-se uma tentativa de demonstrar que a realidade esteve presente na arte literária, portanto, ela pode ser utilizada para o entendimento da organização do espaço geográfico brasileiro e do significado dos lugares e das paisagens por meio dos relatos de seus navegantes portugueses, como fonte documental e histórica sobre um lugar num dado tempo e espaço.

A crônica literária com o seu diferencial, ou seja, com a característica de expressar a visão do cronista de forma mais subjetiva sobre o que se observa, se aprimorou tanto que se transformou numa rica fonte de estudo geográfico. O professor Antônio Cândido, em seu artigo “A vida no Rés-do-chão” relatou sobre a importância desse gênero nesse aspecto.

[...] Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CÂNDIDO, 1987, p. 5).

O reconhecimento da importância das crônicas para o estudo do lugar, potencializou a busca em se descobrir como este gênero textual também pode revelar as memórias da cidade de Manaus e de seus habitantes, bem como compreendê-la na atualidade, através dos escritores de crônicas urbanas, que diariamente lançam seus olhares, sobre as paisagens e interpretam a sua função no espaço.

Os cronistas brasileiros de grande influência na literatura foram: Luis Fernando Veríssimo, Machado de Assis, João do Rio, Rubens Braga, Guimarães Rosa, entre outros.

Assim como estes escritores, em Manaus que é uma metrópole de grande influência na Região Norte, também conta com bons cronistas. Entre eles, destacaremos aqui Josué Cláudio de Souza, José Ribamar B. Freire, Milton Hatoum, José Aldemir de Oliveira, Mazé Mourão e Tenório Telles. Neste sentido, reportar-se-á às crônicas desses autores, em que, além de destacarmos quem eles foram, iremos rever um pouco sobre o espaço e a história da cidade através de suas crônicas, bem como as transformações que houveram em sua espacialidade e nas paisagens em diferentes tempos, a partir dos relatos de suas experiências e observações.

2. 2 O LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS NA VISÃO DOS CRONISTAS

2. 2. 1 *Josué Cláudio de Souza e a crônica do dia*

O primeiro cronista a escrever sobre Manaus, foi o radialista Josué Claudio de Souza, nascido em Santa Catarina. Radialista e jornalista, Josué veio para Manaus aos 32 anos onde fundou a Rádio Difusora do Amazonas, inaugurada em 24 de novembro de 1948 e ficou conhecido pelos manauaras como Josué Pai.

A crônica foi um gênero literário muito prestigiado por Josué e por isso, tinha seu espaço reservado em sua rádio, pontualmente às 12h. Em 22 de setembro de 1946, Josué passa a escrever em “O Jornal” a coluna, “Crônicas de Manaus”. Em 2016, o Instituto Durango Duarte, publicou um livro intitulado Crônicas de Manaus, composto por uma coletânea contendo 61 de suas crônicas iniciais e que pode ser considerada como uma rica fonte de informações históricas, geográficas e culturais sobre a cidade.

Aqueles que vivenciaram e prestigiavam as crônicas do dia, afirmam que era um dos momentos mais esperados, pois Josué Cláudio, expressava o seu ponto de vista sobre os diversos acontecimentos que ele observava em seu cotidiano e as informações eram relevantes para a população manauara, que muitas vezes, não tinham conhecimento sobre o que acontecia na cidade de Manaus. Atualmente as pessoas que curtiram as crônicas lidas ao meio dia por Josué, mantém em sua memória a viva lembrança da Manaus de antigamente, quando em seus percursos pela cidade, por exemplo, escutavam o sino da Praça da Matriz tocar ao meio dia. Era o momento em que a cidade parava para ouvir a crônica do dia.

Lúcio Menezes, relator e escritor do prefácio do livro “Crônica de Manaus” comentou sobre a importância da publicação das 61 crônicas escrita por Josué em 1946 e levantou uma pergunta que ele mesmo encontrou a resposta ao ler e absorver as principais aspirações do cronista.

E o que Josué cuidava nessas crônicas? Ora, hoje, como no “tempo dos quintais”, os principais problemas de Manaus eram água, energia elétrica, infância, gestão pública, ruas esburacadas, saúde pública, arborização, falta de carne verde...

Excetuando-se a falta de carne verde, de lá para cá nada mudou. (MENEZES, 2016, p. 12).

Segundo Menezes (2016), o Instituto Durango Duarte o convidou para ler e revisar as 61 crônicas originais, datadas de 1946 e assinadas por Josué Cláudio de Souza. O relator afirmou ter realizado alguns ajustes quanto às novas regras ortográficas, no entanto, o mesmo destacou: “Confesso que, à medida que as lia, mais me aguçava a curiosidade de conhecer o teor da crônica seguinte, o que tornou minha missão lépida e prazerosa”.

Figura 1: O rádio era o meio de comunicação das crônicas de Josué Claudio



Fonte: Escola Estadual Josué Claudio de Souza, 2019.

Apesar de ser Catarinense, Josué Cláudio de Souza abraçou as causas dessa cidade e muito lutou para que as pessoas daquela época tivessem seus direitos assistidos, por isso, suas crônicas contribuíram para que a população manauara e do Amazonas, ficassem cientes do que estava acontecendo na cidade em suas mais variadas instâncias. O cronista também expressava suas insatisfações quanto ao descaso das autoridades políticas frente a alguns problemas pertinentes à cidade. Na época, só existia a rádio Baré, mas ele lutou e conseqüentemente conseguiu inaugurar mais uma emissora de rádio em Manaus, a tão conhecida “Rádio Difusora” que transpassou gerações e até hoje se mantém ativa. O jornalista Josué Claudio, lutou por melhorias e desenvolvimento da cidade, por isso, fazia questão de levar certos esclarecimento

para a população, no intuito de proporcionar melhor qualidade de vida para as pessoas. Em 22 de setembro de 1946, Josué passa a escrever em “O Jornal” a coluna “Crônica de Manaus” que segundo Menezes (2016) eram publicadas na primeira página do periódico matutino “O Jornal”, pertencente à família Archer Pinto na época.

Figura 2: Josué Cláudio de Souza e fragmentos de uma de suas crônicas



Fonte: Escola Estadual Josué Cláudio de Souza, 2019.

Este fragmento da crônica de Josué, lida no dia 05 de outubro de 1946 mostra o grau de sua preocupação em lutar por uma cidade mais justa, ou porquê não dizer uma Manaus mais desenvolvida e mais humana. A insatisfação do cronista perante o “não fazer” em prol da causa pública, é vista como a maior prova da falta de personalidade e de caráter de quem administra uma cidade, uma vez que para ele o não pensar no bem comum, é denominado de “inutilidade”.

Para Josué, governar bem era exercitar com dignidade o dever que lhe foi confiado, sem precisar ser coagido e nem cobrado. A maioria de suas crônicas eram voltadas para uma cobrança das autoridades governamentais sobre o que estava sendo feito em prol do bem comum da população manauara, ou porquê não dizer dos amazonenses, visto que sua voz alcançava lugares longínquos.

O jornalista expõe alguns problemas pertinentes à cidade de Manaus em suas crônicas e nelas relata com categoria sobre as paisagens que ele observava e que de certa forma, lhe

proporcionava uma certa insatisfação com o descaso das autoridades governamentais da época. Ele também apontou questões relacionadas à falta de infraestrutura nos bairros, precariedade na saúde pública, questões climáticas, entre outros.

No fragmento de uma crônica publicada em 26 de setembro de 1946, percebe-se que Josué lançou o seu olhar pela cidade e captou com precisão detalhes de uma paisagem urbana que muito atraiu sua atenção e aguçou ainda mais a sua insatisfação frente ao que estava sendo por ele observado e questionado.

[...] O coração da cidade, porém, continua sendo palco da chamada “zona estragada”. Casas em ruínas, sem higiene de espécie alguma. Trapos humanos, egressos das sarjetas, vivendo em verdadeiros casebres que são um autêntico foco de males de toda sorte. Tudo errado. Campanhas contra os suínos. Campanha contra as barracas que servem a pobreza. Em defesa da saúde do povo. Muito bem. Mas o lixo. O lixo que é jogado ali na Luís Antony, juntinho da prefeitura. Que diz a esse respeito a Saúde Pública. Que não ouve o grito dos moradores daquela zona. Grito que se prolonga há anos. Grito que já tomou forma de um mal remédio. Como a malária. Como o analfabetismo. Como o desaparecimento do material do serviço de esgoto confiado à Repartição de Águas. Canos de cobre, torneiras de cobre, turbinas, etc. Tudo teria ido de água a baixo. Mas está fazendo calor mesmo. Resta apelar para os banhos da cidade. Para o concurso dos nossos magníficos igarapés. O melhor de todos é o Parque Dez de Novembro. (SOUZA, 2016, p. 20).

Ao ler esse trecho da crônica de Josué, percebe-se a sua insatisfação quanto a atenção dada pelo poder público para determinados aspectos da cidade. Ele expõe que na época, década de 40, existiam várias campanhas contra uma infinidade de situações ocorridas em Manaus. As mais badaladas eram, principalmente, àquelas atreladas a retirar o pequeno direito à sobrevivência das pessoas de baixa renda, enquanto que haviam outros problemas bem mais sérios a serem solucionados, como foi o caso do lixo presente na rua Luís Antony, centro de Manaus, que praticamente estava ali, na barba da Prefeitura e os que estavam no poder, simplesmente desvinculavam a atenção para esse problema gritante e simplesmente voltavam seus argumentos para culpar as pessoas de baixa renda pela desorganização da cidade e suas mazelas. Josué segue a crônica relatando sobre os vários problemas que afetavam a cidade de Manaus na época e que perduram até hoje.

Doenças como malária e tubérculos atormentavam a vida na cidade e a população morria aos poucos. Ele relata que as pessoas atingidas por essas doenças chegaram ao ápice de seu sofrimento. Acredita-se que foram momentos difíceis na cidade, principalmente quando o medo de contrair as doenças atormentava as pessoas. Segundo Tuan, as doenças podem desencadear o medo nos indivíduos, no entanto, são vários os fatores que as constituem e depende muito das crenças das pessoas. Aponta que nos primórdios dos tempos, as doenças estavam associadas

aos demônios, principalmente se elas fossem endêmicas.

Povos antigos, inclusive os gregos, se referenciam à fome e a pestilência como “deuses”; e alguns atenienses, ainda acreditam que em certa fenda na colina dos ninfas está habitada por três demônios, cujos nomes são cólera Varióla e Peste Bubônica. (TUAN, 2005, p. 82).

Tuan analisou que antigamente o povo atribuía culpa aos espíritos pelas doenças que os acometiam. Acreditava-se também que as transgressões cometidas produziam várias calamidades corporais e que eram os demônios que tentavam os homens a transgredirem as leis e por isso eram castigados pelos seus atos. Relata que os judeus também acreditavam que unir doença com o pecado gera castigo e cita como exemplo as dez pragas que atingiram o Egito no reinado de Faraó, ou seja, a transgressão produzia calamidades corporais.

Diversas foram as doenças que surgiram no mundo nos séculos passados e estas trouxeram pânico para as pessoas pelo fato de serem uma ameaça à vida. Atualmente existem várias doenças que ainda atormentam as pessoas, principalmente aquelas pela qual a medicina ainda não descobriu a cura, como a Aids, o câncer, a diabete entre outras. Além dessas doenças, existem as consideradas psiquiátricas, como é o caso da depressão que tem afetado a vida de centenas de pessoas e que, em alguns casos, tem levado alguns indivíduos ao suicídio.

Todas as situações mencionadas causam de certa forma transtornos para as pessoas em vários sentidos e cada vez que casos como estes são evidenciados, aumenta ainda mais o medo dessas doenças. Muitas pessoas passam a ter trauma de hospitais e os tem como símbolo do medo por associá-lo ao tempo de dor e tristeza que marcaram suas vidas. Outros evitam estar em ambientes com aglomeração de pessoas porque acreditam na possibilidade de serem infectadas por doenças contagiosas entre outras situações.

O certo é que em qualquer lugar do mundo vai existir alguém com medo por sentir-se ameaçado, seja por doença, pela criminalidade ou pela insegurança. A paisagem do medo existe porque cada indivíduo tem história de vida diferente, com experiência própria onde suas subjetividades agregam valores diferenciados, ou seja, o que simboliza paisagem do medo para alguns, pode apresentar diferente significado para outros, pois a cada passo que damos, construímos histórias de vida diferentes.

Quanto a malária relatada na crônica de Josué, o historiador Santos, ao escrever sobre “Manaus, a capital da borracha”, baseou-se nos relatos de outro historiador norte-americano E. Bradford Burns, onde este deixou evidente que no ano de 1910, a malária já era uma doença que atormentava os moradores. Santos (2007, p. 215) relatou que “as doenças sociais podem ter sido comuns, mas não constituíam a maior parte dos males da cidade, pois grande pesadelo

era gerado pela malária.”.

A malária até os dias de hoje ainda é uma doença que preocupa a população manauara, tendo em vista que, em tempos anteriores, esta enfermidade já levou muitas pessoas a óbito. Neste sentido, é cabível que numa contextualização geográfica, pode-se dar ênfase ao desmatamento na Amazônia e suas consequências, não apenas para a questão do desequilíbrio ambiental, mas para a proliferação de doenças, como ocorreu com a malária. Em Manaus, o crescimento da cidade tem acelerado o desmatamento e consecutivamente, são nestas áreas onde o foco da doença continua evidente.

Em meio as insatisfações mencionadas nas crônicas sobre os fatos do cotidiano em Manaus, Josué Cláudio de Sousa deixou registrado que nem tudo era frustrante na cidade, pois menciona sobre um recurso natural que servia para os manauaras relaxarem um pouco diante dos problemas por ele mencionado. O cronista se reportou aos nossos igarapés e sobre eles declarou: “Resta apelar para os banhos da cidade. Para o concurso dos nossos magníficos igarapés. O melhor de todos é o Parque Dez de Novembro.” (SOUZA, 2016, p. 20).

Este fragmento da crônica é uma rica fonte de informação geográfica sobre as características dos igarapés da cidade de Manaus que, conforme lemos na crônica, sem dúvida era um recurso natural onde as famílias manauaras podiam aproveitá-los para refrescar-se em suas águas límpidas e geladas frente às elevadas temperaturas do nosso clima equatorial quente e úmido. As pessoas que viveram em Manaus nessa época, segundo Josué, desfrutaram de uma qualidade de vida bem melhor, pois com certeza estes igarapés, além de servirem para a população tomar banho, também era uma fonte de alimentos, pois segundo depoimento de algumas pessoas que ainda vivenciaram essa época, nos igarapés era possível encontrar algumas espécies de peixes ao longo de seu curso.

Igarapés sempre compuseram nossa paisagem. O do Quarenta, cuja nascente é no bairro Armando Mendes, Zona Leste de Manaus, percorre por alguns bairros, tais como Coroado, Japiim e Distrito Industrial. Assim como este, temos o esplêndido Igarapé do Mindu, também o do Passarinho, entre tantos outros que outrora constituíam o reflexo de águas limpas. Quando o cronista se refere ao banho no balneário do Parque 10, como sendo o melhor de Manaus, com certeza este lugar fazia parte de sua geograficidade, como também de muitas outras pessoas que tiveram o privilégio de desfrutar dos banhos nestes igarapés.

Assim aconteceu com o ex-fotógrafo Corrêa Lima de 85 anos que deixou seu depoimento no Jornal Acrítica, cujo título da matéria era “Antiga opção de lazer de Manaus, Balneário do Parque Dez está abandonado”, editada em 31 de outubro de 2016. Enfatizou-se nesta edição que o Balneário do Parque 10 foi fundado na administração de Antônio Botelho

Maia quando este foi prefeito de Manaus entre 1937-1940. O lugar foi projetado como uma espécie de piscina natural, sendo portanto, abastecido pelo Igarapé do Mindu.

Corrêa Lima, ao conviver em Manaus na época em que o balneário ainda era um lugar preferido pelos manauaras, não se conteve em mostrar seu sentimento frente às experiências que viveu junto aos igarapés enquanto seu lugar de existência e recordou como era a paisagem no mesmo balneário citado pelo cronista.

Hoje está tudo diferente, só ficou a saudade. Morreu mesmo e não tem quem cure. Frequentei muito o balneário do Parque Dez e lá ficava lotado, mas não tinha briga. Os governos são os maiores responsáveis por ter deixado nossos igarapés assim. Até hoje estão invadindo. O progresso acabou com tudo”, disse o saudosista. (LIMA, 2016).

Figura 3: Relação da memória do homem com o lugar Manaus e suas paisagens



Fonte: Jornal Acrítica, 2016.

O ex-fotógrafo ao dar essa entrevista ao Jornal Acrítica, deixou registrado em suas palavras que sente saudade de seus bons momentos vividos numa Manaus cujos igarapés eram limpos e que hoje, essa paisagem está viva apenas em sua lembrança e com certeza na memória de quem também o experimentou. Em seu relato, ele aponta o crescimento desordenado da cidade como sendo o principal responsável pela destruição e poluição desses igarapés.

Na verdade, o que se observa é que, conforme foi ocorrendo o crescimento horizontal da cidade, que se deu em proporção desordenada, com ele também surgiram os problemas de infraestrutura urbana, seguida da falta de conscientização quanto a importância da preservação

ambiental, tanto por parte das comunidades como também das ações governamentais que não primaram por garantir melhor atenção aos recursos naturais, principalmente o que se refere ao cuidado com os igarapés.

Figura 4: Balneário do Parque Dez



Fonte: Instituto Durango Duarte, 2019.

Ressalta-se que a degradação do meio ambiente vem ocorrendo não apenas nos igarapés e rios, mas também tem atingido outras partes, tais como solo, vegetação, atmosfera, entre outros fenômenos presentes na cidade.

As 61 crônicas de Josué Claudio de Souza escritas em 1946, abre inúmeras possibilidades de se discutir sobre as paisagens e os problemas enfrentados em Manaus neste período. Acredita-se que muitos idosos que viveram nesse tempo na cidade, ainda mantêm viva as recordações de vários momentos bons, se comparando com os dias atuais.

Atualmente, as crônicas de Josué Cláudio de Souza pode ser vista como um recurso metodológico para o ensino de Geografia, podendo esta conduzir os discentes a aguçarem sua percepção e compreensão sobre a cidade que tínhamos antes e compará-la com a que temos hoje, levando em consideração a relação dos homens com suas paisagens e com os lugares por eles frequentados.

As crônicas literárias enquanto ferramenta para promover a leitura e enquanto instrumento de análise geográfica, serve para despertar nos alunos uma conduta investigativa

por levá-los a compreender e a observar quais foram as principais transformações que ocorreram em Manaus ao longo dos anos em vários aspectos. É também um momento oportuno para discutir com os alunos sobre até que ponto podemos afirmar que o “progresso/desenvolvimento”¹⁴ trouxe qualidade de vida para as pessoas que vivem na cidade, levando em consideração os pontos positivos e negativos. É também uma nova metodologia para se discutir sobre a cidade desde sua fundação até os dias atuais, bem como conduzir os discentes à uma reflexão sobre o comportamento da população que aqui reside, incluindo eles, os próprios discentes e todos ao que compõem e fazem parte desse processo de construção da cidade e suas variadas classes sociais.

Ana Fani enfatiza a relevância desse conhecimento sobre a cidade, principalmente no que se refere a produção de seu espaço pelos indivíduos.

Sociedade e espaço não podem ser vistos desvinculadamente, pois a cada estágio do desenvolvimento da sociedade, corresponderá um estágio de desenvolvimento da produção espacial. A tendência normal de desvincular-se os dois pontos dessa relação dialética, levará a um compreensão errônea do que seja o espaço geográfico. (FANI, 2018, p. 31).

Para se compreender a cidade tal qual como ela é hoje é indispensável que se busque conhecer um pouco mais sobre a sua origem, seu desenvolvimento ao longo dos tempos e a relação do homem com os lugares, uma vez que o mesmo está sempre em busca de construir e reconstruir o seu meio de existência, assim como fez o cronista Josué Cláudio de Souza ao longo de seu legado. Em 2016 suas 61 crônicas foram publicadas no livro intitulado “Crônicas de Manaus” pelo Instituto Durango Duarte.

A obra é uma rica fonte de estudo sobre a cidade de Manaus, pois elas revelam particularidades do seu espaço geográfico que foram captadas pela visão e percepção de quem apesar de não ter nascido aqui, abraçou o lugar e se importou com ele. Josué lutou pela causa pública, simplesmente por acreditar que dessa forma, estaria contribuindo para a existência de uma cidade mais justa para se viver.

Discutir a cidade com os discentes, principalmente sobre o seu passado, deveria ser uma prática mais constante entre as disciplinas. Essa ação facilitaria a compreensão dos fenômenos presentes no cotidiano dos alunos e os conduziriam a compreender e a explicar melhor o seu espaço vivido. Quanto a isso, Castrogiovanni ao escrever o livro intitulado “Ensino de Geografia: prática e textualizações do cotidiano, enfatiza sobre o papel das ciências e também

¹⁴ O progresso aqui entendido como o crescimento urbano proveniente a partir da chegada do colonizador, o período áureo da borracha, a instalação da Zona Franca de Manaus, entres outros avanços.

da Geografia em proporcionar ensinamentos mais interessantes e que se aproximasse da realidade dos alunos. Ao relatar sobre apreensão e compreensão do espaço geográfico, o autor mostra que estudar o passado tem sido uma prática esquecida pela sociedade capitalista.

As ciências passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação/(re)construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões.

Existem também complicadores sociais. O tempo, por exemplo, na sua ordenação, negado na categoria passado pela sociedade ocidental capitalista, que parece estar sempre buscando as soluções no futuro e negligenciando a necessidade de compreensão do passado. (CASTROGIOVANNI, 2014, p.12).

Nota-se que a preocupação de Castrogiovanni é alertar não somente os professores de Geografia, mas os das demais ciências quanto a importância do discente compreender as relações de produção que vem ocorrendo ao longo dos anos no espaço geográfico, para que os mesmos entendam melhor o lugar pelo qual estão inseridos e dessa forma, os ajudem a tornar-se cientes do seu papel na sociedade. O intuito também é orientar quanto a formação da sua identidade, para isso, é necessário instigar a conduta de cidadãos críticos e que sejam capazes de não só atuarem no cumprimento de seus deveres, mas que também lutem e exijam seus direitos.

nessa perspectiva que afirmamos ser a crônica um instrumento importante para se estudar a cidade de Manaus e suas paisagens. O cronista Josué Cláudio de Souza, por ser um jornalista que se preocupava com a cidade em seus mais variados aspectos, deixou registrado ao longo de suas 61 crônicas, como era a Manaus no tempo de sua existência e nelas, relatou sobre a sua organização, administração e paisagens, tanto no que se refere à questão ambiental, quanto social e econômica.

Josué Cláudio de Souza, o primeiro cronista a escrever sobre o cotidiano da cidade de Manaus calou sua voz em 13 de agosto de 1992, deixando saudade na população manauara desde então. Atualmente alguns jornais da cidade, como o Acrítica e o Amazonas em tempo, publicam crônicas sobre a cidade.

2. 2. 2 José Ribamar Bessa Freire: o cronista que valoriza os nativos da Amazônia

José Ribamar Bessa Freire, nasceu em Manaus no ano de 1947. Seu curriculum mostrar a alta capacidade de um cidadão manauara que escreve com estilo sobre o seu lugar de existência. Estudou jornalismo na UFRJ e cursou doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Cursou outro doutorado em História na École Des Hautes Études en

Sciences Sociales, EHESS, França e atualmente é coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas na UERJ.

Dedicado em escrever sobre a cidade de Manaus, suas crônicas revelam conteúdos que estão para além dos fatos do cotidiano. Ele se destaca por mostrar nesse gênero, detalhes e informações históricas e geográficas capazes de conduzir os leitores a compreenderem melhor sobre o processo de colonização e povoamento da cidade de Manaus de maneira crítica e reflexiva.

Freire nos leva a desenvolver um olhar aguçado frente a realidade urbana de Manaus por meio do compartilhamento de seus conhecimentos referentes à cidade e suas transformações ao longo do tempo. Professor no curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, o que explica ainda mais a riqueza de detalhes que ele faz nas abordagens históricas e geográficas que deram origem à cidade de Manaus, levando em consideração a forma de como os índios foram colonizados.

Sua contribuição para o conhecimento sobre a cidade de Manaus e suas paisagens veio por meio de seu livro de crônicas intitulado “Essa Manaus que se vai” publicado em 2012. Aldisio Figueira (2012, p. 20), prefaciador do livro descreve: “Essa Manaus que se vai é a mais perfeita tradução de Manaus que se esvai pelo ralo e pela qual não temos o menor apreço, o mínimo sentido de pertencimento.” As palavras de Adilson é um convite para que a população manauara realize a leitura das crônicas de Ribamar B. Freire, até mesmo para que todos conheçam os motivos pelos quais levaram o cronista a escolher o tema da obra, esta que por sua vez, apresenta em suas narrativas fatos históricos e cotidianos, que de certa forma, se torna bem mais compreensível principalmente pela forma de como o escritor manifesta seus anseios, aspirações e insatisfações perante os acontecimentos por ele observado e analisado desde os tempos remotos.

Na verdade o título do livro “Essa Manaus que se vai”, por si só já deixa no ar uma reflexão sobre o que estamos deixando ir embora da uma cidade. Manaós, Manaus... até o nome fala muito, do que ela foi um dia, mas que aos poucos está se apagando da memória das pessoas que aqui vivem. Thiago de Mello na apresentação do livro também deixa um alerta.

As mais belas virtudes humanas, os chamados bons costumes, outrora cultivados com prazer e grande brio, foram caindo em desuso, a tal ponto que hoje parecem ameaçados de extinção. O comportamento ético dos seus habitantes em particular dos governantes, define o caráter de uma cidade (a perda da ética é doença social contagiosa, me disse uma tarde do Caribe o sábio Gabriel Garcia Marquez).
[...] Chamo o leitor, não só o do Amazonas e sua capital, para percorrer tempo e veredas deste livro. Vem viajar com o Orellana, o espanhol que desceu o Amazonas pela primeira vez, e visitar com ele a aldeia de índios ali pertinho do encontro das Águas e ver que lindas eram as construções de madeira e palha da Manaus que ali

nascia. E conhecer o Forte construído pelos portugueses com barro das urnas do cemitério indígena. Vai sentindo o gosto do sol e do sal, do mel e do fel dos séculos andados enquanto eu te espero lá longe, só para viver outra vez um tempo que também foi meu, o do bonde, do igarapé do Mindu, do banho na piscina pública do Parque 10, do cinema Guarani e do Plytheama, do Ypiranga na Cachoeirinha, e do popular cinepoeira da Silva Ramos. Da crônica do Josué na Difusora, da dona Aurélia dando aula de leitura no Grupo Escolar José Paranaguá e o mestre Agnelo Bittencourt venerado pelos alunos no Gymnasio Amazonense Pedro II, ai tempo que a professora passava e os homens tiravam o chapéu e os filhos adultos tomavam a benção a seus pais, o Jari Botelho e o dom da amizade para o que desse e viesse... (MELLO, 2012, p. 15-16).

Tanto Aldisio Figueiras quanto Thiago de Mello não exageraram ao se reportar a relevância das crônicas de Freire, pois elas são dotadas de uma riqueza de informações que apresentam aos seus leitores uma visão panorâmica do que foi, do que é e do poderá ser a cidade de Manaus. Neste aspecto, nota-se que Freire ao expressar sua subjetividade, também nos leva a ampliar a visão sobre o lugar em que vivemos e a repensar o nosso papel frente a essas mudanças ocorridas nas paisagens da cidade ao longo do tempo.

Este livro está dividida em 4 partes. A primeira dedica-se a relatar sobre a cidade de Manaus desde a chegada do colonizador até a modernidade. A segunda parte traz uma abordagem sobre o “Bairro dos topos”, a terceira parte ele relata sobre “Álbum da família” e a quarta parte sobre as pessoas, intitulado “As grandes figuras”.

O terceiro tópico da primeira parte tem por título “Manaus- Terra das Florestas”, composto por quatro crônicas cujo temas são:

1. A conversa das árvores;
2. A jaqueira no quintal da Preta;
3. Avisa que estão matando o Mindu
4. A morte e as mortes de Mister Z.Y

Todas as crônicas contidas no livro nos permite conhecer os mais diversos aspectos que circundam a cidade, no entanto, apresento alguns fragmentos da crônica “**A conversa das árvores**” para dar um exemplo de que, através desse gênero literário, é possível conhecer mais um dos fatores que muito contribuiu para que houvesse a perda da camada vegetal que tanto proporcionava qualidade de vida para as pessoas que residiam em Manaus nas décadas anteriores a 1970. É possível também discutir-se sobre a importância da vegetação urbana para o conforto térmico na cidade de Manaus, uma vez que a nossa localização geográfica favorece o recebimento de bastante incidência solar.

Para iniciar a crônica, Freire (2012) cita a fala de um jornalista e poeta norte americano

Alfred Joyce Kilmer (1886-1918) que diz: “Creio que nunca verei/ um poema tão belo como uma árvore/ Poemas são feitos por tolos como eu/ Mas só Deus pode fazer uma árvore.” (KILMER apud FREIRE, 2012, p. 61). Assim, Freire conquista o leitor para mais uma leitura de suas crônicas, que com certeza, não deixa de ser um instrumento de conhecimento de algum ponto ou alguma questão sobre Manaus e que por algum motivo, passou batido na vida de muita gente, como nos mostra o fragmento de sua crônica intitulada “A conversa das árvores”.

O ano era 1976. Época do “milagre econômico”. O general Ernesto Geisel, presidente da República, visitava Manaus para inaugurar o aeroporto Eduardo Gomes. As autoridades locais disputavam para ver quem puxava mais o saco do ditador. O vencedor foi o gaúcho, o coronel de artilharia Jorge Teixeira, prefeito biônico que administrava a cidade como se ela fosse um quartel, exigindo que as árvores batessem continência à sua passagem. Conto o caso como o caso aconteceu. Geisel padecia de fotofobia. A missão do coronel Teixeira – positivo e operante- era evitar que o general pegasse sol numa programação que previa desfile em carro aberto, saindo do Hotel Tropical. A Ponta Negra tinha sido escalpelada, estava careca, sem um mísero arbusto para dar sombra. O que fazer? Inventar, na última hora, árvore de plástico? (FREIRE, 2012, p. 61).

Através dessa crônica é possível realizar estudos geográficos sobre Manaus e suas paisagens. O cronista aqui discorre sobre um fato que ocorreu no ano de 1976 e que suas consequências continuam refletindo sobre nossas paisagens até os dias de hoje. A temporalidade mencionada aqui é de fundamental importância para se discutir sobre as consequências da ação humana refletidas na paisagem e a maneira de como as atitudes influenciam na qualidade de vida das pessoas que viveram essa experiência bem como as das próximas gerações, caso não haja solução para o problema.

Quando Freire (2012, p. 61), escreve “Acontece que Teixeirão, como prefeito, havia usado sua artilharia para fuzilar as árvores da cidade, porque achava que mato e igarapé significavam atraso”, ele deixa bem claro que a intenção do prefeito de Manaus na época, o coronel Jorge Teixeira¹⁵, tinha o anseio de transformar as paisagens naturais da cidade, trazendo-lhe a modernidade, então, resolve ordenar a retirada de todas as árvores presentes em volta da Ponta Negra. O termo fuzilar quer dizer extinguir, eliminar a maior parte das árvores da cidade, porque para ele, mato e igarapé eram sinônimos de atraso.

interessante notar que o cronista relata que Jorge Teixeira, ao saber que o atual presidente da República, o general Geisel, visitaria Manaus, mandou imediatamente plantar várias palmeiras adultas nas duas margens da Ponta Negra, lugar onde ele acabara de retirar todas as árvores, Freire (2012, 61) “[...] A Ponta Negra tinha sido escalpelada, estava careca,

¹⁵ Durante a Ditadura militar no Brasil (1964-1985), o então coronel da reserva foi nomeado em 1973 para assumir a prefeitura de Manaus, onde ficou até março de 1979. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Teixeira_de_Oliveira).

sem um mísero arbusto para dar sombra”. Então o que fazer para que a celebridade do presidente não sentisse o específico calor do sol que reflete sobre a cidade de Manaus? Provavelmente ele tenha se arrependido do que fez, no entanto, não dava pra voltar atrás, pois o que importava naquele momento era proteger o Presidente da incidência solar proporcionando-lhe sombra por onde ele passaria. E assim, ordenou que plantasse palmeiras cujas raízes eram superficiais que logo na primeira ventania sobre a cidade, elas foram ao chão.

Ao comentar sobre esse fato que marcou a destruição das maioria das árvores que sombreavam a área da Ponta negra, Freire nos traz a memória a existência de um ato público realizado em Manaus, mais precisamente na Praça da Matriz, em março de 1980 e que o mesmo fora organizado pelo Movimento de Defesa da Amazônia. Ele traz ao nosso conhecimento a existência de Leis que foram criadas para proteger as árvores da cidade em outro trecho dessa mesma crônica.

Relembrei essa história quatro anos depois, em ato público realizado na Praça da Matriz, no dia 26 de março de 1980, organizado pelo Movimento de Defesa da Amazônia, sob o comando do combativo Eron Bezerra (PC do B), discurso começava assim:

Art.1º- Fica decretado a proibição, dentro de Manaus, do corte das soveiras, bajurás, umiry, muruxy, cumarú e outras árvores cujos fructos sejam de uso da população ou utilidade do comércio. O infractor incorrerá na multa de 15\$000 réis ou cinco dias de prisão, por cada árvore que derrubar e o dobro na reincidência.

Art.2º Fica decretado a proibição das derrubadas das matas ou cortes de árvores no leito dos leitos dos igarapés que ficam dentro dos limites da capital, a um espaço de vinte braços aos lados do mesmo leito. O infactor incorrerá na multa de 30\$000 ou oito dias de prisão e o dobro na reincidência. (FREIRE, 2012, p. 62).

Segundo Freire, essa lei foi aprovada em 1863 pelos deputados do Amazonas e se encontrava registrada nos Anais da Assembleia Legislativa Provincial, mas que infelizmente foi arquivada. Ele comenta que se a Lei continuasse existindo e fosse cumprida, vários Teixeiras já haviam sido presos em Manaus, por não respeitarem os recursos naturais, principalmente a retirada das árvores que proporcionam melhor qualidade de vida para as pessoas, pois elas contribuem significativamente para amenizar o calor através de sua sombra que proporciona melhor conforto térmico quem vive na cidade. Assim, Freire nos mostra que ainda existe uma esperança para Manaus, mas tudo é uma questão de conhecimento sobre a importância de uma cidade arborizada para a vida das pessoas em todos os sentidos.

Quanto a isso, ainda nesta mesma crônica, Freire sugere que:

Se a Prefeitura, a UFAM e a população conseguirem enraizar um milhão de árvores na cidade, as mudas vão falar e Manaus voltará a ser outra vez o belo jardim que outrora foi. Além de melhorar a qualidade de vida, esse será um processo de educação para a cidadania. Quem sempre andou debaixo do sol, não sabe que tem direito à

sombra. Mas uma vez conquistado esse direito, as pessoas saberão lutar para mantê-lo. Manaus merece poesia, sombra e água fresca. (FREIRE, 2012, p. 63).

O cronista fala com propriedade sobre a importância das árvores para a vida na cidade. Suscintamente ele mostra que ainda é possível termos direito à sombra, mas para que isso aconteça, é necessário que o assunto seja debatido em várias instâncias afim de propagar a importância de uma cidade arborizada. O termo sombra, refere-se ao grande potencial que as árvores tem em proteger-nos da radiação solar e do calor ao andarmos pelas ruas e avenidas de Manaus.

A escola enquanto instituição educacional, deve discutir de maneira mais participativa, a questão da importância das árvores e dos igarapés com os alunos, pois acredita-se que não somente a Geografia, mas as demais ciências devem mostrar que ter qualidade de vida, não está ligado apenas às questões financeiras, mas também a preservação e conservação dos recursos naturais em nosso ambiente. Por isso Freire afirma que este patamar de conscientização é “um processo de educação para a cidadania.”

Trazendo a crônica de Freire para um debate mais geográfico, pode-se conferir que a mesma abre um leque de discussão em vários temas, sendo este, a questão da cidadania, do meio ambiente, relações políticas, clima urbano, entre outros conteúdos. Como a questão do clima urbano, assim como os demais, é um tema de grande relevância para a geografia, mostrar-se-á o quanto este assunto pode ser explorado em sala de aula.

Compreender o clima de uma determinada região é de suma importância para a sociedade, pois é através desse conhecimento que são estabelecidos seu sistema de vida e de suas produções, no entanto, o estudo do clima urbano pela Geografia, deveria percorrer caminhos capaz de conduzir o homem, não apenas ao conhecimento do tipo de clima predominante em sua região, como frisam alguns livros didáticos, mas também possibilitar a compreensão de que suas ações sobre o meio podem influenciar de maneira negativa ou positiva no seu sistema de vida, e porque não dizer de todo o ecossistema que é regido por condições atmosféricas.

Sant’Anna Neto (2015) esclarece que:

Dessa forma, a concepção geográfica do clima na organização do espaço deve ser vista, fundamentalmente, como geradora de tipos de tempo cujas características são absolutamente dinâmicas, complexas e muito sensíveis a qualquer alteração imposta, influenciando cada parte do planeta, em função da interação entre as diferentes esferas do globo e da ação do homem. (SANT’ANNA NETO, 2015, p. 52).

Para o autor, analisar o clima numa abordagem geográfica, faz-se necessário entender

que o mesmo também é resultado das ações humanas desenvolvidas sobre o meio e que há necessidade de se compreender quais elementos são fundamentais para o estudo do clima. Ainda Sant'Anna Neto, a queda na qualidade ambiental nas cidades brasileiras a partir de 1960, foi um dos principais fatores que o levou a se dedicar ao estudo do clima urbano numa perspectiva geográfica.

Amorim (2013) afirma que o clima da cidade é produzido a partir de um jogo integrado entre o ar atmosférico e o ambiente urbano edificado pelo homem. Assim, a estrutura da cidade deve ser acompanhada de suas funções de compreender esse ambiente complexo.

Atualmente, ainda é comum a prática de cortar as árvores em Manaus. A imagem abaixo mostra a retirada de uma árvore comum chamada de Benjamim. Ao conversar com o senhor “S” ele alegou precisar cortar a árvore porque segundo ele todos os dias amanhecia inúmeras folhas na frente de sua residência e dava muito trabalho para limpar. Tempos depois, o senhor “S” relatou ter se arrependido porque sua casa ficou bem mais quente, principalmente a partir das 13h.

Figura 5: Corte de árvore na área urbana da cidade de Manaus



Fonte: O autor, 2018.

Pensar em metodologias voltadas para melhor compreensão do meio pela qual o discente está inserido, bem como planejar estratégias que permitam que os mesmos reflitam sobre a forma de como estão agindo frente aos elementos das paisagens urbanas, é uma maneira de propor um norte que direcione a população à adquirir melhor qualidade de vida. Nesta perspectiva, a crônica literária é um recurso que pode ser apropriado pela Geografia escolar

para compreender sobre os processos sociais, políticos e econômicos que também influenciam na configuração desses espaços, por isso, coloca-se o homem como um ser atuante neste processo, visto que o mesmo também é um agente construtor do mesmo.

A percepção dos lugares enquanto ligação afetiva é de grande relevância para a tomada de consciência no que se refere a respostas do que se está aprendendo no meio em que se vive, a isso, denominamos de aprendizagem significativa. Para que os discentes aprendam sobre a importância de preservar as árvores na cidade, é necessário que primeiramente ele perceba essa verdade, a partir de seu próprio espaço, para que, posteriormente, suas ações sejam voltadas para a preservação do meio ambiente.

Quanto ao exposto, Nogueira (2014, p. 85) diz que “a percepção é o resultado da aprendizagem. Por último, o meio comportamental seria uma parte do meio perceptivo que motiva uma ação provocando uma resposta de comportamento”.

Freire encerra a crônica chamando a atenção de todos para a importância das árvores de forma poética, atribuindo a sua existência, uma forma de esperança para a cidade.

Se uma árvore é o mais encantador dos poemas, então que a Semma traga poesia, sombra e água fresca para Manaus! Que suas mudas falem por nós! Quem planta uma árvore, planta uma esperança, já cantava no século XIX a poeta Lucy Larcom (1824-1893). Que a Semma plante esperanças em nossa cidade! (FREIRE, 2012, p. 61-63).

A Semma¹⁶, órgão responsável em proporcionar os devidos cuidados com a questão ambiental, é citada pelo cronista como uma salvação para esse pedido de socorro, no entanto, é necessário que todos abracem a causa e assim falem a mesma linguagem do cronista que diz: “Manaus merece poesia, sombra e água fresca.”

2. 2. 3 Milton Hatoum e suas memórias urbanas

Outro cronista que se destaca na literatura amazonense é Milton Hatoum. Informações adquiridas por meio da obra “Milton Hatoum Entre Oriente e Amazônia”, de Albert Von Brunn (2018), descobriu-se que Hatoum é um renomado escritor amazonense, conhecido e reconhecido na literatura brasileira e internacional.

¹⁶ A Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema) integra o Sistema Estadual de Meio Ambiente, juntamente com o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam). A secretaria trata da criação de políticas públicas, gestão de 42 unidades de conservação estaduais, além de atuar para a melhoria da qualidade de vida da população que tem no patrimônio florestal e hidrográfico seu maior bem. (www.amazonas.am.gov.br/entidade/secretaria-de-estado-do-meio-ambiente-sema).

Milton Hatoum estudou arquitetura e literatura hispano-americana em São Paulo, estreou na ficção com o livro “Relato de um certo Oriente”, publicado em 1989 e foi vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance do ano. Em 2000, lançou seu segundo romance intitulado “Dois irmãos”, sendo este livro um sucesso em várias partes do mundo.

Em 2005, publicou o livro “Cinzas do Norte que estreou com sucesso. Em 2008, sua primeira novela, **Órfãos do Eldorado**, foi adaptada para o cinema e em 2009, lançou **A cidade ilhada**, que consiste numa reunião de contos breves. Sendo uma referência na Literatura amazonense, Hatoum não esqueceu de lançar seu olhar sobre a cidade de Manaus para deixar registrado sua percepção frente ao cotidiano em um dos lugares de sua existência. Em 2013 reuniu suas **crônicas** no livro intitulado **Um solitário à espreita**, onde registrou sua percepção sobre os mais diversos aspectos observados nas cidade por onde passou, sendo Manaus uma delas.

Através das crônicas de Hatoum, é possível se apossar de conhecimentos relevantes sobre várias cidades brasileiras por onde ele teve uma experiência de vida. Cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Manaus, Belém, entre outras que compuseram um cenário constituído de paisagens, pessoas, fenômenos e fatos do cotidiano que não escaparam da visão do cronista.

Entre tantas crônicas relevante que podem ser um instrumento de estudo geográfico sobre Manaus e suas paisagens, reportar-se-á para uma cujo título é “**Adeus aos quintais e à memória urbana**”. Nesta crônica, há uma expressão do valor subjetivo que Hatoum atribui às árvores que outrora se faziam presentes no espaço urbano tanto da cidade de Manaus como de outras cidades brasileiras. Sua insatisfação, quanto a destruição arbórea na cidade foi revelada ao público quando ele escreveu sobre a retirada de um símbolo importante da paisagem urbana e que segundo ele, essa prática afetou a memória de duas cidade brasileiras, Recife e Manaus.

Hatoum (2013), expôs seu ponto de vista quanto à destruição daquilo que para ele era importante na vida de quem teve o privilégio de conhecer Manaus bem mais arborizada. Ele faz menção também da destruição dos patrimônios históricos das cidades brasileiras, o que segundo ele é um dos pontos que o deixou insatisfeito, pois não valorizar as memórias de um lugar é no mínimo um exemplo de desconsideração. É mais que isso, é tentar anular as provas concretas do que fomos um dia.

Esta crônica de Hatoum assim como “A conversa das árvores” de José Ribamar Bessa Freire, mostrou a falta de compromisso das autoridades com as questões ambientais na cidade de Manaus. Hatoum não citou o nome do prefeito, mas pelo ano mencionado, 1970, acredita-se que ele seguia a mesma cartilha do prefeito Jorge Teixeira, citado por Freire.

EM RECIFE E MANAUS- metrópole do Norte e Nordeste- o quintal das casas está sendo substituído por um piso de cimento e lajotas. Em Boa Viagem, bairro recifense, uma praia, de modo que os banhistas têm que se contentar com estreitas línguas de sol. No país tropical, luz e sombra projetaram-se em lugares trocados. Ainda mais grave é o caso de Manaus, onde o pagamento da memória urbana parece irreversível. Na década de 1970, um coronel do Exército, nomeado prefeito, mandou derrubar mangueiras centenárias que sombreavam ruas e calçadas. Como se isso não bastasse, esse prefeito, talvez possuído pelo espírito demolidor do barão Haussmann, destruiu praças da cidade para abrir avenidas. O mais irônico, tristemente irônico, é que a imensa maioria dos prefeitos e vereadores da era democrática não pensa na relação da natureza com a cidade. Hoje em certas horas do dia, é quase impossível caminhar em Manaus. Não há árvores, e as calçadas são estreitas e esburacadas. Até mesmo os feios oitizeiros, que Mário de Andrade detestava, têm seus dias contados [...]. (HATOUM, 2013, p. 154).

Esse fragmento da crônica, torna público a percepção de Milton Hatoum quanto a destruição das mangueiras antigas de Manaus que para ele era um símbolo muito importante na paisagem de sua geofricidade. Provavelmente, o escritor aprendeu bem a lição sobre o que as árvores representam para o meio ambiente. O fato das autoridades governamentais autorizarem a destruição das árvores, demonstra que a opinião pública não representa nada, pois se realmente houvesse respeito pela sociedade, não se teria atitude impensada como esta.

Como afirmou Marandola Jr (2010) “A cidade é escrita aos poucos e, por isso, é necessário, no melhor estilo “crônico”, acompanhar o cronista diariamente, ir com ele tecendo os tecidos continuamente inacabado que constituem nossa existência.” Assim como Hatoum foi capaz de chamar a atenção para um problema que perdura em Manaus desde a década de 70 até os dias atuais, como ocorreu com a questão do desmatamento, outros cronistas que escrevem sobre o seu dia a dia nesta cidade, também discutem-na, tanto no que diz respeito às questões ambientais, quanto aos aspectos socioeconômico, culturais, entre outros e que podem servir como um recurso metodológico para que os discentes também adquiram o hábito de investigar o está acontecendo a sua volta e assim ter voz e vez no que tange a preservação e conservação do meio ambiente.

No artigo “Caminhos geográficos para a literatura, Livia de Oliveira e Eduardo Marandola Jr reportam-se à Tuan quando este estabelece a relação entre Geografia e Literatura nos estudos geográficos.

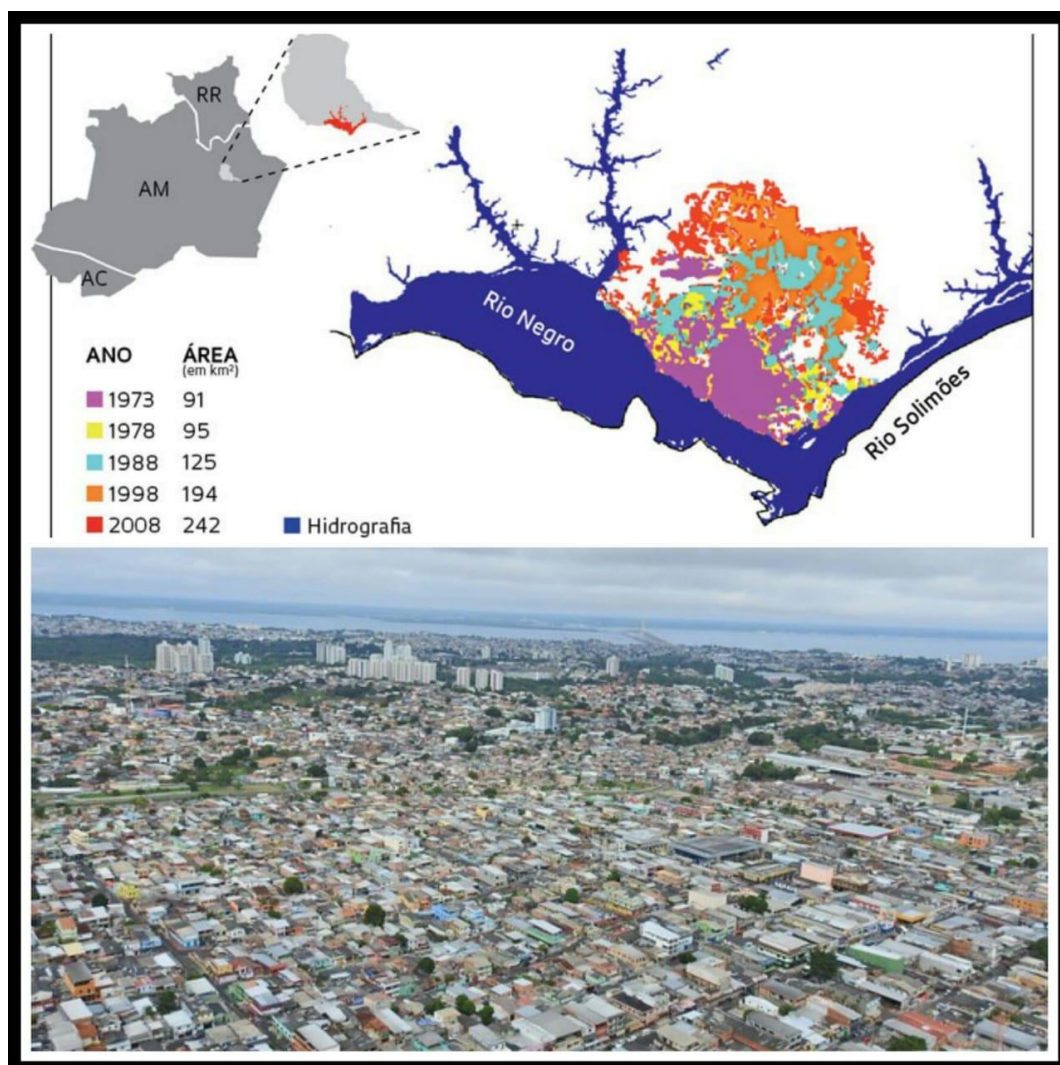
Como lembra Tuan (1978, p.195), as tendências nas relações estabelecidas entre Geografia e Literatura podem ser de três tipos: o texto geográfico pode conter qualidades literárias; o texto literário pode ser uma fonte para a análise geográfica ou a literatura pode encerrar em seu texto uma perspectiva para as pessoas vivenciarem suas visões de mundo, sendo um referencial para a percepção e cognição do meio ambiente. (OLIVEIRA; MARANDOLA JR, 2013, p. 132).

Além de possibilitar o hábito da leitura, uma crônica como esta de Milton, pode suscitar

no aluno a postura de um observador e investigador do seu lugar de existência e suas paisagens. Essa busca dar-se-á pelo fato desses discentes associarem o que estão interpretando na leitura da crônica, com a realidade presente no seu cotidiano.

Trazendo a abordagem tanto da crônica de Milton Hatoum quanto a de José Ribamar B. Freire para atualidade, numa contextualização geográfica, pode-se constatar que a ausência das árvores no espaço urbano de Manaus, aparece como um dos sérios problemas ambientais vivenciado desde a década de 70, mas que ainda continua sendo um problema pertinente na cidade. Ao relembrar o fatores que contribuíram para o crescimento da cidade de Manaus, observar-se-á que foi a partir da implantação da Zona Franca de Manaus em 1967 que a cidade começou a se expandir horizontalmente e porquê também não dizer verticalmente, conforme mostra a figura 6.

Figura 6: Crescimento da área urbana da cidade de Manaus



Fonte: Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais – CEMADEN, 2018.

Observa-se através da figura 6 que a expansão da área urbana da cidade de Manaus entre os anos de 1973 a 2008 foi expressiva, o que provocou a destruição das áreas verdes da cidade localizada na maior floresta tropical do mundo, a Floresta Amazônica. O crescimento acelerado concomitantemente a destruição arbórea, fez com que Manaus ganhasse destaque na mídia como a segunda cidade menos arborizada do Brasil.

Em 2010 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou a cidade de Manaus como a segunda cidade brasileira com menor índice de vegetação arbórea, a saber, 25,1%, perdendo somente para Belém, com 22,4%. Esse fato pode ser observado na figura 6 onde a mesma mostra uma pequena presença de vegetação no espaço urbano da cidade. Vale ressaltar que a maioria dos conjuntos populares, principalmente os localizados na zona norte, apresentam baixo índice de arborização, causando um certo desconforto térmico para a população que ali reside.

Hatoum também descreve que a destruição da memória urbana tem sido uma prática corriqueira entre as cidades.

Ele se reporta a essa questão ao expressar sua insatisfação ao relatar que:

[...] O desprezo à natureza e à memória das nossas cidades se acentuou a partir da década de 1960, quando a industrialização e o adensamento urbano adquiriram um ritmo acelerado e caótico. Essa urbanização selvagem destruiu edifícios históricos de quase todas as cidades brasileiras. Penso que isso alterou para sempre nossa relação com a natureza e com a própria história das cidades. Paradoxalmente, proliferaram bairros pobres e favelas com nomes e a vergonhosa arquitetura dos conjuntos de habitação popular. (HATOUM, 2013, p. 155)

Quem conheceu um pouco da História da cidade de Manaus sabe que muitos monumentos históricos que marcaram um tempo, estão em sua maioria abandonados. Na verdade, muitos deles não são reconhecidos pela geração atual e o que poderia ser uma paisagem que falasse sobre o passado, hoje reflete a expressão da concretude do abandono e do descaso no que se refere à memória do lugar.

Figura 7: Hotel Cassina, Cabaré Chinelo de Manaus



Fonte: Manaus de Antigamente, 2013.

Fonte: O autor, 2019.

O Hotel Cassina¹⁷ foi um dos monumentos mais frequentado no período áureo da borracha na cidade de Manaus. Foi ponto de encontro de grandes empresários, intelectuais, políticos e visitantes ilustres no início do século XX. Ele foi erguido à praça Dom Pedro II, na esquina das ruas Bernardo Ramos e Governador Vitório. Depois foi hospedaria, onde esteve o escritor Coelho Neto em 1899 que segundo os historiadores, o nome do hotel foi em homenagem ao seu proprietário, o italiano Adréa Cassina. Passou por momentos de glória no auge da borracha, depois com a economia gomífera abalada, foi rebaixado para a condição de Pensão, passando posteriormente, para o nome de “Cabaré Chinelo”, no sentido pejorativo de quinta categoria e, finalmente, para a condição de um prédio abandonado em ruínas.

O desprezo aos prédios históricos como ocorreu com o Hotel Cassina, é um ato comum não só no centro de Manaus, mas em outras cidades brasileiras. Monumentos que antigamente tinham uma função no espaço, hoje refletem a imagem do abandono e do desprezo, tornando-se uma prova concreta do descaso à memória da cidade. Vale ressaltar que em setembro de 2019, o Hotel Cassina entrou em reforma, conforme nos mostra a figura 7, sinalizando o início de uma paisagem, cuja função, descobrir-se-á futuramente.

O historiador Souza reportou-se sobre a função que o Hotel Cassina exercia nas noites em Manaus no ano de 1910.

A vida noturna de Manaus era animada pelo jogo e pela prostituição que atraíam a clientela masculina para uma boa quantidade de bordéis noturnos. As prostitutas

¹⁷ Manaus de Antigamente, 20 de abril de 2013. Disponível em: < manausdeantigamente.blogspot.com >. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

atraídas pela atmosfera da época afluíam de todas as partes do mundo, destruindo qualquer monopólio que as beldades locais pudessem ter desejado. O mais famoso desses lugares, o “Hotel Cassina” ficava na Praça Pedro II, quase em frente ao Palácio do Governo Estadual. Não é muito difícil se adivinhar algumas das consequências das visitas amorosas nesses locais, pois os jornais diários estampavam sempre anúncios para a “cura rápida” e definitiva da gonorreia”. (SOUZA, 2007, p. 215).

O período de grande avanço econômico ocasionado graças à borracha, também serviu de atrativo para várias mulheres, que segundo Souza, vieram de outras partes do mundo. A presença de imigrantes foi um estimulante para o funcionamento dessas casas noturnas em Manaus neste período. É possível perceber que não vinha para Manaus apenas as pessoas para trabalharem na exploração do látex, mas também para exercerem outras funções, como por exemplo, as prostitutas que frequentaram o Hotel Cassina.

Quanto a valorização das marcas históricas deixadas nas paisagens da cidade, Callai escreve sobre a importância da Geografia em estudar o lugar para compreender o mundo e mostra a necessidade do educador levar ao conhecimento dos discentes a história dos espaços construídos.

O espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem o lazer. Isto resgata a questão da identidade e a dimensão de pertencimento. É fundamental, nesse processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativo o seu estudo. (CALLAI, 2014, p. 72).

Com base no exposto por Callai, torna-se necessário que a Geografia busque dialogar com os alunos sobre a forma de vida, os costumes e as tradições das pessoas que viveram em Manaus, por exemplo, no período em que os prédios antigos mantinham sua forma e função no espaço geográfico da cidade, ou seja, no auge de sua economia. É cabível contextualizar o ciclo econômico que prevalecia na cidade neste período e o porquê desses lugares serem bastante frequentados pela elite portuguesa e também pelos nativos.

A crônica de Milton Hatoum, **Adeus aos quintais e à memória urbana**, é mais uma amostra de que é possível conhecer sobre os diversos assuntos pertinentes à cidade de Manaus e seus aspectos geográficos através da interpretação de suas paisagens, como também de seus aspectos históricos, pelo viés da literatura.

2. 2. 4 Tenório Nunes Telles de Menezes e a busca das utopias

Membro da academia Amazonense de Letras, professor de Literatura Brasileira é também formado em Letras e em Direito pela Universidade Federal do Amazonas. Um poeta

mais comumente conhecido por Tenório Telles, nasceu no município de Anori no Estado do Amazonas e se destaca no universo literário pelo seu comprometimento social e pelo fato do mesmo escrever sobre as realidades que permeiam as condições humanas.

Em 1988, publicou sua primeira reunião de poemas, "Primeiros fragmentos" e em 2004, a peça A "Derrota do Mito. O escritor amazonense Tenório Telles tem 7 livros publicados: Edifício Marques de Sade; Canção da esperança e outros poemas; Os passarinhos e outros bichos; Antologia do conto do Amazonas; Contos; Poesias e poetas do Amazonas. Em sua nova obra, "Renovação" Tenório Telles reúne 38 crônicas que foram publicadas, ao longo de 15 anos, em jornais locais.

O livro "Renovação" apresenta crônicas que tratam sobre questões ligadas à vida e a essência de um bom viver. Virtudes estas que aos poucos estão se perdendo em meio às adversidades que vão surgindo pelo caminho. Neste sentido, as crônicas de Tenório Telles nos coloca de frente com muitas verdades sobre a problemática em questão. Se viver é uma virtude, então é melhor tentar resgatá-la da melhor maneira possível.

O poeta Elson Farias destaca bem essa preocupação de Tenório, ao iniciar o livro com o tema "Acontecimento", onde ele aventa que:

Já era hora, portanto, do leitor presentear-se com um livro novo de Tenório Telles, coletânea de crônicas selecionadas dos jornais em que tem publicado os seus escritos elaborados, no silêncio das suas horas de reflexões sobre a vida e os acontecimentos. Visões de alegria e de tristeza ao se deparar com a realidade, as asperezas, a maledicência, os conflitos na luta pela existência, sem, contudo, esconder-se no escuro da indiferença, longe das luzes da esperança. (FARIAS, 2013, p. 10).

Assim, as crônicas de Tenório Telles estão voltadas para a valorização da vida e da esperança, dois aspectos fundamentais para quem ainda aspira viver dias melhores num lugar de tanta indiferença, lutas e conflitos, como ocorre no dia a dia nas cidades. Para Tenório Telles, em meio a todas essas adversidades, ainda é possível sonhar com uma possível renovação dos valores e do conceito de cidadania.

Entre tantas crônicas que poderiam expressar a preocupação de Tenório com a relação do homem com o lugar escolheu-se a intitulada "Contra toda desesperança".

durante as grandes tempestades que as árvores mostram a sua força e resistência. Assim também é na vida: em meio às crises e incertezas, os seres humanos são postos à prova e reafirmam seus valores, convicções e a capacidade e a capacidade de resistir. Viver em sociedade pressupõe riscos, provações e, sobretudo, atitude. A crônica histórica nos ensina que a trajetória da civilização foi marcada por crises e desafios. Pensar o presente à luz da História é uma experiência que pode nos dizer muito sobre as dificuldades que vivemos hoje. O fato é que os embates de interesses e as contradições são inerentes à vida social.

O que é relevante, quando analisamos as questões sociais, é estabelecer o nosso posicionamento[...]. Mas na vida tudo muda. As mazelas que contaminam os poderes serão superadas. Com o acesso ao conhecimento e a participação consciente dos cidadãos na vida política da sociedade, os maus políticos desaparecerão. É preciso não esquecer: o novo nasce das crises, dos questionamento do velho. E nesses momentos não podemos estar à margem. É quando somos mais necessários[...]. (TELLES, 2013, p. 64-66).

Ao ler a crônica de Tenório Telles, nota-se que a sua percepção de cidade voltou-se para a condição do homem no lugar de sua existência. O cronista demonstrou-se preocupação com o bem estar das pessoas, chegando portanto, a escrever sobre a necessidade de todos lutarem por uma sociedade mais justa, algo também almejado pelo geógrafo Milton Santos. Ainda nesta crônica, Tenório Telles relata que a sociedade está passando por uma crise social tão grande que tem levado muita gente a desistirem de lutar pela vida.

Neste sentido, ele alerta:

[...] De um modo geral, o que observamos é o desânimo corroendo, como uma doença, a fé das pessoas, jogando-as na vala da descrença, sentimento que impede o exercício da cidadania, prerrogativa indispensável do convívio social. Aquele que se exclui é cúmplice dos maus, dos egoístas e dos que conspiram contra a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa. (TELLES, 2013, p. 64).

Tenório relata que lutar por uma sociedade melhor é responsabilidade de todos, portanto, quando alguém se recusa a entrar na luta, finda sendo cúmplice da existência de uma sociedade desigual e corrupta.

Dessa forma, a Geografia tem muito a contribuir na formação dessa sociedade mais justa e mais cidadã junto à outras ciências, mesmo porque o objetivo de todas elas é proporcionar aos discentes uma mudança de atitude frente à sociedade, para que estes construam suas identidades e que sejam agentes de transformação no lugar onde vivem.

Santos (1978), notabiliza que:

Os geógrafos, ao lado de outros cientistas sociais, devem se preparar para colocar os fundamentos de um espaço verdadeiramente humano, um espaço que una os homens por e para seu trabalho, mas não pra em seguida os separar entre classes, entre exploradores e explorados; um espaço matéria inerte trabalhado pelo homem, mas não para se voltar contra ele; um espaço, natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um artifício e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem artificializado. (SANTOS, 1978, p. 219).

Milton Santos reconsidera a importância de se valorizar a experiência vivida pelos indivíduos e suas relações com o lugar por meio de sua cultura. Desponta por acreditar numa Geografia pela qual um dos componentes imprescindível, é a preparação dos indivíduos para o exercício da cidadania e aguça a sua visão quanto ao ofício da ciência geográfica ao apreciar

que:

Uma ciência digna desse nome deve preocupar-se com o futuro. Uma ciência do homem deve cuidar do futuro. Uma ciência do homem deve cuidar do futuro não como um mero exercício acadêmico, mas para dominá-lo. Ela deve tentar dominar o futuro para o Homem, isto é, para todos os homens e não só para um pequeno número deles. Se o homem não for, também, um projeto, retorna ao homem animal que ele era quando, para assegurar a reprodução de sua própria existência, não comandava as forças naturais. (SANTOS, 1978, p. 261).

Neste sentido, há de se concordar que tanto Milton Santos, quanto Tenório Telles, acreditaram que é possível se construir um mundo melhor.

Essa compreensão nos leva a refletir sobre a participação da Geografia na formação de indivíduos que saibam se posicionar na sociedade de forma mais crítica e à vista disso, podermos contar futuramente com uma sociedade mais esclarecida quando ao seu direito em lutar para que o lugar de sua existência, seja transformado no espaço do cidadão.

O desafio nesta perspectiva é desenvolver nos alunos competências e habilidades no sentido de levá-los a compreender melhor como os homens se organizam no espaço e conseqüentemente formam a sua identidade. Para isso, é necessário conduzi-los a conhecer o mundo a sua volta, enxergando-se como agentes de transformação capazes de lutarem para defender seu lugar por direito.

É nesta proporção de conhecimento que Tenório Telles acredita no resgate de uma esperança que está quase perdida, ou melhor, desfalecida em meio a uma sociedade que se apresenta acomodada, enfraquecida e ao mesmo tempo, acostumada com a condição de vida precária da maioria de sua população, por isso, o cronista espera contar com indivíduos que acreditam que ainda é possível obter uma sociedade que lute mais pelos seus direitos.

2. 2. 5 Mazé Mourão

Outra cronista bastante prestigiada no Amazonas é a jornalista e escritora Maria José Mazé Santiago Mourão, mais conhecida como Mazé Mourão. Amazonense, trabalhou no jornal “A crítica” (1999-2010), como editora de cultura, entretenimento e bem estar e também na Rede Calderaro de Comunicação onde foi comentarista no jornal televisivo e na rádio “A crítica FM”.

Em 2001, assumiu, no Grupo Rede Amazônica, o programa Amazônia Mulher com Mazé Mourão, no Amazonsat. É comentarista e colunista da Rádio CBN Amazônia e articulada do portal Amazônia. É membra da Academia Amazonense de Letras e autora de quatro livros de crônicas: A lágrima Silente, Crônicas, Receitas por Mazé Mourão, Poucas e boas e Cotidiano

Pitoresco.

Numa entrevista realizada com Mazé em março de 2019 sobre o seu envolvimento com as crônicas, ela relatou que este gênero literário foi acontecendo na sua vida pelo fato dele exigir do escritor uma observação aguçada frente à realidade. Segundo Mazé, suas crônicas são lidas por um público que varia entre 15 à 65 anos de idade para mais. Esse acompanhamento, segundo a cronista, é feito através do seu Instagram, onde inclusive alguns leitores, as vezes discordam com seus posicionamentos, o que para ela é louvável, pois afirmou nunca primar pela unanimidade, por isso, admite que haja as discordâncias de vez em quando, desde que seja de forma respeitosa, pois elas geram debates positivos e proveitosos.

Mazé, como é comumente conhecida, ponderou ainda que é obrigação do cronista fazer com que o leitor observe os fatos na cidade, ou o ponto pelo qual se está falando, pois quem escreve crônica, tem a responsabilidade de fazer com que cada um perceba a sua maneira, o que o cronista está dizendo. Seu objetivo é levar para o público suas observações sobre um local, um evento ou uma pessoa e sua preocupação maior é convencer o leitor sobre a importância do que está sendo colocado na crônica, fazendo com que o mesmo se transporte para dentro do fato e tenha senso crítico sobre o que está sendo relatado.

Quanto a esta habilidade, Robério Braga (2014, p. 12), relata que: “Ela mesmo, Mazé Mourão, recorda o cotidiano em conversas que, amiúde, carregam humor, crítica, paixão, temor, saudade, dor, angústia, alegria...mas falam ao leitor como a realidade se nos apresenta”.

Enfim, seu objetivo maior é agradar o leitor, conduzindo-o a mergulhar no que está sendo relatado, por isso, a cronista se dedica cada vez mais na escrita desse gênero literário. “Feliz Manaus”, crônica escrita por Mazé em homenagem ao aniversário da cidade, foi a escolhida para mostrar um pouco da performance da escritora ao dedica-se a lembrar como era a Manaus de sua saudosa infância e juventude vivida numa cidade que hoje fala com tom de saudade da eterna lembrança de um tempo na cidade que se foi.

Há tempos, estou nessa fase da vida. De falar “naquele tempo”. Então...Manaus era uma cidade quando a gente chegava a uma festa todo mundo se conhecia. Mas, não disso que quero falar da minha cidade aniversariante. Sei que os modernos fazem aquela cara de “lá vem esse papo”. Porém, deixa-me lembrar, só um pouquinho, aquele tempo... Como não dizer naquele tempo? Da Praça da Polícia que, aos domingos, era o caminho certo para as moças que queriam casar! Minhas irmãs mais velhas me levavam pela mão (eu era o álibi), para dar voltas infundáveis em torno do coreto, sempre com a desculpa “essa menina precisa sair de casa”, sem se importarem se eu estava com o corpo pinicando no vestido novo de organdi de seda, os sapatos comprados na Sapataria Onça. Não sei se elas acharam marido, mas que aprendi a paquerar com o olhar, disso não tenho a menor dúvida[...]. (MOURÃO, 2018, p. 71-72).

A escritora não perdeu a oportunidade de parabenizar a cidade, escrevendo da melhor maneira possível, sua homenagem a partir de uma crônica para mostrar aos seus leitores como a mesma sente saudade da Manaus que fez parte da sua história de vida por muitos anos e que, lembrar desses bons momentos vividos, lhe causa grande satisfação.

Através dessa crônica é possível viajar junto com Mazé pelos caminhos que ela percorreu e aproveitar para saber com detalhes únicos, como a vida acontecia e como as pessoas se relacionavam com os lugares e as paisagens na cidade de Manaus no tempo de infância da cronista. Neste período, acredita-se que seja na década de 1960, a cronista relata que as praças de Manaus era um ponto de encontro entre as pessoas que estavam em busca de um casamento. Percebe-se através da leitura do gênero, que as praças daquela época eram bem mais frequentadas pela população jovem, sendo este o lugar ideal para quem estava em busca de um casamento.

Figura 8: Praça da polícia – Manaus, Am



Foto: O autor, 2019

A praça da polícia hoje, compõe uma paisagem onde geralmente as pessoas passam por ela, sendo raras as que param para conversar com alguém, ou quem sabe, para espairecer um pouco. As pessoas na atualidade, principalmente os jovens, frequentam outros lugares espalhados pela cidade, são raros os que utilizam as praças como ponto de encontro. Na época da infância de Mazé, foi na praça o lugar onde ela aprendeu como se paquerava alguém. “Não sei se elas acharam marido, mas que aprendi a paquerar com o olhar, disso não tenho a menor

dúvida.”.

Outro lugar bem detalhado por Mazé foi o cinema dessa época. Visto atualmente como um dos lugares bem frequentados pela população, este espaço não dispunha de tecnologias avançadas como os de hoje conforme nos detalha a cronista nesta mesma crônica.

[...] É queridos novos amazonenses, ainda experimentei com clamor no coração, a primeira vez que fui ao cinema com minha irmã Maria Luiza (sem tomadora de conta), assistir no Cine Avenida ao filme “Candelabro Italiano”! Quem já estava acomodado nas poltronas esperava para ver os cabelos das meninas voando ao passar pelas imensas bocas de ventilador embaixo da tela. Emoção, vendo a película linda. [...]. (MOURÃO, 2018, p. 71).

Como o avanço das tecnologias mudaram também certos cenários da cidade de Manaus. Atualmente, o espaço do cinema tem se modernizado cada vez mais, sendo este também um espaço frequentado por pessoas de várias classes sociais. Através dessa crônica, pode-se fazer até mesmo um estudo sobre os tipos de pessoas que frequentavam os cinemas naquela época, pois com certeza, este espaço era frequentado por uma minoria que desfrutava de um poder aquisitivo razoável.

Saber qual cinema é o melhor, se o da infância de Mazé ou o da atualidade, nos remete a responder que com certeza, o melhor será àquele que tem um valor simbólico para quem vivenciou as experiências. O cinema que Mazé frequentou tinha para ela, um outro sabor, pois a cronista relatou com categoria, sobre os seus bons momentos vividos e lembrados neste espaço da cidade. Todas as suas experiências somadas à forma de como ela se expressou na crônica, principalmente ao lembrar do tempo de sua infância, nos revelaram como a cronista se sentia no lugar de sua existência.

A esse respeito, Serpa ao retratar sobre a Fenomenologia, método de abordagem dessa pesquisa, compreende que os valores são atribuídos pelos sujeitos aos lugares e às paisagens, mediante a sua relação, percepção e experiências com eles e isso pode variar de indivíduo para indivíduo devido a um fator importante, o da intersubjetividade.

Se a paisagem é intersubjetiva e um dos aspectos mais visíveis, materiais e aparentes da espacialidade da presença, revelando o sentido (e as conjuntura espaço-temporais) do Ser-no mundo e o sentido do Ser em geral, então as fenomenologias da paisagem são também ontologias. Essas fenomenologias/ ontologias vão, portanto, elucidar, além de sua base intersubjetiva, também, a revelar morfologias e conteúdos outros da paisagem, sob a perspectiva de seres posicionados no mundo, se relacionando intersubjetividade *em situação*. (SERPA, 2019, p.30).

As paisagens da cidade aqui mencionada por Mazé possuem valores intersubjetivo, pois ao se observar as mudanças ocorridas nestas paisagens ao longo do tempo, pode-se constatar

que o diferencial não está na transformação enquanto a forma que estas paisagens apresentam hoje, mas está no seu conteúdo e na sua função no espaço, podendo esta variar de acordo com as experiências que ficaram guardadas na memória da cronista, desde a época de sua infância e juventude. Ademais, diz respeito à relação de Mazé com as paisagens. Isso sim, a fez entender que o mais importante dessa categoria não está na transformação de sua estrutura morfológica, mas na essência que essa paisagem, enquanto valor simbólico, representou para ela desde a época de sua infância, mediante as suas experiências de vida

Ainda nesta crônica, Mazé relata sobre a sua liberdade em andar a pé pelas ruas da cidade e o banho que frequentava nas águas do Rio Negro.

“Sou de uma época, meus prezados, que descia a Avenida Sete de Setembro até o início (saca o Paço da Liberdade?) com meu irmão Paulo, onde encontrávamos os Brasil-Jair, Leila e Marlizinha- e íamos tomar banho no Rio Negro.”

Nota-se que Mazé revela que tomar banho nas águas do Rio Negro nesta época, era uma prática prazerosa. Na atualidade, poucas são as pessoas que se arriscam em tomar banho neste local devido a crescente poluição de suas águas.

A cronista também recorda os cantores que fizeram muito sucesso na sua época de juventude e que até hoje ainda são bastante admirados por quem viveu a essência das letras cantadas, principalmente pelos cantores poetas Roberto Carlos e Erasmo. É normal que a melodia de uma música possa transportar as pessoas à reviverem momentos sublimes de sua vida que marcaram uma época, assim como ocorreu com Mazé. Acontece que o tempo passa e com as novas gerações também nascem novos gostos, novos interesses e novos hábitos. Uma música antiga pode parecer ultrapassada pela geração atual, mas para quem viveu no tempo do seu auge, ela soa como um despertar para um momento, ora de alegria ora de tristeza, vai depender muito, como já havia falado, da intersubjetividade de cada indivíduo e as experiências com os lugares e as paisagens.

Assim, aconteceu com Mazé (2018, p. 72) ao lembrar da crônica lida ao meio dia por Josué Claudio de Souza. “Ah, Manaus, saudosa cidade da crônica do meio-dia, do aroma de alho frito no almoço, do chá gelado e do sorvete do Messias.” Ao lembrar da crônica, não tinha como esquecer do cheiro da comida preparada para o almoço, pois a crônica de Josué era lida ao meio dia, hora em que o almoço estava pronto. Observa-se que essa descrição a fez lembrar até do cheiro que circulava na atmosfera da cidade na época.

A partir da crônica de Mazé em homenagem ao aniversário de 347 anos da cidade de Manaus, foi possível conhecê-la em décadas anteriores, além de saber um pouco mais detalhado sobre o modo de vida das pessoas, seu relacionamento com os lugares e as paisagens e a forma

de como elas viviam. Esta crônica, pode ser considerada uma ferramenta fundamental para se interpretar melhor sobre o modo de vida das pessoas que viveram em Manaus em décadas anteriores e a sua cultura. É uma oportunidade para se travar diálogos que venham proporcionar o entendimento de que a cidade pode ser considerada um organismo vivo, onde à medida em que o tempo passa, as pessoas e as paisagens também se transformam juntamente com os seus significados, pois tudo é uma questão de experiência de cada um com os lugares e as paisagens.

2. 2. 6 José Aldemir de Oliveira e o direito à cidade

O geógrafo José Aldemir de Oliveira, possui doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo e atuou como professor titular da Universidade Federal do Amazonas, na área de Geografia Humana, com ênfase em Geografia Urbana, isso explica o fato dele ter se dedicado tanto ao estudo das cidades, principalmente as da Amazônia.

Seus estudos abarcavam, principalmente assuntos referentes às cidades, os rios, entre outros. Como um grande geógrafo, também lançou seu olhar sobre a cidade de Manaus, lugar pela qual ele passou boa parte de sua existência, por isso, a estimava muito e assim, se dedicou a escrever crônicas sobre o que ele observava no decorrer do seu no dia a dia.

Autor do livro *Cidades na Selva*, José Aldemir é também um escritor de crônicas a respeito da cidade de Manaus. Sua visão e percepção de geógrafo acrescentaram ainda mais uma essência extra ao gênero, por este escrever sobre a cidade abarcando temas referentes aos lugares, gente e amores. José Aldemir de Oliveira já lançou dois livros de Crônicas. O primeiro intitulado “Crônicas de Manaus”, publicado em 2011 e o outro intitulado “Crônicas da minha cidade” em 2017.

O professor José Aldemir de Oliveira faleceu em 22 de novembro de 2019, deixando uma rica contribuição para o saber geográfico sobre as cidades da Amazônia. As suas crônicas revelam com sensatez a maneira pela qual ele percebia a cidade, tanto no que se refere às virtudes quanto as mazelas. Para este cronista e geógrafo, o importante não era apenas relatar sobre os problemas urbanos, mas também apontar soluções para eles, por isso, insistia em acreditar que a luta pelo direito à cidade teria que continuar existindo, mesmo sabendo que nem todos teriam esse direito adquirido.

As crônicas de José Aldemir de Oliveira sobre Manaus, abarca a cidade para além da visão de um geógrafo, pois insere-se na reflexão abordada em seus textos de maneira notória, como um cidadão apaixonado pelo lugar que compactuou boa parte de sua existência. Também destaca-se ao descreve com precisão sobre a singularidade dos espaços por ele observado,

enxergando questões diárias e rotineiras que muitas das vezes traziam à tona suas inquietações para com alguns aspectos percebidos na cidade e isso o fez direcionar um olhar atencioso à Manaus que, segundo ele, se modifica enquanto forma e conteúdo, mas que também pode ser compreendida e interpretadas através das reflexões dos olhares lançados sobre os lugares e suas paisagens.

Tenório Telles, também cronista e membro da Academia Amazonense de Letras escreve sobre o seu apreço às crônicas do geógrafo José Aldemir e expõe a sua opinião sobre o seu primeiro livro de crônica intitulado “Crônicas de Manaus, lançado em 2011.

[...] As crônicas de José Aldemir de Oliveira nascem igualmente do diálogo com o mundo- experiência comumente marcada pela tensão e crítica em relação aos dramas sociais e desencontros da vida. O autor captura no espaço urbano – “os acontecimentos do cotidiano”- temas e nuances para tecer seus textos. A urbe é o palco onde a vida se desenrola e o cronista decifra-lhe os segredos e denuncia-lhe a brutalidade: “Nas cidades como Manaus a vida produz tempos contínuos, caracterizados pela pobreza de realizações resultantes das diferenças sociais que se concretizam nos lugares de trabalho, de lazer e de morar como local das práticas individuais e coletivas, das experiências materiais, religiosas e culturais...”

Este livro não é só um passeio pelo dia a dia de Manaus - é também um testemunho do cronista sobre as “esperanças, alegrias, amores e gestos solidários armazenados na memória coletiva...” e que dão “sentido à vida, tornando os caminhos curtos e os desencantos breves...que abrem a porta para o infinito”.

Nessa magia feita de realidade e linguagem reside um dos segredos da arte de tecer as palavras- de tecer a existência. Desafio que José Aldemir enfrenta com êxito.

Tenório Telles

Tenório Telles ver as crônicas do geógrafo José Aldemir como uma oportunidade para se conhecer melhor a cidade e suas particularidades. Dessa forma, este gênero literário pode propor que os discentes contextualizem os assuntos trabalhados em sala de aula com o que eles observam no cotidiano, como expressa esse fragmento de uma das crônicas de Oliveira, cujo título “**Quase ninguém**” relata sobre uma adolescente que lutava para ganhar a vida vendendo sacolas na feira. Essa crônica trata de uma experiência vivida pelo cronista ao longo de suas idas e vindas à feira.

Não tinha nome, nem idade, nem nada, era quase ninguém. Na feira lá estava ela com a cara sardenta, peitinhos de pitomba, olhos meio serrados. Vendia essas sacolonas de polietileno, utilizadas para se levar coisas da feira para casa. Apareceu uma vez e muitas outras. Depois sumiu para aparecer já preparando outra pessoa. Não me contive. Ah, Deuses! Ela retrucou: Deus não tem nada a ver com isso, transei sem camisinha, fui tomar a injeção do dia seguinte, o posto de saúde estava fechado, voltei no outro dia, não tinha o remédio e aí não teve jeito-E agora? – Vou ter e criar. – Como? – Fazendo sacola e vendendo na feira.

Comprei a sacola. Ela se foi. Todas as vezes que ia à feira, eu a procurava como quem busca algo raro. Até que um dia, lá estava ela com o bebê a tiracolo. Devia ser de origem indígena, pelo modo como carregava sua cria num pano feito tipoia, amarrado às costas. [...] Certa manhã, me assustei ao deparar com sua foto estampada no jornal com a manchete “Galerosa é presa”. Continua sem nome, sem direitos, sem nada. Não

li a notícia, mas lembrei-me da sua fala quando a vi pela última vez. Deve ter se apropriado de alguma coisa para alimentar seu bebê ou fez qualquer trabalho sujo com o mesmo fim.

E agora, quem irá amamentar o seu bebê? Nada posso fazer, nada pode ser feito. Vem-me apenas o sentimento: Soltem-na, para que continue vendendo as sacolas e alimente sua filha. Soltem-na, e nos coloquem a todos no seu lugar. Cada um de nós, qualquer um de nós cometeu um crime maior do que o dela. Seu crime foi ter feito outra pessoa para quem transmitiu o legado de sua miséria. (OLIVEIRA, 2011, p. 68-69).

A crônica acima relata sobre uma fato que José Aldemir presenciou na feira em Manaus. Sua narrativa mostra a realidade de muitas meninas, ou melhor crianças e adolescentes que vivem trabalhando em vários pontos da cidade para ganhar a vida. Oliveira (2011) descreve que a menina era uma criança a beira da adolescência ao mencionar suas características “Na feira lá estava ela com a cara sardenta, peitinhos de pitomba, olhos meio serrados”. Trata-se de uma menina que pela descrição do autor era de origem indígena. A jovem, que se tornou mãe tão cedo, cresceu trabalhando numa cidade onde o Estado poderia criar políticas públicas que desse suporte para que a população adulta pudesse ter condições de criar seus filhos sem ter a necessidade de colocá-los para trabalhar ainda na infância ou na adolescência, ou seja, em plena idade escolar.

Casos como o dessa jovem relatado na crônica, se repetem em vários pontos da cidade. A maioria dos lugares por onde passamos, há uma criança trabalhando ou pedindo ajuda. Elas se encontram nos semáforos, em frente de lojas e drogarias, como também nas feiras. Muitos discentes que apresentam baixo rendimento escolar, alegam não ter tempo para se dedicar aos estudos porque precisam vender alguns produtos para ajudar no sustento da família. Fato como esse, é uma porta aberta para que muitas crianças, adolescentes e jovens entrem no mundo da criminalidade, pois como bem sabemos, a cidade é um palco onde várias pessoas lutam pela sobrevivência, sendo esta de forma digna ou não. O certo é que a crônica relatou sobre uma realidade presente não apenas em Manaus, mas em algumas cidades brasileiras e do mundo.

Se Manaus fosse uma cidade que buscasse investir melhor na educação das crianças e a população por sua vez exigisse seus direitos, provavelmente teríamos um cenário diferente do que temos hoje. As crianças frequentariam mais as escolas e estariam menos nas ruas. Ocorre que a população encontra-se conformada com a atual situação de pobreza, pois em vários pontos da cidade há pessoas de várias idades vivendo em condições precárias. Neste sentido, é necessário através da leitura de uma crônica como esta, discutir com os alunos sobre o direito à cidadania que está incluída nesta discussão, o direito à cidade.

A crise econômica, é um dos discurso que a mídia prega para justificar a situação de pobreza na cidade. Quanto a este aspecto, Nilo Sérgio d`Avila Modesto relata que este problema

social tornou-se invisível não só pela classe dominante, mas pelo governo.

A tudo é atribuída a crise. Crises econômicas, políticas, sociais, de valores, da educação ou da cultura. A crise torna-se uma razão explicativa esvaziada de sua significação; talvez para os economistas haja uma explicação plausível. Porém, deixar nas mãos destes a explicação para o que vem ocorrendo apenas irá restringir o foco de análise dos acontecimentos. (MODESTO, 2014, p. 68).

Modesto quis chamar a atenção para o papel da Geografia enquanto ciência. Para ele, a ciência geográfica tem muito a contribuir na formação de uma sociedade bem mais esclarecidas sobre os seus direitos. Esse objetivo deve ser uma busca incessante de toda ciência que se preocupa com a relação de existência dos indivíduos no espaço geográfico.

Para Modesto, é necessário discutir sobre as inúmeras mudanças ocorridas não só no espaço geográfico das cidades, mas procurar compreender a forma de como as pessoas estão sendo levadas a aceitar o desequilíbrio financeiro, ao ponto de chegar ao conformismo frente a situação econômica que atinge as classes menos favorecida.

Ainda Modesto, procurando trazer esclarecimento sobre o que está ao nosso alcance fazer, enquanto sociedade civil para adquirir condições digna de sobrevivência, pondera que:

A sociedade civil cria grupos que pressionam em direção a determinadas opções políticas, produzindo, conseqüentemente, estruturas institucionais que favorecem a cidadania. Uma sociedade civil fraca, por outro lado, será normalmente dominada pelas esferas do Estado ou do mercado. Além disso, a sociedade civil consiste primordialmente na esfera pública, onde associações e organizações se engajam em debates, de forma que a maior parte das lutas pela cidadania é realizada em seu âmbito por meio dos interesses dos grupos sociais, embora- cabe a ressalva – a sociedade civil não possa constituir o locus dos direitos de cidadania, por não se tratar da esfera estatal, que assegura proteção oficial mediante sanções legais. (MODESTO, 2014, p. 83).

Entende-se que Modesto ver na Geografia, principalmente na escolar, assim como em outras instituições, como igrejas, entre outras, a possibilidade de unir forças para consolidar existência de uma sociedade civil esclarecida sobre o direito à cidadania e a orientá-los a lutar por ele.

Figura 9: Crianças pedindo nas ruas da cidade de Manaus



Fonte: O autor, 2019.

A crônica “Quase ninguém” é um recurso fundamental para se discutir em sala de aula sobre as condições econômicas de muitas crianças e adolescentes que vivem na cidade em precárias condições e ao mesmo tempo discutir sobre as desigualdades sociais existentes no espaço urbano.

Quando os conteúdos geográficos fazem parte da vivência dos alunos, eles se tornam mais interessantes, e atraem a atenção dos mesmos pelo simples fato de proporcioná-los a oportunidade deles mesmos investigarem o que acontece no seu espaço vivido de forma mais aguçada.

[...] A crônica aparece como portadora por excelência do “espírito do tempo” por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura necessariamente entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente causais do cotidiano, que registra e reconstrói, como pela complexa trama de tensões e relações sociais que através delas é possível perceber. (NEVES, 1992 p. 82).

Estudar a cidade através das crônicas é um meio de incentivar os discentes a observar o lugar e as paisagens presentes no seu espaço vivência.

Filizola e Kosel ao discutir sobre “Teoria e prática do ensino de Geografia,” também veem que a importância de trabalhar as categorias lugar e paisagem através de outras linguagens, sendo este procedimento uma forma de alfabetização cartográfica.

[...] podemos tratar de algumas situações que permitam um trabalho pedagógico com outras linguagens, a exemplo das obras de arte e da literatura. Vale a pena recordar que o uso dessas linguagens nas aulas de Geografia significa muito mais que uma interdisciplinaridade. Isso porque sua abordagem se dá com um *olhar geográfico* e com a finalidade de assegurar a apropriação de conceitos tais como os de paisagem e lugar, tudo se dando por meio de uma alfabetização geográfica. (FILIZOLA; KOZEL, 2009, p.36).

Ao se tratar da importância das categorias lugar e paisagem nas aulas de Geografia, Corrêa (2003), expressa que a Geografia Cultural, tratando do LUGAR, fala das experiências sociais e pessoais e sobre os modos de vida nela presente. Nesse contexto, podemos inserir as crônicas literárias como sendo uma ferramenta para expressão do lugar e das paisagens presentes na cidade de Manaus, conforme os exemplos a partir das crônicas de Josué Cláudio de Souza, José Ribamar B. Freire, Milton Hatoum, Tenório Telles, Mazé Mourão e José Aldemir de Oliveira, uma vez que estes cronistas relataram sobre suas experiências e percepções frente à cidade.

E por falar em percepção, o francês Éric Dardel (1990 apud NOGUEIRA, 2014) também relatou em seu discurso sobre a valorização das experiências do homem no lugar onde vive, as quais ele denomina de geograficidade. Neste aspecto, pode-se tornar notório que os cronistas urbanos trazem relatos expressivos sobre aquilo que observam no decorrer do seu dia a dia. Nogueira através de Dardel traz este entendimento para uma melhor compreensão da relação dos homens com os lugares, bem como a maneira pela qual estes produzem a sua própria existência.

Mediante o exposto, o terceiro capítulo vem apresentar a percepção que os alunos do Ensino Fundamental II tiveram de Manaus e suas paisagens através da produção de suas próprias crônicas. Nessa etapa, mostrar-se-á a possibilidade de se compreender o mundo geográfico dos alunos através dos textos por eles produzidos, uma vez que, o conjunto de palavras por eles redigidas, nos possibilitou compreender como esses discentes percebem o seu lugar, ao expor a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

III CAPÍTULO

A PERCEPÇÃO DO LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS A PARTIR DAS CRÔNICAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

3. 1 CONHECER PARA COMPREENDER: MANAUS E SUAS PAISAGENS

Como já foi mencionado, a pesquisa tem como base norteadora a Geografia Humanista Cultural e a Fenomenologia como método de abordagem para se compreender a maneira pela qual os discentes percebem os lugares e com eles se relacionam, por isso, desenvolveu-se durante a pesquisa, uma prática de campo que consistiu numa excursões com os alunos dos 7º e 9º anos da EMEF Arthur Engrácio da Silva.

Os discentes selecionados tiveram a autorização por escrito dos seus responsáveis para poderem participar da excursão que consistiu em visitar alguns pontos da cidade de Manaus, principalmente o centro histórico, destacando assim, o Teatro Amazonas, o Largo do São Sebastião, a Praça da Saudade, a Avenida Eduardo Ribeiro, o Prosamim, entre outros lugares.

Figura 10: Alunos nas dependências do Teatro Amazonas



Fonte: O autor, 2019.

A visita ao Centro histórico da cidade ocorreu no intuito de oportunizar aos alunos

conhecerem melhor Manaus a partir do centro, pois muitos deles alegaram não conhecer essa parte da cidade. Outros argumentaram que circulavam apenas nos bairros da Zona Leste e adjacências. Neste sentido, a excursão contribuiu bastante para que estes alunos passassem a conhecer e a observar melhor o espaço da cidade onde moram.

Figura 11: Visita ao Largo São Sebastião



Fonte: O autor, 2019.

Em cada pontos de visitação, explicou-se sobre o significado das paisagens e o que eles representam na cidade. Muitas perguntas surgiram e muitas dúvidas foram tiradas no decorrer

da excursão. Durante o percurso, percebeu-se o entusiasmo e a satisfação dos alunos pela oportunidade que eles estavam tendo de conhecerem de perto o centro histórico de Manaus.

Os discentes foram instruídos a observarem as paisagens durante o percurso que havia sido traçado desde a saída até a chegada na escola. O ônibus saiu da frente da EMEF Arthur Engrácio da Silva, localizada na Rua das Esmeraldas, S/N na Comunidade Nova Floresta, Bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus e seguiu pela cidade Nova até chegar a Zona Sul, onde realizamos as paradas. Neste trajeto passamos pela Av. Djalma Batista, onde eles avistaram o Igarapé do Mindu que passa no local, também observaram uma vasta área comercial, incluindo o Amazonas Shopping, Milenium, Plaza entre outras redes comerciais.

O retorno para a escola ocorreu pelo Distrito Industrial, localizado entre as Zonas Leste e Sul onde os discentes puderam ver uma parte do curso do igarapé do Quarenta e também do Prosamim II que compreende as Bacias dos Igarapés Educandos-Quarenta, seguindo pelos bairros Jappim, Armando Mendes, São José e Tancredo Neves. A excursão foi uma prática positiva para ampliar o conhecimento dos alunos referentes a cidade e suas paisagens em vários aspectos.

Um mês antes da aplicação da pesquisa com os alunos, houve um contato com a professora de Língua Portuguesa da escola, onde lhe foi colocado o objetivo da pesquisa, no que se refere ao uso das crônicas enquanto linguagem para estudo geográfico sobre Manaus e a mesma sentiu-se entusiasmada e aceitou a realizar um trabalho interdisciplinar com Geografia. A referida professora argumentou já ter trabalhado com os alunos sobre o gênero crônica na Semana da Literatura Amazonense e disse que faria uma recapitulação do assunto, orientando-os sobre o gênero e a sua importância.

Após a excursão, a pesquisa foi desenvolvida sempre dentro da escola com os alunos e com a devida autorização da gestora. Neste terceiro momento da pesquisa, realizou-se uma discussão com os alunos sobre o que eles perceberam na cidade durante a excursão e posteriormente, revisou-se sobre os conceitos de “lugar e paisagem” que foram as categorias geográficas mais trabalhadas ao longo da pesquisa. Neste sentido, a atividade extraclasse foi muito proveitosa para aguçar nos alunos o conhecimento sobre a cidade.

Giasantine ao refletir e escrever sobre as atividades práticas e a importância de estudar Geografia a partir da realidade do aluno examina que:

O estudo do meio é uma metodologia amplamente difundida na educação básica. Entre os seus objetivos primordiais e geralmente aceitos estão a observação e vivência de sala de aula. Envolve a apreensão e apropriação de elementos para o enfrentamento dinâmico da realidade pelos alunos, bem como estabelecer relações com outras realidades. [...] Os trabalhos de campo, viagens e excursões possuem larga tradição

na Geografia, servindo durante longo tempo como fonte geradora de conhecimentos, caso dos relatos de viagens e expedições de precursores da ciência. (GIANSANTI, 2009, p. 77).

Foi visível a importância dessa excursão para a pesquisa, pois tratou-se de uma prática que despertou no aluno o interesse pelo que estava sendo abordado em sala de aula. Além do que, se proporcionou aos discentes a oportunidade para que eles conhecessem de perto outras áreas da cidade de Manaus. Como bem argumentou Giansanti ao se referir às observações de uma realidade concreta, como faziam os comandantes das expedições no período das Grandes Navegações, sendo esta prática uma rica fonte de conhecimento geográfico. Os relatos de viagens, como já visto anteriormente, eram na verdade crônicas históricas, pois elas discorriam e descreviam sobre os lugares e as paisagens observadas pelos navegantes ao longo de seus percursos pelas terras recém-descobertas.

Figura 12: Discussão sobre as categorias “lugar e paisagem” no Telecentro da escola



Fonte: O autor, 2019.

Além da discussão e revisão das categorias geográficas “lugar e paisagem”, apresentou-se algumas crônicas sobre Manaus para que os alunos, após a realização da leitura, expusessem o que haviam entendido, expondo do que se tratava a crônica, o que eles acharam da leitura, se o que eles leram era possível ser observado na cidade e com quais assuntos já estudado em Geografia eles poderiam correlacionar à visão dos cronistas.

Esse momento foi bastante significativo, pois cada discente realizou a leitura da crônica de forma individual e expuseram o que entenderam e o que conseguiram correlacionar com o

seu espaço vivência. Esta dinâmica foi uma ponte que interligou o conhecimento adquirido em sala de aula através da leitura da crônica, com o lugar e as paisagens presentes no cotidiano desses alunos.

Quanto a este tipo de atividade, Callai relata no artigo “Estudar o lugar para compreender o mundo” sobre a importância dessas habilidades para o conhecimento do aluno, pois elas ajudam na compreensão dos assuntos geográficos a partir de sua realidade.

No processo de construção do conhecimento, o aluno, ao formular seus conceitos, vai fazê-lo operando com os conceitos do cotidiano e os conceitos científicos. Em geral, todos conceitos formulados a respeito das coisas, e a tarefa da escola é favorecer a reformulação dos conceitos originários do senso comum em conceitos científicos. Para tanto, é fundamental a capacidade de argumentação, que depende do acesso às informações. A formação dos conceitos acontecem pela prática diária, pela observação, pelas experiências, pelo fazer. Eles vão sendo ampliados, passando a graus de generalização e abstração cada vez maiores. (CALLAI, 2014, p, 88).

Por este caminho apontado por Callai que se pretende investigar a partir das crônicas a maneira que estes discentes irão desenvolver suas habilidades e capacidade de observar e relacionar o que está sendo discutido em sala de aula com o seu espaço vivência na cidade. Num outro momento, os alunos foram organizados em grupos onde receberam outras crônicas sobre a cidade para a realização de mais um leitura. O objetivo nesta fase, foi proporcionar uma discussão coletiva no intuito de observar o nível de interpretação da crônica com a participação de vários olhares.

Foi solicitado que os alunos descobrissem qual o autor da crônica, período em que ela foi escrita, se tinha personagens ou não, qual fato do cotidiano ela apresentava e quais eram as reflexões ou críticas que o cronista relatava, além de pesquisar no dicionário o significado das palavras desconhecidas.

A partir da leitura, os alunos buscaram refletir sobre o que estava sendo abordado na crônica e dessa forma, conseguiram associar a percepção do cronista à sua realidade.

Algumas equipes conseguiram realizar a leitura de outras crônicas pelo fato de terem achado interessante as suas abordagens e principalmente pelo fato da leitura tê-los conduzidos a entender sobre vários aspectos ocorridos com frequência na cidade, principalmente na Zona Leste, onde a maioria reside.

No término dessa etapa, alguns discentes pediram a referência dos livros, pois segundo eles, iriam em busca de comprá-los para conhecerem melhor sobre a cidade de Manaus.

Figura 13: Leitura e interpretação da crônica em grupo



Fonte: O autor, 2019.

Essa prática além de estimular o hábito da leitura, também desenvolveu no aluno uma conduta diferenciada, uma vez que eles passaram a entender a importância da Geografia na compreensão do lugar e das paisagens tanto do lugar em que eles vivem, como também do mundo, a partir de outras linguagens.

A leitura das crônicas enquanto linguagem para o estudo de cunho geográfico sobre a cidade de Manaus, abarca uma das competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental.

“Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográfica, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.” (BRASIL, 2017, p. 364 apud ADAS; ADAS, 2018, p. 8).

A crônica é um gênero textual que proporciona bastante informações geográficas para o estudo das cidades, pois comunica fatos do cotidiano dos cronistas. Callai ao explicar sobre a importância da categoria “lugar” atrelada também às experiências cotidianas dos alunos para aprender geografia, contempla que:

O estudo do lugar como possibilidade de aprender geografia considera o cotidiano da vida dos alunos e o contexto escolar como fundamentos. Neste sentido, lugar e

cotidiano são abordados no contexto escolar como oportunidade de desenvolver habilidades e competências que contribuem para a formação cidadã e para a construção de conceitos constitutivos da especificidade do conhecimento geográfico e para o estabelecimento das bases da aprendizagem da geografia na escola básica. (CALLAI, 2010, p. 25).

Habilidades como estas são indispensáveis para os educadores que visam construir uma sociedade mais esclarecida sobre o mundo. Ao se discutir a visão do cronista frente ao seu dia a dia na cidade, abriu-se possibilidades para se questionar com os discentes a maneira pela qual eles observam o seu lugar de existência.

Se preparar o indivíduo para a vida é um dos principais objetivos das ciências, proporcionar meios para atingir esse objetivo é um passo importante para a Geografia, a começar pelo estudo e compreensão da realidade do aluno.

Os Parâmetros curriculares Nacionais de Geografia por meio dos seus traçados, apostam nesta possibilidade.

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar a realidade: o conhecimento geográfico. (BRASIL, 2001, p. 108).

Foi pensando em proporcionar um conhecimento desse nível que se resolveu conduzir os alunos a entenderem melhor sobre a cidade a partir das crônicas, uma vez que relatar sobre o cotidiano é uma das suas principais características.

Após a leitura e debates sobre os diversos temas abordados pelos cronistas em sala de aula, chegou o momento oportuno para solicitar aos alunos que escrevessem sua própria crônica sobre a maneira pela qual eles percebem a cidade e suas paisagens.

Vale salientar que são estudantes dos 7º e 9º anos, portanto, suas crônicas não seguiram os rigores das normas exigidas conforme padrão literário, mas o intuito maior nesta etapa, foi investigar como estes discentes percebem o lugar e as paisagens presentes em seu cotidiano.

Figura 14: Produção das crônicas pelos alunos



Fonte: O autor, 2019.

Os alunos não mediram esforços para escreverem sobre a maneira como eles percebem Manaus e suas paisagens, com base nas experiências vivenciadas no decorrer de seu cotidiano na cidade.

Alguns alunos compararam Manaus com o município onde viviam anteriormente. Essa percepção dos alunos sobre a cidade foi registrada por meio da produção da crônica realizada em sala de aula, com duração de aproximadamente uma hora, no entanto, alguns conseguiram encerrar em menos tempo.

3.2 MANAUS E SUAS PAISAGENS NAS CRÔNICAS DOS ESTUDANTES DOS 7º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ao ler as produções, observou-se que a percepção dos alunos voltaram-se para quatro temas, sendo estes relacionados às questões referentes aos direitos humanos, às questões ambientais e à violência.

Dessa forma, apresentar-se-á a produção das crônicas referentes a cada tema para mostrar a maneira de como os discentes percebem a cidade de Manaus e suas paisagens, deixando nelas expresso o registro da sua relação de existência com a cidade. Para referenciar os alunos, usou-se as letras do alfabeto para identificá-los quanto à série e à idade.

3. 2. 1 *Produção textual dos alunos sobre os direitos humanos na cidade de Manaus*

Crônica 1

A aluna “A” tem 14 anos e está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental. Ela redigiu uma crônica sobre um fato que observou no centro da cidade e que esta paisagem lhe fez refletir sobre as condições de vida de muitas pessoas.

Quadro 1: Crônica - O lixo como alternativa, o alimentar dos destituídos de direitos

Título da crônica: **O lixo como alternativa, o alimentar dos destituídos de direitos.**

Ao caminhar com minha mãe no centro da cidade, fomos até o porto de Manaus pegar uma encomenda que minha avó tinha mandado. Ao sairmos do porto e atravessarmos a rua, andamos até um determinado lugar onde tinha uma igreja católica do lado esquerdo e no lado direito, tinha um corrimão. Ao lado desse corrimão, tinha uma área bem lá embaixo cuja paisagem era marcada por uma lixeira enorme, cheia de lixo.

Nesse lugar, eu decidi passar devagar foi quando me deparei com uma mulher. Ela era jovem que tinha aproximadamente uns 23 anos ou mais nova e junto dela tinha uma criança, um menino com idade entre 8 a 10 anos, parecia ser filho dela. Eles estavam catando alguma coisa no lixo para comer. Percebi que eles tinham separado alguma coisa, pude identificar resto de comida numa marmita, escova de dente velha, alface meio estragada, era dos vendedores que logo mais acima vendiam esse tipo de coisa e os que estavam já apodrecendo eles jogavam lá naquela lixeira.

Esse fato por mim presenciado me levou a observar que há uma desigualdade social muito grande na cidade. Infelizmente, a maioria das pessoas só tem olhos para descrever o lado bonito de Manaus, principalmente a mídia, mas bom seria se as pessoas olhassem mais o outro lado que é um cenário esquecido e deixado de lado. Trata-se da diferença que é feita, principalmente com as pessoas que moram nas ruas. Nossa cidade está sendo construída de uma forma cada vez mais desigual, onde muitos tem pouco ou quase nada e poucos tem muito. Pra falar a verdade, acabar de uma vez por toda com a desigualdade social em Manaus é quase impossível, mas diminuir é possível sim, basta que todos se juntem para cobrar dos governantes uma educação de qualidade, só assim quem sabe, teremos um dia, uma cidade mais justa para se viver e criar os filhos.

Aluna A, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluna “A” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

A crônica escrita pela aluna “A”, reflete a realidade de muitas cidades brasileiras, cuja desigualdade social é um problema visível. Entre tantas situações que ocorrem seu redor, o que mais lhe chamou a atenção, foi a imagem de uma senhora com uma criança catando lixo para comer. A percepção aguçada da discente foi capaz de identificar até os materiais selecionados na lixeira pelas pessoas que ela observava, bem como àquelas que os depositaram ali.

Na visão da aluna, seria bom se todos enxergassem esse problema na cidade e não se conformasse com a situação. Para ela, o que a mídia mostra é somente o lado bonito da cidade, considerando que, enquanto parte da população esbanja riqueza e vivem de forma luxuosa, há também os que sobrevivem com as migalhas que vão para o lixo e que finda sendo utilizado por outras pessoas como forma de garantir a sua sobrevivência num espaço que continua sendo cada vez mais desigual.

A aluna “A” não só descreveu uma problemática existente em vários centros urbanos das cidades brasileiras, mas foi capaz de reconhecer que ainda é possível mudar essa realidade, uma vez que a mesma convoca a população para cobrar das autoridades competentes uma educação de qualidade, o que para ela, este seria um dos caminhos para se tentar diminuir as desigualdades sociais existentes no lugar onde vive.

Através da percepção da aluna “A”, é possível trabalhar em sala de aula sobre a produção do espaço urbano, afim de que os alunos compreendam que a cidade é também composta de classes sociais diferentes e que estas classes produzem e atuam no espaço urbano de acordo com o seu nível econômico, no entanto, é necessário mostrar que neste cenário, todos tem direito à cidade, basta lutar por um espaço mais digno.

Ao longo da minha experiência em sala de aula, tenho percebido que muitos discentes ainda não conseguiram compreender como é de fato, a vida na cidade. Muitos adolescentes e até mesmo os jovens, na maioria das vezes, não entenderam que eles, enquanto estudantes, precisam qualificar-se cada vez mais para enfrentarem os desafios que porventura venham surgir ao longo de sua existência, podendo ser, a luta pela sobrevivência uma delas.

Entende-se que estudar sobre a cidade é muito relevante para o conhecimento dos alunos, no entanto, esta compreensão precisa contribuir de forma positiva para o crescimento dos discentes em todos os sentidos, principalmente no que se refere a sua formação enquanto indivíduo participativo e mais informado sobre seus direitos e deveres na sociedade.

Figura 15: Catadores de lixo na Zona Leste de Manaus



Fonte: O autor, 2019.

Imagem como esta é comum em Manaus, assim como em outras cidades brasileiras e pelo mundo a fora. São cenas que expressam as mais profundas verdades sobre um espaço desigual, onde muitos tem o privilégio de escolher sobre o que se alimentar e outros, não tem escolha, a não ser a de disputar o lixo na hora de selecionar aquilo que poderá mantê-lo em pé para continuar a luta pela sobrevivência na cidade.

A aluna encerra a crônica apostando ser quase impossível sanar o problema da desigualdade na cidade de Manaus, mas também acredita que se o governo investisse mais na educação e a população também exigisse melhor os seus direitos em todos os sentidos, quem sabe assim, esse problema seria minimizado.

Lana Cavalcante em sua obra “A geografia escolar e a cidade, ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana” faz referência a importância de se analisar a paisagem urbana na busca de entender que o espaço urbano e a cidade se completam e este conhecimento é significativo para os alunos.

Paisagem urbana é o aspecto visível do espaço, é sua expressão formal, aparente. Como dimensão formal expressa o conteúdo, as relações sociais que a formam. Assim, ela é histórica, social e concreta. O espaço é o conteúdo, são as relações sociais em movimento que se materializam espacialmente. Paisagens é o conjunto formado pelos objetos e sua disposição pelos sons e odores, pelas pessoas e seus movimentos. Daí decorre a distinção entre paisagem urbana e espaço urbano. [...] A cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações; contudo, ela expressa esse

espaço como lugar de existência das pessoas, e não apenas como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado. (CAVALCANTE, 2010 p. 66).

Se a cidade é o espaço de existência das pessoas, a aluna A, no título da crônica, “O lixo como alternativa, o alimentar dos destituídos de direitos”, quis sinalizar uma paisagem que reflete o meio de subsistência de muitas pessoas que vivem do resto que vão parar no lixo. Questionar o porquê de muitos viverem nessas condições, exige que se tenha no mínimo, o conhecimento sobre as desigualdades sociais frequentes nas cidades. Para isso, é necessário que a Geografia enquanto disciplina escolar, proporcione aos discentes a interpretação de conceitos geográficos, como: paisagens urbanas, espaço urbano, entre outros.

Uma ciência cujo objetivo é preparar o indivíduo para o exercício da cidadania, deve primar por evidenciar ao aluno que o espaço da cidade é um direito de todos, mas que para isso, é imprescindível que “todos” aprendam a lutar pelos seus direitos. Segundo Lefebvre (2002) o urbano é o possível, definido por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realizá-lo, é preciso a princípio, contornar ou romper os obstáculos que atualmente o tornam impossível.

neste sentido que podemos defender a hipótese de que é possível acreditar na formação de uma sociedade que vá em busca de obter uma cidade mais justa, como bem enfatizou Lana Cavalcante, quando fez referência ao papel da Geografia enquanto ciência escolar neste contexto.

Se o hábito de estudar a cidade com mais ênfase fosse uma prática constante nas escolas, muitas pessoas poderiam não compor a paisagem dos que vivem hoje à margem da sociedade, pois muitos desses sujeitos, poderiam ter aprendido a se direcionar melhor no seu lugar de sua existência e assim viveriam de forma mais digna.

Quanto ao exposto, Cavalcante, esclarece que a Geografia enquanto ciência, também pode contribuir na preparação dos indivíduos para exercerem a sua cidadania no espaço urbano.

A prática da cidadania inclui a competência para fazer a leitura da cidade. Ser cidadão é exercer o direito de morar, de produzir e de circular na cidade; é exercer o direito a criar seu direito a cidade, é cumprir o dever de garantir o direito à cidade. [...] A escola é uma das instâncias de formação da cidadania. A escola por meio do ensino de geografia, pode ser um lugar de encontro e confronto entre diferentes formas de concepção e prática da cidade, cotidiana e científica. (CAVALCANTE, 2010, p.74-75)

Ler a cidade não é apenas descrever sobre as características de suas formas e pessoas, mas é compreender como estes elementos se inter-relacionam no espaço geográfico e de que maneira essas relações produzem sua condição de existência.

Estudar sobre o espaço da cidade é um conteúdo obrigatório no ensino de Geografia tanto no Ensino fundamental quanto no médio. Como disse a aluna, “Basta que todos se juntem para cobrar dos governantes uma educação de qualidade, só assim quem sabe, teremos um dia, uma cidade mais justa para se viver e criar os filhos”. Na expressão “**todos**” a Geografia está inserida na perspectiva de trabalhar com mais ênfase questões ligadas à cidadania, à capacitação dos alunos quanto a compreensão do espaço da cidade, a forma como ele é produzido, a maneira como estes discentes devem agir nestes espaços, visando em tudo isso, oportunizá-los desenvolver uma postura mais cidadã no lugar de sua existência.

Ainda Cavalcante ao relatar sobre o direito à cidade na perspectiva da compreensão da produção do espaço urbano e da gestão urbana, pondera sobre a importância do ensino de Geografia na construção da identidade e na formação de cidadãos mais críticos.

A escola e a geografia escolar tem a possibilidade de realizar a formação desse cidadão, compartilhando experiências de intercâmbio e de relações sociais diversas, propiciando reflexões e a construção de conhecimentos, circulando informações sobre o espaço urbano em sua complexidade e sobre e sobre a responsabilidade da participação do cidadão na produção do espaço.

Para realizar essa educação, além, de organizar suas atividades, buscando contemplar a temática da cidade e da gestão urbana, a escola tem de ser parceira nessa gestão, buscando conhecer as expectativas e as representações que seus alunos tem em relação à cidade, propiciando canais de participação efetiva desse grupo de cidadãos e gestão. (CAVALCANTE, 2010, p. 142).

De acordo com Cavalcante, essa formação para a cidadania pode ser facilitada por meio de estratégias de ensino que vise discutir a cidade enquanto o lugar de existência dos alunos.

Crônica 2

A aluna “B” tem 14 anos e está cursando o 9º ano. Entre tantas outras paisagens, a referida aluna escolheu um lugar para chamar a atenção para um fato que vem acontecendo na cidade de Manaus. Criada com a finalidade de integrar a capital amazonense aos demais municípios da Região Metropolitana, a ponte Phelippe Daou, construída sobre o Rio Negro, tem sido para ela, um símbolo que representa a tristeza e o medo, pois nela, muitas pessoas tem dado um ponto final à sua vida.

Quadro 2: Crônica - O adeus à vida na ponte Phelippe Daou

Título da crônica: O adeus à vida na ponte Phelippe Daou.

No mundo todo, o suicídio acontece entre jovens de 15 à 29 anos. A primeira violência, embora não seja tão simples, é não reconhecer quando uma pessoa está passando por algum sofrimento ou crise. Você pode relatar que ao ler os jornais, você tem observado que o número de pessoas que tiram suas vidas na ponte sobre o Rio Negro cresce a cada dia. O suicídio pode afetar qualquer tipo de pessoas, de diferentes origens, classes sociais e idades. Eu observei que em 2019 foram mais de 30 casos de suicídio. Existem alguns sinais que podem ser levados em consideração e permitem que os familiares ou as pessoas ao redor estejam sempre atentas.

Várias causas podem levar as pessoas a cometerem suicídio, sendo elas o abuso sexual, a perturbação mental, a ansiedade, o bullying, os pais ausentes, a falta de perspectiva ou vulnerabilidade social, etc. A lista é pouca de fatores que podem desencadear a depressão ou levar as pessoas a cometerem suicídio.

Nos últimos meses, os registros de suicídio na Ponte Phelippe Daou vem aumentando. É muito triste ver que a saúde mental das pessoas em Manaus estão arruinadas.

Várias pessoas que poderiam ter um futuro brilhante hoje não estão mais aqui, então, se você estiver triste ou passando por algo ruim, pense nisso, são fases e elas passam.

Eu quero você vivo. Diga não ao suicídio.

Aluna B, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluna “B” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

A aluna “B” descreve que a cidade está acometida de indivíduos que estão realizando atos de violência contra a sua própria vida. Para ela, as pessoas que vivem em Manaus estão passando por problemas muito sério. De um lado, aponta a violência cometida por parte da população que não percebe, ou se percebe, as vezes não ligam ou não sabem lidar com os sinais de fraqueza mental, espiritual ou até mesmo dificuldades financeiras daqueles que estão a sua volta. Do outro lado, estão os que cometem violência contra si mesmo, como é o caso dos suicidas.

A ponte Phelippe Daou, mais conhecida como a ponte sobre o Rio Negro, surgiu de uma necessidade de proporcionar maior agilidade no transporte de pessoas e de mercadorias da capital Manaus aos municípios próximos, ou vice-versa. Trajeto que outrora era realizado, em sua maioria, por vias fluviais. A ponte foi projetada para unir Manaus a outros municípios do Estado do Amazonas, como Iranduba, Manacapuru, Novo Airão, entre outros.

Figura 16: Ponte Phelippe Daou em Manaus, AM



Fonte: O autor, 2019.

Conforme aponta Souza em sua tese de doutorado com o título “A Ponte Rio Negro e a reestruturação do espaço na Região Metropolitana de Manaus: um olhar de Iranduba e Manacapuru” esclarece que o acesso aos lugares por estrada, facilita ainda a articulação de crescimento e desenvolvimento em todos os aspectos.

Conforme o modal de transporte existente para se chegar à sede municipal, a cidade pode se distinguir no contexto regional. Se uma cidade tem estrada e é possível chegar de carro, muito provavelmente ela terá maior articulação com o seu entorno e com a capital do que uma cidade aonde somente se chega de barco. [...] Ter integração rodoviária, sem depender do transporte fluvial, certamente muda as condições de *desenvolvimento* (ou de exploração) de um município no Amazonas. Nessa concepção, confirma-se o entendimento de que a instalação da rede de infraestrutura (transporte rodoviário) facilita o desenvolvimento de uma região. (SOUSA, 2015, p.32, 33).

Numa discussão geográfica, pode-se apontar nas aulas de Geografia que o objetivo da construção da ponte Phelippe Daou, foi a integração de alguns municípios pertencentes à Região Metropolitana de Manaus à sua metrópole e que essa integração visava aumentar o desenvolvimento dos municípios ao entorno da capital Manaus, no entanto, a partir de uma

crônica como esta, o professor pode discutir com os discentes sobre a nova forma de integração espacial da Região Metropolitana de Manaus, enfocando entre outros aspectos, a valorização comercial das terras nos municípios como, Iranduba, Manacapuru e Novo Airão, que devido a facilidade de acesso, também obtiveram, um aumento considerável do número de seus habitantes, o que possibilitou o surgimento de novos empreendimentos comerciais.

O estudo da Região Metropolitana, é um dos assuntos presentes no conteúdo curricular de Geografia da Educação Básica, pra ser mais preciso, nos sétimos anos do ensino fundamental. Geograficamente e historicamente, assim era pra ser vista a função da Ponte Phelippe Daou, no entanto, não é essa a percepção da aluna “B”, pois a sua experiência de vida, decorrente do que ela vem acompanhando através dos jornais e outros meios midiáticos, a referida ponte passou a ser um símbolo diferente na paisagem, pois a mesma, de tanto ver reportagens sobre as pessoas que nela cometeram suicídio, à associou ao medo e a tristeza.

Para Nogueira (2014) “Por sua vez, o lugar pode transformar-se em espaço, quando este causar no homem tristeza, lembrança de algo ruim”. Se não houvesse suicídio na ponte, este seria um lugar de referência positiva para a aluna.

Um programa digital de uma emissora de TV¹⁸ na cidade de Manaus publicou sobre: “A campanha "Setembro Amarelo" busca conscientizar e prevenir o suicídio. Por semana, aproximadamente 5 pessoas tentam tirar a própria vida na ponte que liga Manaus aos municípios da Região Metropolitana”. Nesta matéria, a jornalista Tatiana Sobreira, entrevistou o capitão Carpê Andrade, da Polícia Militar do Amazonas (PM-AM), onde este expôs sobre o grave problema que Manaus vem enfrentando, que é o suicídio. Conforme Carpê (2019) “de cinco a seis pessoas tentam suicídio por semana. “Às vezes, essa vítima não tem apoio sequer dos familiares. Depressão não tem idade, não tem cor, não tem sexo, não tem religião”.

Nas escolas, são inúmeros os casos de alunos que apresentam sinais de depressão e despreço pela vida. Fatores para justificar esses sinais são o que não faltam. Alguns discentes alegam ter sofrido abuso sexual na infância, sendo estes cometidos dentro da própria casa e muita das vezes até por familiares. Outro fator apontado é a separação dos pais, a falta de atenção e acompanhamento familiar, a dificuldade financeira, entre outros fatores.

Casos como estes, devem ser analisados, pois se uma sociedade não vai bem emocionalmente, todas as outras áreas ficarão comprometidas. Se o principal objetivo das ciências é proporcionar o bem estar das pessoas em todos os aspectos, então, é necessário pensar estratégias que busquem regatar o prazer pela vida. É preciso pensar sobre a condição de

¹⁸ Matéria publicada pelo programa da “WEB TV Em Tempo Conversa Franca”. 2019.

existência desses sujeitos no espaço da cidade frente aos desafios surgidos na contemporaneidade, sendo a prática do suicídio, uma delas.

Ao pensar no papel da Geografia neste contexto, não poderia deixar de citar Dardel como um dos grandes estudiosos que se preocupou em entender a relação do homem com o seu lugar de sua existência.

A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre. (DARDEL, 2011, p.33).

Entender a relação do homem com o espaço geográfico está para além de entender os espaços enquanto forma e função. Para Dardel, é fundamental que se compreenda até que ponto este espaço geográfico tem servido para que os homens se realizem nele. Considera-se que Dardel pensou na construção de um lugar que proporcionasse ao homem se exercer enquanto ser humano e que lhe proporcionasse prazer pela vida, pois caso contrário, esta realidade não sobreviveria de aparência, pois as atitudes dos homens revelam como eles realmente se sentem nesses espaços.

A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar. (DARDEL, 2011 p. 34).

Como bem relatou Dardel, quando o sujeito não consegue aderir seu espaço geográfico, sua realidade cai no vazio levando-o a esquecer de si mesmo. Por mais que as pessoas tentem viver de aparência, vai chegar o momento em que elas mesmas revelarão como estão se sentido de fato nestes espaços, através de suas atitudes. Isso explica o porquê de Nogueira relatar sobre a transformação de “lugar” em “espaço geográfico”, ou seja é quando o homem já não consegue ver nada de significativo no meio em que ele vive, observa e percebe. A aluna “B” percebe a ponte como um espaço geográfico e não como um lugar, pois a mesma não consegue relacioná-la à finalidade pela qual foi construída, entretanto, a percebe de maneira muito negativa devido ao índice de suicídio nela cometido.

Crônica 3

A aluna “C” tem 12 anos e está cursando o 7º ano. A sua percepção frente a realidade no seu espaço vivido, voltou-se para a violência contra o idoso. Para esta aluna, não respeitar

um idoso também é um ato desrespeito humano, pois a população idosa vem crescendo na cidade de Manaus, todavia a cidade ainda não aprendeu a tratá-los com dignidade.

Quadro 3: Crônica - Quando a idade chega tudo fica mais difícil

Título da crônica 3: Quando a idade chega tudo fica mais difícil.

Nós vivemos num lugar de tanta violência que parece que não acabar mais, porém tem uma coisa muito triste que é a violência contra o idoso.

No Brasil tem muito idoso sendo maltratados. Vemos em jornais, até pessoas agredindo nas ruas e em todo canto, parece que ninguém tem mais amor, vivem maltratando, desprezando e desrespeitando os idosos. Quantas vezes eu vi nos jornais notícias de pessoas atropelando o idoso. Não custa a pessoa parar o veículo pra esse idoso atravessar a rua. Eu vi jovens desrespeitando em não ajudar quando um idoso precisa, até em hospitais tem idosos jogados e precisando de atendimento médico. Uma vez eu vi no centro da cidade de Manaus um idoso na calçada. Esse idoso estava com um olhar triste e quando eu vi, me deu uma vontade de chorar e me deu um aperto no coração.

Eu estava conversando com minha madrastra sobre como as pessoas tratavam os idosos e ela falou:

___As pessoas tratavam com amor e carinho, quando eu era criança eu chamava eles de tio, tia e até de avô e avó. Assim que as crianças e jovens chamavam as pessoas mais velhas.

Eu gostei muito quando ela me falou que os idosos eram tratados com muito respeito. Eu fiquei até pensando, será que essas pessoas não pensam que vão envelhecer e que um dia não vão ter mais forças para suprir suas necessidades? Vão estar cansados e vai chegar o momento em que vão precisar de ajuda. Quando a gente é criança as coisas são muito fáceis, as pessoas agradam a gente, beijam, mas quando envelhecemos ninguém dar valor, todo mundo vira as costas e as coisas ficam mais difícil pra essas pessoas.

Na nossa sociedade tem muitos casos de maus tratos com idosos. Temos que acabar com isso e combater essa violência. Será que os governantes não estão nem aí pra isso? Não estão nem aí pra saúde dos idosos, pra sua segurança e proteção? Eu espero que esta crônica fale com você e lhe chame a atenção.

Aluna C, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluna “C” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

Para a aluna “C” os maus tratos para com o idoso, tem sido algo muito negativo na cidade. Neste caso, o que se observa é que as pessoas estão conseguindo viver mais, porém ainda falta criar políticas públicas que visem dar melhor assistência para os idosos.

Ao observar as ruas da cidade, a aluna relata que tem visto idosos abandonados e que ao seu ver, são estas paisagens que lhe causam dor, pois abandonar um idoso nas ruas, principalmente sabendo da sua fragilidade nessa fase da vida, é para ela, um ato de desrespeito. Isso mostra a necessidade de se trabalhar mais a questão do respeito para com as pessoas idosas, principalmente através da educação das crianças, dos jovens, dos adolescentes e até mesmo dos adultos. O respeito é também um dos deveres que constitui a cidadania.

Santos, ao acreditar na formação de uma sociedade mais cidadã, realiza críticas severas,

principalmente pelo desconhecimento da própria população quando o assunto se trata de “cidadania”. É notório que, muitas pessoas as vezes ou quase sempre, sofre humilhações e privam-se de seus direitos, principalmente por não conhecerem do assunto. As noções de cidadania devem estar presente nos mais variados discursos, seja este dentro dos lares, nas escolas, instituições privadas, ONGs, entre outros, pois uma povo sem entender ou por desconhecer o que é ser cidadão, não saberá também exercer sua cidadania.

Entre tantos aspectos relacionados à cidadania, Santos pondera que o respeito é uma delas.

[...] O respeito ao indivíduo é a consagração da cidadania, pela qual uma lista de princípios gerais e abstratos se impõe como um corpo de direitos concretos individualizados. A cidadania é uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância. A cidadania sem dúvida, se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura. [...]. (SANTOS, 2014, p.19-20).

Santos ao afirmar que a cidadania é uma lei da sociedade que atinge a todos e esta é aprendida, é vital que a temática seja reforçada e trabalhada de maneira mais incisiva não só com os alunos em sala de aula, mas por várias instâncias da sociedade em geral. A atitude de algumas pessoas para com os idosos na cidade, denuncia a fragilidade dessa cidadania. Para que a aluna “C” tenha esta percepção, é porque muitas cenas de maus-tratos para com o idoso ela deve ter presenciado, suscitando assim, uma certa indignação da sua parte.

O Estatuto do idoso regido pela Lei nº 10.741/2003 (BRASIL, 2003) estabelece que “nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão”. Apesar desses direitos estarem no Estatuto do idoso, a aluna “C” registrou na crônica que ao seu ver eles não estão sendo cumpridos.

O Estado passou a ser, em tese, o agente responsável pela proteção social, principalmente pelos mais vulneráveis. Porém, na prática, o Estado não assume de fato e de modo satisfatório a sua responsabilidade relativa às questões de proteção social. Apesar das falhas do poder público, no que concerne a sua verdadeira função estatal, a questão do envelhecimento começa, a partir daí, a se constituir em problema social. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 4).

Segundo Rodrigues e Soares, a população idosa passa a ser um problema pela fragilidade do próprio Estado em proporcionar melhor assistência a eles, muito menos quando se refere à proteção social. A família desempenha um papel muito importante neste contexto, mas infelizmente há de se concordar que há casos em que os próprios familiares são omissos e findam cometendo atos de crueldade, principalmente quando abandonam os idosos pelas ruas da cidade e outros, os agredem física e verbalmente.

A aluna encerra a crônica alertando o governo para zelar melhor pelos idosos a começar pelo cuidado como um todo e principalmente dando-lhes assistência à saúde.

Primeiro de outubro, comemora-se o “Dia Internacional do idoso”, no entanto, não basta lembrar de seus direitos e tratá-los bem apenas nesta data. É necessário que se trabalhe em sala de aula, questões relacionadas ao bem estar dos idosos. Quem sabe assim, teremos uma sociedade mais solícita e bem mais estruturada, pois onde há respeito, as chances de se conquistar uma vida melhor na cidade aumentam consideravelmente.

Através da leitura de uma crônica como a da aluna “C”, pode-se desencadear noções de cidadania, voltada principalmente para se discutir a vida do idoso na cidade. Ao se estudar em Geografia sobre a população brasileira, analisa-se a interpretação da pirâmide etária, desde a base até o topo.

Ao se reflexionar sobre a população que compreende o topo dessa pirâmide, nos deparamos com um tema contemplado pela crônica produzida pela aluna “C”, onde a mesma destaca, inclusive o aumento da expectativa de vida na cidade de Manaus, ao mesmo tempo em que a discente aponta a real necessidade dos governantes cuidarem melhor da população idosa, primordialmente dando-lhes assistência à saúde.

Figura 17: Idosos internados no corredor de um hospital público em Manaus



Fonte: O autor, 2019.

Pelo fato dos idosos serem mais suscetíveis às doenças, seria viável se nas grandes cidades tivessem prontos socorros e hospitais exclusivo para atendê-los.

3. 2. 2 *Produção textual dos alunos sobre meio ambiente na cidade de Manaus*

Crônica 1

O aluno “D” tem 14 anos, está cursando o 9º ano e escreveu uma crônica que iniciou enaltecendo a cidade de Manaus pelas boas qualidades e conquistas, porém não deixou escapar a oportunidade de escrever sobre algumas falhas cometidas pela sociedade ao longo dos anos e que afetaram diretamente o meio ambiente na cidade. Segundo este aluno, tanto o governo quanto a população contribuíram para o resultado negativo, principalmente os referentes às questões ambientais de muitas paisagens presentes no espaço urbano que temos hoje. Sua crônica foi inspirada numa cena que ele presenciou quando ainda era criança e que até hoje não esqueceu a lição. Para o discente, uma árvore além de fornecer frutos, ajudava a população a se proteger do sol, inclusive ele.

Quadro 4: Crônica - A cidade da floresta não tem árvore

Título da crônica: A cidade da floresta não tem árvore.

Manaus, coração da Amazônia, capital do Amazonas, uma das primeiras cidades a receber energia elétrica do país e mesmo assim é tão mal cuidada. É triste saber que Manaus é uma das duas cidades menos arborizada do país, sendo que a outra, ironicamente Belém.

Ambas as cidades foram fundamentais para a economia brasileira na época da extração da borracha. Sendo assim, o que se esperaria era que as duas, anos mais tarde, colhessem os bons frutos dos tempos da exploração e assim, prosperariam.

É, até que poderia ser assim, senão fosse os descuidos que os governantes tiveram de lá pra cá e não só eles como também a própria população que durante todos esses anos permitiram, e derrubaram as árvores como se elas fossem mera decoração, dando lugar à prédios e o crescimento horizontal da cidade.

Eu não reclamaria se os prédios fizessem fotossíntese, liberassem oxigênio e armazenassem gás carbônico dentro de si como fazem as árvores. Mas isso fica somente na imaginação, pois, na realidade temos visto a Amazônia sendo ferozmente desmatada, tamanha é a ganância do homem, as que não caem na fúria das máquinas e machados queimam devido as altas temperaturas.

Já vi uma árvore sendo derrubada e devo relatar aqui. Era uma bela árvore, grande e com muitas folhas, fazia bastante sombra. Até que um dia resolveram cortá-la por conta das folhas que caíam demasiadamente. Eu era criança e não poderia evitar, até porque não tinha tanta consciência quanto as pessoas que a cortaram. Em Manaus, temos cada vez mais prédios, temos cada vez menos árvores. Cada vez mais carros, cada vez menos oxigênio. É isso que chamamos de evolução? Se um dia, talvez, a chamada ganância parasse de consumir o coração da humanidade, paráramos de destruir o planeta.

Aluno D, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluno “D” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

Num contexto mais geográfico, entende-se que foi a partir da Primeira Revolução Industrial que o crescimento das cidades e a formação de uma sociedade altamente consumista passou a ser notória em consequência aos danos causados ao meio ambiente em todos os aspectos. Esse fato não é um marco específico de apenas algumas cidades, mas de aproximadamente todas elas. Na contemporaneidade, quase todas as cidades brasileiras e porque não dizer de quase todo o mundo, tem enfrentado crises ambientais que foram surgindo em decorrência dos problemas urbanos, gerados muitas das vezes, pela própria população que corre, a passos largos, em busca do tão sonhado crescimento econômico.

Neste sentido, Miranda analisa as consequências da urbanização para o meio ambiente, levando em consideração os pontos negativos desse suposto “avanço”.

Assim, a urbanização trouxe consigo novas formas de agressão ao ambiente, expondo o homem a uma esfera até então desconhecida, representada por fatores como pobreza, desemprego, lixo, água, esgoto, poluição atmosférica, congestionamento e violência que, mais do que efeitos colaterais da expansão demográfica urbana, são as variáveis permanentes da opção por um dado modelo de produção. (MIRANDA, [s.d], p. 3).

A cidade de Manaus, conforme já visto nas crônicas anteriores desfrutava de uma paisagem natural bastante apreciada pelas pessoas que tiveram o privilégio de viver neste espaço, por exemplo, entre as décadas de 1930 à 1960. O que se observa é que, conforme a cidade foi evoluindo em seus ciclos econômicos, o crescimento urbano também acelerou e conseqüentemente o meio ambiente também foi sofrendo alterações.

A cidade cresce, o modo de vida das pessoas e a maneira de como elas se relacionam com o lugar de sua existência, também passa a refletir na formação de novas paisagem, tanto pela forma de sua ocupação quanto pela relação de trabalho. Observa-se que a relação do homem com o espaço da cidade, tem ocorrido de forma desastrosa, pois estes, quase sempre agem de forma insustentável, principalmente quando o assunto é o lucro imediato.

O período áureo da borracha e posteriormente a instalação da Zona Franca de Manaus em 1967 atraíram muitas pessoas e conforme elas chegavam, a malha urbana foi se expandindo, causando de certa forma, uma alteração na paisagem por conta da construção de casa, comércios, prédios, entre outros elementos.

Santos e Silva demonstraram a importância de se estudar as questões ambientais em sala de aula, até mesmo como forma de levar os alunos a compreenderem como se deu formação da cidade, seu crescimento, levando em conta a relação do homem com o meio ambiente, apontando, como a ação humana foi gradativamente modificando a natureza.

A forma como os seres humanos se relacionam com a natureza refere-se à maneira como estes se relacionam entre si em um determinado sistema social, passando por modos de produção que quase sempre deram pela exploração do ser humano pelo ser humano. Nesse contexto, as relações sociais ocorrem na maneira conflituosa, sobretudo no capitalismo, uma vez que as desigualdades em todas as esferas da sociedade são acentuadas, e impactos ambientais de diferentes proporções e situações são desencadeados, devido à voracidade na produção de mercadorias e no consumo. (SANTOS; SILVA; SANTOS, 2018 p. 187).

Acredita-se que o aluno “D” lembrou bem das aulas de História e Geografia sobre o surgimento da cidade de Manaus, seu crescimento, o aumento do consumo, entre outros fatores, pois o mesmo aponta que os ciclos econômicos trouxeram bons resultados para a cidade, mas que, em contrapartida, houveram também muitas perdas, inclusive na questão ambiental.

Figura 18: Jambeiro cortado de um quintal na Zona Leste de Manaus



Fonte: O autor, 2019.

Ao escrever que “Eu não reclamaria se os prédios fizessem fotossíntese, liberassem oxigênio e armazenassem gás carbônico dentro de si como fazem as árvores”, o aluno quis demonstrar que a cidade foi tomada por construções de prédios e estes aos poucos foram substituindo as das árvores. A imagem do jambeiro cortado em novembro de 2019, revela o quanto a prática de retirar as árvores das áreas urbanas, principalmente dos quintais, ainda está muito presente no cotidiano dos manauaras.

Para o aluno “D”, as árvores são um recurso natural muito importante para quem vive em Manaus, pois elas contribuem na liberação do oxigênio, por isso, sua percepção debruçou-

se a respeito do desmatamento, visto que o mesmo ultrapassa os limites da cidade e alcança a Amazônia que tem sido o principal alvo dessa destruição.

Ao se referir a “*ganância do homem*”, o referido aluno quis elucidar a questão da produção dos bens através do uso da madeira, que visa atender uma sociedade consumista que cresce cada vez mais no mundo.

O desmatamento na Amazônia tem sido alvo de manchete no mundo inteiro e esse quadro também vem se atrelando à Manaus, que conforme já foi mencionado, apesar de ser conhecida como uma das metrópoles dessa região, está entre as cidade brasileira menos arborizada do Brasil.

A lembrança de infância que ficou guardada na memória do aluno, foi a de ter visto uma árvore sendo cortada, simplesmente porque ela derrubava muitas folhas, mas este frisou sobre a importância desse recurso natural para as pessoas, pois ela fornecia sombra.

Isso comprova o quanto é relevante trabalhar as questões relacionadas à educação ambiental em sala de aula desde as séries iniciais, pois uma criança, através de gestos, palavras e atitudes, pode tentar convencer um adulto a não praticar tais crimes ambientais, pois além de despertá-los a serem mais cuidadosos com os elementos naturais presentes na cidade, o professor pode atribuir-lhes o papel de um agente defensor do meio ambiente por meio de sua conduta.

Crônicas como esta, ampliam a visão do professor e podem, inclusive levá-lo a conhecer melhor o ambiente dos discentes através dos relatos de como eles percebem as paisagens a sua volta. Ademais, cabe ao professor também, despertar no aluno o hábito de refletir sobre a maneira de como a sociedade está cuidando dos poucos elementos naturais que ainda restam na paisagem urbana.

Crônica 2

A aluna “E” tem 14 anos e está cursando o 9º ano. Ao redigir a crônica, seu olhar foi buscar as paisagens presentes no entorno de sua casa e em alguns pontos da cidade para falar sobre a sua percepção frente à algumas questões ambientais, pois a poluição, segundo a discente, está presente no ar na água e no solo.

Quadro 5: Crônica - Falta de consciência

Título da crônica: Falta de consciência

A falta de consciência das pessoas em relação a poluição em Manaus é grande. Eu, quando passo por alguns lugares vejo igarapés onde a maioria estão poluídos. Aqui em Manaus, uma vez ou outra foi que vi a prefeitura tirando os lixos dos rios, mas quando volto depois de alguns dias, está tudo poluído novamente.

Não é só os igarapés que são poluídos, mas as ruas, as avenidas, calçadas e muitos outros lugares que eu vou a poluição está presente. Na rua onde moro há um local onde as pessoas jogam lixo e ainda vem um seres misteriosos chamados cachorros que estão sempre à procura de comida e rasgam as sacolas de lixo, aí já viu, o chão fica todo sujo.

Atrás da escola onde estudo, praticamente virou depósito de lixo porque simplesmente a população, ou seja, os moradores vão lá e depositam lixo e mais lixo. Hoje, 15 de agosto de 2019, passei atrás da minha escola e algumas partes do lixo estava sendo queimada e a parede quase pegava fogo. Isso é tão errado em todos os sentidos, por exemplo, o meio ambiente fica poluído, a parede da escola danificada. Mesmo assim, o caminhão do lixo passa e limpa, mas não demorava quatro dias para estar novamente cheio de lixo.

Observei que quando um morador foi jogar lixo atrás da escola, um outro morador falou para não jogar lixo lá, porém ele não deu ouvido e findou jogando o lixo no local.

As vezes a população reclama do esgoto que entope, das ruas poluídas, mas o que percebo é o que a população quer se livrar do lixo e finda passando o seu lixo para a porta de outro morador.

Aluna E, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluna “E” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

A aluna “E” percebe que a maioria das pessoas que residem em Manaus, não tem cuidado com o meio ambiente, principalmente quando o assunto é o lixo. A mesma relatou que na rua onde ela mora os moradores jogam lixo em via pública e esta ação finda comprometendo a qualidade de vida das pessoas, principalmente porque o lixo é bagunçado pelos cachorros que ajudam a piorar ainda mais a situação.

A referida aluna fez menção de uma lixeira viciada que existia atrás da escola e por morar perto, sempre passava pelo local e via as pessoas jogando lixo nesta área. Segundo a gestora da instituição de ensino, quase toda semana a prefeitura limpava o local, mas os moradores vinham durante a noite depositar o lixo na área. Há relatos que já houveram até brigas porque os moradores que residem nas proximidades, reclamaram com as pessoas que jogavam lixo no local e estes moradores pediam para que essas pessoas respeitassem o ambiente da escola, mas mesmo assim, não tinha jeito.

Algumas imagens do local foram concedidas pela gestora. A mesma registrava o que ocorria no muro da escola e solicitava apoio tanto da comunidade escolar quando dos moradores para combaterem o problema. O despejo do lixo ocorria principalmente à noite, além de jogar lixo nesta área, os infratores ainda tocavam fogo, como mostra as imagem.

Figura 19: Lixo e queimada no muro da Escola Municipal Arthur Engrácio da Silva na cidade de Manaus, AM



Fonte: Escola Municipal Arthur Engrácio da Silva, 2018.

Segundo a gestora, moradores da comunidade transmitiram-na a situação, foi quando a mesma se direcionou para a escola, averiguou os fatos e acionou o corpo de bombeiro para apagar o fogo. No dia seguinte, o odor de queimado tomou conta da escola e por pouco não derrubou o muro, disse a gestora.

Atitudes como estas realmente é uma prova de que assuntos referentes a educação ambiental, tem sido pouco debatida na sociedade, pois se fosse, a população não agiria desse jeito. De acordo com a aluna “E”, a Manaus que ela percebe deixa muito a desejar com os cuidados referentes ao meio ambiente. Neste sentido, a paisagem que permeia pela sua memória é a de uma cidade que não procura dar o destino certo para o lixo, deixando-o em outros lugares, causando transtorno para outras pessoas e prejudicando o meio ambiente.

Uma crônica como esta, é um instrumento que pode servir de linguagem para se compreender a maneira de como as pessoas tratam o espaço da cidade. É uma ótima oportunidade para se trabalhar sobre o sistema de saneamento básico, incluindo aí o destino do lixo urbano, seu armazenamento e a forma de como os discente tratam o lixo doméstico, dando espaço para que eles se pronunciem a respeito da sua opinião sobre a limpeza pública, levando em consideração a participação de toda população neste processo.

Contextualizar um crônica dessa natureza com os alunos é convidá-los a fazer parte de

um grupo comunitário em favor do meio ambiente.

Para Loureiro (2005) é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente.

É em busca desse trabalho coletivo de conscientização ambiental que a escola deve e precisa trabalhar, quem sabe dessa forma, teremos uma sociedade mais participativa e mais provedora de ambientes saudáveis. Segundo a gestora da escola, um projeto ligado à Prefeitura Municipal de Manaus, ao tomar conhecimento do acúmulo do lixo no muro da escola, mandou revitalizar a área com várias mudas de plantas fixadas na terra através de pneus. As mudas foram colocadas no espaço onde a comunidade costumava jogar lixo. Essa revitalização ocorreu no mês de julho de 2019 e até o presente momento desta pesquisa, a área ao entorno da Escola Municipal Arthur Engrácio da Silva, continua preservada.

Figura 20: Muro da Escola Municipal Athur Engrácio da Silva



Fonte: O autor, 2019.

Após a revitalização da área, as pessoas que costumavam jogar lixo no local respeitaram a ideia de manter a área limpa e os alunos da escola adotaram as plantas e durante a semana vão regá-las para que as mesmas cresçam bonitas e saudáveis. A paisagem mudou, o que antes era um lixo, hoje se transformou num jardim. Essa mudança serviu para mostrar a todos que tudo é uma questão de educação e atitude. Alguém teve a iniciativa de dar o Primeiro passo, e os demais, ao observarem que esta foi uma atitude correta, tiveram que dar um novo

direcionamento para o lixo.

Um outro problema sério enfrentado na cidade, conforme a percepção da aluna, é referente ao lixo lançado nos rios. É sabido que a cidade de Manaus é abastecida por vários igarapés, como já abordado anteriormente. Ocorre que conforme a cidade foi crescendo, a população foi acumulando mais lixo nas ruas, nas margens dos rios, nos leitos dos igarapés, e em outros lugares. São várias toneladas de lixos, entre eles destacam-se garrafas de plástico, latinha, sacos plásticos, pequenos utensílios domésticos, entre outros produtos.

Figura 21: Resíduos sólidos no leito e nas margens do Igarapé do Quarenta da cidade de Manaus, AM



Fonte: O autor, 2019.

Mesmo que a prefeitura limpe este igarapé, o problema será minimizado por alguns instantes. O que precisa ser feito é investir em mais projetos ambientais nas escolas voltados para a orientação de como cuidar do meio ambiente da cidade em todos os aspectos. Há também a necessidade de criar leis que combatam os crimes ambientais e que estas leis sejam realmente aplicadas àqueles que poluem e agredem o meio ambiente.

Crônica 3

A aluna “F” tem 14 anos e está cursando o 9º ano. Sua crônica intitulada “A grande cratera” relata sobre a infraestrutura urbana do bairro onde mora, dando ênfase para sua insatisfação referente às obras inacabadas da prefeitura e que segundo a discente, não tem ajudado a resolver o problema do que a mesma chamou de cratera.

Quadro 6: Crônica - A grande cratera e sua ocupação

Título da crônica: A grande cratera e sua ocupação

Certo dia me vi observando demolições de casas logo no começo da minha rua que se localiza na comunidade Nova Floresta. As residências ficavam logo na beira de uma grande cratera. A prefeitura, dias depois, começou a escavar mais, espera aí. Escavar mais? Sim. Dias se passaram e todos a se perguntar o que eles iriam construir ali.

Dias se passaram e eles escavaram bastante e todo o barro que eles tiraram daquele lugar, era levado para um lugar indeterminado para nós moradores e os caminhões viviam indo e vindo, que acabou causando grandes estragos no asfalto da rua. Quando chovia a rua ficava cheia de lama.

Mais dias se passaram e eles continuavam fazendo a mesma coisa e nada a ser feito de verdade. Chegou um momento em que os moradores não os deixaram mais entrar com os caminhões, pois aquilo estava realmente atrapalhando nosso dia a dia. O asfalto já não era lá essas coisas e eles de certa forma, conseguiram piorar. A cratera ficou maior.

Eles ficaram um dia sem trabalhar ali, mas no dia seguinte, vieram e escavaram mais, logo depois, vieram durante uma semana toda, depois não apareceram mais. Os moradores da rua Cravitas passando por perigos, ou até mesmo pessoas de fora, pois a cratera ficou duas vezes maior do que já era, e sem nada por volta. Deus me livre se alguém cair ali.

Aluna F, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluna “F” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

A percepção da aluna “F” voltou-se para as feições erosivas existentes na rua onde mora, o que ela conhece como cratera. Uma boa parte das comunidades que residem na Zona Leste de Manaus, moram em áreas que apresentam problemas referentes a erosão do solo.

Quando a aluna discorre que no seu dia a dia ela observou a demolição de casas, provavelmente não tinha o conhecimento que a área onde se localiza a rua Cravitas está bem próxima a uma enorme feição erosiva, denominada “voçoroca”¹⁹. A erosão nesta área da cidade acelerou-se à medida que a mesma se expandiu desenfreadamente e a população começou aos poucos a apropriar-se de áreas de encostas, que de certa forma, são suscetíveis à erosão. Presume-se que a falta de informação sobre a importância da vegetação nativa para a sustentabilidade do solo, tenha contribuído para o agravamento dessas feições erosivas, pois na maioria das vezes, as pessoas tendem a desmatar determinada área, para construir suas casas. Neste sentido, supõe-se que o solo, ao ficar exposto, acelerou seu processo de desgaste, provocando assim o aumento do perímetro da área erodida.

Nava e Alecrim, ao realizarem estudos sobre a vulnerabilidade aos processos erosivos na cidade de Manaus-Am, destacam sobre os fatores que contribuíram para este quadro na cidade.

¹⁹ **Voçoroca, boçoroca, ou buracão** é um fenômeno geológico que consiste na formação de grandes buracos de erosão causados pela água da chuva e intempéries em solos onde a vegetação não protege mais o solo, que fica cascalhento e suscetível de carregamento por enxurradas. A voçoroca torna o solo pobre, seco, quimicamente morto e nada fecundo. (wikipedia.org/wiki/Voçoroca).

A crise econômica acentuada no final dos anos 80 ocasionou uma redução das atividades industriais e comerciais da Zona Franca, que se refletiu na diminuição de empregos, e conseqüentemente problemas sociais. Um dos reflexos dessa crise está no fato da população manauara passar a ocupar espaços inadequados à moradia: encostas com declividades acentuadas, planícies dos igarapés, área de reserva florestais etc, deflagrando novos problemas sócio e geoambientais. (NAVA; ALECRIM, 2003, p. 185).

provável que a ocupação desordenada do solo, principalmente nas área de encostas tenha proporcionado o surgimento de feições erosivas ao entorno da rua Cravitas que somada a retirada da vegetação ocasionou as voçorocas que a aluna denomina de cratera.

Ao investigar a situação exposta pela aluna “F” a respeito da rua Cravitas, descobriu-se que a demolição das casas ocorreram pelo fato do proprietário ter sido indenizado por sua residência está localizada em área de risco e por sua família correr risco de morte por conta do deslizamento de terra no local, conforme mostra a figura 22. Segundo informações de alguns alunos, as casas que insistem em permanecer no local é pelo fato dos moradores acharem muito baixo o valor oferecido, alegando ser insuficiente para comprar outra residência.

Figura 22: Feições erosivas em áreas urbanas em Manaus, AM



Fonte: O autor, 2019.

Na figura 22 , há presença de casas muito próximas à feição erosiva, apresentando alto nível de periculosidade para os moradores. Segundo informações de algumas pessoas, a área no início de sua invasão, passou por um processo de desmatamento significativo, principalmente pelos indivíduos vindo do interior. Eles retiravam a vegetação nativa para

plantarem mudas de bananas, açaí, maracujá, mamão, entre outras culturas que já tinham o costume de cultivar no lugar de onde vieram. Por estas fruteiras não terem raízes profundas, ficou fácil para a água da chuva intensificar a erosão através do processo chamado lixiviação²⁰, sendo esta, uma das principais causas do aumento da voçoroca.

Ainda na figura 22, é possível observar os sedimentos sendo transportado da área mais alta para a mais baixa, sendo estes portanto, depositado no fundo do vale. É possível observar também que existe uma área verde mais preservada e sem sinais de erosão.

Relatos como o da aluna “F” pode ser visto como uma rica fonte de estudo geográfico, pois se trata de uma problemática ambiental observada em seu cotidiano. A partir do que foi evidenciado, é possível que o docente de Geografia relacione o estudo sobre feições erosivas em áreas urbanas, por exemplo, à realidade dos alunos, mostrando-lhes quais fatores físicos-naturais e humanos podem colaborar para o seu agravamento, bem como instruí-los sobre ações que visem reduzir ou até mesmo evitar que maiores danos ambientais ocorram no lugar onde eles vivem.

3. 2. 3 Produção textual dos alunos sobre a violência na cidade de Manaus

Crônica 1

A aluna “G” tem 12 anos e está cursando o 7º ano do Ensino Fundamental. Sua crônica relata sobre uma experiência que ela teve no trajeto para a escola. A cena lhe despertou a curiosidade e a atenção ao ponto dela mesma solicitar que a sua mãe fosse em busca de entender o porquê daquela situação . Ao saber da história, a aluna “G” ficou comovida e solicitou ajuda da mãe para tomar algumas providências.

Apesar da aluna “G” ter apenas 12 anos, a mesma se demonstrou preocupada frente a alguns problemas sociais por ela observado.

O relato da experiência contida no quadro 7, pode ser observada não somente na cidade de Manaus, mas em várias cidades, pois o que foi percebido pela discente, é na verdade um problema que está quase invisível aos olhos humanos. Essa invisibilidade pode ser aqui entendida como a falta de políticas públicas que visem alcançar e reparar as necessidades da classe menos favorecida e pelo conformismo de muitos que nada fazem para mudar este quadro.

²⁰ **Lixiviação do solo** é um processo erosivo ocasionado a partir da lavagem da camada superficial do solo pelo escoamento das águas superficiais. Em geral, ocorre em solos sem a cobertura vegetal protetora, o que diminui, em elevado grau, a sua fertilidade ao longo do tempo. <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-lixiviacao-solo.htm>

Quadro 7: Crônica - A dor de uma lágrima

Título da crônica 3. A dor de uma lágrima

No final do mês de julho de 2019 venho observando que no meu bairro tem uma mulher que quando vou para a escola eu vejo ela deitada com duas crianças na calçada da casa de seu pai. Eu ficava me perguntando porque essa mulher estava lá todos os dias e o que ela tinha feito para estar tão triste e cabisbaixa, então já que não sabia, resolvi perguntar da minha mãe e ela me disse que segundo os comentários dos vizinhos, ela era estuprada pelo pai e ele tinha feito dois filhos nela e todas as vezes que ela negava os abusos, ele a batia e botava ela para fora de casa com as duas crianças.

Depois da minha mãe ter me contado, ela pediu pra separar algumas roupas e dar para ela, eu fiz o que me pediu. A mamãe entregou as roupas, alguns brinquedos e comida. Ela ficou tão feliz que se emocionou e falou que nunca ninguém tinha feito isso por ela, que as pessoas só julgavam por ela está naquela situação, ela agradeceu com os olhos cheios de lágrimas.

Nós não podemos deixar isso acontecer, denuncie. Não fique com isso só pra você. A história dessa mulher me levou a refletir sobre a violência contra a mulher não só em Manaus, mas também em outras cidades.

Quantas mulheres devem ter por aí passando pela mesma situação, então nós não podemos deixar isso acontecer, ajude essa pessoas de alguma forma. Mesmo que seja um pequeno gesto, mas ajude por favor, elas precisam de vocês.

Crônica de autoria da aluna “G” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

A experiência da aluna mediante a situação presenciada em seu cotidiano e em decorrência a outros casos semelhantes, a fez perceber que Manaus é uma cidade que apresenta um índice muito elevado de violência contra a mulher. É notório que constantemente os crimes dessa natureza estão acontecendo não somente em Manaus, mas em várias cidades do Brasil e do mundo. A criação de leis que defenda o direito da mulher, como a **Lei Maria da Penha**, criada em 2006, ajudou a minimizar o problema, pois muitos agressores estão respondendo pelo crime praticado, porém os casos não cessaram.

A aluna “G” relata que a sua atenção foi chamada pelo fato de ver uma mulher com crianças sentada numa calçada por várias vezes quando esta discente estava a caminho da escola. Ao pedir para a sua mãe interrogar sobre o porquê dela está ali, se surpreendeu com as respostas. A violência sexual contra a mulher tem sido alarmante.

Nas escolas, é comum a ausência de alunas nas aulas por estarem em consultas com psicólogos em virtude delas terem sido vítimas de violência sexual e muita das vezes essas agressões, segundo depoimento de algumas discentes, são ocasionados pelos membros da própria família ou de alguém próximo. O resultado dessas agressões refletem no comportamento das vítimas, pois as mesmas apresentam déficit de atenção, concentração e participação durante as aulas.

O respeito entre as pessoas é a base para uma boa convivência em sociedade. Assim, as

instituições de ensino junto as demais ciências, precisam intensificar os preceitos da cidadania através de debates, seminários, conversas informais, palestras, campanhas, entre outros meios afim de construir uma sociedade melhor.

Para Santos (2014, p. 150), “a geografização da cidadania supõe que se levem em conta pelo menos dois tipos de franquias, a serem abertas a todos os indivíduos: os direitos territoriais e os direitos culturais, entre os quais o direito ao entorno”.

O caso relatado na crônica da aluna” G”, mostra que a cidadania inexistente na vida de muitas pessoas, inclusive entre as mulheres, como foi o caso da que foi observada pela aluna, que alega ter sido violentada sexualmente pelo seu próprio pai e que além disso, sofre por não ter onde morar com os filhos.

Crônica 2

A aluna “H” tem 14 anos e está cursando o 9º ano. A discente relata que cada vez que o tempo passa, a periculosidade na rua onde mora, na Comunidade Nova Floresta, cresce mais. Baseada na memória de sua infância e no depoimento de sua mãe, quando ainda era bem jovem, a estudante refletiu sobre a mudança de rotina na rua onde mora e no comportamento dos moradores e das pessoas que por lá trafegam.

Quadro 8: Crônica - A cidade de ontem e de hoje

Título da crônica 4: A cidade de ontem e de hoje

É minha gente, os tempos realmente mudaram. Antigamente nem tudo era tão perigoso. Hoje em dia nem se fale, minha mãe me contou que essa rua era bastante agitada e hoje em dia, não passa de uma rua solitária. Não entendi o porquê e em seguida perguntei.

Eu não entendi. Me explique por favor. Minha mãe respondeu-me:

— Antigamente quando eu estudava no Arthur, não era tão perigoso, eu e minhas amigas sempre ficávamos na frente da escola, sem correr perigo. Hoje se tu sair com um brinco de ouro, eles te matam pra roubar suas coisas.

Eu fiquei pasma mas é a nossa triste realidade. Fico me perguntando: porque eles fazem isso? Porque eles matam pra levar o que não é deles? Não me sinto segura nessa cidade, pois as pessoas só decidem fazer algo quando alguém morre. A noite, a rua fica deserta, lembro de quando eu brincava nessa rua. Uma vez eu estava sentada com o meu amigo Gustavo e em seguida, roubaram o pai dele bem na nossa frente. Fiquei com tanto trauma que desde então, realmente, se não fosse Deus, já estávamos extintos faz muito tempo e as más pessoas estariam roubando umas às outras. Como diz o ditado “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

Só queria que essa violência, perigo, acabassem. Não aguento mais pensar que não posso chegar em casa viva. Se não houvesse tanta violência, eu não teria que viver gradeada, trancada, mas conversaria até tarde na calçada.

Aluna H, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluna “H” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

A aluna “H” escolheu o espaço da sua rua para falar sobre a paisagem do lugar que mais ela sente saudade. A discente inicia chamando a atenção para as mudanças que ocorreram na cidade ao longo do tempo, ao relatar que a rua onde mora era bastante agitada, pois havia muitas pessoas andando e brincando neste espaço.

Ao conversar com a sua mãe, esta relatou que quando era adolescente, podia sentar e conversar com as amigas na frente da Escola Municipal Arthur Engrácio da Silva, a mesma onde a aluna “H” estuda. A percepção da discente voltou-se para o aumento da violência na área que corresponde a rua da escola e seu entorno. Aponta também que antes, o espaço da rua era bastante movimentado, mas atualmente, ela só percebe um vazio por conta da periculosidade. Devido a aluna presenciar constantes assaltos, para ela, o espaço da sua rua deixou de ser prestigiado e aproveitado como o lugar onde ela gostaria de estar.

O medo de ser roubada, violentada e até mesmo morta, fez a estudante viver isolada no espaço físico da sua casa. De certa forma, a violência urbana tem levado muitas pessoas a viverem nestas mesmas condições evidenciada pela aluna, ou seja, o povo percebe o que acontece ao seu redor e preferem não arriscar as suas vidas nos espaços que atualmente são suscetíveis à violência, ocasionando assim, uma mudança de comportamento nesses indivíduos. Quanto a postura da aluna em relação a rua onde mora, Kimura argumenta que:

Ao se dizer que a percepção é o processo pelo qual as informações sobre a realidade são extraídas e recebidas pelo ser humano, está-se também dizendo que, desde sua origem, ele constrói suas relações com o mundo, incorporando-o. A aprendizagem pode ser entendida como o processo pelo qual o ser humano percebe, experimenta, elabora, incorpora, acumula as informações da realidade transformadas em conhecimento [...]. (KIMURA, 2010, p. 46).

De acordo com Kimura, foi através da percepção da aluna frente à rua onde mora, que a fez conhecer e acompanhar as transformações que houveram ao longo do tempo. A partir desse convívio, foi possível que a discente desenvolvesse novas relações com o espaço da rua, através das suas experiências vividas. O conhecimento da atual realidade foi aos poucos alterando a forma dela ver o espaço da rua onde mora, havendo neste sentido, uma mudança em suas atitudes.

Tuan enfatizou que ao longo da história, as cidades deixaram de ser modelos ideais e tornaram-se espaços físicos desorientados e amedrontados (TUAN, 2005) e isso passou a acontecer à medida em que o homem começou a dominar mais a natureza e a transformá-la. Além dos espaços físicos, o medo nas cidades não pode ser nitidamente isolado do medo de seus habitantes, pois para Yi-Fu Tuan,

O medo é um sentimento complexo experimentado por pessoas, sendo, portanto, subjetivo, no qual se distinguem dois componentes: o sinal de alarme, detonado por um evento inesperado impeditivo no meio ambiente cuja resposta da pessoa é enfrentar ou fugir e a ansiedade, sensação difusa do medo pressupõe uma habilidade de antecipação. (TUAN, 2005, p 10)

Neste caso, percebe-se que Tuan quis mostrar que na cidade, as pessoas demonstram seus medos através da ansiedade que provoca sensação de insegurança que é algo subjetivo do ser humano e muitos se frustram frente as paisagens do medo e evitam frequentar determinados ambientes e alguns lugares da cidade por conta da insegurança que as aterrorizam.

Com base no relato da aluna “H” o lugar enquanto espaço da sua rua, tem um valor simbólico, pois tanto ela quanto a sua mãe, desenvolveram uma relação de existência advindas das práticas do cotidiano, porém, a rua, com o passar do tempo, mudou seu significado.

O que era antes um lugar de distração, intensificação das amizades e brincadeiras, tornou-se num espaço vazio de seu próprio povo, isso porque os assaltos, os latrocínios e o consumo de drogas, fizeram com que as pessoas mudassem seu estilo de vida no intuito de promover a segurança da família.

O lugar só pode ser entendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo. (CARLOS, 1996, p. 21-22).

De acordo com Carlos a violência pela qual passou a aluna na rua e no bairro onde mora, a fez repensar o seu viver, pois a periculosidade evidenciada pela mesma ao longo dos anos, fez com que seu estilo de vida e a sua relação com o espaço da sua rua fosse alterado, pois a liberdade de conversar até tarde neste ambiente e as brincadeiras que outrora existiam, foram aos poucos desaparecendo. Quem quiser conversar em segurança, mantenha-se protegido dentro de suas próprias casas.

Crônica 3

A aluna “I” está cursando o 7º ano e tem 12 anos. Sua crônica conta a história da rua onde mora. Ela faz uma comparação de alguns anos atrás com os dias de hoje e enfoca, inclusive, que a rua era o lugar onde mais costumava brincar com os amigos e que hoje este espaço perdeu o sentido da brincadeira devido à violência na cidade que cresce a cada dia.

Quadro 9: Crônica - Minha rua

Título da crônica: Minha rua

A rua onde eu moro era animada. Nela, ao cair da noite, a criançada brincava de esconde-esconde, boca de forno, bandeirinha e outras brincadeiras, mas aí vieram as mudanças na cidade e aos poucos essa diversão foi deixando saudades.

A tranquilidade de antes, agora não existe mais. Nas calçadas não sentamos mais pois o medo da violência que nos cerca é de atormentar. As portas da casa ficam todas fechadas, com muros ou cercas. Além do medo da violência, tem ruas esburacadas que mal dar pra andar e em algumas, os carros nem passam mais.

Hoje a minha rua é o meu caminho de ida e volta e caminho quase sempre apressada, sem crianças nas calçadas e as brincadeiras esquecidas. É apenas o lugar por onde passo e digo aos vizinhos, alguns até estranham um cumprimento gentil e educado. Assim, minha rua é o lugar onde apesar de tudo, eu moro e curto a Manaus que eu tanto amo.

Aluna I, Agosto de 2019.

Crônica de autoria da aluna “I” sobre a Manaus que ela percebe.

Organização: O autor, 2019.

A Manaus que a aluna “I” percebe, é de uma cidade onde as ruas deixaram de ser o lugar de diversão das crianças para exercer apenas a função de um trajeto de ir e vir das pessoas. A mesma descreve que as brincadeiras praticadas antes, hoje não se realizam mais, restando apenas lembranças e saudades.

Para a discente que está no sétimo ano, a rua era o lugar mais preferido, pois nela havia brincadeira e diversão. Era o espaço onde o lazer no bairro acontecia e a criançada se divertia pra valer. Callai ao se reportar sobre o espaço da “rua” enquanto lugar esclarece que:

A rua é lugar de trânsito, de circulação, de passagem para se chegar a outros lugares. A rua está carregada de história das vidas das pessoas que por ali circulam. O tempo acumulado produz marcas, mostra suas origens. As ruas revelam o passado, o presente e permitem, inclusive, que se vislumbre o futuro. [...]. (CALLAI, 2014, p. 106).

A rua, portanto representa para a aluna um lugar onde fluíram várias histórias que marcaram a sua infância. É o lugar também onde a discente sente saudades por contas das mudanças ocorridas que a fez mudar o seu sentido, ou seja, do lugar onde ela se divertia brincando de esconde-esconde, boca de forno e bandeirinha, passou a ter uma única função, o de ir e vim.

A aluna I revela uma mudança com o espaço da rua e na forma de viver. Se antes ela sentava nas calçadas, hoje não sente mais por medo da violência que impera nos bairros de Manaus. A mesma também percebeu que os valores mudaram, pois ao cumprimentar os vizinhos na rua, eles até estranhavam. Essa atitude mostra que a sociedade contemporânea perdeu a essência e o valor desse espaço que outrora era símbolo de descontração e encontros

entre amigos. O espaço da rua passou a exercer apenas o papel pela qual foi construída, o da acessibilidade das pessoas e o predomínio do comércio. Quanto ao exposto, Serpa também discorre sobre a funcionalidade da rua na sociedade moderna, no que se refere ao seu valor de uso.

Contra a rua, poder-se-ia dizer, sob essa ótica, que se tornou o lugar privilegiado da repressão possibilitada pelo caráter “real” das relações que aí se estabelecem. O passar pela rua é ao mesmo tempo obrigatório e reprimido. Se a rua já foi o lugar de encontro por excelência, hoje se converte em rede organizada pelo/para o consumo, em passagem de pedestre encurralado e de automóveis privilegiados, em transição obrigatória entre trabalho, os lazeres programados e a habitação. Embora palco para os grandes eventos permitidos e estimulados pelo poder público (carnaval, shows, espetáculos, festivais), é também objeto das forças repressivas que impõem o silêncio e o esquecimento à verdadeira apropriação: a da “manifestação” efetiva. (SERPA, 2019, p. 71-72).

Em concordância ao exposto por Serpa, as forças do capital tem realmente mudado a função das ruas, esta que outrora era um lugar de encontros entre as pessoas, hoje acha-se organizada para o consumo ou tornou-se objetos de repressão que impõem o silêncio, que é o caso da violência, conforme apontou a aluna “I”. Na Zona Leste, assim como em outras zonas da cidade, o espaço público da rua, realmente é mais frequentado quando há festas populares, tais como shows, festivais, carnavais, entre outros, pois estes eventos são geralmente organizados pela prefeitura que dispõem segurança para as pessoas.

A cidade quando está se desenvolvendo atrai cada vez mais pessoas e aos poucos o crescimento urbano vai ficando visível, podendo até provocar uma certa desordem no espaço, principalmente nas áreas mais periféricas, onde na maioria das vezes há existência de indivíduos envolvidos com drogas e consecutivamente com a criminalidade que de certa forma causam transtornos para algumas das pessoas.

Atualmente, muitos bairros e ruas das cidades são temidos por apresentar histórico de acontecimentos que ameaçam a paz e até mesmo a integridade física das pessoas. Há uma história por trás de cada lugar e cada acontecimento vai repercutir de maneira diferente na vida dos indivíduos. São paisagens que vão adquirindo novos significados em decorrência do que está sendo vivenciado. Existem aquelas pessoas que já se acostumaram com determinados ambientes perigosos porque entendem que não há outra forma de sobrevivência, por isso, enfrentam o medo e entendem que cada momento de sua vida, é um desafio a ser enfrentado. Outras, já não conseguem sujeitar-se a determinadas situações e findam abandonando seus lares para tentarem a sorte em outra cidade ou bairro, temendo a violência do ambiente por elas conhecido.

Hoje pode-se estar bem num determinado lugar da cidade, mas qualquer ação que traga a desordem, pode mudar completamente a rotina de vida de muitas pessoas. Assim é a luta diária em vários pontos da cidade. Passar por experiências desagradáveis e ver o lugar que até então se tinha paz, se transformando numa paisagem do medo, tem como consequência uma desordem que está para além da ordem simplesmente material, mas espiritual, pois toda mudança gera ansiedade e inquietação nas pessoas.

Quanto ao exposto, Tuan relata que:

Completamente separada dos acidentes cotidianos e do peso das coisas externas, sobre as quais uma pessoa tem pouco controle, a própria vida é o crescimento e deterioração: é mudança, senão não é vida. Porque a mudança ocorre e é inevitável nos tornamos ansiosos. (TUAN, 2005, p.17).

Muitas das vezes, o medo deixa as pessoas ansiosas e as induzem a saírem em busca de segurança, mas outras, preferem enfrentar o medo por alegarem não encontrar lugar seguro por conta das condições financeiras. O certo é que diariamente nos deparamos com notícias de violência ocorrida nas cidades. Assaltos, latrocínios, homicídios, entre outros, são atos que se tornaram comuns e que tem causado medo e pânico nas pessoas, no entanto, o que mais preocupa é que se trata de ações de seres humanos contra seres humanos e que as ameaças não são provenientes de fenômeno vindo da natureza, mas dos próprios homens. Um mundo onde todos poderiam e deveriam tentar viver em harmonia, torna-se cada vez mais um espaço do caos e da desordem.

Neste sentido, o ambiente da praça, da rua e da frente das residências revelam um vazio, ou foram trocados pelos shopping center, por serem estes os lugares onde as pessoas ainda sentem-se seguras ou pelo confinamento do povo que preferem proteger-se dentro das suas casas, conforme os discente relataram nas crônicas.

Toda e qualquer pessoa que sofreu qualquer tipo de dano ou ameaça em algum ambiente da cidade, jamais apagará de sua memória o fato ocorrido, pois este ficará marcado. Quanto ao exposto, Tuan esclarece que:

O medo existe na mente, mas exceto nos casos patológicos, tem origem em circunstâncias externas que são realmente ameaçadoras. “Paisagens”, como o termo tem sido usado desde o século XVII, é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável. “Paisagem do medo” diz respeito tanto aos estados psicológicos quanto ao meio ambiente real. (TUAN, 1979. p. 4).

O medo pode ser adquirido e associado às determinadas paisagens, conforme as experiências adquiridas pelos indivíduos, entretanto, muitos dos que convivem na cidade e tem

um certo poder aquisitivo, procuram se defender do que lhes causam medo recorrendo às moradias seguras, como é o caso dos condomínios fechados ou apartamentos para sentirem-se protegidos, enquanto outros, vivem e sentem na pele os padrões de diferenças sociais existentes nas cidades, tendo que sobreviver em meios aos perigos do dia a dia.

Este terceiro capítulo nos levou a compreender que os discentes tiveram percepções diferentes diante das paisagem da cidade de Manaus, enquanto seu lugar de existência. Obter informações sobre a maneira de como eles percebem a cidade e suas paisagens é de fundamental importância para quem deseja tornar o ensino de Geografia mais significativo, pois relacionar os conteúdos geográficos com as experiências do cotidiano dos alunos é proporcionar-lhes conhecer a cidade e suas múltiplas funcionalidades, servindo também para despertar o interesse pela disciplina.

Tanto os alunos dos sétimos como os dos nonos anos, tentaram da melhor maneira possível, relatar sobre o seu lugar vivido, mesmo sendo este, para alguns, a representação do medo e da violência. Neste sentido, descobrir a percepção que estes discentes tem de cidade, já é um bom passo para quem deseja contribuir na formação de cidadão mais críticos e mais atuante na sociedade.

As crônicas, como já foi discutido, é um instrumento usado neste estudo para se descobrir até que ponto elas servem de linguagem para representar o lugar de geograficidade dos alunos. Dessa maneira, o próximo capítulo vem apresentar o resultado dessa investigação que consistiu na escolha da crônica dos escritores trabalhados nesta pesquisa e que, segundo a percepção dos discentes, foi a que mais representou a cidade. Após a leitura da crônica escolhida, os alunos representaram sua compreensão e percepção do lugar, Manaus e suas paisagens, através da produção dos mapas mentais, conforme mostraremos neste último capítulo.

IV CAPÍTULO

AS CRÔNICAS LITERÁRIAS COMO REPRESENTAÇÃO DA GEOGRAFICIDADE: MANAUS E SUAS PAISAGENS GEOGRAFADAS NOS MAPAS MENTAIS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

As crônicas literárias dos escritores, retrataram o lugar vivido pelos alunos, ajudando-os a refletirem sobre as suas paisagens. Dessa forma, foi dada a oportunidade para que cada discente escolhesse a crônica que melhor representasse o lugar de sua geograficidade. Antes de mostrar este resultado, apresentar-se-á um breve histórico sobre a importância dos mapas mentais enquanto instrumento de linguagem cartográfica para o ensino de Geografia.

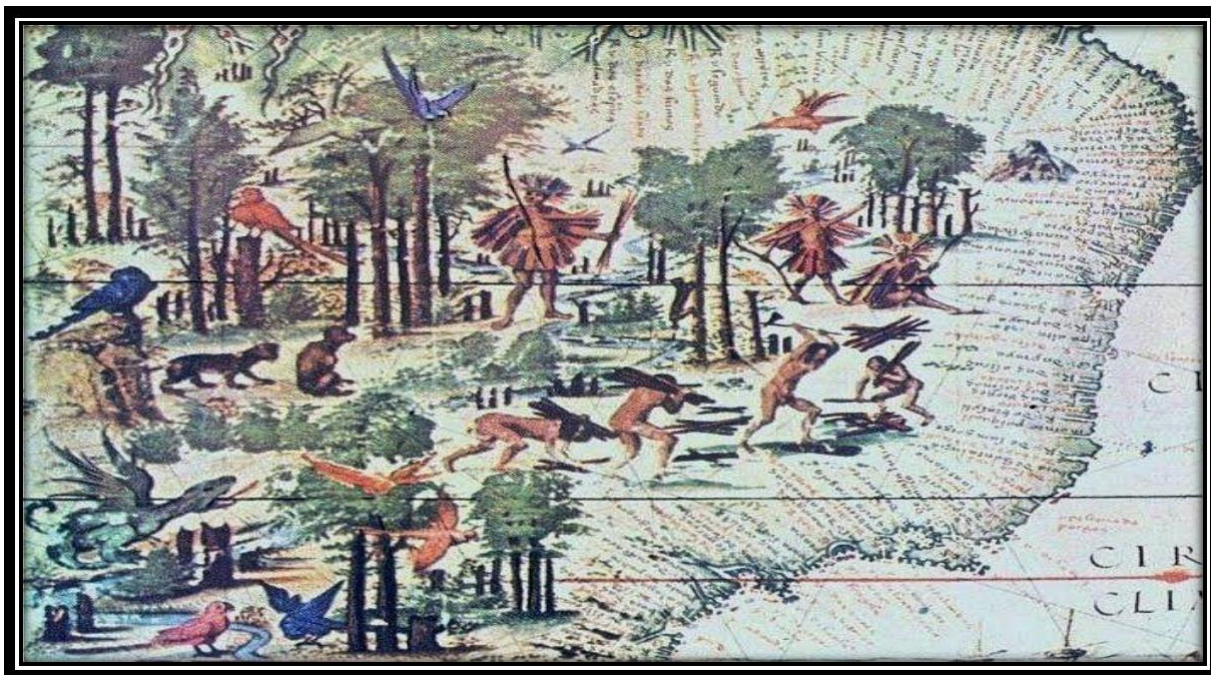
4.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS MAPAS MENTAIS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

O desenho de imagens, tais como os registros mais tradicionais de expressão do homem, conforme já discutido no primeiro capítulo, nos remete ao entendimento da importância dos símbolos deixados pelos homens nas paisagens ao longo da história da humanidade, como forma de expressar a sua cultura. Essas artes eram, ao meu ver, as primeiras construções do que poderíamos chamar hoje de mapas mentais.

O que o homem primitivo desenhava nas cavernas tinha um valor simbólico. Tratava-se de um registro sobre algo relacionado ao seu espaço vivido. Sua intensão poderia ser a de simplesmente registrar a sua história ou quem sabe, deixar uma mensagem para quem iria visualizá-las, por isso, estes homens desenhavam nas paredes, nas pedras, em pergaminhos, nas cavernas entre outros lugares.

A partir do contexto das Grandes Navegações, passou-se a dar mais ênfase para esta produção cartográfica. Um bom exemplo disso é o trabalho produzido pelos cartógrafos que trabalhavam para a realeza portuguesa, tais como, Lopo Homem, Jorge e Pedro Reinel, como demonstra a figura 23.

Figura 23: Detalhes do mapa Terra Brasilis (do latim, “Terras do Brasil”) que se encontram no Atlas Miller, feito em 1519



Fonte: GIARDINO, Cláudio. Et al., 2015.

O mapa acima foi considerado um documento cartográfico pelo fato do mesmo ter o objetivo de informar à corte portuguesa sobre a exploração do pau-brasil na costa brasileira. O desenho partiu da observação desses cartógrafos frente ao que estava sendo feito durante o processo de dominação e exploração das terras recém-descobertas. Os detalhes da destruição da flora e fauna, bem como a exploração da mão de obra indígena ficaram bem nítida neste mapa.

Desde muito tempo, o homem tem procurado encontrar formas de registrar tudo sobre o que ele observava. Na Geografia também não foi diferente, basta lembrar que precursores, como Humboldt que no período de 1799 à 1804, realizou uma viagem exploratória pela América Central, América do Sul e Ásia Central e durante o seu percurso, ele arranjava tempo para escrever sobre os lugares e as paisagens que observava. Sua dedicação foi tanta que em 1904, ele dedicou dois capítulos da sua obra **Cosmos**, à literatura e à pintura. Suas descobertas foram documentadas numa espécie de diário que mais se parecia uma crônica, pois nele, havia registro das impressões cotidianas que ele fazia frente aos elementos da paisagem que se deu mais em caráter descritivo.

Após a sistematização da Geografia enquanto ciência no século XIX, foram surgindo

novas formas de representação voltadas para atender novos interesses, o da elite burguesa. Neste sentido, a cartografia era utilizada para tentar garantir a posse de mais riquezas pelo mundo a fora. Para enfatizar o que foi dito, Nogueira esclarece que:

O interesse passou a ser o de pontuar, de localizar de modo mais preciso onde estavam as coisas a serem conquistadas. A partir daí a representação ganha a dimensão de científica e caminha distante dos homens comuns. Essa dimensão coube bem ao se planejar o uso dos lugares, contudo afastou-se do ensino da Geografia nas escolas ou quando se aproximou dela, encaminhava apenas as preocupações com a representação “exata” dos lugares. (NOGUEIRA, 2014, p. 105)

Como bem evidenciou Nogueira, a cartografia geográfica visava atender os interesses econômicos que na época era voltado para a conquista de novos territórios. Essa representação não tinha interesse em representar a relação do homem com os espaços, mas sim o de pensar os lugares enquanto localização geográfica.

Ainda Nogueira (2014 p.105) expôs que, “[...]a Geografia acadêmica, esta forma de representação foi incorporada e passou a ser um instrumento técnico de grande importância para o reconhecimento dela, enquanto conhecimento científico”. No entanto, esse tipo de representação estava longe de atender às necessidades cartográficas voltadas para o ensino, principalmente por não levar em consideração a percepção dos homens sobre os lugares.

O retorno à valorização dos mapas mentais se intensificou através da Geografia Humanística Cultural que se contrapôs à Corrente Quantitativa por esta não levar em conta a subjetividade do indivíduo enquanto agente de representação importante sobre o meio geográfico. A valorização desse tipo de mapa se deu a partir de 1960 quando a Geografia começou a compreender a importância de se levar em conta a subjetividade dos indivíduos com o lugar de sua existência, fato este que só pode ser revelado através da expressão de sentimento e pertencimento do homem com a Terra por meio de sua vivência.

Segundo Nogueira (2014), Peter Gould e White foram os geógrafos pioneiros a discutirem sobre a denominação de Mapas Mentais na perspectiva da percepção do meio e do comportamento dos indivíduos, mas quanto à importância desses mapas para o estudo das cidades, Gould aponta Kevin Lynch, como sendo o pioneiro a desenvolver estudos sobre essa possibilidade.

Gould dá ênfase, também, à pesquisa de Kevin Lynch sobre as imagens da cidade. Lynch mostrou que a partir das descrições que as pessoas fazem de suas percepções da cidade, podem detectar elementos básicos da paisagem urbana e construir, dela, uma imagem geral, o que Gould interpretou como mapa Mental. (NOGUEIRA, 2014 p. 107).

De acordo com Nogueira (2014), apesar de Gould ter feito referência à importância do estudo realizado por Lynch sobre a cidade, reconhece que foi ele, o próprio Gould quem ampliou o conceito de mapa mental, introduzindo-o na Geografia. Essa relevante contribuição também se deu pelo fato do mesmo não restringir a elaboração desses mapas apenas ao que é observado no cotidiano dos sujeitos, mas sua pesquisa abriu possibilidades para que estes mapas mentais geografassem os lugares distantes ou até mesmo o que existisse apenas no campo imaginário desses indivíduos. Nogueira também enfatiza que tanto Gould quanto White no decorrer de sua pesquisa consideram que os mapas mentais são:

Imagens espaciais que estão nas cabeças dos homens, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas a partir de seus universos simbólicos, sendo estes produzidos através dos acontecimentos históricos, sociais e econômicos divulgados. Diziam: Enquanto adquirimos informações da imagens pessoais, também formamos imagens mentais dos lugares, com informações que adquirimos; lendo, através de rádio e televisão, conversando com outras pessoas, ou mesmo, a partir de pôsteres de viagens em estações de aeroportos. (GOULD e WHITE, 1974 apud NOGUEIRA, 2014, p. 108-109).

A visão de Gould e White é que as imagens dos espaços que são produzidas pelos homens revelam a realidade dos seus espaços vividos e também de outros espaços distantes visualizados e conhecidos através da mídia. Dessa forma, podemos constatar o quanto o uso de outras linguagens, como as crônicas literárias, possibilitaram aos alunos conhecerem melhor o espaço da cidade de Manaus desde a sua fundação até os dias de hoje, o que lhes proporcionou ampliar seus conhecimentos para que estes pudessem criar imagens mentais sobre uma época em que eles ainda nem existiam.

Em sala de aula, há diversas formas de trabalhar a cartografia para melhor compreensão do espaço da cidade, tanto pelos professores quanto pelos alunos, pois estes podem trazer para o discurso, os conhecimentos espaciais que circundam seu mundo vivido. Neste caso, a Geografia escola precisa e deve trabalhar com a produção dos mapas mentais como uma linguagem capaz de proporcionar aprendizagens significativas sobre vários aspectos da cidade, podendo ser estes ambientais, sociais, econômicos, culturais, políticos, entre outros. Vai depender muito do norte dado pelo professor ou sobre o que se pretende estudar.

Kozel reporta-se à importância dos mapas mentais enquanto linguagem cartográfica.

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” contém para seus moradores e visitantes está ligada, sobretudo ao que se denomina de

imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação como vetor a partir do qual todo ser humano conhece o mundo que habita. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parciaisidades da imaginação. (KOZEL, 2007, p. 121).

Valorizar o conhecimento que o aluno traz para sala de aula é uma motivação a mais para que as aulas de Geografia tornem-se atrativas, principalmente por abordar os espaços por eles percebidos como reflexo de sua realidade e isso os estimulam a participarem mais das aulas. Assim, ponderou Moraes sobre a relevância do estudo de geografia a partir do cotidiano do aluno.

A necessidade de considerar o saber do aluno e sua realidade; de encará-lo como sujeito do processo ensino-aprendizagem; de transformar as informações científicas em conteúdos didaticamente assimiláveis, considerando sua idade, seu nível de desenvolvimento mental, suas condições de aprendizagem e socioeconômicas; de o professor investigar sua prática para modificá-la. (MORAES, 2008, p. 21)

Aproximar os assuntos de Geografia com o cotidiano dos discente na cidade é uma estratégia para que o professor também conheça a realidade vivida pelos alunos e assim desenvolva práticas que favoreçam a aquisição de conhecimentos necessários para que estes se situem nestes espaços como cidadãos que busquem melhorias em todos os aspectos.

Conduzir os discentes a observarem melhor o espaço da cidade é uma ação plausível, uma vez que Kozel, ver essa ação como uma ferramenta valiosa, pois ela oportuniza os discentes representarem, através dos mapas mentais, a maneira de como eles percebem seus espaços, mostrando-lhes que os mesmos são capazes de interpretar os fenômenos a sua volta, além de compreender como os indivíduos agem, organizam e desorganizam os espaços da cidade.

Kozel Teixeira e Nogueira, (1999, p. 240) relatam que “a percepção do homem a respeito de seu ambiente está ligada, portanto, à imagem subjetiva produzida por sua mente, referenciada pelas relações afetivas, políticas e culturais”.

Neste sentido, a percepção que os indivíduos tem do seu espaço geográfico é considerada uma fonte de informação significativa para o estudo da Geografia, ainda mais quando é dada a oportunidade para os alunos produzirem mapas mentais que expressem a maneira de como eles percebem o lugar de sua existência.

Enquanto um mapa cartográfico se limitam a dar informação de dados sobre determinada temática ou localizações, o mapa mental apresenta um diferencial relevante para o estudo dos lugares, principalmente por este tipo de mapa revelar o valor simbólico tanto dos lugares quanto das paisagens para as pessoas.

Os mapas mentais são na verdade, a pura expressão da realidade percebida e concebida por aqueles que, de certa forma, tiveram um relacionamento existencial com o lugar por eles georafados. Conhecimento como este, não se encontra em qualquer livro ou material cartográficos, pois eles são únicos e intrasferíveis, justamente porque a subjetividade é exclusiva de cada indivíduo e estes podem revelar vários símbolos que se reportam às questões sociais, econômicas, políticas, culturais, ambientais, entre outros aspectos. Kimura (2010 p. 122), aponta que “Assim, a realidade subjetiva do homem gera na realidade objetiva a institucionalização e a posterior legitimação. Estas ‘dizem’ o que compõe e o que significa essa realidade, uma vez que vivemos em um universo simbólico”.

Ainda Kimura ao relatar sobre a importância dos mapas no estudo da Geografia escolar menciona que:

O núcleo dos mapas, assim, está nos significados e sentidos atribuídos pelas pessoas às suas representações, em que os códigos construídos desempenham verdadeiramente um papel de escrita. Deve-se pois, atribuir essa importância ao código, quando dos procedimentos usuais no desenvolvimento da temática da representação espacial. (KIMURA, 2010, p. 114).

De acordo com Kimura, a essência dos mapas mentais estão em seus significados e os códigos, podem também ser os símbolos criados pelos alunos para georafar aspectos referentes à cidade tanto na atualidade como em outras épocas.

Nesta pesquisa, os mapas mentais dos alunos dos sétimos e nonos anos do Ensino Fundamental representaram a maneira pela qual estes sujeitos perceberam a cidade de Manaus e suas paisagens a partir da leitura das crônicas literárias. Estas que os inspiraram a georafarem a cidade de Manaus, levando em consideração seus aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais entre outros, sendo estes mapas, um instrumento de leitura da cidade.

Para Castrogiovanni (2014, p. 70), “A percepção espacial de cada sujeito ou sociedade é resultado também de relações de afetividade e referência sociocultural”, e isso ficou visível nos mapas mentais produzidos pelos alunos que lançaram seu olhar para os lugares vividos na cidade.

O que será visto é um produto de representação cartográfico baseado nas experiências dos discentes no lugar de sua existência. Ademais, é uma representação da sua realidade com um diferencial a mais, a percepção do aluno.

4.2 AS CRÔNICAS URBANAS E A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR MANAUS E SUAS PAISAGENS: OS MAPAS MENTAIS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Entende-se que o ambiente da cidade é dinâmico e diverso, principalmente porque este espaço é o lugar ²¹ de existência dos homens e nele ocorre várias manifestações da vida, bem como a expressão de como ela é percebida e sentida. ´

No primeiro capítulo, discutiu-se sobre a importância do método fenomenológico no estudo da Geografia, principalmente por meio da visão do geógrafo Éric Dardel que deu ênfase ao estudo do “lugar” enquanto mundo vivido, levando em consideração a subjetividade desses indivíduos no mundo de sua existência. Relph, ao considerar de suma importância a visão de Dardel, buscou também embasar seus estudos na fenomenologia do filósofo Husserl, o que lhe inspirou a direcionar seus estudos neste método. Julga-se que seu maior objetivo era o de mostrar o quanto é relevante compreender a relação do homem com o meio para além do cientificismo, ou seja, Relph queria mostrar a necessidade de se conferir a maneira pela qual os indivíduos percebiam o lugar de sua existência e quais seriam suas intensões frente a estes espaços, aspectos que, dificilmente seria difícil de se descobrir através de outros métodos.

Há comumente estruturas ou padrões experienciados nessas relações, e é uma dessas estruturas que constitui o “mundo vivido geográfico”. Isto é, em seu sentido mais simples, o mundo experienciado como cenário, tanto o natural como o construído pelo homem, e como ambiente que provê sustento e uma moldura para a existência. (RELPH, 1979, p. 7)

Através dos estudos realizados por Dardel, Relph, Husserl, Merleau-Ponty, Yi-Fu Tuan e Nogueira, entre outros, chegou-se ao entendimento de que se faz necessário compreender como os discentes percebem a cidade, enquanto espaço vivido, através da produção de seus mapas mentais.

A Geografia escolar quando atribui ao sujeito a autonomia para escrever cartograficamente como ele percebe e sente a cidade através de um mapa mental, é porque de fato confia que ainda é possível apostar numa ciência que busque contribuir para a existência de uma sociedade mais justa e menos desigual. A esse respeito Cavalcante enfatiza que:

²¹ O lugar na concepção geográfica humanística se delineia como um espaço dotado de significado para indivíduos ou grupos sociais, no entanto, se algum ambiente da cidade não tem esse valor para o indivíduo, ele passa a ser um simples espaço.

A geografia é uma das ciências que se têm dedicado à análise da cidade e da vida urbana. Como ciência social, ela o faz pela perspectiva social, porém com um determinado enfoque. A geografia é uma leitura, uma determinada leitura da realidade. É a leitura do ponto de vista da espacialidade. (CAVALCANTE, 2008, p. 64).

Esta possibilidade apontada por Lana Cavalcante é alcançada quando o professor se disponibiliza a interpretar os fenômenos sinalizados pelos discentes nos mapas mentais, para só então discutir melhor a cidade por ele observada em sala de aula.

Os mapas mentais geralmente retratam sobre os lugares observados pelos alunos em seu cotidiano, sendo assim um recurso informativo sobre o seu lugar. Em contrapartida, correlacionar os assuntos presentes nos livros didáticos com a percepção de cidade apresentada pelos discentes nos mapas mentais, pode ser um ponto favorável para que o professor conduza ao entendimento de que eles, enquanto agentes de transformação desses lugares, precisam e devem se posicionar como cidadãos capazes de refletir sobre suas ações, de modo que esta aprendizagem seja significativa o suficiente para encorajá-los a lutarem por uma sociedade mais humana e mais digna para todos.

Quanto a esta luta pelo direito à cidade, Cavalcante também chama a atenção para a importância de uma prática de ensino mais inovadora e significativa.

Orientar o ensino para essa direção requer um olhar atento para a geografia cotidiana dos alunos. É no encontro /confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do campo concebido por essa ciência, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido. Assim, devem-se levar em conta o lugar e a realidade cotidiana do aluno, com o pressuposto de que isso torna o ensino mais significativo e o aluno mais interessado pelas atividades escolares. Nessa orientação, pode-se ressaltar a importância da educação geográfica para a vida urbana. Nesse caso o objetivo é o de contribuir para que o aluno possa compreender melhor a dinâmica de sua cidade, de seu bairro e formar referências para participar de um projeto de cidade mais democrática, mais inclusiva. (CAVALCANTE, 2008, p. 142-143).

Como o objetivo maior dessa pesquisa é descobrir como as crônicas literárias podem servir enquanto linguagem para o estudo do lugar e das paisagens da cidade de Manaus, não poderia deixar de lembrar que a crônica é um gênero literário que relata geralmente sobre fatos do cotidiano. Segundo o geógrafo Marandola Jr, no artigo “Tempo e espaço cotidiano-Crônica de um tecido inacabado”, declara que este gênero é uma rica fonte de informação simplesmente porque relata sobre os acontecimentos do dia a dia.

[...] O que é mais necessário que o cotidiano? A ciência passou a maior parte de sua história desprezando o cotidiano, embora toda ciência seja a emancipação do cotidiano e sua formalização em conhecimento metódico. Temos mania de achar que o que se aprende no dia a dia não é tão bom quanto o que se aprende em cursos estruturados com programa, ementa e certificado. Mas o cronista alimenta-se justamente disso, com o conhecimento vivido que está todo dia diante de nós. (MARANDOLA JR, 2010, p. 344).

O estudo sobre as cidades, como já foi relatado, é de suma importância por ser este o lugar determinante para que o discente possa desenvolver-se enquanto cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Neste aspecto, o uso de outras linguagens para se chegar a este objetivo também foi traçada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A 4ª competência específica de Geografia para o Ensino Fundamental, segundo dados do MEC, Brasil (2017, p. 364 apud ADAS; ADAS, 2018, p. 8) visa “Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográfica, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.” Neste sentido, trabalhar com as crônicas literárias para desenvolver o conhecimento espacial, é uma prática que está respaldada pelo Ministério da Educação.

Os discentes, a partir da leitura das crônicas sobre a cidade, optaram por escolher aquela que mais representasse o seu mundo vivido e suas paisagens.

Essa percepção foi georafada através da produção dos mapas mentais pelos alunos sobre o que eles quiseram mostrar mediante às paisagens observadas na cidade. Para esta escolha, organizou-se um varal literário com as crônicas dos cinco escritores trabalhados nesta pesquisa. Os alunos dos 7º e 9º anos tiveram em torno de uma hora e trinta minutos para realizar a leitura das crônicas e assim escolherem àquela que mais representassem o seu lugar.

Alguns alunos tiveram dificuldades para escolher a crônica que melhor representasse o seu lugar, pois conseguiram identificar a sua realidade em mais de duas crônicas, por esse motivo, levaram algum tempo para optarem por àquela que melhor representasse o espaço de sua geograficidade.

A elaboração dos mapas mentais requereu dos alunos muita dedicação e esforço, pois alguns deles, por não possuírem habilidades para representar o seu lugar por meio de representação cartográficas oriundas de suas ideias e percepções, levaram um tempo para exporem no papel a maneira de como eles percebiam o lugar de sua existência.

Observou-se nesta etapa, o esforço de muitos alunos que com responsabilidade conseguiram cartografar os lugares por eles observados através da leitura das crônicas.

Figura 24: Varal de crônicas literárias sobre a cidade de Manaus e suas paisagens



Fonte: O autor, 2019.

A crônica literária foi a forma de linguagem usada para que a partir dessa leitura, os alunos pudessem através da produção dos mapas mentais, mostrarem a maneira de como eles percebem a cidade de Manaus e suas paisagens de acordo com a sua relação de existência com o seu mundo vivido. Em seguida, cada discente fez a interpretação escrita do que foi cartografado nos mapas mentais para melhor compreensão de cada símbolo por ele produzido.

Esse resultado pode servir como um instrumento de análise para fins pedagógicos, uma vez que foi possível descobrir o que a literatura através do gênero crônica fala sobre Manaus em seus mais variados aspectos desde a década de 40 e que até hoje continua sendo um gênero porta voz dessa cidade pelos mais variados meios de comunicação, inclusive nos livros, o que facilitou o seu uso enquanto instrumento de estudo geográfico sobre as cidades.

É necessário esclarecer que nem todos os alunos que no capítulo 3 escreveram suas crônicas sobre a percepção que eles tiveram de Manaus conseguiram produzir também um mapa mental. Desta forma, no capítulo 4 a identificação das crônicas e de seus mapas mentais serão por ordem numérica para identificação do discente, por exemplo: “Aluno 1 e Mapa Mental 1”.

CRÔNICAS ESCOLHIDAS PARA REPRESENTAR MANAUS E SUAS PAISAGENS

A crônica escolhida pelo aluno “1” para representar Manaus e suas paisagens intitula-se “O Berço da cidade” de José Ribamar Bessa Freire. Esta crônica trata sobre a colonização da cidade de Manaus onde o cronista expressa sua repulsa frente a anulação da identidade dos nativos pela sociedade contemporânea, pois para ele, negar as raízes é esquecer quem fomos um dia e quem somos hoje.

Para o aluno, a crônica representa o seu lugar, pelo fato dela expressar como ele se sente no espaço da cidade, principalmente no que se refere ao desprezo à memória de seu povo. De família indígena, o discente afirma que sofre pelo fato das pessoas não quererem assumir a sua identidade e ainda criticá-lo pelas suas características indígena.

Apresentada como percepção do Aluno “1” Mapa mental: 1

Crônica: O berço da cidade Escritor: José Ribamar Bessa Freire

Não sei quem inventou que Manaus aniversaria no dia 24 de outubro, o que rendeu polêmica entre os historiadores. Afinal, quando é que nasce uma cidade? Como é que se faz uma cidade? Quem é que a faz? É difícil determinar. Depende dos critérios que usa. A escolha da data de fundação, por exemplo, tem certa dose de arbitrariedade. Mas uma coisa é certa: uma cidade só existe quando seu território se enraizou dentro do coração de seus moradores.

[...]

A ligação visceral com a cidade me levou a cometer alguns artigos sobre sua história encomendados pela revista Arquitetura e Urbanismo, de São Paulo, e publicados em 1987 em um jornal amazonense, numa série de seis, com títulos meio pretensiosos: 1) Manaus: cidade derrotada e mal amada; 2) Amazônia: a civilização de palha; 3) Rio Negro: as malocas e as muralhas; 4) Lugar da Barra: o curral de índios; 5) A Paris dos Trópicos; 6) A Miami brasileira.

Em um deles, amadureci uma ideia soprada ao meu ouvido pelo historiador Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, professor da Universidade Federal do Amazonas. Ele chamava a atenção para o fato de quem escolheu o lugar onde a cidade foi erguida, no encontro das águas dos rios Negro e Solimões, foram os índios que muito antes construíram aqui suas aldeias e seus cemitérios. Os portugueses apenas deram razão aos índios e seguiram o caminho que eles traçaram. Portanto, não é possível fazer comemorações oficiais, esquecendo ou relegando para um segundo plano a distribuição das culturas indígenas.

[...]

Não sobrou desse período um só edifício ou monumento colonial, nem sequer em ruínas, que testemunhasse o processo. É mais fácil encontrar traços do povoamento indígena nos restos arqueológicos do que vestígios da ocupação lusa. De qualquer forma, apesar disso, esquecemos que fomos e que somos índios. E, como diz o pensador francês, Deseuze, “aquilo que se opõe à memória não é esquecimento, mas o esquecimento do esquecimento”. Não devemos esquecer que Manaus foi construída

em cima de um cemitério e que seu berço foi o lugar sagrado da barra. (FREIRE, 2012, p. 25 - 28).

Para o aluno “1”, a crônica o **“O berço da cidade”** representa o seu lugar Manaus, vivida, sentida e percebida desde a sua colonização até os dias atuais.

“Tenho 14 anos, nasci em Manaus e eu me considero índio, minha mãe é índia e meus avós paternos eram nordestinos e os maternos indígenas”. A Manaus que o aluno Percebe é a de uma cidade que aos poucos vem perdendo a sua identidade. Por ser descendente da mistura entre nordestinos e indígena, o referido aluno relatou que se identificou com a crônica, pois foi possível, através de sua leitura, saber melhor como se deu a ocupação da cidade de Manaus e a relação de exploração dos europeus para com os nativos no período de dominação desse território.

O aluno “1” através do seu mapa mental, mostra a percepção que ele tem do lugar Manaus e suas paisagens.

Mapa Mental 1: A Manaus esquecida dos manaós



Mapa Mental 1: Aluno “1” Série: 9 ano
Fonte: O autor, 2019.

“O meu mapa mental mostra a transição entre a Manaus antiga e a Manaus atual. Antigamente Manaus foi colonizada pelos europeus que aos poucos foram explorando as nossas riquezas e ao mesmo tempo implantando a sua cultura. Do lado direito mostra que aos poucos a cidade de Manaus foi construída em cima dos cemitérios dos índios, a margem esquerda do Rio Negro.

O Teatro Amazonas simboliza o período que Manaus mais se desenvolveu devido a borracha. A Sede do governo é pra mostrar que eles precisam assegurar os direitos dos índios e dos manauaras que hoje são na verdade uma mistura de raças.

O índio retirando a máscara representa o abandono e o desrespeito para com os indígenas. Hoje as pessoas querem negar as suas origens. Um amigo meu descendente indígena não gosta de ser comparado com índio, pois para ele as pessoas tiram “sarro”²² da cara dele, isso para mim é negar suas origens.

Que os manauaras tirem as máscaras e assumam as suas origens, ou seja, o que realmente nós somos. Tenho 14 anos, eu nasci em Manaus, me considero índio, minha mãe é índia e meus avós paternos eram nordestinos e os maternos indígenas. Por isso, acredito que precisamos ressuscitar a memória do nosso povo que foi enterrado pelos colonizadores na construção da cidade. Ser índio é também ser cidadão.” (Aluno “1”, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental).

Através das palavras do Aluno “1” foi possível observar que a leitura da crônica lhe proporcionou detectar uma realidade vivenciada em seu cotidiano, pois o mesmo percebe uma Manaus cujas pessoas omitem suas origens indígenas, o que para ele representa, a negação da sua própria identidade, por isso, o discente pede para os manauaras tirarem as máscaras.

Situações vivenciada em seu cotidiano o fez escolher esta crônica para representar a maneira de como este percebe a cidade e nela se sente. Isso é mostrado quando ele mesmo assume a sua identidade e as suas origens indígenas e o repúdio com quem nega a linhagem de seu povo, uma vez que a história da cidade o fez refletir sobre a sua condição no lugar de sua existência. Quanto ao exposto, Serpa pondera que:

O sentido de ser-no-mundo assumido nessa discussão remete a possibilidade de uma ontologia espacial que relacione experiência e processos espaciais específicos: quer dizer, sobretudo, que os agentes /sujeitos/ grupos/ indivíduos/ classes estão implicados nesses processos e que é fundamental, para o desenvolvimento de uma reflexão geográfica, relacionar experiências cotidianas (pré-científicas) de apropriação/ criação/ produção do espaço com elaboração conceitual de noções cara à geografia acadêmica, como lugar e território. (SERPA, 2019, p. 65).

O sentido de pertencimento e de defesa de um povo e sua cultura revelada através da percepção do aluno “1” expressa que é possível se trabalhar questões ligadas à formação da identidade com os alunos, como possibilidade de conduzi-los a conhecer melhor a cidade onde moram, desde sua origem até os dias atuais. É possível também mostrar o quanto o entrelaçamento entre a cultura europeia e a nativa culminaram na transformações no espaço geográfico da cidade ao longo do tempo e consecutivamente as alterações nos aspectos culturais até mesmo entre os nativos. Com a chegada do europeu, muita coisa mudou, além dos massacres e da escravidão sofrida pelos índios, a paisagem também sofreu transformações, a começar pela estrutura das casas, uma vez que elas foram construídas seguindo padrão

²² Sarro: No Amazonas a expressão sarro quer dizer, zoar, tirar onda da cara, debochar, etc. Para evitar esse tipo de situação, entendemos que o amigo do aluno “1” prefere omitir sua origem indígena.

divergente dos nativos.

Quanto ao exposto, Freire (2012, p.28) escreve: “As grandes habitações redondas e circulares fortificadas e multifamiliares, incendiadas pelos portugueses, foram substituídas por pequenas palhoças unifamiliares. O tamanho das casas foi drasticamente reduzido”. Além disso,

indispensável que os alunos saibam o massacre pela qual os índios foram submetidos durante este processo da formação da cidade.

Não é válido pensar que aprender geografia consiste apenas em compreender o mundo tal qual como ele é hoje. É necessário conhecer os eventos que antecederam a formação da cidade, levando em conta as transformações ocorridas neste espaço e nas suas paisagens ao longo do tempo, quem sabe assim, resgatar-se-á o valor devido ao povo a quem realmente devemos reconhecer como os verdadeiros fundadores da cidade de Manaus, a saber os bravos guerreiros Manaós.

MAPA MENTAL 2

O aluno “2” tem 12 anos e por gostar muito de futebol, escolheu a crônica porque o título “Estádios novos, miséria antiga”, lhe chamou a atenção.

A crônica não vem tratar sobre a importância dos Estádios enquanto lugar onde ocorrem as partidas de futebol, mas sua análise crítica, deveu-se à destruição de um estádio conhecido por Vivaldo Lima, que segundo Milton Hatoum, poderia ser reformado ou reaproveitado. Ao contrário, foi demolido dando espaço a construção da Arena da Amazônia.

Apresentada como percepção do Aluno “2”

Mapa mental: 2

Crônica: Estádios Novos, miséria antiga Escritor: Milton Hatoum

A ARQUIBANCADA DO PARQUE AMAZONENSE era um treme-treme, o esqueleto de madeira podia desabar antes do primeiro gol, mesmo assim eu não perdia uma partida do clássico Rio Negro x Nacional. Quando chovia ou ventava, mangas maduras caíam na arquibancada e eram disputadas pelos torcedores. Como não havia drenagem no campo, a chuva torrencial transformava o gramado num parque aquático. O jogo era cancelado e aproveitávamos para brincarmos na piscina formada pela natureza. O parque, situado num bairro humilde e arborizado de Manaus era um dos destinos de quem gostava de futebol.

No final dos anos de 1960, foi construído o estádio Vivaldo Lima, vulgo Tartarugão, projetado por Severino Mário Porto. Formado no rio, esse arquiteto mineiro se mudou em 1966 para Manaus, onde viveu por mais de trinta anos. O projeto do Vivaldo Lima

ganhou o Prêmio Nacional de Arquitetura; outros de projetos de Severiano foram premiados no Brasil e na Argentina.

[...]

Inaugurado em abril de 1970, O Tartarugão chegou a receber mais de 50 mil torcedores em uma partida em 1980. Era um projeto grandioso, mas essa grandiosidade tinha fundamento: o arquiteto havia previsto, para as próximas três décadas, um crescimento demográfico incomum, explosivo de Manaus. Para os jogos da copa do mundo de 2014, o Tartarugão poderia ser restaurado e tornar-se um estádio perfeitamente adaptado aos torcedores amazonense. Mas de nada adiantou o olhar visionário de Severiano Porto. O estádio foi demolido para dar lugar a uma obra gigantesca, caríssima, faraônica, com capacidade para 47 mil torcedores.

Destruir um patrimônio da arquitetura amazônica é um lance de extrema crueldade e ignorância. O que há por trás dessa crueldade e incultura? A ganância, a grana às pencas, o ouro sem mineração, sem esforço. O tribunal de Contas da União já descobriu um superfaturamento na demolição do Vivaldo Lima e em todas as etapas da construção do novo estádio. Aos 580 milhões de reais do orçamento previsto, será acrescido um valor astronômico. Afora o superfaturamento e a demolição de uma obra premiada, há outra questão, demasiadamente humana: Manaus é uma das metrópoles brasileiras mais carentes de infraestrutura. Os serviços públicos são péssimos, na zona leste da cidade proliferam habitações precárias (eufemismo de favelas), a violência atinge níveis alarmantes. Depois da Copa, o novo estádio será um monumento vazio, ou um desperdício monumental. Quem paga a fatura (ou a superfatura) são os mais pobres, que necessitam de serviços públicos eficientes, e não de obras grandiosas. [...]. (HATOUM, 2013, p. 171 - 172).

Através dessa crônica, o discente conseguiu perceber de perto as grandes verdades relatadas pelo cronista. Ao observar o lugar de sua existência, o aluno “2” foi capaz de entender que a cidade era pra ser um espaço melhor pra se viver, principalmente na Zona Leste, onde ele mora, pois a pobreza e a carência no atendimento hospitalar é visível.

Segundo a percepção do aluno, a crônica de Hatoum o levou a compreender que ter estádios novos, como a Arena da Amazônia é importante, desde que o governo também cuidasse melhor da cidade, dando mais assistência à educação, à saúde, à moradia, entre outros aspectos.

O discente, através da produção do seu mapa mental, conseguiu mostrar a realidade por ele percebida no seu lugar vivido.

Interessante foi notar a percepção do discente do sétimo ano para as questões sociais, principalmente as que estavam visíveis aos seus olhos no bairro onde ele mora. No seu entendimento, o dinheiro público deveria ser usado para construir aquilo que supriria a sua necessidade, e que segundo o discente, era o mais importante, por isso, o mesmo sugeriu a construção de empreendimentos que desse à comunidade e para ele melhor qualidade de vida.

O discente, pelo título do seu mapa mental, trouxe em primeira mão, a sua percepção de cidade.

Mapa Mental 2: Minha cidade poderia ser diferente



Mapa Mental 2: Aluno “2” Série: 7º ano
Fonte: O autor, 2019.

“A crônica Estádios Novos, miséria antiga relata sobre o dinheiro que os governantes usaram para construir a Arena da Amazônia, sem se preocupar com outras coisas importantes na cidade.

É bom ter novos estádios de futebol, mas iríamos gostar mais se também usassem o dinheiro para construir coisas bem mais importante na cidade, como escolas boas, hospitais e também construir quadras nos bairros.

O meu mapa mental mostra um lado da cidade de Manaus que vivemos aqui na Zona Leste. Aqui temos muitas casas que eram próximas as áreas de risco, tipo buracões e também pessoas que esperam meses para conseguir uma consulta. Na rua do fuxico²³ tem muita gente que cata lixo para comer e isso é triste. Se essas pessoas tivessem estudado mais, elas não estariam vivendo assim, por isso, é preciso construir mais escolas, mais hospitais e mais quadras pra gente se divertir.

Tenho 12 anos, nasci em Manaus e o que mais me deixou triste foi ver no Jorge Teixeira, uma senhora de idade catando lixo para comer, toda suja e cabelos encardidos, roupas rasgadas, estava ela catando latinha para vender e para ter o que comer. Ela deixou o resto do lixo espalhado pela rua.” (Aluno “2”, 12 anos- 7º ano do Ensino Fundamental).

O aluno “2” relatou que a cidade que ele percebe, era pra ser bem melhor, pois para ele uma das paisagens que mais lhe deixou triste foi a de ver uma idosa catando lixo pelas ruas da cidade. No seu mapa mental, ele tentou registrar a realidade observada nos lugares por onde

²³ Fuxico: é uma área comercial muito movimentada na Zona Leste de Manaus. Localizada na Avenida Brigadeiro Hilário, entre os bairros Tancredo Neves e Jorge Teixeira, os comerciantes vendem bastante no atacado e as mercadorias são variadas.

andou, principalmente na Zona Leste de Manaus, pois o mesmo colocou o nome da escola de “Florestão”. Considera-se que o mesmo quis se reportar à Comunidade Nova Floresta, localizada no bairro Tancredo Neves, lugar onde mora.

O discente também deu bastante ênfase aos catadores de lixo, que segundo seu relato, é a paisagem que também lhe comove, podendo ser este um dos motivos que o levou a escolher a crônica de Milton Hatoum. A leitura o fez entender também que o dinheiro público deve ser fiscalizado pelo povo e que por isso, precisa ser direcionado para atender às necessidades da população.

Quanto a preocupação em formar indivíduos capacitados para compreender sobre a produção do espaço e o seu papel neste cenário, Modesto salienta que:

Ao estabelecermos as bases teóricas que irão auxiliar na interpretação da ação dos sujeitos pela sociedade, tendo o espaço como mediador, pretendemos gerar um campo de reflexão que envolva um melhor entendimento das interações que ocorrem entre os sujeitos, sua condição e posição na sociedade contraditória, rica em embates estabelecidos por interesses políticos, num amplo uso de estratégias e práticas (práxis), que sinalizam ações de caráter individual (pessoas físicas) ou coletivas através da luta pelo poder hegemônico, seja econômico ou político, ou os dois. (MODESTO, 2014, p.74-75).

Modesto nos conduz a entender o quanto é relevante conduzir os sujeitos à compreenderem sobre sua condição de ser no lugar de sua existência. Para isso, é necessário que estes entendam como o espaço da cidade funciona e se dinamiza.

A Geografia, nesta perspectiva, não pode deixar de cumprir o seu papel, que é o de contribuir na formação de indivíduos capazes de lutar por uma sociedade mais justa. Para alcançar esse objetivo, é necessário desde cedo, proporcionar meios que despertem nos alunos o interesse em compreender melhor a cidade, por ser ela, o palco que reflete os resultados da interação entre o mundo civil e o político.

O mapa mental do aluno “2” é uma demonstração de que a crônica pode ser um mediador para despertar nos discentes um olhar reflexivo sobre os vários aspectos da cidade. A crônica de Hatoum possibilitou que o discente expusesse a maneira pela qual ele sente e vivencia os fenômenos observado no âmbito de suas experiências.

A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir (MERLEAU-PONTY 1945/1994) p. 308).

Através da crônica escolhida pelo aluno “2” e a produção do seu mapa mental, observou-

se que o mesmo se demonstrou insatisfeito com a realidade observada pela cidade. Isso ficou perceptível quando ele relatou que era para o seu lugar de existência ser bem melhor, ter mais assistência, melhores escolas, quadras de esporte, mais hospitais, caso o governo direcionasse os gastos públicos em prol das classes menos favorecida.

Ainda nesta crônica, Miltom Hatoum (2013 p.172) expressa sua indignação quanto a gastos desnecessários: “Enterrem de uma vez por todas a promessa de cidadania! Capriche na maquiagem urbana e escondam (pela milésima vez) a miséria brasileira, bem mais antiga que o futebol.” Esse desabafo é de certa forma um convite para que a sociedade desperte para exercer sua cidadania e reivindique seus direitos, caso contrário, obras milionárias serão construídas e o povo mais uma vez ficará para os últimos planos, como bem frisou o cronista.

MAPA MENTAL 3

A crônica do geógrafo José Aldemir de Oliveira, foi a escolhida pelo aluno “3” como a que mais representou Manaus e suas paisagens, pois para ele, a cidade está cada vez mais violenta. Com o Título “A cidade do medo”, a crônica relata que o espaço da cidade de Manaus vem sendo, nas últimas décadas, tomada por atos de violência, chegando a ser um problema preocupante. A partir desse entendimento, o cronista faz uma reflexão ao comparar a Manaus de antigamente com a Manaus atual, o que resultou numa convocação para que a população não se conforme com esse cenário violento, mas que todos devem lutar para que os causadores desses transtornos na cidade, sejam punidos.

**Apresentada como percepção do Aluno “3”
Mapa mental: 3**

**Crônica: A cidade do medo
Escritor: José Aldemir de Oliveira**

Os acontecimentos de um fim de semana qualquer em Manaus deveriam nos surpreender: não é normal 37 homicídios, venham de onde vierem, seja com quem for. Estamos caminhando a passos largos para a barbárie e nada nos espanta. [...]. A tragédia não se deu numa cidade qualquer, mas na nossa cidade, e quase sempre quando isso ocorre o que mais se ouve é, “a cidade é violenta”. A partir disso, faço algumas reflexões.

Desde tempos remotos a construção da cidade representa a inspiração à ordem expressa na arquitetura das ruas, praças, monumentos e casas. Na busca do ideal de produção de espaços perfeitos está um sentimento mais profundo, o de construir uma cidade melhor.

Embora os grandes acontecimentos da humanidade estejam ligados às cidades, esse ideal de perfeição dificilmente perdeu. Isso aconteceu porque a eficácia da construção da cidade e sociedade melhores dependia da força para a aplicação de

regras, e estas não vieram para a garantia dos ideais de igualdade e liberdade, mas para estabelecer a ordem hierárquica e o poder para poucos. Como resultado disso, a cidade contemporânea se constitui no lugar preferencialmente das desigualdades e dos conflitos.

[...]

O medo da cidade não pode ser o medo do cidadão, embora todos tenhamos medo. Os que foram mortos e os vivos daquele fim de semana nos representam a todos, e isso expressa a impotência, o que não significa perder a capacidade de indignação. Queremos viver aqui com paz e segurança e alguém deve ser responsabilizado pelo que se está fazendo com a nossa cidade.

(OLIVEIRA, José Aldemir de. 2017, p. 30-31).

Ao ler a crônica do professor José Aldemir de Oliveira, o discente, foi conduzido a perceber que Manaus é uma cidade que cresce e se desenvolve, mas que a violência também cresce junto. Sua percepção de cidade deveu-se às observações feitas em seu dia a dia pela Zona Leste da cidade, lugar onde mora.

O aluno “3” não se afugentou da sórdida realidade vivenciada no lugar de sua existência, principalmente quando o assunto é violência, por isso, o mesmo teve que concordar com o cronista em todos os aspectos.

Sua percepção de cidade a partir da leitura da crônica “A cidade do medo”, o fez geografar uma comparação entre a Manaus de antigamente e a Manaus atual.

Mapa Mental 3: Violência, o vírus que contamina a cidade



Mapa Mental 3: Aluno “3” Série: 9 ° ano
Fonte: O autor, 2019.

“A crônica fala sobre a violência em Manaus e compara duas épocas. No meu desenho, a arma simboliza a violência que divide as duas épocas. Do lado esquerdo temos a Manaus antiga, calma e do outro, temos a Manaus atual, movimentada, com perseguição em primeiro plano simbolizando a situação atual do município. Na Zona Leste é onde se concentra a maioria das pessoas que protagonizam as páginas policiais dos jornais. É a “casa” das drogas, dos usuários e dos traficantes. Quem dera tivesse tantos policiais quanto tem bandidos. (Aluno “3”, 14 anos- 9º ano do Ensino Fundamental)

O aluno “3” não tem referência de uma Manaus tranquila no seu espaço-vivência, pois para ele, o que mais lhe impulsionou na escolha dessa crônica, foi o fato dele perceber o quanto alto o índice de violência na Zona Leste de Manaus, lugar onde mora e estuda. O título do mapa mental demonstra que o aluno compara a violência a um vírus contagioso, pois segundo ele, as pessoas vivem cometendo atos criminosos que vão de encontro a tudo e qualquer forma de ordem na cidade. Relata ainda que nesta zona o tráfico de drogas impera e chega a compará-la à “casa das drogas”.

Acredita-se que o seu relato baseia-se naquilo que ele observa na cidade no decorrer de seu dia a dia, no entanto, é bom também lembrar que a violência urbana não é um fenômeno exclusivo da Zona Leste de Manaus ou da capital amazonense, mas de praticamente a maioria das metrópoles, ou porque não dizer das cidades brasileiras. Fatores como estes, despertam nas pessoas a sensação de medo e de insegurança.

Yi-Fu-Tuan em sua obra *Paisagem do medo*, relata sobre o comportamento das pessoas que moravam nas cidades americanas e europeias no período medieval.

As cidades medievais europeias e as americanas do início da colonização eram pequenos lugarejos com uma população de menos de 10 mil habitantes. Elas podiam usar o toque de recolher porque relativamente poucos estrangeiros com ar suspeito perambulavam pelas ruas e seus movimentos podiam ser controlados. Numa metrópole como Roma do século II d. C. ou Londres do século XVIII, o toque de recolher sem o apoio de um destacamento com muitos policiais seria totalmente ineficiente. Ou, então, quando a noite se aproximava, os próprios cidadãos reconheciam a necessidade de se recolher para a segurança de seus lares, deixando os becos escuros aos ladrões e aos imprudentes foliões. (TUAN, 2005, p. 256).

Tuan enfatizou que quando as cidades eram pequenas e pouco povoadas havia maior possibilidade de proporcionar-lhes segurança, como citou no exemplo quanto ao toque de recolher e isso era possível, até mesmo pelo pequeno número de estrangeiros que estas cidades possuíam, no entanto, com o passar do tempo, tudo mudou, as cidades cresceram e a população também. Atualmente, poucas são as cidades que podem desfrutar de um estado que proporcione segurança para a população, pois na maioria delas, o medo tem mantido as pessoas presas dentro das suas próprias casas, como bem relatou Tuan.

Sociedade que não reivindica os seus direitos corre o sério risco de viver num espaço

transformado num verdadeiro caos, principalmente se a busca pela cidadania for esquecida. Dessa forma a desordem pode se eleger facilmente através das atitudes daqueles que anseiam viver numa cidade sem leis.

O aluno “3” percebe uma cidade violenta, onde o tráfico de drogas vem ganhando cada vez mais território, no entanto, é cabível salientar a necessidade de se discutir em sala de aula sobre a importância de uma sociedade preparada para reivindicar seus direitos junto ao governo, cobrando-lhe melhor assistência na área da segurança pública, visando adquirir o privilégio de se viver num lugar com mais tranquilidade.

MAPA MENTAL 4

O mapa mental 4, foi produzido por um aluno do 7º ano. Ele escolheu a crônica Ler, escrever, viver do escritor Tenório Telles para representar a Manaus que percebe. Segundo o discente, as famílias que vivem na cidade estão aos poucos deixando de lado as boas práticas, sendo a leitura, uma delas. O mesmo diz que desenvolveu o gosto pela leitura porque desde pequeno seus pais costumavam ler histórias infantis pra ele e nessas histórias ele aprendeu muito sobre a vida, por isso, escolheu esta crônica porque o fez lembrar do seu tempo de criança.

Apresentada como percepção do Aluno “4” Mapa mental: 4

**Crônica: Ler, escrever, viver
Escritor: Tenório Telles**

Pensando sobre a necessidade do conhecimento para a vida, pus-me a refletir sobre o ato de ler e suas consequências para a existência do ser humano. Afinal, ser leitor muito mais do que uma relação com a palavra, é um ato que extrapola o texto e se projeta no mundo. Todo diálogo com a palavra resulta num diálogo com a realidade e sua complexidade. [...].

Ler é um ato de negação dessas mazelas. Uma pessoa que convive com os livros desenvolve aptidões que a tornam diferente. São inúmeros os exemplos que ilustram a força transformadora da leitura. [...]. Esses espíritos de luz têm uma postura de compaixão e compromisso com a vida, a justiça e a possibilidade de construção do novo. Isso talvez explique a negligência com que as elites políticas têm tratado o direito de acesso da sociedade à informação e o livro. Como não leem, não a consideram relevante. Aí está provavelmente uma das razões de nosso atraso e indigência.

Ler e escrever são experiências definitivas na vida do ser humano e da sociedade. Lemos para viver, para sentir prazer entender o nosso próprio existir. O que pode ser mais prazeroso que a leitura de um belo texto? Só os espíritos superficiais podem se contentar com uma existência resignada e limitada aos prazeres materiais e à vaidade. Para essas criaturas viver é o imediato e o virtual. Estragam suas vidas correndo atrás de ilusões, dinheiro, poder e bajulação. Tudo para nada. O tempo vem e desfaz toda glória vazia, levando ao chão castelos de fantasia e arrogância. [...]. (TELLES, Tenório, 2013, p. 101-103).

Provavelmente a escolha dessa crônica deveu-se às experiências que o aluno 4 teve com a leitura desde a sua infância, pois de acordo com o seu depoimento, seus pais foram os principais incentivadores desse hábito, ao dispensarem um momento para contar-lhes histórias. De certa forma, esses incentivos serviram para despertar no aluno o prazer pela leitura num mundo que, segundo ele, está cada vez mais se distanciando dos livros e isso tem prejudicado o desenvolvimento emocional e intelectual e até mesmo no rendimento escolar de muitas crianças, adolescentes, jovens e até mesmo nos adultos.

Mapa Mental 4: A leitura me leva a conhecer o mundo



Mapa Mental 4: Aluno “4” / Série: 7 ° ano

Fonte: O autor, 2019.

“Quando eu tinha entre 4 a 6 anos, meus pais compravam alguns livros de histórias e no meu quarto, contavam para eu dormir e isso despertou em mim o interesse pela leitura. Ao ler a crônica “Ler, escrever, viver”, eu percebi que leitura de livros não é muito valorizada como antigamente.

As crianças da atualidade não percebem o quão importante ela é. E o que tira o interesse delas na maioria das vezes é a tecnologia, por isso, os pais precisam cobrar dos seus filhos a leitura, eles devem comprar livros e tirar um tempo para ler com eles.

No meu mapa mental, no lado esquerdo mostra como era no passado, um senhor contando histórias para as crianças e no centro, um relógio que simboliza a diferença de épocas. No lado direito, mostra como é atualmente. São poucas as crianças que tem interesse pela leitura, mas se os pais incentivassem os filhos, seria diferente.” (Aluno “4”, 12 anos - 7 ° ano do Ensino Fundamental).

O aluno “4” conseguiu representar muito bem a maneira de como ele consegue perceber a realidade de muitas crianças que vivem na cidade nos dias de hoje.

De acordo com Tenório Telles, autor da crônica, a leitura abre espaço para um diálogo entre o leitor e a realidade que o cerca, atribuindo a esta prática, uma necessidade existencial, por isso, deixou sua opinião bem clara ao argumentar que: (TELLES, 2013 p.102) “Ler e escrever são experiências definitivas na vida do ser humano e da sociedade. Lemos para viver,

para sentir prazer entender o nosso próprio existir. E por falar em compreender a relação existencial, a leitura pode ser um meio para conduzir o homem a entender e a descobrir sobre o seu relacionamento e o seu papel no lugar de sua existência, bem como os das pessoas que nos antecederam. Neste sentido, Dardel evidencia a relevância da Geografia no entendimento dessa interação entre o homem e a Terra ao ponderar que:

É necessário, portanto, compreender a geografia não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar a tal qual os insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino. (DARDEL 2011, p. 89).

É nesta proporção de leitura de mundo, enquanto lugar de existência, que em algum lugar da Terra o homem precisa se articular para garantir para si melhor qualidade de vida, por isso, é de fundamental importância buscar compreender como estes indivíduos se apropriam desses espaços, a maneira de como os percebem e os representam, seja por meio de sua cultura, costumes, símbolos, entre outros elementos.

Na busca por entender a sociedade de hoje, nos recai a preocupação incessante em analisar sobre a mudança de costume que vem a passos largos crescendo nas cidades, como por exemplo, o que foi evidenciado pela percepção do aluno “4” ao relatar no seu mapa mental, a substituição do contador de histórias infantis nos lares, pelo uso de equipamentos eletrônicos.

Neste sentido, há de se questionar, onde fica na cidade contemporânea, a “qualidade do tempo”²⁴ dos pais com os filhos, netos, sobrinhos, entre outros membros da família, quando são estes os próprios responsáveis por tal substituição? Não quero aqui afirmar que os recursos tecnológicos não sejam importantes, mas a preocupação evidenciada pelo aluno 4, gira em torno de se refletir sobre o que as famílias tem perdido quando deixam que a sua companhia seja

²⁴ Qualidade do tempo aqui, refere-se aos momentos em que os responsáveis, sejam eles pais, tios, avós ou irmãos mais velhos passam com as crianças. O gosto pela leitura é uma prática que precisa ser adquirida logo na infância, além disso, é uma ótima oportunidade que os adultos tem para proporcionar às crianças momentos de dedicação à leitura, à escrita e interpretação, podendo ser através de histórias contadas, inventadas ou lidas.

substituída por um objeto capaz de trazer informações, que as vezes são impróprias para as crianças e adolescentes. Ocorre que, na maioria das vezes, nem os próprios responsáveis ficam cientes sobre o teor do que as crianças estão assistindo.

Castellar e Vilhena ao considerar o peso da mídia quanto à carga de informações neles presentes, argumentam que a Geografia pode propor o uso de outras linguagens para resgatar o interesse pela leitura e assim proporcionar o conhecimento geográfico de maneira mais significativa para os discentes.

Vivemos, hoje, bombardeados por um grande volume de informações esparsas, que nos chegam, sobretudo, pela mídia. As percepções de espaço e tempo, os dados do nosso conhecimento e nossa visão de mundo. Elas modificam a nossa relação com o real. Esse envolvimento influencia as reflexões e os comportamentos, os modo de pensar e a aquisição de conhecimentos. [...] A ideia é que ao trabalharmos com textos nas aulas de geografia, reforçamos o conceito de letramento, que também faz parte do acervo linguístico da educação geográfica, na medida em que desenvolvemos atividades utilizando vários gêneros textuais e, também, a cartografia como linguagem, além, é claro, do texto didático [...]. (CASTELHAR; VILHENA, 2012, p. 65-66).

Os autores, ao reconhecer a necessidade de se resgatar a prática da leitura nas aulas de Geografia, mencionam que os professores podem recorrer ao uso de outras linguagens, tais como os gêneros textuais, para que se entenda que é possível ler um texto literário, por exemplo, e aprender Geografia, como já tem sido mostrado ao longo desse estudo. O importante é fazer o aluno refletir sobre a sua condição de existência no lugar onde vivem, como bem enfatizou Dardel.

O uso abusivo das mídias pelas crianças, jovens e adolescentes, tem na verdade dificultado o rendimento de muitos alunos em sala de aula, pois a maioria deles, apresentam dificuldades na leitura e na interpretação de textos, ou até mesmo para entender o que está sendo solicitado no enunciado de uma questão.

No mapa mental do aluno, aparece a figura de uma mãe chamando a atenção da filha para deixar o celular e bem próximo à ela tem alguns “brinquedos” e junto deles, teias de aranha, mostrando que os mesmos estão esquecidos juntamente com as brincadeiras infantis, e a leitura, fato evidenciado pelo aluno 4.

A crônica de Tenório Telles, foi contemplada como uma ferramenta que pode ser usada pelas diversas disciplinas, pois ela expressa uma realidade presente no cotidiano da cidade. Por onde se anda, é quase impossível não visualizar alguém de cara para o celular e essa cena se repete em quase todos os lugares da cidade.

O resultado dessa postura, é a formação de uma geração que aos poucos estão perdendo

o melhor da vida, que é conviver melhor com pessoas e aproveitar pra tentar construir um mundo melhor. Tenório, assim como o aluno “4” acredita que incentivar a leitura, é um dos caminhos para tentar melhorar o mundo, por isso, o cronista encerra seu texto dizendo:

A verdade é que, ao criar, o artista também se cria e se transforma. Além de contribuir com sua criação para iluminar a vida dos outros. Por isso, trabalhar para fazer de nossa terra uma cidadela de leitores é mais que um desafio: é um compromisso dos que têm responsabilidade com a vida, com o ser humano e com o futuro. (TELLES, 2013, p. 103).

Assim sendo, estende-se que incentivar a leitura não é apenas uma responsabilidade exclusiva dos professores de Língua Portuguesa, mas deve ser uma responsabilidade de todas as disciplinas. Outrossim, compreender o mundo e lutar por um espaço mais digno deve ser o objetivo de todos os que anseiam por dias melhores, no entanto, isso só será possível, quando formos capazes de ajudar a resgatar uma geração de leitores que decifrem o verdadeiro jogo da vida que todos os dias recomeçam para alguns e se encerra para outros.

MAPA MENTAL 5

Vinda do município de Barreirinha, a aluna “5”, ao chegar em Manaus juntamente com a sua família, acharam muito alto o valor cobrado pela água que eles consomem, por isso, a mesma encontrou na crônica “São as águas de março” um pouco da sua história e o que a sua família enfrenta para pagar a conta de água que segundo ela, além de suja é cara.

Da autoria do cronista José Ribamar Bessa Freire, a crônica relata sobre o sistema de abastecimento de água em Manaus. Para o cronista, a água da maior bacia hidrográfica do mundo, além de ser mais cara do que o valor pago pela água em Roma, ainda é suja, sem contar que a maioria das pessoas que vivem na cidade, não tem acesso a este recurso.

Apresentada como percepção da Aluna “5”
Mapa mental: 5

Crônica: São as águas de março
Escritor: José Ribamar Bessa Freire

*Eu sou a água, que mata a sede.
Onde eu não estiver se lembra de
mim.
Aturi, índio do Parque do Xingu*

[...] Quanto vale a água na maior bacia de água doce do mundo? Para os moradores de Manaus, localizada no encontro dos rios Negro e Solimões, o acesso ao “ouro azul” custa caro, muito mais caro do que paga um morador de Roma. Depois que a distribuição da água foi dada em concessão à Suez- em junho de 2000- os moradores de uma das maiores cidades amazônicas passaram a pagar até 40% a mais do que os cidadãos europeus. E, em muitos casos, a água não chega às casas: deve ser carregada de poços artesianos por crianças, mulheres e velhos.

[...] Na verdade, o problema da água em Manaus- como em toda a América Latina- é uma questão social e não apenas econômico ou tecnológica. Água é indicador de Status: Se você pode pagar, então tem água potável. Mas, se mora na periferia, ganha salário mínimo e não pode pagar contas altas, então a água se transforma em um bem inacessível e provavelmente é veículo de doença muitas vezes mortais. [...].
(FREIRE, José Ribamar Bessa. 2012, p. 47-49).

A aluna a partir da leitura da crônica “São as águas de março” evidenciou que a água que a sua família paga em Manaus é muito cara e que viver na cidade de Barreirinha, por um lado, era melhor para seus pais, pelo fato da água ser mais acessível.

A crônica de José Ribamar B. Freire, evidencia que realmente os manauaras pagam mais caro pela água do que em outros países da Europa. O cronista questiona o porquê do alto valor pago por um bem natural, que era pra ter um custo mais baixo, em virtude de termos o privilégio de estarmos localizados na maior bacia hidrográfica do mundo, a Bacia Amazônica.

Freire ressalta ainda que após a privatização da empresa que fornecia água para Manaus, o acesso a esse recurso ficou mais difícil, uma vez que inúmeras pessoas, por estarem desempregadas, além de precisarem correr atrás de sustentar a família, tem que se preocupar em pagar a conta de água que geralmente custa caro.

A aluna “5” expressa o porquê da escolha dessa crônica para representar a cidade que ela percebe em virtude da sua experiência de vida pelos lugares por onde passou.

A leitura da crônica “ São as água de março”, foi uma ferramenta fulcral para conduzir a discente a entender que o alto custo da água em Manaus a tem tornado um bem inacessível, principalmente às comunidades mais carentes.

De acordo com o depoimento da aluna e a sua produção cartográfica, ficou claro que o abastecimento da água em sua casa tem causado grandes transtorno, principalmente para a família que sofre ao ter que se esforçar tanto para pagar a água no final do mês, quanto para carregar água na cabeça até a sua residência.

Pondera-se ainda que esta crônica trouxe para o conhecimento da aluna “5” que o preço pago pela água em Manaus é mais cara que o valor pago em países desenvolvido, como é o caso de Roma, por exemplo.

Mapa Mental 5: A falta que a água me faz



Mapa Mental 5: Aluna “5” / Série: 9 ° ano

Fonte: O autor, 2019.

“A crônica “São as águas de março” relata sobre o alto preço da água que abastece Manaus. Como moramos numa cidade que possui a maior bacia hidrográfica do mundo, era para a água ser mais barata.

Além disso, muitas das vezes a água vem suja. O mapa mental mostra a imagem de três mulheres e uma criança, eu minha mãe e minha avó. Quando eu morava com os meus pais em Barreirinha, nós não pagávamos a água porque a gente pegava direto do rio. Ao vim morar em Manaus, passamos a pagar a água que de vez em quando falta. Quando isso acontece, minha mãe pega um balde e vai atrás de água na cidade pelas torneiras das ruas.

Quando falta água a gente sofre e quando ela volta, vem toda suja e mesmo faltando água, ainda vem caro, o valor que vem é de cento e cinquenta reais e temos que pagar. É um valor muito absurdo para pagar uma água que vai embora sempre às 12:00h. Minha avó também tem que ir atrás de água no sol quente com a minha mãe porque tem que encher o camburão ou a caixa de água. Em muitos casos, a água que os moradores pagam não chegam em suas casas e as famílias ficam sem água para abastecer suas casas. (Aluna “5”, 14 anos- 9 ° ano do Ensino Fundamental).

Devido a experiência que a aluna “5” teve em Barreirinha e a maneira como a sua família conseguia água para sobreviver, a mesma sentiu o impacto e a dificuldade ao migrar para umacidade grande, onde realmente o custo de vida é maior, sendo assim, a percepção que ela tem de Manaus é de um lugar onde a questão da água é um caso sério, pois além de ser um recurso caro, vive faltando nas torneiras de sua casa e quando vem ainda não é apropriada para o consumo devido a sujeira nela observada.

A discente relatou que no município de Barreirinha, cidade localizada no interior do

estado do Amazonas, ela juntamente com sua mãe e avó, buscavam água no rio para abastecer a casa, o que demonstra uma certa facilidade no acesso a água, uma vez que eles não pagavam diretamente pelo consumo. Seu mapa mental mostra que carregar água na cabeça não era o problema, a questão é ter que pagar por uma água que falta constantemente às 12 horas e ter que continuar carregando baldes de água na cabeça para abastecer a casa. No mapa mental da aluna, ficou bem evidente a imagem provavelmente da mãe, agachada aparando água numa torneira na cidade.

Provavelmente o título dado ao mapa: “A falta que a água me faz”, pode se referir às lembranças que a aluna tem do município de “Barreirinha”, lugar onde, apesar de ajudar a mãe e a avó a carregar água na cabeça, pelo menos não tinham que pagar tão caro por ela. Já em Manaus, a ausência do rio é sentida quando a família precisa continuar carregando água nos baldes para abastecer a casa, porém com uma grande diferença, ter que recorrer às torneiras espalhadas pela cidade e no final de todo esse esforço, ser premiado com uma conta pra pagar no final do mês.

A experiência vivida pela aluna nas duas cidades do estado do Amazonas a levou a compará-las quanto ao abastecimento de água por meio da sua percepção frente ao espaço de sua geograficidade. Neste sentido, Merleau-Ponty (1999) afirma que “a percepção do mundo está carregada de subjetividade e o sujeito percebe o que o mundo reflete”. Sendo assim, a aluna “5” manifestou através do seu mapa mental, a maneira de como ela percebe a cidade através de sua experiência de vida.

A crônica escolhida pela aluna “5” é rica em detalhes e pode ser usada como um instrumento de estudo geográfico sobre alguns problemas que a cidade de Manaus vem enfrentando, sendo a água um deles. Como em quase todas as metrópoles, as desigualdades sociais se acentuam à medida em que a cidade cresce, as políticas públicas deveriam assistir melhor as pessoas menos favorecidas em suas necessidades.

Para Freire, a água finda não sendo um recurso pra todos ao argumentar que:

Água é indicador de Status: Se você pode pagar, então tem água potável. Mas, se mora na periferia, ganha salário mínimo e não pode pagar contas altas, então a água se transforma em um bem inacessível e provavelmente é veículo de doença muitas vezes mortais. (FREIRE, 2012, p.49)

Geralmente as pessoas que não tem condições de pagar a água devido ao seu custo elevado, findam cavando poços sem o auxílio de um profissional competente, então a água que passam a consumir é contaminada por não estar nos padrões de profundidade recomendada para obter água potável. Esta é uma realidade presente na cidade. Quanto ao problema social exposto

é preferível que os professores de Geografia continuem sendo um porta voz para combater situações como essa. Nogueira (2014) argumenta que “Os geógrafos precisam dar respostas aos problemas sociais mais amplos e gritantes causados pelo capitalismo e encaminhar a sociedade para um movimento revolucionário de mudança”.

Se o abastecimento de água é um problema comum na cidade de Manaus, está mais do que na hora de encaminhar a sociedade para realizar um movimento revolucionário de mudança social, como bem enfatizou Nogueira. Isso sim é acreditar na consolidação de uma sociedade esclarecida, que sabe lutar pelos seus direitos e que não aceita viver num mundo de conformismo, expondo-se aos diversos tipos de exploração.

MAPA MENTAL 6

A aluna “6” escolheu a crônica “Nas esquinas da Vida” de José Aldemir de Oliveira para representar em seu mapa mental a cidade que, segundo a sua percepção é cheia de pessoas que aproveitam as oportunidades para ganhar um trocado.

A crônica relata sobre àquelas pessoas que ficam apostas nos semáforos, esperando ele fechar para venderem algum produto ou realizar outras atividades. Seus argumentos convencem o leitor a dar mais importância para uma pequena parcela da população que tentam ganhar o pão de cada dia, no lugar que ele preferiu chamar de equinas da vida.

Apresentada como percepção da Aluna “6” Mapa mental: 6

Crônica: Nas esquinas da vida Escritor: José Aldemir de Oliveira

Paro no semáforo. O sinal aberto ou fechado regula a vida na cidade. É tempo de parar, de seguir, de balançar a bandeira, de distribuir panfletos e de vender quase tudo. O cidadão se encontra dentro dos carros e o humano fora. Num dia desses, um homem coberto de bugigangas, num colorido marcante, parecia um bazar ambulante, tinha de escova de dente ao penico, era o sinal.

No período de eleição há em cada esquina os panfleteiros dos políticos oferecendo o paraíso e agitando bandeiras coloridas em profusão.

[...].

na esquina, a partir do semáforo, que a vida urbana se desenrola com o tempo mediado pelo sinal de trânsito a revelar de modo significativo o empobrecimento da vida representada de um lado pela carência daqueles que buscam, panfletando, agitando as bandeiras, vendendo e fazendo malabarismos, o mínimo necessário à vivência e, de outro, os que tem um pouco ou muito mais, mas que, como aqueles, são portadores de carências, falta-lhes tempo, como a expressar a velha canção:

“Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios!”. É a vida em pausa ou que segue em carros velozes e cada vez mais parados como se não houvesse destino. [...].

Paro atrapalhando o tráfego, e os motoristas apressados buzina. Permaneço parado, abro o vidro dou ao artista de rua umas moedas e, já saindo, aceno sorrindo. É o dobro do que ele queria. (OLIVEIRA, José Aldemir de. 2017, p. 84).

Aproveitar para vender ou ganhar alguma coisa no momento em que o semáforo fecha para alguns carros e abre para outros, já é uma prática realizada na cidade de Manaus há algum tempo, porém esta prática vem aumentando cada vez mais. Algumas pessoas criticam quem pede no semáforo, outras entendem que foi um meio encontrado, principalmente por quem está desempregado, de tentar garantir a sobrevivência.

A aluna “6” enfoca que a Manaus que ela percebe é de pessoas trabalhadoras, que todos os dias saem para ganhar o seu sustento nos semáforos da cidade ou em outros lugares. Para ela, a cidade abraça os que tem e os que não tem de maneira diferente e nesse jogo, cada um luta, conforme as suas possibilidades pra garantir seu sustento.

Mapa Mental 6: A parada que me sustenta



Mapa Mental 6: Aluna “6” / Série: 7º ano
Fonte: O autor, 2019.

“Eu quis mostrar no desenho que quando eu ando de carro com a minha mãe, muitas pessoas aproveitam o sinal fechado e os carros parados para oferecer alguma coisa. No semáforo da Avenida Grande Circular eu vejo constantemente jovens, senhoras, crianças e adolescentes vendendo seus produtos, pedindo um trocado, se oferecendo para limpar o para-brisa do carro ou pedindo ajuda e também fazendo propaganda. Tem aqueles que brincam de bolinhas para mostrar a sua criatividade.

São pessoas sem trabalho mas, a população não ajuda e nem se quer dão um conselho pra fortalecer os que necessitam. Essas pessoas são carentes e não tem condições, por isso, elas ficam por aí vendendo as coisas. Não temos que ficar parados porque essas pessoas vão perecer na mesmice, temos que nos revoltar e ajudá-los e não se conformar com isso. Quero uma cidade com mais educação e mais emprego. Depois que eu li a crônica eu percebi que as pessoas não estão ali porque querem, elas estão em busca de ganhar dinheiro de alguma forma, então cada um se vira na cidade como pode. (Aluna “6”, 12 anos - 7º ano do Ensino Fundamental)

A Manaus que a aluna “6” conseguiu perceber é a de uma cidade que tem pessoas que lutam de várias maneiras para conseguir se sustentar, no entanto, a discente relatou que a sociedade não deve aceitar essa situação, caso contrário, elas continuarão na mesmice. A aluna expressa o desejo de ter uma cidade com mais educação e mais emprego, pois na sua percepção, este é um dos caminhos que poderá dar outro direcionamento à vida dessas pessoas. Para alcançar esse objetivo, é necessário que todos reivindiquem seus direitos e esse conhecimento pode ser ainda mais consolidado na escola, esta que deve proporcionar aos alunos noções de cidadania, incentivando-os à compreenderem que, infelizmente, a cidade é um espaço desigual, por isso, é necessário lutar para ter direito à ela.

Verdun e Puntel (2010, p. 83) relataram que “A apropriação e o uso da paisagem, isto é, sua funcionalidade, podem ser observados e diferenciados por meio das transformações devida ao trabalho e às técnicas utilizadas; a paisagem, portanto, também é um produto social”.

Dessa forma, entende-se que os homens ao longo do tempo vem transformando as paisagens. Quando o semáforo ordena a parada obrigatória dos veículos para que outros sigam em frente, é um momento oportuno para que os indivíduos que estão fora dos veículos ofereçam seus produtos, atribuindo àquele espaço mais um significado, o do lugar onde se pode ganhar o pão de cada dia.

MAPA MENTAL 7

A crônica intitulada “Da Paris dos trópicos à Miami brasileira” do escritor José Ribamar Bessa Freire, foi escolhida pelo aluno “7” porque através dela ele foi capaz de recordar a história da migração de sua família da região Nordeste do Brasil para a região Norte, mais precisamente para o estado do Amazonas.

Apresentada como percepção do Aluno “7”
Mapa mental: 7

Crônica: A Paris dos trópicos a Miami brasileira
Escritor: José Ribamar Bessa Freire

Milhares de nordestinos fugindo da seca do latifúndio, usando Manaus como ponte entre a terra na tela e a floresta é que as indústrias dos Estados Unidos e da Europa necessitavam cada vez mais da Borracha, cujo único produto era, então, o Amazonas. Muitos deles vão ficando pela cidade, empregados como força de trabalho nas obras públicas, no porto, na construção civil. [...]

O serviço público entra em colapso, os edifícios ficam em ruínas. Desse período da Paris dos Trópicos, sobraram 250 unidades inventariadas pela Fundação pró-memória consideradas de interesse para a preservação. Mas tombados pelo patrimônio histórico apenas o Teatro Amazonas (1966), o reservatório do Mocó (1985), o Mercado Público (1986) e o conjunto do Porto de Manaus (1987). A Zona Franca de Manaus (ZFM), criada em 1967 pela ditadura militar implantada no país, para acelerar o processo de demolição dos prédios construídos no período dourado da borracha.

O modelo econômico da Zona Franca se alicerça na exploração da força de trabalho barata, na concessão de incentivos fiscais pelo Estado a grupos privados nacionais e estrangeiros, na isenção de impostos na transferência de lucros acumulados para fora do Estado sem revestimento produtivo. [...]

Com a ZFM, Manaus inchou, espalhando-se em todas as direções e invadindo o espaço da floresta. A população pulou de 200 mil habitantes nos anos 60 para 953.307 em 1980, atingindo quase 2 milhões em 2010. Nos primeiros vinte anos, as novas indústrias criaram 40 mil novos empregos, mas não absorveram o exército de cabocos, que em fluxo contínuo, migravam no interior em direção a capital, o que modificou a paisagem da cidade, criando problemas graves relacionados ao saneamento, coleta de lixo, água encanada, esgoto, sistema viário, transporte coletivo, moradia, saúde e educação.

[...]. (FREIRE, José Ribamar Bessa. 2012, p. 37-40).

A crônica acima é na verdade um rico texto de estudo geográfico e histórico sobre a cidade de Manaus e suas paisagens, uma vez que ela aborda sobre a sua colonização e o avanço do seu espaço urbano até os dias atuais. De linguagem simples e clara, a crônica se destaca por falar sobre a cidade, principalmente para quem deseja conhecer um pouco mais a fundo sobre o seu desenvolvimento, desde os principais ciclos econômico, como no aspecto social, político-administrativo, ambientais entre outros.

Para o aluno “7” a cidade que ele percebe passou por várias transformações que prejudicaram o meio ambiente, mas apesar disso, Manaus para ele, é uma cidade acolhedora que recebeu vários migrante nordestinos, que até hoje vivem aqui, como é o caso da sua família.

Mapa Mental 7: Manaus, uma cidade acolhedora



Mapa Mental 7: Aluno “7” / Série: 9º ano
Fonte: O autor, 2019.

“No mapa mostro que na cidade de Manaus existiam muitas árvores. Hoje em dia, a urbanização avançou muito e tem poucas árvores, muitas casas e indústrias. O mapa de Manaus refere-se ao lugar que muito recebeu e ajudou muitas famílias nordestinas a se estabilizarem financeiramente. A seta indica a chegada deles no período da instalação das fábricas na Zona Franca de Manaus. Meu pai, por exemplo veio para Manaus e começou logo a Trabalhar na Zona Franca. Ele ficou desempregado por mais de quinze anos. Manaus para mim é um lugar bom para se viver, só precisamos cuidar melhor do meio ambiente.” (Aluno “7”, 14 anos - 9º ano do Ensino Fundamental).

Conforme o depoimento do aluno “7” Manaus é uma cidade que ele tem referências boas, principalmente porque foi o lugar que abriu as portas de emprego para os seu pai que já estava há mais de 15 anos desempregado no Nordeste. Observou-se também que o desemprego foi um dos fatores responsáveis pela vinda da sua família para Manaus. Assim como ele, outras pessoas também veem Manaus como uma cidade acolhedora, pois aqui existe uma leva muito grande não só de nordestinos, mas de paraense, entre outras pessoas que vieram de outras regiões em busca de emprego.

Ao tentar interpretar a percepção do aluno, podemos constatar o quanto ele foi um observador nato da sua própria história de vida, pois o mesmo conseguiu visualizar na crônica a experiência de vida que a sua família passou ao sair do Nordeste para Manaus, o que

demonstra que ele realmente foi capaz de reproduzir no seu mapa mental as paisagens que mais ele observou para representar o seu lugar e suas paisagens ao longo de sua vivência.

Segundo Nogueira (2014, p.115) “Os mapas mentais são representações do vivido, são os primeiros mapas traçados por nós ao longo de nossa história com os lugares por nós experienciados”. Neste sentido, pode-se dizer que o aluno “7” conseguiu evidenciar e correlacionar sua experiência de vida através da produção do seu mapa.

O discente também percebeu que conforme a cidade foi crescendo e se desenvolvendo, as árvores também foram diminuindo dando espaço a construções de mais casas e fábricas. Neste caso, ele chama a atenção para que os manauaras cuidem melhor do meio ambiente da cidade, pois como bem lembrou o cronista Freire, desde a derrubada das árvores, a cidade tem se transformado numa sauna.

Não se sabe o que o aluno quis dizer ao desenhar uma pessoa saindo de Manaus. Provavelmente ele quis mostrar que, assim como há pessoas que chegam na cidade e logo conseguem emprego e nela permanecem, há outras que não tiveram a mesma sorte e por isso findam indo embora para outro lugar. Não se sabe ao certo o que ele quis demonstrar nesta parte do mapa.

MAPA MENTAL 8

A crônica escolhida pela aluna “8” para mostrar a Manaus que ela percebe foi a do escritor Tenório Telles, cujo título é “Sobre a indiferença”. Para a discente do 7º ano, a cidade apresenta uma desigualdade social muito grande começando pela sua estrutura. Ela distinguiu o que é nobre do que é precário e a diferença de vida entre ricos e pobres através da leitura.

**Apresentada como percepção da Aluna “8”
Mapa mental: 8**

**Crônica: Sobre a indiferença
Escritor: Tenório Telles**

A omissão é a causa de muitos males, erros e desenganos. Muitas tragédias ocorrem pela omissão dos que poderiam evitá-las. Os tiranos e os governantes inescrupulosos açambarcam o poder porque são favorecidos pela ignorância de parte da sociedade. [...].

Inquieta-me o fato de os homens de bem aceitarem essa situação. Por quê? O mal que essas almas doentes fazem à sociedade é imperdoável. Os recursos que subtraem ou que desperdiçam com obras mirabolantes seriam suficientes para construir dezenas de escolas, hospitais, creches, moradias... Tantas vidas seriam salvas. Quantos jovens teriam um destino melhor, uma vida digna, tornar-se-iam profissionais, bons cidadãos. A ambição de alguns poucos causa ruína e a destruição de gerações. Do resto, tanta

maldade acaba em nada. O poder com que esmagam os outros passa; o dinheiro, subtraído, esvai-se, não os salva da destruição, da morte. E, ao partir para o outro lado da vida, o que levam.

[...]. (TELLES, Tenório. 2013, p. 44).

Cartografar um mapa mental como este, foi no mínimo trabalhoso, mas para a aluna, foi a maneira que ela encontrou para exercitar seu lado artístico e poético, pois a discente comparou as diferenças sociais observada na cidade com o encontro entre os dois principais rios da Bacia Amazônica, o Negro e o Solimões.

Mapa Mental 8: A cidade dos ricos e dos pobres



Mapa Mental 8: Aluna “8” / Série: 7º ano

Fonte: O autor, 2019.

“Na minha cidade tem pessoas ricas e pobres. No lado direito do meu mapa eu mostro que os pobres tem moradias pequenas, lugares poluídos como metade do rio. No lado esquerdo os ricos tem moradias grandes como prédios, uma praça linda e muito dinheiro.

Na Zona Leste onde eu moro, observo muitas pessoas em condições precárias. São várias casas humildes com condições ruins, moradores de rua e também pessoas desempregadas.

O rio que atravessa a cidade de Manaus no mapa quer dizer que assim como o Rio Negro se encontra com o Solimões, na cidade também temos dois tipos de mundo, o dos pobres e o dos ricos. A parte preta representa os ricos que moram na Ponta Negra com muito luxo e a parte do Solimões são as pessoas que moram nos bairros pobres da cidade, principalmente aqui na Zona Leste”. (Aluna “8”, 12 anos - 7º ano do Ensino Fundamental)

Na percepção da aluna “8”, a cidade de Manaus é representada por dois mundos, a dos

ricos e a dos pobres. Segundo seu depoimento, no lugar onde ela mora, Zona Leste de Manaus, as pessoas vivem em condições precárias e muitas delas estão desempregadas. Já o mundo dos ricos, foi representado pela Ponta Negra, bairro nobre da cidade, onde somente as pessoas de alto poder aquisitivo tem o privilégio de morar. Para um discente do sétimo ano perceber as diferenças sociais existentes no seu lugar de existência, é um bom começo para se discutir sobre várias problemáticas presentes na cidade e como devemos agir para conquistar um espaço mais justo.

Tenório Telles ao escrever “Sobre a indiferença”, quis chamar a atenção para o comodismo entre as pessoas, principalmente por elas não lutarem por seus direitos para conquistarem uma vida mais digna na cidade. Por outro lado, o cronista questiona às injustiças sociais cometidas através do mau direcionamento dos recursos públicos, estes que poderiam ser usados em prol da capacitação dos jovens e na melhoria da cidade, no entanto, isso não acontece.

MAPA MENTAL 9

O aluno “9” vivenciou vários assaltos na cidade de Manaus e alguns deles ocorreram na frente da escola onde ele estuda. Ao ler a crônica “Certidão de Assalto” de Mazé Mourão, o referido aluno a escolheu para representar o lugar onde vive, principalmente na rua da escola onde ele estuda.

**Apresentada como percepção do Aluno “9”
Mapa mental: 9**

**Crônica: Certidão de assalto
Escritora: Mazé Mourão**

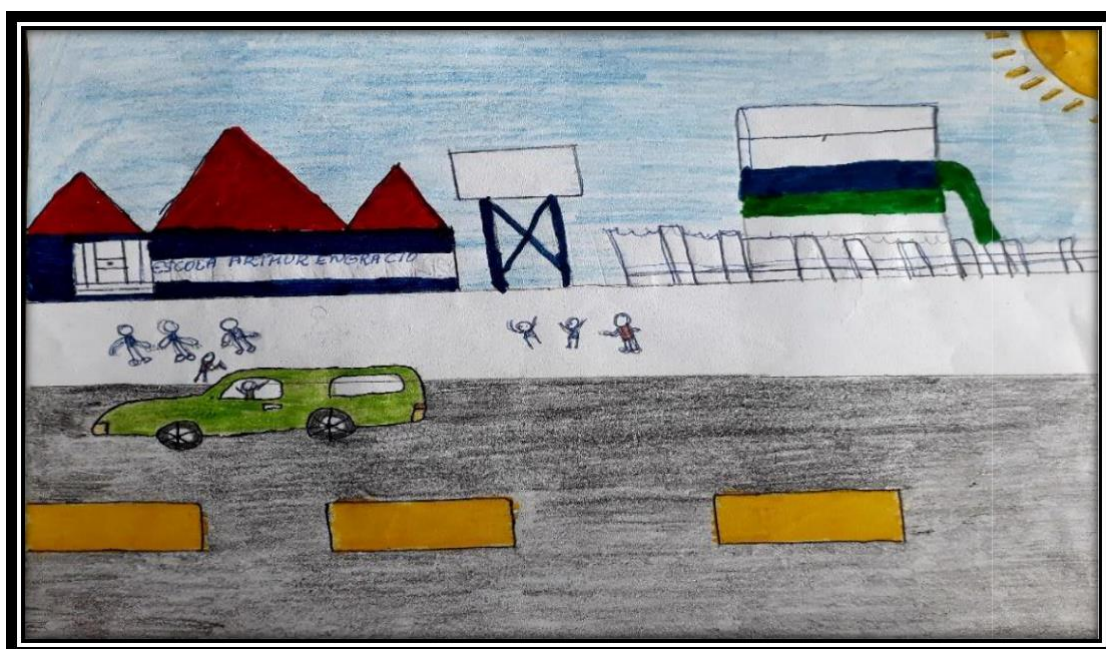
Ao receber a carta do escritor Tenório Telles relatando o assalto do poeta Luiz Bacellar, fiquei a matutar: “Como que pode, gente, uma pessoa como o poeta, um verdadeiro patrimônio intelectual vivo deste Estado, passar por uma barbárie dessas!”. [...].

Matutei de novo: “Como será que Luiz Bacellar com seu corpo frágil, sua estatura mediana, seu caminhar (sempre acompanhado de uma bengala) digno dos poetas conseguiria portar uma faca? Como seria que o autor de clássicos da literatura amazonense como “Sol de feira” e “Frauta de barro” (com erre, mesmo) se defenderia com a dita lâmina, caso estivesse em casa sentado em sua poltrona lendo e escrevendo? Criaria o nosso sábio escriba ares de super-homem para defender seus pertences?

[...]. “Na delegacia não se resolve nada. Lá só se formaliza o ato de ser roubado, ou seja, quem é vítima vai lá só para pegar o registro de assalto, a certidão de assaltado”. Como sempre poeta, perfeito na métrica e rima. Perfeito!
(MOURÃO, Mazé. 2009, p. 47-48).

O discente através do seu mapa mental apresentou o medo que ele sente da cidade, principalmente quando vai à escola que está localizada em área de alta periculosidade. Para ele os assaltos acontecem constantemente nesta rua, por isso, o percurso de sua casa até a escola, é no mínimo perigoso.

Mapa Mental 9: O perigo que nos persegue



Mapa Mental 9: Aluno “9” / Série: 7 ° ano
Fonte: O autor, 2019.

“Vivo em Manaus, Zona Leste e constantemente os assaltos acontecem na região e ninguém se livra desses bandidos. Basta acompanhar os jornais para sabermos da matéria sobre assaltos na cidade. Na escola onde eu estudo constantemente ocorrem assaltos. No mapa mental eu mostro um colega de sala que foi assaltado esse ano na hora da entrada. Dois homens chegaram e abordaram com uma arma bem na frente da escola. Já houve muitas ocorrências de assaltos na escola e até hoje não tem nenhum guarda para nos dar segurança na entrada e na saída”. (Aluno “9”, 13 anos - 7 ° ano do Ensino Fundamental)

Para o aluno “9” a cidade é muito perigosa, principalmente na Zona Leste. Ao dizer que na escola onde estuda é uma área que ocorre muito assalto e pelo fato dele ter presenciado de perto atos delinquentes. Nesse caso, a rua da escola para o aluno, representa a paisagem do medo em virtude do grande número de assaltos nela ocorrido.

Uma pessoa que não experimentou nenhuma situação desagradável na rua da escola onde o aluno “9” estuda, não teria medo de andar nela porque não teve a mesma experiência do

aluno. Isso significa que atribuímos valores e significados aos lugares de acordo com as nossas experiências. Tuan (2005 p.7) esclarece que “Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador, outros não. Certos tipos de medo perseguem as crianças, outros aparecem apenas na adolescência e em muitos casos alcança também a fase adulta.

O medo que o aluno tem da rua onde fica a escola que ele estuda, desencadeou esse sentimento em virtude da sua experiência vivida, sendo os constantes assaltos uma delas. Segundo a gestora dessa escola, há vários Boletins de Ocorrências que foram registrados em virtude dos constantes assaltos ocorridos nas proximidades da instituição de ensino, nem os professores escapam da ação dos assaltantes, relatou.

MAPA MENTAL 10

Moradora do bairro Tancredo Neves, a aluna “10” tem visto constantemente as pessoas jogando lixo no igarapé que corta à feira do Mutirão, na Zona Leste de Manaus. Para a aluna o igarapé se transformou num depósito de lixo onde as pessoas jogam coisas podres, objetos pesados, entre outros, e essa atitude tem ajudado a degradar ainda mais o ambiente da cidade.

Com base nas experiências por ela vivenciada e pelas observações que vem realizando por onde passa, a discente escolheu a crônica “Avisa que estão matando o Mindu” para produzir o mapa mental que representa a cidade que ela percebe.

Escrita por José Ribamar Bessa Freire, a crônica aborda questões referentes à poluição de um dos principais igarapés que corta a cidade de Manaus. O cronista nos faz conhecer como a população está a cada dia que passa, matando o Mindu. Esse igarapé é o mesmo que atravessa a feira pela qual a aluna relatou sobre a poluição nele observada. A crônica, na verdade, resume a situação de quase todos os igarapés da cidade.

**Apresentada como percepção da Aluna “10”
Mapa mental: 10**

**Crônica: Avisa que estão matando o Mindu
Escritor: José Ribamar Bessa Freire**

*O rio traz nos dentes /as rédeas/ de nossas vidas
Aldisio Figueiras (1947) poeta amazonense*

Quinta feira, 22 de abril. Oito horas da manhã. Toca o telefone. Atendo. Ligação interurbana. É de Manaus. A voz de alguém que não conheço geme, angustiada, do outro lado da linha, pedindo socorro.

Estou agorinha presenciando um assassinato daqui da janela da minha casa, no Parque Dez! Eu, minha mulher e minha netinha!!!

Alarmado, aconselho que chamem a polícia. Justifico minha omissão:

Moro no rio de Janeiro. Não posso fazer nada.

Pode sim! Pode escrever. Escreve. Avisa que estão matando o Mindu. Denuncia o crime. Dá nome dos bandidos- segredou a voz, num cochilo, coma se temesse ser ouvida.

[...].

Afinal, quem é que está preocupado em saber se um tal de Mindu está morrendo num bairro de Manaus? Azar o dele! Se a vítima fosse uma celebridade, fosse um vulcão, vivesse na Islândia, se chamasse Eyjafjallajökull e cuspsse fogo, vapor e fumaça preta, zoneando assim o tráfego aéreo, o mundo inteiro se agitaria. Mas Mindu, o inofensivo? Quem é Mindu no jogo do bicho? Ninguém sabe.

Se o Mindu falasse

De lá para cá, a cidade cresceu. A mata foi devastada. Dezenas de novos bairros surgiram sem uma política ambiental e de saneamento básico. As residências passaram a despejar seus dejetos no leito do igarapé, transformando-o num fétido esgoto a céu aberto. A feira do bairro Amazonino Mendes joga nele todo o seu lixo. A criação, em 1992, do Parque Municipal do Mindu, “um rio que passou em minha vida”, já estava ferido de morte.

[...].

(FREIRE, José. 2012, p. 71-73).

A crônica “Avisa que estão matando o Mindu” faz um recorte na história dos igarapés de Manaus e através dela, Ribamar B. Freire recorda como este recurso natural era uma opção de lazer na cidade, porém não continuou sendo devido as pessoas terem contribuído para que hoje ele estivessem em péssimas condições.

Na percepção da aluna, as pessoas que moram na cidade não respeitam o meio ambiente porque vivem poluindo os igarapés e derrubando as árvores, conforme representou no seu mapa mental.

Ao observar a realidade dos igarapés de Manaus, há de se concordar tanto com a visão do cronista quanto da discente “10”.

Nota-se que os conteúdos trabalhados em sala de aula no que se refere às questões ambientais, principalmente sobre a poluição dos rios é bastante discutida. Entretanto, trabalhar conteúdos dessa magnitude a partir da realidade do aluno, torna o ensino de Geografia mais significativo e abre espaço para que o professor discuta com os alunos sobre a construção da cidade e a maneira de como os indivíduos vem se relacionando com os recursos naturais nela existente ao longo do tempo.

A aluna evidenciou no seu mapa mental que os igarapés de Manaus pedem socorro.

Mapa Mental 10: nossos igarapés pedem socorro



Mapa Mental 10: Aluna “10” / Série: 7º ano
Fonte: O autor, 2019.

“Este mapa representa o desrespeito que as pessoas estão tendo com o meio ambiente. As pessoas querem construir derrubando as árvores e passando por cima de tudo. Antes de existir a cidade de Manaus tudo era natural, sem poluição, mas com o surgimento da cidade, as casas e os prédios começaram a aparecer e daí as pessoas não se preocuparam em manter a natureza limpa. Nossas árvores foram desaparecendo e as construções cresceram tanto que as pessoas poluíram tudo e hoje não temos nenhum igarapé limpo.

Na feira do Mutirão na Zona Leste tem um igarapé que era limpo, mas eu só conheci ele poluído, cheio de urubu e fedorento. Bom seria se ele fosse limpo e que desse para tomar banho e pescar. Precisamos cuidar da natureza enquanto há tempo e ela ainda está viva e precisa ser preservada, pois é a melhor opção”. (Aluna “10”, 12 anos - 9º ano do Ensino Fundamental)

A aluna reporta-se ao igarapé do Mindu que corta a feira do Mutirão no bairro Amazonino Mendes, Zona Leste de Manaus. Nota-se que a discente ao ler a crônica, expôs a forma de como ela percebe a cidade a partir daquilo que observou nos lugares por onde ela passou. No seu mapa mental, ela retrata também como o avanço da cidade ocasionou a destruição da natureza, pois há árvores que foram cortadas, acúmulo de lixo no igarapé, entre outros elementos, o que deve ter causado uma certa preocupação na aluna por esta perceber que o fato relatado na crônica também esteja acontecendo no lugar que ela vive e isso a despertou

a assumir uma postura mais crítica frente ao que está acontecendo ao seu redor.

Neste sentido, a aluna por entender que o igarapé faz parte do seu lugar de vivência, se preocupou em fazer um apelo para que as pessoas cuidassem mais da natureza, e isso inclui parar de poluir o igarapé. Para a aluna, a relação dela com o lugar passou a ser pensada de uma outra forma ao entender o grande mal que a própria população fez aos recursos naturais existentes na paisagem da cidade e essa percepção foi aguçada através da leitura da crônica por ela escolhida para representar o seu lugar, enquanto espaço vivido.

MAPA MENTAL 11

A aluna 11 escolheu a crônica “Família e valores humanos”, de Tenório Telles, para representar o lugar de sua geograficidade. Para ela, o uso excessivo de aparelhos eletrônicos tem causado transtorno no relacionamento familiar, e isto está explícito quando a discente reporta-se ao espaço da escola e da sua casa, para exemplificar a sua percepção de cidade, por meio de uma experiência. Para ela, os aparelhos eletrônicos é um dos responsáveis por haver diminuído o tempo de conversa entre pais e filhos e esses equipamentos tem de certa forma atrapalhado e dificultado a aprendizagem dos alunos tanto na escola como fora dela.

Apresentada como percepção da Aluna “11” Mapa mental: 11

Crônica: Família e valores humanos Escritor: Tenório Telles

Confusos e atemorizados com a brutalidade e a falta de nobreza, perguntamo-nos: o que será da vida? O que será do ser humano? Para onde caminhamos? Olhar o mundo é contemplar sua face agreste: perceber -lhe os olhos sem luz e as bocas sem flores. Vivemos num tempo de corações ressecados, de diluição e desesperança: refratário ao bem e ao belo.

Os estudiosos apontam como um dos fatores da crise vivida pelas sociedades contemporâneas o solapamento da família. É a instituição mais importante da organização social, portanto, um de seus pilares. Pela sua relevância tem sido tema de reflexão ao longo dos séculos por parte de pensadores e da tradição religiosa. Tanto é assim que Martinho Lutero considerava “a família é a fonte da prosperidade e da desgraça dos povos”.

O enfraquecimento das relações familiares, no nosso tempo, e suas consequências para a vida social, dão razão a Lutero. O reconhecimento da família como um fator de segurança e o fortalecimento da sociedade já fora apontado, no século V a.C., pelo sábio chinês Confúcio: “O respeito para com os pais e os irmãos é a base da superioridade”.

O cuidado da educação das crianças é, portanto, o remédio para boa parte dos males que ameaçam a sociedade atualmente. Educar bem os filhos é uma forma de prevenir dissabores para os pais e problemas para a sociedade. [...]

A conclusão a que chegamos é que tanto a família como a educação devem repensar seus caminhos e recuperar os valores humanos como instâncias fundamentais do processo de formação dos indivíduos e de constituição da própria sociedade. É imprescindível ensinar aos jovens as virtudes do amor, da disciplina e da justiça. Esses são os antídotos para o egoísmo e a violência. (TELLES, Tenório. 2013, p. 127-128).

MAPA MENTAL 11

A aluna “11” escolheu a crônica de Tenório Telles “Família e valores humanos”, para representar o seu mapa mental.

A discente associou a leitura da crônica a uma experiência vivida na escola onde a mesma estuda. A mesma contou que uma de suas amigas lhe relatou que não tinha vontade de ir pra aula porque alguns alunos praticavam Bullying com ela e quando essa amiga procurava os pais para conversar e contar o que se passava na escola, ele estava sempre ocupado vendo as coisas no celular e essa atitude foi afastando cada vez mais o diálogo entre pai e filha.

Mapa Mental 11: Quando o celular é mais importante do que eu



Mapa Mental 11: Aluna “11” / Série: 7º ano
Fonte: O autor, 2019.

“Meu desenho mostra que hoje em dia os pais estão esquecendo dos seus filhos porque ficam mais tempo nas redes sociais e não dão atenção pra família, deixam seus filhos se criar no mundo, sozinho no quarto, por isso o suicídio está maior no mundo e a culpa é dos pais que não dão atenção, não conversam com os filhos, nisso eles se sentem só, sem atenção então deixam a família se perder.

Hoje em dia a escola até dar educação, mas tem que ter ajuda dos pais também. Tenho uma amiga que sofre bullying na escola e ela não gosta de vim pra aula porque os garotos da sala dela ficam tirando brincadeira de mal gosto e quando ela chega em casa pra contar pro pai dela, ele está sempre ocupado no celular. Conversar é uma coisa que os pais hoje em dia não fazem mais e a atenção é a base de tudo numa família. Quando o filho chegar em casa é pro pai perguntar como foi a escola e falar pra ele não andar com pessoas que fumam porque se o pai não ensina, a mal amizade vai ensinar: “vem cá dar um teco, você não é homem não?” (Aluna “11”, 12 anos - 7º ano do Ensino Fundamental)

A aluna “11” percebeu que na cidade onde mora, os pais precisam ouvir mais seus filhos porque as vezes eles findam cometendo coisas erradas por falta de acompanhamento familiar. A discente relatou sobre uma amiga que não se sentia bem na escola porque alguns colegas lhe tiravam brincadeiras de mal gosto e isso atrapalhava o seu desempenho na escola, além de baixar a sua auto-estima, como bem representou no seu mapa mental.

A percepção dessa aluna é de uma cidade onde os pais ou responsáveis não estão dando a devida atenção aos filhos em casa e isso tem afetado o desempenho de muitos alunos na escola, o que não deixa de ser uma verdade evidenciada através do mapa mental elaborado pela aluna “11” do 7º ano.

MAPA MENTAL 12

O último mapa mental desta pesquisa é da discente “12” do 9º ano cuja percepção de cidade foi encontrada através da leitura da crônica “Adeus aos quintais e à memória urbana” do escritor Milton Hatoum. Para a discente, Manaus é uma cidade muito quente e vai continuar aquecendo cada vez mais, principalmente porque as pessoas priorizam a construção de prédios, conjuntos, fábricas e não tem se importado em manter a cidade arborizada.

Apresentada como percepção da Aluna “12”

Mapa mental: 12

Crônica: Adeus aos quintais e à memória urbana

Escritor: Milton Hatoum

EM RECIFE E MANAUS – metrópole do Norte e Nordeste - o quintal das casas está sendo substituído por um piso de cimento e lajotas. Em Boa Viagem, bairro recifense, uma praia, de modo que os banhistas têm que se contentar com estreitas línguas de sol. No país tropical, luz e sombra projetaram-se em lugares trocados.

Ainda mais grave é o caso de Manaus, onde o pagamento da memória urbana parece irreversível. Na década de 1970, um coronel do Exército, nomeado prefeito, mandou

derrubar mangueiras centenárias que sombreavam ruas e calçadas. Como se isso não bastasse, esse prefeito, talvez possuído pelo espírito demolidor do barão Haussmann, destruiu praças da cidade para abrir avenidas.

O mais irônico, tristemente irônico, é que a imensa maioria dos prefeitos e vereadores da era democrática não pensa na relação da natureza com a cidade. Hoje em certas horas do dia, é quase impossível caminhar em Manaus. Não há árvores, e as calçadas são estreitas e esburacadas. Até mesmo os feios oitizeiros, que Mário de Andrade detestava, têm seus dias contados. [...]. Outro dia uma amiga me contou que havia sonhado com o futuro das nossas metrópoles sem florestas.

“Foi um pesadelo”, ela disse. “As cidades e florestas inexistiam ou eram invisíveis.

A visão do futuro era um monstro bicéfalo: eclipse solar e deserto.

(HATOUM, Milton. 2013, p.154-155).

Esta crônica foi apresentada no segundo capítulo desse trabalho para evidenciar a possibilidade do seu uso enquanto linguagem capaz de proporcionar conhecimento geográfico sobre o crescimento do espaço urbano da cidade de Manaus e suas consequências. Na crônica, Milton Hatoum disserta sobre algumas mudanças ocorridas no espaço da cidade e em suas paisagens e relata principalmente sobre os danos provocados.

Entre vários fatores, o cronista relata sobre as consequências da retirada das árvores das calçadas e a dificuldade de se trafegar pelas ruas da cidade devido ao calor. Foi neste aspecto que a aluna “12” focou a Manaus que ela percebe na atualidade, conforme escreveu no seu depoimento e no mapa mental por ela elaborado.

Mapa Mental 12: Menos árvores mais calor



Mapa Mental 12: Aluna “12” / Série: 9º ano
Fonte: O autor, 2019.

“Eu tentei desenhar no meu mapa que antigamente as pessoas que moravam em Manaus talvez tivessem o costume de aproveitar mais as praças porque elas tinham bastante árvores, por isso, gostavam de levar os filhos para brincar, pois não tinham preocupação com nada, era seguro. Outros procuravam a praça para conversar e namorar. Imagino que pessoas até atavam rede para dormir no seu quintal, pois o vento era constante, era bonito de se ver, mas o homem achou melhor destruir as árvores e piorar a temperatura da nossa cidade.

Mas com o tempo, tudo mudou, foi num piscar de olhos quando o prefeito mandou derrubar as árvores para construir calçadas. De lá pra cá isso virou rotina em Manaus e agora o que mais a gente vê é prédios e mais prédios e também ruas cheias de buracos.

Sem árvore, a cidade fica mais quente, as casas faltam pegar fogo, é tão quente que quase não aguentamos o calor do asfalto nos pés. Acho que isso alterou para sempre a nossa relação com a natureza”. (Aluna “12”, 13 anos - 9º ano do Ensino Fundamental)

A aluna imaginou como era a Manaus de antigamente e representou sua percepção no mapa revelando a transformação que houveram desde o início de sua ocupação até os dias atuais. Observa-se que a partir da leitura da crônica a aluna representou a percepção que ela passou a ter do seu lugar de existência. No lado direito do mapa, a aluna não desenhou nenhuma árvore, só casas e prédios e para mostrar que na cidade tudo ficou mais quente, ela desenhou um símbolo acima dos telhados das residências para representar o calor.

Ao analisar a percepção da aluna “12” há de considerar que algumas cidades não foram planejadas e nem pensada de maneira sustentável. Durante a colonização das primeiras cidades brasileiras, como Salvador, a degradação do meio ambiente ocorreu de maneira desenfreada, tudo por conta da conquista do capital pelas metrópoles.

Em Manaus não foi diferente, pois a história se repetiu mais uma vez e se buscarmos respostas para esta degradação ambiental, iremos encontrar. Basta lembrarmos que o principal objetivo dos colonizadores portugueses ao chegarem nas terras brasileiras, foi obter mais lucro e assim enriquecer suas metrópole através da exploração do pau-brasil.

Ao longo dos anos, a busca incessante pelo lucro foi aos poucos exterminando a qualidade de vida nas cidades através da destruição de seus recursos naturais, sendo a vegetação uma delas.

A problemática da sustentabilidade assume neste novo século um papel central na reflexão sobre as dimensões do desenvolvimento e das alternativas que configuram. O quadro socioambiental que caracteriza as sociedades contemporâneas revela que o impacto dos humanos sobre o meio ambiente tem tido consequências cada vez complexas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. (JACOBI, 2003, p. 193).

De acordo com Jacobi, observa-se que o espaço urbano da cidade de Manaus vem passando por transformações aceleradas desde a chegada dos colonizadores até os dias atuais. Conforme já visto, as pessoas foram gradativamente degradando as paisagens naturais da cidade

e esse fato tem se repetido em muitas cidades brasileiras. Para onde olharmos é possível observar a redução da vegetação, igarapés poluídos, entre outros problemas dessa natureza.

Pensar na produção de um espaço sustentável pode ser até uma utopia para algumas pessoas, porém para quem acredita na força do conhecimento e da educação, não custa nada lutar para atingir esses objetivos. Para que isso aconteça, é imprescindível que se pense em práticas que visem conduzir os indivíduos a reconhecerem que todos precisam assumir a responsabilidades de cuidar e de preservar os recursos naturais presentes no espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES

Entender que o conhecimento ainda é um dos caminhos que pode conduzir o homem a compreender o seu espaço geográfico, bem como auxiliá-lo na interpretação dos fenômenos que nele acontece, foi um dos desígnios motivadores para a realização dessa pesquisa. Ademais, a Geografia escolar enquanto ciência, assume uma responsabilidade muito grande quando se propões a contribuir na formação de indivíduo crítico e atuante na sociedade. Foi pensando nesta responsabilidade que se arquitetou desenvolver esta pesquisa e assim, descobrir novas metodologias de ensino para estimular os alunos a conhecerem melhor o lugar de sua existência, convidando-os a relatarem sobre a maneira pela qual percebem a cidade e suas paisagens a partir das crônicas literárias.

Para se chegar a este objetivo, nada melhor do que usar a Fenomenologia como método de investigação geográfica, principalmente pelo fato do mesmo valorizar dados qualitativos, tais como os relatos de experiência, levando em consideração a forma de como os indivíduos veem e percebem as coisas, entre outros aspectos.

Nesta pesquisa, buscou-se investigar às experiências dos alunos com o lugar Manaus e suas paisagens a partir das crônicas literária, bem como a maneira pela qual este gênero, enquanto linguagem, representaria o lugar de sua existência. Durante a interpretação dos dados qualitativos, descobriu-se que a crônica é um importante instrumento para o estudo da cidade de Manaus e suas paisagens, principalmente pela grande relevância dos assuntos tratados pelos cronistas frente ao contexto presente em seu cotidiano.

bom salientar que as crônicas históricas serviram de base para o conhecimento geográfico, uma vez que foi o meio encontrado pelos escrivães para informar à corte portuguesa sobre os detalhes das terras recém descobertas, especificando em seus relatos sobre as características dos lugares, suas paisagens e riqueza, entre outras informações.

Durante a pesquisa, observou-se que as crônicas literárias, principalmente as que tratam sobre a cidade, são na verdade, textos cuja linguagem, por ser de fácil entendimento, é uma potência para o estudo da cidade de Manaus e suas paisagens, pois os próprios cronistas relatam sobre diversos assuntos e fatos por eles percebidos e que de certa forma transmite ao leitor a capacidade de enxergar algo que, provavelmente tenha passado despercebido.

No decorrer do primeiro capítulo, foi exposto as inúmeras possibilidades de se estudar assuntos geográficos através da literatura e no segundo capítulo, foram apontados vários conhecimentos sobre a cidade de Manaus e sua espacialidade desde o período da colonização até os dias atuais, através da visão dos cronistas.

Em Manaus deve ter vários cronistas, no entanto, foram selecionados apenas alguns, tais como: Josué Cláudio de Souza, José Ribamar Bessa Freire, Milton Hatoum, José Aldemir de Oliveira, Mazé Mourão e Tenório Telles. Estes grandes escritores nos proporcionaram a oportunidade de conhecer melhor a capital amazonense por meio de suas crônicas, principalmente porque eles expuseram a sua subjetividade ao escreverem sobre o que pensam e percebem na cidade, sejam estes relatos voltados para às questões políticas, econômicas, ambientais, culturais, sociais, entre outras. Eis o porquê de se trabalhar a Fenomenologia, enquanto método de investigação geográfica.

Observou-se que cada cronista teve suas experiências diferenciadas com o ambiente da cidade e são estas experiências que estabelecem um elo de ligação dos indivíduos com os lugares ao ponto de levá-los a expressarem um pouco de seus sentimentos e relacionamentos com a cidade através de suas observações apresentadas nas crônicas.

O terceiro capítulo possibilitou descobrir como os alunos percebem a cidade de Manaus e suas paisagens, pois eles mesmos foram os cronistas de seu tempo. Essa estratégia visou identificar o modo de como os estudantes se relacionam com os lugares e as paisagens e a forma pela qual eles expressam seus sentimentos, seus apreços, seus medos, suas insatisfações, entre outras questões. O resultado foi muito satisfatório, pois foi possível conhecer um pouco da realidade desses alunos e como estes também interagem com os lugares e as paisagens.

A excursão realizada ao centro histórico de Manaus e outras áreas da cidade, bem como a leitura de algumas crônicas, foi uma metodologia que estimulou os alunos a compreenderem mais o lugar onde eles vivem, proporcionando-lhes, de certa forma, o conhecimento sobre vários aspectos pertinentes à cidade.

O resultado dessa produção foi surpreendente, já que a maioria apresentou em suas narrativas aspectos ligados à cidadania, à questões ambientais e a violência, sendo que todas as produções foram voltadas para àquilo que eles perceberam no espaço de sua geograficidade.

O intuito neste momento da pesquisa, foi estimular os alunos a refletirem sobre o meio pelo qual eles vivem e com base nessa reflexão, conduzi-los a escreverem sobre a sua relação com os lugares na cidade por eles frequentados ou observados.

A produção das crônicas pelos alunos, foi uma resposta sobre a maneira de como eles percebem e se relacionam com a cidade, mesmo que direta ou indiretamente. Ainda nesta etapa, é cabível discorrer sobre as diferentes formas de perceber a cidade entre os alunos dos 7º e 9º anos. Alguns estudantes dos nonos anos, pensaram a cidade numa escala mais ampla, tais como, zona, bairro e os dos sétimos anos evidenciaram o “lugar” numa escala menor, como casa, escola, rua, bairro e alguns sobre a cidade num contexto mais amplo.

Percebeu-se também que durante a produção das crônicas, os discentes foram levados a pensar e a observar sobre tudo que fazia parte do seu espaço vivência. Satisfatório foi descobrir através de seus relatos, que eles escreveram sobre inúmeros assuntos geográficos e que possuía ligações direta com os conteúdos vistos em sala de aula, seja para os alunos dos sétimos como para os dos nonos anos.

Entre os assuntos abordados, destacaram-se temas referentes à ausência de árvores na cidade, feições erosivas, poluição atmosférica, poluição dos igarapés, violência contra a mulher, periculosidade na cidade, a falta de cuidados para com os idosos, assistência médica precária, crescimento urbano, desigualdade social, falta de compromisso do governo para com as questões sociais, entre outros temas.

De posse dessas informações, foi possível averiguar que a maioria dos conteúdos trabalhados em sala de aula, se assemelham bastante com os temas abordados em suas produções, principalmente por se tratar de assuntos referentes aos fatos presentes no cotidiano dos alunos.

Como forma de comprovar e associar à percepção dos alunos à realidade vivida na cidade, buscou-se investigar na prática alguns relatos através de registros fotográficos, portanto, as únicas produções que não tiveram a comprovação da percepção dos alunos através de registros, foi a violência. Este resultado comprovou que a produção das crônicas pelos alunos foi uma estratégia significativa, uma vez que essa missão os instigaram a observar o seu lugar e assim evidenciar como eles o percebem. A produção das crônicas, foram na verdade um importante instrumento de investigação geográfica, visto que através dos relatos dos alunos, foi possível conhecer um pouco mais da sua realidade, os problemas que eles enfrentam no dia a dia e quais conhecimentos geográficos eles tem do seu lugar de existência.

Descobriu-se também que a crônica por eles produzidas foram entendidas como ferramentas que, além de potencializar a escrita dos alunos e melhorar o vocabulário, pode também servir de instrumento de investigação geográfica sobre o seu mundo vivido e percebido, que de certa forma, servirão como uma sondagem sobre a geografia presente na cidade e por eles evidenciados.

Em síntese, a produção das crônicas pelos alunos foi uma resposta satisfatória, pois através dessa investigação podemos conhecer um pouco mais sobre a sua realidade e também entender a percepção que os mesmos tem de cidade por meio dos relatos das suas experiências, desenvolver em sala de aula debates voltados para uma Geografia mais cidadã e mais próxima da sua realidade.

O quarto e último capítulo, intitulado “as crônicas literárias como representação da

geograficidade: Manaus e suas paisagens geografadas nos mapas mentais dos alunos do Ensino Fundamental II”, podemos dizer que proporcionou resultados relevantes pelo fato das crônicas estimularem os alunos a perceberem melhor o lugar (Manaus) e suas paisagens.

Por entender que o estudo da cidade é de grande importância para o ensino de Geografia, propomos conhecer a cidade de Manaus, lugar de vivência dos alunos através de outras linguagens, neste caso, utilizamos as crônicas literárias escritas por aqueles que de certa forma, tiveram suas experiências de vida nesta cidade ao longo do tempo.

Ao se depararem com o varal de crônicas na escola, os discentes levaram algumas horas para realizarem a leitura de algumas delas, até encontrarem a que, ao seu ver, representaria Manaus e suas paisagens. O interessante nesta etapa, foi que cada discente escolheu a crônica que, de alguma forma, relatava sobre algo percebido no ambiente em que eles vivem, inspirando-os a representarem cartograficamente sua percepção de cidade.

Os mapas mentais dos alunos mostraram que as crônicas literárias serviram para aguçar a percepção desses discentes para os fatos que acontecem no seu dia a dia e o resultado foi magnífico e satisfatório.

Percebeu-se que muitos alunos no início da pesquisa tinham dificuldades de se expressar sobre a cidade, no entanto, a leitura das crônicas possibilitou o afloramento das ideias, despertando-os para a realidade, ao mesmo tempo em que desenvolveu nestes discentes, a capacidade de associar o que estavam lendo, com o que realmente eles vivenciaram na cidade.

Constatou-se que muitos mapas mentais colocaram em evidência dois momentos da cidade através da representação de suas paisagens, ou seja, o antes e o depois, principalmente no que se refere as mudanças ocorridas no espaço geográfico de Manaus ao longo dos anos. Obteve-se também informações extremamente particulares sobre o espaço vivência dos alunos, pois os mapas mentais mostraram sobre realidades diferentes, mas que se fizeram presentes no âmbito de sua existência e que ao meu ver, são acervos importantes para que conheçamos um pouco mais da realidade desses estudantes para a partir da sua percepção, dialogarmos sobre assuntos pertinentes à cidade ao longo das aulas de Geografia.

Nosso dever enquanto professores é conduzir estes discentes a compreenderem melhor o lugar pelo qual eles habitam, principalmente por ser a cidade um lugar dotado de diversidade social, cultural, econômico, entre outros aspectos. Por isso, é necessário despertá-los para que todos compreendam mais sobre o seu lugar de existência e assim, aprendam a lutar pelo direito a uma cidade mais sustentável e que abrigue melhor a população que nela reside. Para isso, é necessário que cada indivíduo cumpra com a sua reponsabilidade em lutar para ter um espaço mais digno.

Em todos os mapas mentais os alunos escrevem o que eles perceberam na cidade e quiseram mostrar na sua produção cartográfica. Nos depoimentos, houveram cobranças para que se cuidassem melhor do espaço da cidade, tanto pelas pessoas civis como pelas autoridades governamentais. Esse resultado nos permite, enquanto professores de Geografia, revelar aos discentes que eles também são agentes de transformação do lugar onde eles vivem, mostrando-lhes à situação da cidade por eles sinalizadas, o porquê dessas paisagens, para que assim, os mesmos pensem melhor sobre as suas atitudes, visando alcançar a cidade que eles gostariam de ter.

Descobriu-se também que os alunos dos nonos anos representaram Manaus e suas paisagens com um posicionamento mais crítico frente a realidade e essa postura, deveu-se ao nível de maturidade e conhecimentos adquiridos ao longo da vida escolar e de suas experiências. Por conseguinte, a leitura das crônicas ao meu ver ampliaram a visão de mundo desses alunos, despertando-os a terem uma postura mais crítica com relação a vida na cidade.

Um exemplo claro disso, foi visto através da produção do mapa mental da aluna “5”, que ao ler a crônica “São as águas de março” do escritor Bessa, teve a capacidade de nela enxergar a sua história de vida no que se refere a questão da água, principalmente ao comparar como era a sua rotina no município de Barreirinhas com o modo de vida que leva na cidade de Manaus. Considera-se que a leitura da crônica despertou na aluna uma visão mais crítica de sua realidade, levando-a a questionar sobre a situação desfavorável que a sua família enfrenta na cidade ao ter que pagar um valor alto por uma água que nem sequer supri as suas necessidades.

Os alunos dos sétimos anos também apresentaram resultados satisfatórios, pois estes, apesar de serem mais novos, foram capazes de chamar a atenção para fatos corriqueiros que acontecem dentro de sua casa enquanto “lugar” de existência e que, de certa forma, tem prejudicado o bom relacionamento até mesmo na família, principalmente entre pai e filho, como revelou a aluna, autora do mapa mental 11 ao interpretar a crônica de Tenório Telles, intitulada “Família e valores humanos.

A percepção de cidade para a discente do 7º ano, veio através da falta de atenção dos pais para com os filhos e isso, segundo a aluna, tem provocado outros problemas maiores na cidade, um deles, é a falta de comunicação que também tem influenciado para que muitos estudantes fiquem desinteressado na escola, principalmente quando estes querem tratar de assuntos que os afligem, até mesmo dentro da escola. A estudante mencionou que a atenção que os pais tem dado ao celular é bem maior que a dispensada para eles, havendo dessa forma, um certo empecilho no relacionamento entre pais e filhos. Esse foi um dos exemplos entre tantos outros apresentado ao longo dessa pesquisa.

Quanto aos resultados dos mapas mentais numa contextualização mais geral, podemos dizer que eles revelaram de forma única, como as crônicas literárias serviram de linguagem para despertar nos discentes o interesse em perceber a cidade e suas paisagens. Suas produções cartográficas deixaram evidente as verdades subjetivas sobre o lugar (Manaus) e suas paisagens que foram por eles observados, vividos, percebidos e experienciados, o que Dardel denominou de espaço de sua geograficidade, em sua obra *o Homem e a Terra*.

A busca por estudar a cidade através das crônicas, resultou na descoberta de um campo muito vasto para o ensino de Geografia, não só por abranger a cidade, enquanto lugar de existência dos alunos, mas por transmitir conhecimentos de outros lugares, inclusive, do mundo. Os resultados dessa pesquisa nos mostrou que é possível entender como os homens se relacionam com os lugares e com as paisagens presentes no seu lugar de existência através da literatura, pois o uso do gênero crônica enquanto linguagem, abriu um leque de possibilidades para melhor entender o espaço de geograficidade dos alunos participantes dessa pesquisa e a forma como estes percebem e atribuem significados ao que se encontram a sua volta por meio de suas experiências.

Como professora de Geografia, posso afirmar que esta pesquisa alavancou a participação dos alunos frente a discussão sobre o lugar Manaus e suas paisagens. Discutir os conteúdos geográficos sobre a cidade pelo viés da literatura, mais precisamente através do gênero crônica, possibilitou a concretização de uma Geografia mais inclusiva, uma vez que esta metodologia fomentou nos alunos a sede em conhecer mais sobre o seu lugar de existência, ao mesmo tempo em que também me proporcionou descobrir como estes percebem a cidade e se sentem ligados à ela.

Ressalto ainda que muitos alunos ao realizarem a leitura das crônicas, afirmaram que passaram a entender melhor sobre a cidade. À exemplo disso, cito o aluno “1” que relatou sobre a sua percepção de cidade a partir da leitura da crônica, “O berço da cidade” de José Ribamar B. Freire. Pude perceber a satisfação do discente por este ter encontrado alguém que pensasse da mesma forma que ele, posto que, uma das situações que mais o deixou constrangido, foi ver um amigo negar sua descendência indígenas. O depoimento desse aluno foi uma resposta clara quanto a capacidade que uma crônica tem em despertar e convidar seus leitores a compreenderem mais sobre a cidade de Manaus e suas paisagens.

O cronista expõe seu ponto de vista sobre a cidade e nos mostra quem foram seus verdadeiros heróis, trazendo uma alerta sobre a necessidade de se conhecer um pouco mais sobre as transformações que houveram em seu espaço geográfico desde sua origem até os dias atuais. Pena que muitos manauara ainda não tiveram acesso a este conhecimento.

Graças ao embasamento fornecido pela Geografia Cultural e pela Fenomenologia, foi possível compreender a maneira pela qual os alunos do Ensino Fundamental da EMEF Arthur Engrácio da Silva, percebem o seu mundo vivido. Este resultado nos mostrou que conhecer um pouco da geograficidade dos alunos, é uma prática que precisa ser levada em consideração pela ciência, pois esse conhecimento também constitui uma verdade, bem mais expressiva, pois a produção dos discentes nos revelaram sobre seus vínculos, seus medos, seus prazeres, suas frustrações e principalmente sobre o anseio em conquistar um lugar bem melhor para se viver.

Em síntese, desenvolver essa pesquisa foi um desafio satisfatório para a Geografia escolar, pois a mesma ousou convidar os alunos a geografarem as paisagens que o cercam para melhor compreensão da sua percepção de cidade a partir das crônicas, uma vez que este gênero pode desencadear uma série de assuntos propostos nos conteúdos curriculares de Geografia na Educação Básica, abarcando o estudo da cidade de Manaus desde a sua localização, economia, pontos turísticos, população, aspectos sociais, culturais, ambientais entre outros.

Em suma, esta pesquisa constatou que a Geografia pode dialogar com a Literatura para compreender melhor sobre o lugar e as paisagens através das crônicas. Este gênero por tratar de fatos do cotidiano, e por possuir uma linguagem simples e objetiva, tornou o conhecimento geográfico mais significativo para os alunos, pois além de despertar o interesse pela leitura, os conduziu a entenderem sobre vários assuntos pertinentes à cidade. Esta compreensão agiu como um estímulo para que os mesmos fossem os próprios agentes de investigação das condições geográficas do seu lugar de sua existência. Dessa forma, a Geografia tornou-se mais ligada à vida desses alunos, sendo portanto, capaz de conduzi-los a compreenderem melhor a cidade e assim prepará-los para o pleno exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. **Expedições Geográficas**: manual do professor. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.
- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo pentecostal**: antigo e novo testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma Geografia sertaneja de Patativa de Assaré. In: MANDAROLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina, PR: Eduel, 2010.
- ANJOS, Geraldo dos. Blog do Geraldo dos Anjos, Histoaiador. In: LIMA, Corrêa. **Antiga opção de lazer de Manaus, Balneário do Parque Dez está abandonado**, 2016. Disponível em: < acritica.com/channels/manaus/news/antiga-opcao-de-lazer-de-manaus-balneario-do-parque-dez-esta-abandonado> acesso em: 04 de outubro de 2019.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural. 1984. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BRAGA, Robério. Prefácio. In: MOURÃO, Mazé. **Poucas e boas**. Manaus, Am: Reggo, 2014.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. 3.ed. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História e Geografia: Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. 1996. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **LITERATURA, MÚSICA e ESPAÇO**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.
- BRUNN, Albert Von; SANTOS, Rafael Rocca dos (Trad.). **Milton Hatoum**: entre o Oriente e Amazônia. São Paulo: Humanitas, 2018.
- BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In CHRISTOFOLETTI, Antonio (org). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: DIFEL, 1979. p. 165-194.
- CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Geografia**: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti. KAERCHER, Nestor André. (Orgs.). **Ensino de geografia**: práticas e contextualizações no cotidiano. 11. ed. Porto Alegre, RS: Medição, 2014. 144p.
- CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão** (Prefácio). In ANDRADE, Carlos Drummond

de et al. Para gostar de ler, Vol.5- Crônicas. Ática, São Paulo,1987, p.4-13. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/151815272/A-VIDA-AO-RES-DO-CHAO-ANTONIO-CANDIDO>.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade.9.ed., 3ª reimpressão,-São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec,1996.

CASTELHAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão dos espaços geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti. KAERCHER, Nestor André. (Orgs.). **Ensino de geografia: práticas e contextualizações no cotidiano**. 11. ed. Porto Alegre, RS: Medição, 2014. 144p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2010.

_____. Lana de Souza. Geografia, escola e construção do conhecimento. - Campinas, SP: Papirus,1998, - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**. Florianópolis, SC: EDUFSC, 2007.

_____. Paul. **A Geografia Cultural**. 3.ed. Florianópolis, SC: UFSC, 1999.

_____. Paul. As abordagens da geografia cultural, In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações geográficas: percurso no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. Paul. **Epistemologia da geografia**; tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2.ed. ver. Florianópolis: Ed, da UFSC, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Introdução à geografia cultural**. Bertrand Brasil, 2003.

_____. Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **LITERATURA, MÚSICA e ESPAÇO**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

_____. Roberto Lobato. Temas e caminhos da geografia cultural: uma breve reflexão. In:

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

_____. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS,

Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvani Maria. (Orgs.) **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

COSGROVE. D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**.

Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo, 2011.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia ?**. 32.ed. São Paulo: Centauro, 2005.

DUCAN, James. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R.L. et al. (Orgs). **Introdução a Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ESTATUTO DO IDOSO. Lei Federal nº 10.741, de 01 de Outubro de 2003.

FARIAS, Elson. Acontecimento. In: TELLES, Tenório. **Renovação**. Manaus, Am: Valer, 2013.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói, RJ: UFF, 2013.

FIGUEIRA, Aldisio. Essa Manaus que se esvai.... In: FREIRE, José Ribamar Bessa. **Essa Manaus que se vai**. Manaus, Am: Instituto Census, 2012.

FILIZOLA, Roberto. **Teoria e prática do ensino de Geografia: memórias da Terra**. São Paulo: FTD, 2009.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Essa Manaus que se vai**. Manaus, Am: Instituto Census, 2012.

GIANSANTI, Roberto. Série professor em ação: atividades para aulas de geografia: ensino fundamental, 6º ao 9º ano/Roberto Giansanti.-1.ed.-São Paulo: Nova Espiral,2009.

GIARDINO, Claudio; JANTALIA, Ligia Maria Ortega; CHIANCA, Rosaly Braga; CARVALHO, Virna. **Geografia nos dias de hoje: 7º ano**. São Paulo: Leya, 2015.

GONÇALVES, Amanda Regina; MELATTI, Cláudia. Instrumentos para análise e escolha do Livro Didático de Geografia pelo professor: aspectos da formação cidadã. In: TONINI, Ivaine Maria. et al. (Orgs.). **O livro didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOULD e WHITE, 1974 apud NOGUEIRA, Amélia R.B. Mapa Mental: instrumento didático no ensino de Geografia do 1º grau. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, 1994 p. 73.

HATOUM, Milton. **Um solitário à espreita: crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOEFLE, S.W. – Cultura na História do Pensamento Científico. Revista da Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, no 2, pp. 6-29, 1998.

HOLZER, Werther. A influência de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte-americana. In: Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre, 2010.

_____. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In:

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) **Temas e caminhos da Geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

JACOBI, Pedro. Educação e meio ambiente- transformando práticas. **Revista brasileira de Educação Ambiental**. Brasília: 2004.

_____. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Caderno de Pesquisas**, n.º 118.

São Paulo, 2003 Disponível em: <

https://www.researchgate.net/publication/26349695_Educacao_ambiental_cidadania_e_sustentabilidade >. Acesso em: 10 de set. 2019.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOZEL, Salette. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In:

KOZEL, S. [et al.] (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p.114-38.

KOZEL, Salette; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. In.: Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/ USP. São Paulo: Humanistas, n. 13 p. 239-257, 1999.

KOZEL,S. e Nogueira,A. R.B. “**A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica**: contribuições de uma experiência vivida”.In: Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP. São Paulo: Humanistas, (13) 239- 257. 1999.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003 .

LOMBARDO, Magda Adelaide. **Ilha de calor nas metrópoles**: o exemplo de São Paaulo.

São Paulo: Hucitec,1985.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: Loureiro, Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.) **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 69-98.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Discurso sobre a História da Literatura no

Brasil. Manifesto Publicado na Revista Nictheroy em 1836. In: BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: < http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Domingos_José_Gonçalves_de_Magalhães_-_Discurso_sobre_a_história_da_literatura_no_Brasil.pdf >. Acesso em: 13 mar. 2019.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et al. (Org.) **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. Disponível em: <

https://www.academia.edu/7609863/A_abordagem_cultural_na_Geografia >. Acesso: 10 jan. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARQUES, Walter Ernesto Ude. **Infâncias (pre)ocupadas: Trabalho Infantil, Família e identidade**. Brasília: Plano Editora, 2001.

MANDAROLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geograficidade, poética e imaginação. In: MANDAROLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina, PR: Eduel, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo. Tempo e espaço cotidiano: crônicas de um tecido inacabado.

In: In: MARANDOLA JR; Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Orgs.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação**. Londrina, PR: Eduel, 2010.

MELLO, Thiago de. Manaus não perde a esperança. In: FREIRE, José Ribamar Bessa. **Essa Manaus que se vai**. Manaus, Am: Instituto Census, 2012.

MENDES, Márcia R.S.S. Barbosa; GUSMÃO, Josiane Lima de; FARO, Ana Cristina Mancussi e; LEITE, Rita de Cássia Burgos de O. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**. São Paulo, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf>.

MENEZES, Lúcio. A crônica da cidade. In: SOUZA, Josué Cláudio de. **Publicações em 1946 Crônicas de Manaus**. Manaus, Am: Instituto Durango Duarte, 2016.

MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Renato César de. **Educação ambiental: desafios para uma participação social cidadã**.

MODESTO, Nilo Sérgio d'Avila. A “ausência assistida” do poder político na compreensão

dos sentidos das ações dos sujeitos sociais na produção do espaço. In: SILVA, Catia Antonia da; CAMPO, Andreino; MODESTO, Nilo Sérgio d'Avila. **Por uma geografia das existências: movimentos, ação social e produção do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência/FAPERJ, 2014.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O real e o mítico na paisagem do grande sertão. In: MANDAROLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina, PR: Eduel, 2010.

MORAES, Loçandra Borges de. **A cidade em mapas: Goiânia e sua representação no ensino de Geografia**. Goiânia: E. V., 2008.

MOURÃO, Mazé. **Cotidiano pitoresco**. Manaus, Am: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2018.

_____. **Crônicas**. Manaus, Am: Valer, 2009.

NASCIMENTO, Lisângela Kati do. **O lugar do lugar no ensino de Geografia: um estudo em escolas públicas do vale do Ribeira-SP**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2017.

NAVA, Daniel Borges; José Duarte, ALECRIM. Estudo da Vulnerabilidade aos processo erosivos na Cidade de Manaus. In: OLIVEIRA, José Aldemir de; ALECRIM, José Duarte; GASNIER, Thierry Ray Jehlen. **Cidade de Manaus: visões interdisciplinares**. Manaus, Am: EDUA, 2003.

NAVEIRA, Raquel. Geografia e Litetura. **Multítemas**, n. 15, p. 143-153, out. 1999. Disponível em: < <http://www.multitemas.ucdb.br/article/view/1138/1077> >. Acesso em: 15 jan. 2019.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.75-92.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: a "Geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Manaus, Am: EDUA, 2014.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Crônicas de Manaus**. Manaus, Am: Valer, 2011.

_____. **Crônicas da minha (c)idade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

OLIVEIRA, Livia de; MARANDOLA JR, Eduardo. Caminhos Geográficos para a literatura. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói, RJ: UFF, 2013.

OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio. Cronistas do século XVI: o Brasil na

- visão dos descobridores. In: OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio. **Cronistas do descobrimento**. São Paulo: Ática, 2012.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. **Tipos de textos: modos de leitura**. Belo Horizonte, MG: Formato, 2001.
- PENN, Mischa; LUKERMANN, Fred. Corologia e paisagem: uma leitura internalista de a morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.
- PERO VAZ DE CAMINHA. Carta do achamento do Brasil. In: OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio. **Cronistas do descobrimento**. São Paulo: Ática, 2012.
- PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: Livraria José Olimpo Editora/ Unesco, 1973.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PROENÇA, Graça. Descobrimdo a História da Arte. São Paulo, Ática 2005.
- RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 7, n. 4, p. 1-25, abril. 1979.
- RIBEIRO, Euler Esteves; CRUZ, Ivana Beatrice Mânica da. **Envelhecer é um privilégio**. Manaus, Am: Academia Amazonense de Letras, 2019.
- RODRIGUES, Lizete de Sousa; SOARES, Geraldo Antonio. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. **Revista Ágora**. Espírito Santo, n.4, 2006.
- SANTANA FILHO, Manoel Martins. Sobre o livro didático de Geografia e os dilemas na prática docente. In: In: TONINI, Ivaine Maria. et al. (Orgs.). **O livro didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2017.
- SANT'ANNA NETO, João Lima. As matrizes da construção da climatologia geográfica brasileira. In: MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo (Org.). **A construção da Climatologia geográfica do Brasil**. Campinas, SP: Alínea, 2015. p. 173-188.
- SANTOS, Maria Francineila Pimheiro dos; SILVA, Amanda Barbosa Guedes; Bruno Vitor Correia, SANTOS. As abordagens sobre a temática ambiental no livro didático de Geografia do Ensino Médio. In: TONINI, Ivaine Maria. et al. **Geografia e livro didático para tecer leituras do mundo**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2018.
- SANTOS, Francisco Jorge dos. **História do Amazonas: 3ª série- ensino médio**. São Paulo: Ática, 2007.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- _____, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. 1925. In: CORRÊA, Roberto Lobato;

ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SUZUKI, Julio Cesar. Uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski. ANPEGE, Fortaleza, v. 2, p. 114-142, 2005.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos Espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

SOUSA, Isaque dos Santos. **A ponte rio negro e a reestruturação do espaço na região metropolitana de Manaus: um olhar a partir de Iranduba e Manacapuru**. Manaus, Am: UEA Edições / Reggo, 2015.

SOUZA, Josué Cláudio de. **Publicações em 1946 Crônicas de Manaus**. Manaus, Am: Instituto Durango Duarte, 2016.

SOUZA, Nilciana Dinely de; OLIVEIRA, José Aldemir de. O espaço urbano e a produção de moradia em áreas inundáveis na cidade de Manaus: o igarapé do Quarenta. In: OLIVEIRA, José Aldemir de; ALECRIM, José Duarte; GASNIER, Thierry Ray Jehlen. **Cidade de Manaus: visões interdisciplinares**. Manaus, Am: EDUA, 2003.

TARDELI, Denise D'Aurea. PAULA, Fraulein Vidigal de. **Motivação, atitudes e habilidades: recursos para a aprendizagem**. São Paulo: Learning, 2016.

TELLES, Tenório. **Renovação**. Manaus, Am: Valer, 2013.

TELLES, Tenório. [Prefácio]. In: OLIVEIRA, José Aldemir de. **Crônicas de Manaus**. Manaus, Am: Valer, 2011.

TRINDADE, Margarete Cristiane de Costa. Ritmo climático e planejamento urbano. In: AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade; SANT'ANNA NETO, João Lima MONTEIRO, Ana (Orgs.). **Climatologia urbana e regional: questões teóricas e estudo de caso**. São Paulo: Outras expressões, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagem do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005,1979.

_____, Yi Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL,1980.

_____, Yi Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**.

Tradução: Livia de Oliveira Londrina: Eduel 2012 p. 324.

TURRA NETO, Nécio. A Noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para se pensar a relação entre Geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho de. et al. **Geografia urbana: ciência e**

ação política. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

VERDUM, Roberto; PUNTEL, Geovane Aparecida. Espaço geográfico e paisagem. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: MEC, 2010.

VITTE, Antonio Carlos; COUTINHO, Giulliano. Macuinaíma: natureza e formação territorial na constituição da identidade nacional brasileira. In: MARANDOLA JR; Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Orgs.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação**. Londrina, PR: Eduel, 2010.

_____. **Contribuições à história da geografia**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

Site de Pesquisa:

<https://manausdeantigamente.blogspot.com/2013/04/hotel-cassina-e-cabare-chinelo-de-manaus.html> (Sobre o Hotel cassina) >.